



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN

LINGUAGENS FIGURADAS: o imaginário em sala de aula

Samara Hinkel Corrêa
Thalisson E. de Almeida Machado
Tiago Carturani

Florianópolis
2016

SAMARA HINKEL CORRÊA
THALISSON ERICK DE ALMEIDA MACHADO
TIAGO CARTURANI

Linguagens Figuradas: o imaginário em sala de aula

Relatório Final da Disciplina de Estágio em Ensino da
Língua Portuguesa e Literatura II, do curso de Letras -
Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel de Oliveira e Silva
Monguilhott.

2016
FLORIANÓPOLIS

Dedicamos nosso esforço aos alunos da turma 3.12 da EEBPMJBV, pela colaboração, por terem sido nossos parceiros e trocado conosco constantes experiências e aprendizados. Sem eles, não sairíamos do lugar.

Agradecimentos

Eu, Samara, agradeço a:

Deus, pelos dons da vida e do amor.

Minha mãe, Salete, por sonhar todos os meus sonhos e batalhar diariamente para que eu pudesse realizá-los, por me inspirar pelo exemplo e amor incondicional, por ser meu porto seguro em todos os momentos, e acima de tudo, por ser minha melhor e mais fiel amiga.

Meu pai, Wanderley, pelo apoio, incentivo e motivação constantes, por demonstrar orgulho a cada passo de minha trajetória, e por me ensinar a nunca desistir de sonhar.

Meus irmãos, André e Cristiane, por me fazerem sorrir e me motivarem a encarar as dificuldades com confiança e bom humor, pelas longas conversas e desabaços, e por serem exemplos de perseverança.

Minha avó, Lolita, pelas doces palavras de carinho e pela preocupação diária. Respeito e gratidão infinitos.

Isabel Monguilhott, minha professora e orientadora, por compartilhar suas experiências, ouvir meus desabaços, e propor soluções e estratégias eficazes diante dos desafios da prática docente.

Thalisson e Tiago, meus colegas de estágio que se tornaram queridos amigos, pela parceria e paciência, pelos conselhos nos meus momentos de indecisão e angústia, e pelo empenho e esforço em busca de uma formação de qualidade.

Eu, Thalisson, agradeço a:

Minha mãe, Lindaliz, pelo apoio incondicional, pelo amor, pela paciência e por nunca me deixar desistir.

Minhas irmãs, Roberta e Thaise, pelos momentos de descontração que me proporcionaram e intenso carinho que me dedicam.

Ele, Jorge, pelo companheirismo, pela paciência e pela reciprocidade do amor.

Minha tia, Liz Patricia, por ter me ensinado a ler.

Meus professores, e, em especial, a professora Isabel Monguilhott por acreditar e incentivar a realização do meu sonho, pelas dicas, pelos risos, e pelo esforço que resultou no melhor de cada um.

Samara e Tiago, pela inexplicável parceria, pelo apoio, pela sinceridade, pelo conforto e, principalmente, pela amizade que construímos.

Eu, Tiago, agradeço a:

Meus pais, Lucimar e Gilberto, pelo amor e pelo apoio; meu irmão, Ivan, pelo companheirismo;

Miguel, por estar perto, mesmo nos meus dias ruins; Profª Isabel, pelas dicas e pela dedicação; e Samara e Thalisson, pela recepção e parceria. .

Sumário

Resumo	13
Apresentação	15
1 Registro das informações sobre o espaço escolar	17
1.1 Histórico	17
1.1.1 O Estado (SC)	17
1.1.2 A Proposta Curricular de Santa Catarina	18
1.1.3 Cidade	22
1.1.4 O CEMAJOBA	22
1.1.5 A infraestrutura do colégio	23
1.2 O Projeto Político Pedagógico (PPP)	24
1.3 Participantes	25
1.3.1 Geral.....	25
1.3.2 Alunos do terceiro ano do Ensino Médio	26
1.3.3 Professora.....	28
1.3.4 Funcionários administrativos e de outros cargos	30
2 Relato crítico das aulas assistidas	31
2.1 Por Samara Hinkel Corrêa.....	31
2.2 Por Thalisson Erick de Almeida Machado.....	34
2.3 Por Tiago Carturani	40
2.3.1 O trabalho com a gramática	40
2.3.2 Aulas expositivas: alguns pontos	42
2.3.3 O trabalho com a literatura	43
2.3.4 O trabalho com a resenha.....	44
3 Projeto de docência: Poetizar-se - interpretação, criação e (re)construção	45
3.1 Escolha do tema	46
3.2 Referencial teórico	47
3.3 Objetivos	52
3.4 Metodologia	53
3.5 Recursos necessários	55
3.6 Avaliação.....	56
3.7 Planos de aula.....	57
Primeiro Encontro: Aula 1	57
Segundo Encontro: Aulas 2 e 3	63
Terceiro Encontro: Aula 4.....	66
Quarto Encontro: Aulas 5 e 6.....	75
Quinto Encontro: Aula 7	84
Sexto Encontro: Aulas 8 e 9	89
Sétimo Encontro: Aula 10	91
Oitavo Encontro: Aulas 11 e 12	102
Nono Encontro: Aula 13	112

Décimo Encontro: Aulas 14 e 15	113
Décimo Primeiro Encontro: Aula 16	115
Décimo Segundo Encontro: Aulas 17 e 18	117
Décimo Terceiro Encontro: Aula 19	118
Décimo Quarto Encontro: Aulas 20 e 21	126
Décimo Quinto Encontro: Aulas 23 e 24	131
4 Relatos do andamento das aulas	133
Primeiro Encontro: Aula 1	133
Segundo Encontro: Aulas 2 e 3	134
Terceiro Encontro: Aula 3	135
Quarto Encontro: Aulas 5 e 6	137
Quinto Encontro: Aula 7	138
Sexto Encontro: Aulas 8 e 9	139
Sétimo Encontro: Aulas 10 e 11	141
Oitavo Encontro: Aula 12	142
Nono Encontro: Aula 13	142
Décimo Encontro: Aulas 14 e 15	143
Décimo Primeiro Encontro: Aulas 16 e 17	145
Décimo Segundo Encontro: Aulas 18 e 19	147
Décimo Terceiro Encontro: Aulas 20 e 21	148
Décimo Quarto Encontro: Aula 22	148
Décimo Quinto Encontro: Aulas 23 e 24	149
5 Projeto Extraclasse	153
Vestibulando em foco - a Literatura Brasileira no vestibular da UFSC 2017	153
5.1 Justificativa	153
5.2 Reflexão teórica	155
5.3 Objetivos	158
5.3.1 Objetivo geral	158
5.3.2 Objetivos específicos	158
5.4 Metodologia	159
5.5 Recursos necessários	160
5.6 Avaliação	160
5.7 Cronograma das atividades	161
5.8 Referências	162
5.9 Planos de aula	162
Primeiro encontro	162
Segundo encontro	182
Terceiro encontro	207
6 Relato dos encontros extraclasse	219
Primeiro Encontro: Aulas 1, 2, 3 e 4	219
Segundo Encontro: Aulas 5, 6, 7 e 8	221
Terceiro Encontro: Aulas 9, 10, 11 e 12	223
7 A docência (ensaios)	225

7.1 A Docência no Ensino Médio: Expectativas e Realidades	225
7.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a Educação	229
7.3 Uma relação de parceria, não de poder	232
8 Considerações finais	237
9 Referências.....	241
Lista de abreviaturas	243
Lista de figuras	245
Lista de tabelas	247
Anexos.....	249
ANEXO I – Termos de Compromisso de Estágio dos estagiários	251
ANEXO II – Registro de observação de aulas de português no Ensino Médio	255
ANEXO III – Questionário aplicado aos alunos no período de observação	259
ANEXO IV – Questionário aplicado à professora de LP da turma 3.12.....	260
ANEXO V – Questionário aplicado a funcionários da EEBPMJBV	263
ANEXO VI – Simulado aplicado pela professora regente aos alunos	265
ANEXO VII – Prova aplicada pela professora regente aos alunos	267
ANEXO VIII – Prova de recuperação aplicada pela professora regente aos alunos.....	269
ANEXO IX – Imagens da aula na biblioteca	271
ANEXO X – Amostras dos poemas produzidos pelos alunos	273
ANEXO XI – Amostras da atividade sobre figuras de linguagem.....	279
ANEXO XII – Varal literário exposto no dia 14 de jun. de 2016	281
ANEXO XIII – Amostra de reescrita dos poemas dos alunos	283
ANEXO XIV – Avaliação de recuperação aplicada no dia 21/06	285
ANEXO XV – Amostra da resolução da avaliação de recuperação.....	291
ANEXO XVI – Amostra dos poemas concretos dos alunos	293
ANEXO XVII – Lista de frequência e lista de notas	295
ANEXO XVIII – Extraclasse	297

Resumo

Este relatório final é o resultado das experiências ao longo do percurso da disciplina de Estágio em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas II. Trata-se da junção do período de observação e inserção no espaço escolar, do planejamento das aulas e das vivências da docência na execução dos projetos. O estágio aconteceu no período de março a julho de 2016, em uma turma de terceiro ano do ensino médio da modalidade regular, do período noturno, da Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira (EEBPMJBV), popularmente conhecida como CEMAJOBA, localizada no município de São José/SC. Foi orientado e supervisionado pela Profa. Dra. Isabel Monguilhot. A temática escolhida para a docência foi “Linguagens figuradas: o imaginário em sala de aula”, dialogando com o planejamento anual da professora regente da turma que objetiva abordar o tema figuras de linguagem. Esse tema possibilitou um trabalho com a turma 3.12 voltado à oralidade, à escrita, juntamente com a reescrita, e à leitura/escuta (ANTUNES, 2003) por meio da experiência literária com o texto poético, da sistematização de conceitos necessários para o entendimento e a construção de poemas e da criação poética, visando mostrar aos alunos que a poesia é um gênero literário que perpassa pela oralidade de todos os povos. Não raro é ouvir e proferir trocadilhos novos ou antigos possíveis em nossa língua. A poesia está repleta de elementos que incrementam bens ao intelecto e outros que fazem ter prazer e gosto pelo que se está lendo. A partir disso, o estágio objetiva fomentar nos alunos o entendimento de que os recursos e estratégias comunicacionais utilizados nas relações dialógicas, seja por meio da fala ou da escrita, são construídos de acordo com a exigência do meio, ou seja, da esfera social de circulação, conforme sugere Bakhtin (1997). As atividades partiram do epilinguístico para o metalinguístico, de acordo com a proposta de Geraldí (1997) adotada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Educação Básica. Com a nossa mediação, os alunos produziram, como produto final desse período, poemas baseados nos moldes clássicos, com estrofes, rimas e versos; paródias musicais e; poemas concretos. No que concerne ao projeto extraclasse, optamos por trabalhar com quatro obras cujas leituras serão exigidas pelo vestibular da UFSC 2017, a saber: *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo; *Poética*, de Ana Cristina César; *Esau e Jacó*, de Machado de Assis; e *Além do Ponto e outros Contos*, de Caio Fernando de Abreu. Trabalhou-se a leitura de trechos das obras como motivação para a leitura integral, a escuta, a interpretação e a contextualização histórica, fomentando debates a respeito dos aspectos estéticos e sociais evidenciados nesses textos. O projeto extraclasse ocorreu em três encontros e foi oferecido a todos os alunos que cursam o terceiro ano do ensino médio nos turnos matutino e vespertino. Nos dois primeiros encontros foram explanadas as obras e, no terceiro encontro, aplicou-se um simulado elaborado a partir das obras trabalhadas. Por fim, admitimos que o uso da língua(gem) está intimamente relacionado à interação entre os sujeitos na escola e fora dela. O processo de ensino/aprendizagem de Língua portuguesa só faz sentido se considera a bagagem que os sujeitos estudantes já trazem consigo, os seus saberes culturais e as práticas de letramento nas quais estão inseridos.

Palavras-chave: ensino/aprendizagem; figuras de linguagem; poesia; criação.

Apresentação

O presente documento diz respeito ao relatório de estágio de docência, obrigatório na formação de licenciados, conforme estipulado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pelo Governo Federal. A disciplina de em Estágio no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas II (em 2016.1, turma 10424A) é vinculada ao Departamento de Metodologia de Ensino (MEN), e ministrada por profissionais formados nas respectivas áreas de interesse. Esse documento diz respeito ao estágio para o curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, curso vinculado ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV). Por se tratar de estágios obrigatórios para a formação de docentes, não é feita remuneração aos alunos participantes da disciplina.

O estágio realizado na UFSC é regularizado por meio do sistema SIARE, o qual funciona como cadastrador de estágio dos alunos da universidade e gera o Termo de Compromisso de Estágio (TCE) (ANEXO I – Termos de Compromisso de Estágio dos estagiários). O TCE funciona como um documento comprobatório de estágio, mantendo o cadastro do aluno com a instituição concedente, e ao mesmo tempo, assegurando-o contra acidentes pessoais que porventura podem ocorrer no período.

Regularizado com o TCE, o estágio é iniciado. É, ao longo desse processo, estipulado o colégio conveniado com a UFSC que esteja disposto a receber alunos estagiários. No caso deste relatório, é a Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira (EEBPMJBV), especificamente a turma 3.12, que está em foco. Feito isso, o estágio é dividido em três etapas majoritárias: a etapa de observação, a etapa do projeto extraclasse e a etapa de docência – intermediadas pelos planejamentos dos respectivos projetos que respaltam nestas etapas. Esse documento diz respeito à compilação destas três etapas, juntamente com o ensaio final de cada membro do grupo.

1 Registro das informações sobre o espaço escolar

Esse capítulo tem como objetivo detalhar o registro das informações sobre o espaço da EEBPMJBV, conhecida popularmente como CEMAJOBA. As descrições a seguir são expostas com base em entrevistas e documentos fornecidos pelos profissionais (ANEXO III – Questionário aplicado aos alunos no período de observação; ANEXO IV – Questionário aplicado à professora de LP da turma 3.12; e ANEXO V – Questionário aplicado a funcionários da EEBPMJBV) que exercem suas atividades no local e nos levantamentos de informações feitos pelos alunos estagiários do curso de Letras-Português ao longo do período reservado para observação (de 23 de mar. de 2016 a 11 de abr. de 2016) (ANEXO II – Registro de observação de aulas de português no Ensino Médio). Essas descrições são subdivididas em quatro itens, os quais dizem respeito, respectivamente: ao histórico do estado, da cidade e do colégio; à proposta curricular de Santa Catarina; e à estrutura física atual dessa instituição, juntamente com as características da localidade em que está inserida, levando em consideração o público que a frequenta (profissionais, alunos e cidadãos) e a comunidade, de maneira geral, presente no entorno.

Para o histórico, tem-se como base o Projeto Político Pedagógico (PPP/EEBPMJBV) da escola. É contada, de maneira resumida, a história e o porquê da fundação da escola e da cidade.

Para a estrutura da escola, apresentam-se as características físicas (a infraestrutura do prédio e a disposição do espaço), o funcionamento e a disponibilidade de materiais para os alunos, e nas observações dos estagiários. No que diz respeito aos participantes, leva-se em conta a quantidade de pessoas que têm vínculo com a instituição (alunos, professores e outros profissionais relevantes ao funcionamento do colégio) e o perfil socioeconômico e intelectual dessa comunidade. Por último, é descrito, com base nos questionários aplicados à turma 3.12 do 3º ano do ensino médio e nas entrevistas realizadas com alguns profissionais, as características principais da turma, do colégio e da professora de Língua Portuguesa (LP).

1.1 Histórico

1.1.1 O Estado (SC)

Os dados do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2013a), baseado nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstram que SC é um estado cuja economia varia da agricultura à indústria tecnológica. No Oeste, a economia predominante é a agroindústria; no Sul do estado, o complexo cerâmico, químico e

de indústria de vestuário; no Planalto, o complexo madeireiro, papel e celulose; no Vale do Itajaí, o complexo têxtil; no Norte, o complexo eletro-metalmeccânico; e na região da Grande Florianópolis, o complexo tecnológico (juntamente com as cidades de Blumenau e Joinville).

A população de Santa Catarina é maior nas regiões norte e litorânea (16,6% e 14,8%, respectivamente, de um total de pouco mais de seis milhões de habitantes - dados de 2010).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de SC é o segundo melhor do Brasil, ficando atrás somente do Distrito Federal (DF). As pessoas cuja renda per capita é maior são residentes da região norte e da região litorânea, e é nesta região em que estão os melhores IDHs das cidades e as menores incidências de pobreza.

No que diz respeito à educação, a região da Grande Florianópolis abriga 13,4 % dos alunos do estado, e destes a maioria está no ensino fundamental. São as instituições públicas (federais, estaduais e municipais) que recebem o maior número de alunos matriculados.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), é de 5.7 para 4º e 5º anos do Ensino Fundamental; 4.1 para o 8º e 9º anos; e de 3.6 para o terceiro ano do Ensino Médio (INEP, 2016).

1.1.2 A Proposta Curricular de Santa Catarina

A Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC) é um documento elaborado pela Secretaria Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (SED/SC) – de acordo com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (SC, 2005, p. 9-10). A LDB é um documento com maior foco em leis, logo, exerce funções parametrizantes. Já a PCSC é um documento norteador de práticas pedagógicas que visa a estabelecer direções teóricas e metodológicas, além de trazer questões que envolvem a elaboração de um currículo estadual cujo intuito é ter grande abrangência no que diz respeito a questões étnicas, culturais e sociais, juntamente com.

A PCSC teve origem no final dos anos de 1980, por volta de 1988, e foi finalizada e publicada em 1998. A proposta nasceu da necessidade de repensar o lugar da educação dentro da sociedade, por entendê-la como estrutura fundante da democracia e essencialmente norteadora da cidadania. Por isso, houve a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, mas também reviver conceitos teóricos e metodológicos que permeiam a ação pedagógica. Há dois principais teóricos que servem de base para a PCSC: o psicanalista Lev Vygotsky, quem traz o conceito de mediação, e quem, dentre as várias contribuições teóricas na área da linguagem, estabeleceu noções sobre o desenvolvimento intelectual em crianças, apontando

que o aprendizado está ligado diretamente à interação social; e o filósofo Mikhail Bakhtin, quem, em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, elabora uma definição de linguagem que se mostra diferente tanto da concepção de língua vista como mentalista (subjetivismo idealista) como da concepção estruturalista de língua (objetivismo abstrato). Na concepção Bakhtiniana, a linguagem é um fenômeno social que se estabelece nas práticas sociais como meio de interação. Desse ponto de vista, a linguagem é vista como organismo vivo afetado temporal, social e culturalmente, logo, a linguagem só existe potencialmente na prática, ou seja, em uso.

O pressuposto teórico de base histórico-cultural é base da PCSC, portanto outros autores da mesma corrente de pensamentos integram o arcabouço teórico que sustenta a PCSC reverberando tanto como base teórica propriamente dita como em processos metodológicos que delineiam a prática pedagógica.

Para a educação de jovens de ensino fundamental e médio, cuja faixa etária varia entre 14 e 25 anos, há um tópico separado na PCSC (2005). A Proposta coloca os jovens dentro de uma perspectiva histórica e social, inseridos em um determinado espaço e tempo nos quais participam como atores sociais heterogêneos. Assim, a escola é vista como sendo um dos espaços em que o jovem busca conhecimento, e não mais o único. Ela serve como norteadora e como um instrumento do qual o aluno se apropria para: tomar posição ativa dentro das temáticas da escola; ser agente autônomo dentro da sociedade e conhecer seus próprios atos, juntamente com o conhecimento do seu intelecto, sua sociedade e sua sexualidade.

Nesse sentido, a Proposta esclarece que o cenário dos jovens da rede pública de SC é diversificado, variando entre idade, gênero, interesses, classe social, etc. Por esse motivo, não é válido definir de maneira cartesiana quem eles são, o que eles fazem e o que procuram na escola. Para entender melhor a situação, eles foram ouvidos, e algumas perguntas foram feitas diretamente a eles, a fim de se entender quais são seus gostos e objetivos. Para o jovem, segundo pequenas transcrições de entrevistas contidas na PCSC (2005, p. 82-88):

- Uma escola ideal precisa ser limpa para (todos) sentirem-se bem; um lugar onde as pessoas se respeitam, com bastante espaço, bons laboratórios, uma biblioteca grande, etc.;
- A escola que frequentam varia entre boa e desorganizada (lembrando que foram ouvidos jovens do Estado inteiro);

- O professor ideal é prestativo, alegre, que desperta o interesse do aluno e faz com que se sinta vontade de aprender; mas também deve exigir respeito e ser mais aberto às questões dos jovens;
- O relacionamento professor/aluno varia entre bom – quando o professor é dedicado, prestativo e sabe ensinar – a ruim – quando o professor é frio, exigente demais aos próprios interesses e fechado às questões e interesses da turma;
- Um aluno ideal é aquele que respeita as diferenças, que é educado e sabe levar o conhecimento que aprende na escola para a vida; e
- Os jovens de hoje, alguns, são irresponsáveis, só pensam em drogas e festas, são medrosos por fazerem muitos planos e concretizarem poucos, outros são responsáveis, estudiosos e mais focados.

A Proposta também esclarece que o cenário atual no qual os jovens “fazem parte [se trata] de uma geração pós-industrial, pós-Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia. Vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico”. (NOVAES, 2005 apud PCSC, 2005). Assim, um profissional da educação precisa ter essas questões bem definidas, a fim de entender as mudanças globais presentes nesse contexto para que suas aulas não sejam, para seus alunos, abstratas e pouco produtivas. Não é difícil encontrar a palavra “democracia” na PCSC. Nela, democracia diz respeito a um acordo recíproco entre instituição e aluno, de maneira que ele possa se sentir bem e ver utilidade naquilo que faz, sem se sentir pressionado, enquanto respeita seus próprios limites.

A Proposta esclarece que a escola também precisa servir ao jovem como um meio que o ajude no combate à violência, um tema muito presente atualmente, e às drogas, algo que assola a vida de muitos nos dias de hoje. Assim sendo, o currículo deve ser estabelecido de acordo com todas as questões supracitadas.

Nesse sentido, os tópicos que dizem respeito à Literatura e à Língua Portuguesa estão dentro dessa mesma perspectiva histórico-cultural.

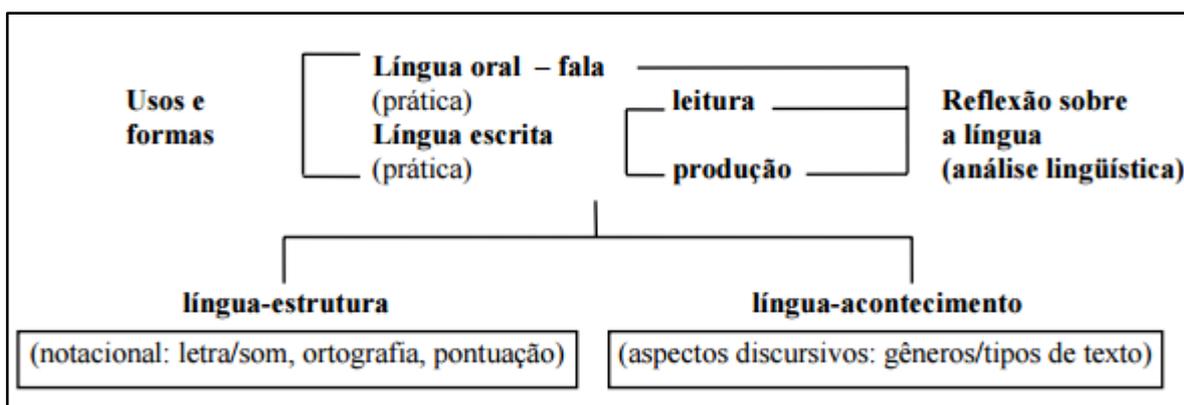
Grosso modo, a concepção de Língua/Linguagem que a PCSC adota tem como cerne o dialogismo (Bakhtin) e a mediação dos indivíduos como sujeitos sócio-históricos (Vygotsky). A contribuição chave dessas duas teorias visa a colocar os indivíduos como participantes de uma determinada cultura de acordo com diversas características do espaço/tempo (ou esferas sociais, como propõe Bakhtin) onde agem ativamente.

Sendo assim, para esses indivíduos entenderem seu papel na sociedade, interiorizarem as abstrações presentes no mundo e na sala de aula, dotarem-se de ferramentas que os ajudem a pensar nos processos psicológicos pelos quais nossa mente passa no processo de

aprendizagem (metacognição), um professor precisa entender que o processo de mediação é primordial para essa questão. A mediação é um processo sistematizado pelo qual o aluno participa todos os dias de sua vida.

Nesse processo de ensino/aprendizagem, a PCSC visa a todos os processos discursivos que os alunos presenciam em seu cotidiano, e percebe que cada um desses processos tem certa organização enunciativa relativamente estável. Sendo assim, o dialogismo, a polifonia e a visão do outro é o fundamento de toda a maneira pela qual a literatura precisa ser passada, mediativamente, pelo docente. Os gêneros do discurso: orais, escritos, imagéticos, sonoros, precisam ser trabalhados enquanto situações reais, pois eles se concretizam e se efetivam em situações reais, em signos vivos. Esses gêneros são organizados, resumidamente, conforme a Figura 1 a seguir:

Figura 1: Eixos organizadores presentes na PCSC



Fonte: PCSC (2008)

Para que esse eixo funcione de maneira plena, é preciso levar em conta algumas questões básicas presentes no PCSC (2008):

- Quais são e como se apresentam os conteúdos?
- Os conteúdos podem ser seriados na escola?
- E a leitura, qual o seu lugar?
- O que entendemos que seja o ato de ler?
- Como se dá o trabalho com a gramática?
- E os trabalhos lingüísticos e autoria, como ficam?

Não há uma resposta unilateral a estas perguntas. Elas servem para nortear a prática pedagógica e para que se pense possibilidades que promovam a concretização do ensino e da educação tendo em vista esses pontos: conteúdo, leitura, o porquê do ato da leitura, gramática,

os trabalhos linguísticos e uma questão bastante discutida na academia e pouco trabalhada em sala de aula: a autoria.

1.1.3 Cidade

De acordo com o SEBRAE (2013b), baseado nos dados do IBGE, a população de São José - SC quase triplicou de 1980 a 2010, passando de 87.822 a 209.804 habitantes. A população da cidade é quase em sua totalidade urbana, devido ao fato de estar localizada no centro dos municípios participantes da Grande Florianópolis. Ela é composta, em sua maioria, por famílias de classe média, as quais contribuem com a economia municipal. Essa economia é predominantemente composta pelo setor de serviços, o qual arrecada 64 % do Produto Interno Bruto (PIB) municipal. Boa parte da população da cidade não é nativa da região, o que leva a se concluir que o crescimento do local se deu devido ao fato de os moradores que ali se instalavam abriam seus negócios particulares para atender à demanda local.

A EEBPMJBV está localizada no Bairro Praia Comprida, de forte comércio e onde estão localizadas diversas instituições públicas, dentre as quais podemos citar o Hospital Regional de São José, a Superintendência Federal de Agricultura em Santa Catarina (SFA-SC), o Centro de Atenção à Terceira Idade (CATI) e o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

1.1.4 O CEMAJOBA

A Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira está localizada na Rua Joaquim Vaz, 1413, Bairro Praia Comprida, município de São José. Segundo o PPP/EEBPMJBV (2014), o CEMAJOBA foi fundado no ano de 1984, e recebia estudantes do Ensino Fundamental; seu antigo nome era Escola Básica Professora Maria José Barbosa Vieira. Em 18 de fevereiro de 1986 passou a chamar-se Colégio Estadual Maria José Barbosa Vieira – daí CEMAJOBA – e foi implantado o ensino médio com a finalidade de atender à demanda da comunidade escolar afetada pelo fechamento do Colégio Monsenhor Frederico Hobolt que ofertava Curso Técnico de Contabilidade.

A instituição integrava o projeto “Escola Jovem” desenvolvido pelo Governo Federal em parceria com os Estados. Este projeto abarcava oito “escolas pilotos”, porém, não teve continuidade.

Atualmente, já com o nome de Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira, a escola recebe exclusivamente alunos do ensino médio regular e também Educação de Jovens e Adultos (EJA), estes jovens são moradores da região da Grande

Florianópolis. Vale destacar que a escola apresenta ótimos índices em exames avaliativos como vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em 2011, foram aprovados 32 alunos na UFSC, atingindo a colocação de 21º lugar no Estado. No ano de 2012, 34 alunos foram aprovados, atingindo a colocação de 19º lugar no Estado. Em 2013, 47 alunos, garantindo o 9º lugar no Estado.

Contudo, o interesse dos alunos em exames vestibulares, ENEM e na continuação dos estudos por meio de ingresso em cursos superiores, concentra-se, em sua maioria, no turno diurno. Segundo a diretora da instituição, as demandas no turno noturno estão mais voltadas ao trabalho, haja vista ser o turno escolhido pelos alunos trabalhadores para cursarem o Ensino Médio. A maioria desses alunos já está inserida no mercado, trabalha durante o dia e estuda à noite.

O PPP/EEBPMJBV pontua que a grande maioria dos funcionários da escola são efetivos e possuem pós-graduação. Ao final de cada bimestre letivo são realizados conselhos de classe, nos quais são discutidos os problemas dos alunos com relação às notas, faltas e afins. Estes alunos recebem ajuda especializada a partir da qual se tomam as providências devidas para a solução dos problemas visando a não reprovação do aluno.

1.1.5 A infraestrutura do colégio

A EEBPMJBV foi construída para atender à demanda de ensino médio proveniente do projeto Escola Jovem desenvolvido pelo governo federal em parceria com o governo estadual. Por conta disso trata-se de uma instituição grande e equipada de acordo com a sua finalidade. No que concerne ao espaço físico, a escola possui, segundo o PPP/EEBPMJBV (2014), os seguintes espaços:

- Biblioteca com vasto acervo organizado e catalogado, mesas e computadores com acesso à internet;
- Secretaria;
- Quinze salas de aula;
- Sanitários para alunos e para funcionários, separadamente;
- Sala de coordenação de turno;
- Sala de professores,
- Sala de especialistas;
- Direção;
- Copa;

- Depósito de livros;
- Sala de fotocópias;
- Laboratório de Ciências Humanas;
- Laboratório de Física e Matemática;
- Laboratório de Línguas e Artes;
- Laboratório de Informática,
- Laboratório Interdisciplinar de ensino de Filosofia e Sociologia;
- Laboratório de Química e Biologia;
- Centro de convivência com mesas e cadeiras com capacidade para 120 pessoas;
- Cozinha industrial para fornecer merenda aos alunos;
- Mini-auditório com capacidade para 120 alunos (no turno noturno este espaço é utilizado para a realização do Curso Pré-vestibular da UFSC);
- Cozinha industrial para fornecer merenda aos alunos;
- Acessibilidade para os portadores de necessidades especiais garantida com rampa e sanitários adaptados;
- Guarita que visa a garantir a segurança da instituição; e
- Duas salas para serventes com cozinha.

1.2 O Projeto Político Pedagógico (PPP)

O PPP/EEBPMJBV (2014) tem algumas informações desatualizadas, de acordo com entrevistas e outros documentos do colégio. Segundo a assistência da direção, o Projeto será atualizado este ano, a fim de evitar a divergência do que está acontecendo atualmente no colégio e do que está documentado neste projeto. Mais adiante serão expostos alguns tópicos do colégio devidamente atualizados; a seguir, portanto, apresenta-se um panorama básico desse documento norteador das práticas pedagógicas e administrativas da EEBPMJBV.

Os aspectos teórico-metodológicos apresentados no PPP procuram formar seus alunos como sendo sujeitos participantes da sociedade em que vivem, onde conseguem olhar o que os cercam de maneira crítica e consciente. Assim, o papel da escola é ser um meio pelo qual o aluno adquire esses objetivos (EEBPMJBV, 2014).

No que diz respeito ao currículo, o PPP tem como base a Lei Complementar nº 170, de 07 de agosto de 1998, a qual “dispõe sobre o Sistema Estadual da Educação”. Seu conteúdo diz respeito aos domínios e conhecimentos que precisam ser passados aos alunos. Domínios e

conhecimentos que precisam estar de acordo com os PCNs. Assim, têm-se os aspectos legais para a elaboração do currículo, mas não há uma sistematização.

A avaliação deve ser um processo coletivo pelo qual o professor avaliador precisa levar em consideração a internalização do conteúdo passado, juntamente com a autoavaliação de seu aluno e as avaliações dos demais da turma, evitando, assim, que a avaliação seja unilateral e autoritária, e seja, portanto, processual. Ela é bimestral, tendo que ser aplicada duas vezes (em disciplinas com uma ou duas aulas por semana) ou três vezes (em disciplina com três aulas por semana), sujeita à recuperação paralela; e integraliza-se no boletim por meio de média aritmética de 1,0 (um) a 10 (dez).

Outro ponto do PPP a ser destacado trata da gestão da atual direção do colégio. Consta no PPP que a gestão da direção é estipulada por indicação partidária. No entanto, isso não funciona assim desde 2015 (o PPP é de 2014). Foi submetido, de acordo com o edital nº 16/SED/02/07/15, o plano de gestão da atual direção, aprovado pela SED/SC e eleito pelo colégio. A direção atual foi eleita por votos da comunidade escolar, a qual é definida pelo art. 9º da Portaria nº 24/SED/SC/15. Esse artigo diz que os membros votantes da comunidade escolar são: os estudantes (ensino médio e EJA); diretor; assessor de direção; professor efetivo; professor admitido em caráter temporário; especialista em assuntos educacionais; assistente técnico-pedagógico; assistente de educação; merendeira; servente; vigilante; outros funcionários do colégio (estes com peso 01); e os responsáveis pelos estudantes (estes com peso 02).

A atual gestão da EEBPMJBV teve seu plano de gestão aprovado pela SED/SC e foi eleita pela maioria dos votos dos participantes já referidos. Este plano de gestão (2016-2019) consiste, de maneira resumida, em ter uma escola aberta à comunidade (principalmente à família dos estudantes), de boa qualidade, com profissionais comprometidos com a educação, e estudantes que tratem com respeito a escola, a comunidade escolar, o espaço físico e os profissionais que nele exercem atividades.

1.3 Participantes

1.3.1 Geral

Em se tratando da quantidade de pessoas que ocupam o espaço escolar para exercer atividades profissionais ou educativas, o quadro de funcionários abrange diretor-geral; duas assessoras de direção; duas orientadoras educacionais; duas supervisoras; quatro secretárias; assistente técnico pedagógico; sete auxiliares de serviços gerais; e dois vigias (funcionários terceirizados).

O corpo docente é composto por dois professores atuantes em salas de tecnologia; um professor em atribuição de exercício; quatro readaptados; e quarenta e cinco atuando em sala de aula.

A EEBPMJBV, em sua totalidade, possui 1178 alunos matriculados atualmente. Deste total, 182 alunos frequentam a escola no turno noturno.

1.3.2 Alunos do terceiro ano do Ensino Médio

Os estagiários elaboraram, neste período de observação, um questionário direcionado aos alunos (ANEXO III – Questionário aplicado aos alunos no período de observação) para que se pudesse, por meio dele, obter informações acerca dos discentes, as quais não seriam possíveis de se obter durante as aulas. Essas informações são de fundamental importância, pois delineiam um pequeno perfil da turma em questão, 3.12. Através de um perfil, é possível também construir planos de aula que façam mais sentido àquela turma, tornando, desta forma, as aulas mais personalizadas e direcionadas ao público discente.

A turma 3.12 não apresentou grande discrepância quanto à faixa etária que possuem. Os alunos mais jovens têm 16 anos de idade e os alunos mais velhos têm 20 anos de idade. Os dois extremos são quase exceções frente à grande maioria que tem entre 17 e 18 anos. Portanto, percebe-se, por meio desse levantamento que poucos são os alunos que estão fora da idade ideal de curso do 3º ano do Ensino Médio. Mesmo dentre os mais velhos, a diferença de idade não é alarmante.

Excetuando um aluno, todos os outros moram no município de São José, a grande maioria nos bairros mais próximos. Apenas um aluno é morador da cidade de Palhoça, de um bairro que fica relativamente longe da EEBPMJBV.

Foram formuladas questões para que se pudesse entender como funciona a estrutura familiar em que os jovens estão inseridos. A grande maioria dos jovens ainda mora com um de seus pais. Apenas um aluno afirmou que mora sozinho e que arca com todas as responsabilidades por isso. O mesmo jovem também relatou que não é de São José, veio para a cidade em busca de emprego e melhores condições de estudo. No caso em que os alunos vivem com os pais, geralmente os pais trabalham, salvo poucas exceções. Há também um grupo de desempregados em busca de recolocação no mercado de trabalho.

Os alunos tiveram a oportunidade de expressarem seus gostos dentro do ambiente escolar, muitos disseram que adoram a aula de geografia e de filosofia. Quando perguntados sobre as leituras que fazem na escola e fora da escola, a resposta foi quase sempre de que na escola eles são obrigados a ler materiais nos quais não possuem muito interesse e, além disso,

a leitura é muito mais formal. Já em ambientes fora da escola a leitura é mais leve, pois não há obrigações e os assuntos são mais interessantes a eles.

No que concerne à aula de português, muitos alunos gostam do jeito que a professora regente conduz a aula, já outros dizem não gostar da disciplina de português e não gostam muito quando a professora altera o tom de voz para chamar atenção. Por fim, muitos acham que uma aula produtiva está ligada ao fato de ter uma boa professora que os faça entender a matéria que está sendo passada. Outros percebem certo descaso por parte de alguns alunos que ficam conversando e, por conta disso, a professora precisa retomar o assunto e explicar várias vezes, tornando a aula cansativa.

Além da vivência na escola, é importante levantar informações a respeito do que os alunos fazem fora dela, buscando gostos, intenções, preferências que possam auxiliar na elaboração dos planos de aula, além de poder aproximar estagiários e alunos por meio de temas e situações recorrentes que possam ser levados e debatidos em sala de aula.

Parte dos alunos que responderam ao questionário trabalham no turno da manhã e da tarde – trabalhos, em sua grande maioria, formais, incluindo estágios. Entre os alunos trabalhadores, a grande parte deles sai de casa pela manhã, vai para o trabalho e de lá direto para a escola. A outra parte da turma não trabalha nem costuma fazer qualquer tipo de atividade rotineira (academia, cursos, esportes) fora da escola. Além disso, entre aqueles alunos que não trabalham têm aqueles que ainda estão em busca de emprego, que estavam empregados, mas por algum motivo perderam o emprego.

O uso de internet é frequente, principalmente para acessar sites de redes sociais e vídeos. Já a leitura não é algo tão recorrente, muitos alegam que não gostam de ler ou que leem esporadicamente. A escrita não é algo forte entre os alunos, alegam escrever muito pouco, escrevem mais no ambiente escolar para copiar a matéria, pelo fato de serem obrigados a isso. Um único destaque na escrita é um aluno que descobriu seu gosto pelo rap e poesia, portanto ele mesmo, em seu questionário, lamenta por não ter dado atenção às aulas de português no passado, pois agora precisa de uma noção mais apurada da língua e não tem: seu gosto pela composição e pela poesia tem feito esse aluno “correr atrás do prejuízo”.

A grande maioria dos alunos vê a disciplina de língua portuguesa como ferramenta necessária para escrever bem, saber falar bem, ter noções da gramática para usar esse conhecimento em um concurso, em vestibulares, no ENEM, ou mesmo em uma entrevista de emprego. Há, dentro da escola, um grande apelo, sobretudo nos terceiros anos do Ensino Médio, quanto à inserção desses alunos em uma universidade, por meio do vestibular ou do ENEM. Eles parecem estar cientes da iminência do ingresso nos estudos acadêmicos.

Muitos deles pretendem, além de estudar, fazer o cursinho pré-vestibular concomitantemente, alguns já estão fazendo curso técnico. O curso técnico em enfermagem foi o que mais apareceu como resposta daquilo que os alunos fazem fora da escola. O ingresso em cursos técnicos pode apontar a urgência de entrada desses alunos no mercado de trabalho, levando em consideração o tempo de curso e o fato de a maioria dos cursos técnicos conseguirem direcionar seus alunos ao mercado de trabalho, fazendo o papel de mediador desse processo, tornando-o bem mais simplificado.

Diante dos dados obtidos por meio do questionário aplicado foram, ainda, levantadas questões relacionadas ao futuro dos alunos. Embora as respostas tenham sido largamente variadas, o que mais predominou foi a intenção de concluir os estudos e partir para uma nova etapa envolvendo o ingresso em uma universidade e ter uma colocação que possibilite o acesso a um cargo público por meio de concursos. Grande parte dos alunos tem a intenção de estar inserido no mercado de trabalho. Os alunos que já trabalham, geralmente, optaram por salientar que gostariam de conseguir trabalhar e estudar no ano de 2017.

A turma, como foi possível observar, é heterogênea, conforme é de se esperar no ambiente escolar. Pode-se dizer que dentro dessa heterogeneidade há características que podem ser apontadas como predominantes, a saber, a busca por um ensino que possibilite dar seguimento aos estudos, além de possibilitar uma melhor inserção no mercado de trabalho.

O índice de aprovação da escola em provas de vestibular e índices nacionais também pesa na hora de escolher em que escola se quer estudar. Sem dúvida, os alunos compreendem e valorizam essa oportunidade.

Dentro dessa generalização, é importante ressaltar a existência daqueles alunos que parecem perdidos, um pouco alheios à realidade do entorno e que parecem ainda não ter compreendido que o Ensino Médio é uma etapa que está se encerrando, dando espaço para uma nova etapa da vida deles, uma vez que significa a transição para a vida “adulta” no que diz respeito ao aumento das responsabilidades.

1.3.3 Professora

A professora regente da turma é formada em licenciatura nas áreas de português e inglês, leciona há dezenove anos na rede pública de ensino e na EEBPMBV desde 2013, conforme mencionou em resposta ao quesquinário enviado (ANEXO IV – Questionário aplicado à professora de LP da turma 3.12). Sua jornada semanal é de quarenta horas em regime efetivo na rede pública estadual de ensino. Leciona no estado de Santa Catarina de segunda à terça. De quarta à sexta-feira leciona no estado do Paraná no qual é efetiva.

Segundo ela, enfrenta essa situação até conseguir uma permuta como efetiva para o estado de Santa Catarina.

A respeito do público para o qual leciona, afirmou trabalhar com uma média de quarenta alunos por turma, totalizando quinhentos alunos. Todavia, afirma que para efetuar um bom trabalho e obter melhor rendimento dos alunos, o ideal seria trabalhar com trinta alunos, no máximo, em cada turma.

Por meio de questionário realizado com a professora, obteve-se muitas informações a respeito de sua rotina e seu trabalho. No que concerne à metodologia utilizada nas aulas de português, pontuou que primeiramente apresenta o assunto a ser tratado de maneira informal, observando se há conhecimento prévio dos alunos acerca do assunto. O planejamento das aulas é realizado por meio de pesquisas e leitura. As atividades que busca realizar em sala de aula são: atividades para contextualizar o assunto e produções textuais escritas e faladas.

Quanto ao contato com professores de outras disciplinas, há, de certa forma, projetos que buscam vincular temas e assuntos pertinentes a várias disciplinas, como por exemplo a literatura vinculada às disciplinas de Artes e Filosofia. No planejamento anual, os professores de língua portuguesa são orientados a trabalhar o mesmo conteúdo por série, para que o aluno, ao ser transferido de turma ou turno, dê continuidade a partir do mesmo conteúdo. Há também troca de material por meio da qual os profissionais educadores discutem experiências do que pode dar certo no trabalho com alguns conteúdos.

Para desenvolver as habilidades de leitura, escrita, escuta e oralidade, a professora trabalha fragmentos de obras literárias que se relacionam com o conteúdo trabalhado, propõe produção textual escrita de diferentes gêneros a partir da leitura, e debates acerca de temas próprios à redação do ENEM e do vestibular. A professora também participa de alguns projetos que envolvem sua disciplina, a saber, olimpíada de língua portuguesa, Cema no cinema (projeto no qual se trabalha sinopses e resenhas críticas de filmes) e caminhadas: outubro rosa e novembro azul. Ressaltou que a escola trabalha com vários projetos e os professores participam e interagem uns com os outros em favor de suas realizações.

O material didático adotado pela escola é o livro Português Linguagens e sempre que necessário, o livro é um suporte para o estudo dos conteúdos. Segundo a professora, o livro traz conteúdos literários de forma simples, como muitos exercícios de interpretação, o que torna o estudo mais rápido e prático. Em suas aulas, não se utiliza a biblioteca com frequência, apenas na pesquisa de acervo para posteriores atividades.

Muitas são as dificuldades enfrentadas no ensino médio. Para a professora, a principal delas é a insuficiência de conteúdos anteriores. Sempre há a necessidade de retomadas e

revisões antes de iniciar um conteúdo novo. No turno noturno, há também a necessidade da compreensão em atividades e estudos que devem ser feitos em casa, visto que a maioria dos alunos trabalha o dia todo e não lhes resta tempo para o estudo.

Pontuou-se, além disso, a importância do período de estágio de docência para os professores já formados há muitos anos e que não passam por capacitações disponibilizadas pelo estado. Esta é uma forma de aprender novas metodologias e técnicas que podem tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas.

1.3.4 Funcionários administrativos e de outros cargos

Dos funcionários entrevistados (ANEXO V – Questionário aplicado a funcionários da EEBPMJBV), todos gostam de exercer a sua profissão na escola e estão satisfeitos, mostrando-se realizados nas atividades que exercem. Consideram a educação uma das coisas mais importantes para a população, pois ajuda os cidadãos a entrarem no mundo do conhecimento científico, preparando-os para a vida.

A respeito do entendimento por escola, pontuou-se que ela é um ambiente de interação entre alunos, professores e comunidade. É o lugar onde se pode aprender conteúdos que fora da escola dificilmente se aprenderia, e que são essenciais para a vida em sociedade e profissional. A escola não pode servir apenas para passar conteúdos, ela deve formar cidadãos e, nesse sentido, desenvolver valores como respeito, moral e ética.

Ao defenderem a importância da escola, os entrevistados enfatizaram ainda que ela é um alicerce, uma diretriz para ser alguém na vida. Se o país tem educação de qualidade, o restante vem com o tempo. Sem escola não é possível haver noção plena de cidadania, muito menos posições de pessoas empoderadas por isso.

A Educação Básica foi defendida como o mínimo que o aluno precisa para ter certo entendimento e conseguir desenvolver as atividades escolares, adquirindo cada vez mais conhecimento. Para se ter uma educação básica de qualidade é necessário suporte técnico, formação para os professores e melhores salários. Nenhum profissional que trabalha sessenta horas semanais consegue dar o seu melhor em sala de aula.

A relação da escola com a comunidade foi considerada ótima, e os funcionários afirmaram acreditar na reciprocidade dessa relação, além disso, os alunos tratam os profissionais com o respeito e a educação devidos.

2 Relato crítico das aulas assistidas

Este capítulo diz respeito à análise crítica dos estagiários a respeito das aulas observadas. O objetivo dele é o de se estabelecer um paralelo entre a prática pedagógica da professora de LP da turma 3.12 de 3º ano do Ensino Médio e os critérios exigidos pela disciplina do estágio. Esses critérios dizem respeito ao trabalho em sala de aula sobre oralidade, escrita, leitura e análise linguística. Assim, estabelece-se uma analogia entre a prática docente realizada com a turma e esses quatro critérios que são essenciais, se colocados em diálogo, para o bom andamento das aulas.

2.1 Por Samara Hinkel Corrêa

O período de observação permitiu o confronto entre a prática docente com a qual nos deparamos nesse período e os pressupostos teórico-metodológicos que julgamos ancorar uma prática pedagógica coerente, que se faça mediadora do processo de ensino-aprendizagem construído em sala de aula.

Faz-se importante ressaltar que toda e qualquer prática pedagógica de ensino/aprendizagem de LP é norteada por uma concepção de língua/linguagem. Entendemos, portanto, a língua/linguagem como instrumento de interação, que desenvolve importante papel social nas mais diversas situações e esferas comunicacionais. Partindo dos pressupostos defendidos por Bakhtin (1979), encontra-se nos textos/enunciados a unidade real da comunicação. Esta unidade permite que os discursos se materializem por meio dos gêneros do discurso, conforme sugere Bakhtin (1979).

Atravessados por ideologia e relações dialógicas, os gêneros estão correlacionados com as esferas sociais nas quais circulam. Esta relação é construída pelos processos interacionais que ocorrem entre sujeitos sócio-historicamente constituídos, a saber, os falantes, enunciadore, escritores, e, portanto, os alunos. Para que essa relação se efetue, é indispensável admitir a língua em sua heterogeneidade, e não apenas como sistema homogêneo e abstrato.

A partir dos pressupostos postulados acima, percebeu-se, nas aulas observadas um trabalho com a língua portuguesa que a considera um sistema único e abstrato, regido por regras sistemáticas que a “descrevem”. Durante as aulas, a professora escrevia na lousa frases totalmente descontextualizadas e soltas para que os alunos classificassem as orações subordinadas substantivas, conteúdo trabalhado com a turma no período de observação. As nomenclaturas eram constantes e para acertar no momento da classificação, os alunos

utilizavam macetes sugeridos pela professora. Desta maneira, conseguiam classificar as orações de forma lógica e precisa. Tal processo exigia dos alunos a capacidade de percepção, identificação e decodificação das orações, todavia, dispensava qualquer olhar reflexivo sobre a língua em seus usos.

Esse tipo de prática, destoa completamente do que sugerem os PCNs que propõem, conforme pontua Geraldí (1997) um trabalho com a língua portuguesa que desenvolva atividades “epilinguísticas” e “metalinguísticas” baseadas em vivências de comunicação reais. As aulas observadas focavam somente a metalinguagem, tratava-se de um trabalho com uma nomenclatura que não instigava ao pensamento sobre a comunicação real, tampouco enfocava as formas de utilização da metalinguagem estudada na construção dos mais diversos textos/enunciados. Pareceu-nos que a Língua Portuguesa era tratada como algo totalmente distante da comunicação cotidiana vivenciada dentro e fora da escola nas mais diversas esferas, como um amontoado de regras que se aprende, se memoriza e se “devolve” durante a avaliação.

Antunes (2003), em *Aula de Português: encontro e interação*, baseada nos documentos norteadores da educação básica (PCNs) e analisando a realidade do país no processo de ensino/aprendizagem de LP, propõe que este ensino está imbricado no uso da língua oral e escrita e na reflexão acerca desses usos. A partir daí, o professor, ancorado por “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979), os gêneros discursivos, deve construir com o aluno a prática de leitura, escrita e análise linguística de textos/enunciados. Para dar sentido a essa construção que está engendrada na formação sócio-histórica do sujeito, na sua singularidade cultural e na sua peculiaridade diante das propostas e conteúdos trazidos pelo professor em suas aulas, é de extrema importância que o aluno tenha o que dizer, para quem dizer, e porque dizer. Esses aspectos garantem a função social dos textos/enunciados que serão construídos por meio dos gêneros do discurso.

O trabalho com a língua/linguagem não deve ser engessado, estático, baseado apenas em regras gramaticais e nomenclaturas, revestindo-se de noções de certo e errado como grandes leis a serem seguidas fielmente, conforme observamos na maioria das aulas assistidas. As estratégias gramaticais e discursivas, a riqueza de vocabulário e a lapidação das capacidades de comunicação nas mais diversas esferas precisam ser pensadas na prática, admitindo a complexidade da linguagem que por um lado é regida por modelos e padrões, e por outro, é flexível, e admite alterações e mudanças.

Mediar com os alunos o trabalho de leitura, escrita e oralidade por meio da comunicação real das esferas nas quais a língua circula, expressando as intenções dos sujeitos

e estabelecendo relações dialógicas, exige do professor um escopo teórico-metodológico que permita desenvolver atividades que provoquem o aluno, o questione e o instigue a buscar o desenvolvimento das estratégias de dizer, dos recursos discursivos para que possa enxergar na língua em movimento as razões para o processo de ensino/aprendizagem, e não um conjunto de regras abstratas que configuram um sistema puramente imanente que precisa ser apreendido, decorado, replicado e comprovado.

Tendo isso em vista, torna-se perceptível a ineficácia do método tradicional de trabalho com a gramática adotado pela professora. Tanto a atividade avaliativa, quanto as provas aplicadas (ANEXO VI – Simulado aplicado pela professora regente aos alunos; ANEXO VII – Prova aplicada pela professora regente aos alunos ; e ANEXO VIII – Prova de recuperação aplicada pela professora regente aos alunos) durante o período de observação não fazem com que o aluno reflita sobre o uso da língua, mas apenas decodifique e desmembre as sentenças classificando-as em grupos. Vale ressaltar que esta crítica não está voltada ao ato de se ensinar gramática, uma vez que fazê-lo é de irrefutável importância, mas sim em como ensiná-la, já que a prática observada o faz de forma mecânica, sistemática e desprovida de sentido real. Sobre essa discussão, Possenti (1996, p. 54) afirma:

Não vale a pena recolocar a discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso distinguir seu papel do papel da escola – que é ensinar língua padrão, isto é, criar condições para seu uso efetivo. É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada.

Portanto, o professor deve explorar nos alunos as capacidades de usar a língua portuguesa nos mais diversificados meios, com as mais diversas funções. Ensinar aos alunos quais os tipos de orações subordinadas substantivas e capacitá-los a identificar cada tipo dessas orações não garante que eles sejam, de fato, capazes de escrever de acordo com a norma padrão, com vocabulário abrangente, cientes da estrutura textual que o gênero exige em determinada situação. Em contrapartida, os alunos podem se destacar por meio da escrita e terem facilidade em se expressar por meio de textos/enunciados orais e escritos sem dominarem determinadas nomenclaturas e classificações gramaticais. Ainda sobre a ineficácia de se trabalhar com a gramática de maneira descontextualizada, Possenti (1996, p. 55) defende que:

Seria interessante que ficasse claro que são os gramáticos que consultam os escritores para verificar quais são as regras que eles seguem, e não os escritores que consultam os gramáticos para saber que regras devem seguir. Por isso, não faz sentido ensinar nomenclaturas a quem não chegou a dominar habilidades de utilização corrente e não traumática da língua.

Portanto, instigar os alunos a serem sujeitos de seus dizeres, autores conscientes e usuários críticos da língua portuguesa, capazes de refletir sobre sua própria língua e construir

discursos sobre os mais diversos assuntos é muito mais significativo no processo de formação dos sujeitos estudantes do que verificar se estes sabem classificar uma determinada oração.

No que concerne ao trabalho com a literatura, pouco se observou tendo em vista que durante as aulas desse período o principal foco foi a gramática tradicional. A lista de questões a respeito do Pré-modernismo era bastante superficial e introdutória, porém, não se sabe quais práticas precederiam a essa contextualização. Nas aulas observadas não foi mencionado ou proposto nenhum trabalho baseado na leitura integral de alguma obra literária, o que dificulta o processo de formação de leitores, um dos enfoques da disciplina de Língua Portuguesa.

2.2 Por Thalisson Erick de Almeida Machado

A presente análise busca discutir acerca das práticas pedagógicas aplicadas à turma 3.12 pertencente às turmas de 3º ano do Ensino Médio da EBBPMBV, no período noturno. É importante ressaltar que a escola possui grande fama no que se refere ao índice de aproveitamento de seus alunos em vestibulares como o da UFSC e em exames nacionais como o ENEM. Além disso, é fundamental mencionar que esta é uma escola em que existe apenas a oferta de Ensino Médio. Segundo a diretora adjunta, Elizangela de Araujo, o foco da escola é o Ensino Médio e, portanto, as práticas estão voltadas para reverberações advindas do término desse processo escolar. Julgo necessário trazer de antemão esses dados, pois estão diretamente ligados à forma com que a escola pensa e planeja suas ações pedagógicas, levando em consideração o ponto de vista subjetivo aqui empregado.

A turma 3.12 pode ser entendida de duas formas: primeira, a turma que iniciou o ano letivo sob esta denominação; a segunda, a turma que se formou após o desmembramento das duas turmas de 3º ano do Ensino Médio no período noturno dando origem à três turmas. Se considerar na primeira hipótese, depara-se com uma turma muito numerosa, com mais de 40 alunos em que era quase impossível que o professor conseguisse ser ouvido em meio ao burburinho causado pelas conversas em sala de aula. Além de, costumeiramente, os alunos que chegassem por último eram obrigados a buscar, em outras salas da escola, suas carteiras e cadeiras, já que dentro da sala não havia mobiliário suficiente causando transtornos e atrasos às aulas. A mobília que estava na sala já a deixava cheia, o que era recorrente, era a supersaturação em virtude do grande número de alunos.

Por outro lado, ao considerar a turma após a divisão feita pela direção da escola, depara-se com uma turma com pouco mais de 30 alunos, ainda numerosa, porém mais perto do padrão encontrado dentro da própria escola e em outras escolas públicas do Estado de Santa Catarina. Esses alunos, em sua grande maioria, parecem já ter estudado em outros anos

uns com os outros, sobretudo pela amizade que demonstraram durante todas as aulas que foram observadas. Durante a ideia de desmembramento até a efetivação da proposta, alguns alunos se mostraram contra a mudança, movidos, principalmente, pela aflição de enfrentar certa cisão nos grupos de amigos formados em anos anteriores nessa mesma escola.

A mudança foi necessária a fim de estabelecer condições de aula tanto para os alunos quanto para o professor. Embora seja importante relatar que apenas o número de alunos diminuiu, as conversas, a impaciência e o barulho quase não se modificaram. O barulho vindo das conversas parece ter aumentado, levando a professora, certas vezes, a interromper a aula para pedir silêncio. Os alunos apenas conversavam como se a professora não estivesse diante da turma explicando algo.

Segundo Cortella (2014, p.89) “a perda de vigor de qualquer valor é negativa e, entre nós, ela surge toda vez em que há uma materialização excessiva da vida, uma perda no sentido da noção de coletividade e a exaltação de um egonarcisismo complacente.” A postura dos alunos da turma 3.12 dialoga diretamente com as proposições feitas pelo autor. Há uma exaltação de si e um descompromisso com o outro - nesse caso, a professora - mas também, segundo o autor há outros fatores que influenciam o comportamento dos jovens dentro de sala de aula, explicitados a seguir:

A Escola é hoje um local de encontro. Pode-se argumentar: “mas antes já o era”. Muito menos. Nós saíamos da Escola e ficávamos na esquina, no caminho, na praça ou no parquinho. Hoje, todos os lugares podem oferecer riscos. A própria ideia de casa, sem adultos, acabou se tornando um local inóspito, que faz querer sair dela o tempo todo.

Essa impaciência atinge a Escola, que é onde a criança passa uma parte significativa de seu tempo. Muitas pessoas dizem que a criança não gosta da Escola. Não é verdade. As crianças adoram a Escola, e retomo aqui um alerta que houvera feito no livro. A Escola e o conhecimento. O que elas têm alguma dificuldade é com a nossa aula. Mas da Escola elas gostam bastante. (CORTELLA, 2014, p.84-85).

Há dois pontos no texto do professor Cortella (2014) que dialogam com o perfil da turma 3.12 e necessitam de desenvolvimento a fim de estabelecer elo entre teoria da educação e realidade escolar. Durante as entrevistas que foram feitas com os alunos, muitas respostas pareceram, inicialmente vagas, sem sentido. Quando questionados quanto ao que mais gostavam na aula, uma quantidade significativa de alunos respondeu que gostava de quando batia o sinal e eles podiam sair para o intervalo. Alguns simplesmente escreveram que o que mais gostavam da escola era do intervalo e da hora que batia o sinal para ir embora. Em reflexão própria não cheguei a nenhuma conclusão do porquê dessas respostas tão diretas e negativas em relação à aula.

Sob a ótica do autor, partindo do pressuposto que a escola se tornou grande espaço de encontro e que, por outro lado, os outros espaços já não forcem segurança mínima de

permanência, a escola é o melhor lugar onde os alunos poder trocar ideias, falar de assuntos que lhes interessam, trocar segredos. E, assim, a aula tornou-se algo secundário por demandar mais esforço e ser menos cativante por se tratar de uma obrigação para o jovem. É possível pensar que esse seja um dos fatos que levaram a tais respostas e reverberam no comportamento desses alunos em sala de aula.

Contudo, desenvolvendo o segundo ponto que me propus a desenvolver que é estabelecer ligação entre o texto de Cortella e a realidade escolar, discorro a seguir. A impaciência dos alunos está relacionada diretamente ao desinteresse nas aulas. Do ponto de vista histórico, pode-se dizer que atualmente vivemos um momento de mudanças. Segundo Bauman (2001), na contemporaneidade vive-se a chamada “modernidade líquida” cuja principal característica é essa noção de liquidez, ou seja, a perda de consistência dos pilares que sustentaram a ideia de homem e de mundo até a modernidade. Os inalcançáveis avanços tecnológicos que modificaram a relação das pessoas com o tempo e com o espaço e a modificação existem na relação entre pessoas advindas do modo de vidas mais acelerado influenciado pela globalização são exemplos de que a vida na contemporaneidade já não é a mesma de 30 anos atrás.

O que está diferente é nossa percepção de passagem do tempo e sua relativa aceleração. Não é novidade que há poucas décadas era comum entre as pessoas de qualquer situação social a comunicação através de cartas. Essas cartas eram envelopadas, seladas e enviadas à pessoa por meio do Correio. Nessa época, era comum esperar um mês para que a resposta chegasse até você. Se a carta fosse enviada para o exterior, esse tempo poderia ser triplicado.

Atualmente, a sociedade industrial avançada – termo usado por Marcuse (1982) – vive um contexto em que houve grande aperfeiçoamento tecnológico. A tecnologia, sem dúvida, é grande responsável pelo processo de aceleração do tempo. Para haver comunicação, hoje, basta ter um celular que possua um aplicativo de mensagem instantânea, e, pronto. É possível mandar e receber textos e áudios instantaneamente. Esse é apenas um dos exemplos que podem ajudar a entender o processo de impaciência instaurado dentro de sala de aula. Julgo impossível desvincular todo o processo de aceleração que atinge grande parte da população, sobretudo a urbana, e entrar na sala de aula e simplesmente desacelerar.

Talvez, quando Cortella diz que os alunos gostam da Escola, mas não gostam da aula queira dizer que os alunos não gostam do formato que a aula tem atualmente. Sua forma é a mesma há décadas, mas há décadas esse aluno não é o mesmo, já a Escola – o espaço –

tornou-se um lugar seguro para a interação. Por esse motivo, é necessário pensar em alternativas para dar conta dessas novas gerações que veem o mundo por meio de uma tela.

As aulas observadas durante semanas na turma 3.12 confirma o que foi dito anteriormente. Os alunos não conseguem ver importância concreta no ensino de língua portuguesa, exceto pela obrigatoriedade de passar no vestibular, ou pela necessidade de escrever uma boa redação, ou ainda, por saberem que em todo concurso no Brasil, língua portuguesa é item cobrado majoritariamente. Os alunos que têm maiores perspectivas demonstram pensar dessa forma, já os que ainda não sabem se vão querer continuar os estudos, não veem importância concreta alguma.

Durante a observação, grande parte das aulas foi utilizada para facção de exercícios envolvendo orações subordinadas substantivas. A grande temática durante o período de observação foi o estudo desse conteúdo. Eram frases soltas que não possuíam qualquer contexto que as conectasse exceto o fato de serem orações subordinadas substantivas. Havia um esquema em passos que facilitava a resolução de exercícios passados pela professora. Nada me fez sentido, imagino para os alunos que são quase dez anos mais novos do que eu e, nesse sentido, precisam de explicações mais convincentes quanto à necessidade de estudo de determinado conteúdo. A única justificativa da professora quando questionada pelos alunos da necessidade de estudar tais orações, foi que caia no vestibular. A meu ver, grande parte do conteúdo passado para o 3º do Ensino Médio é justificado com algo dessa natureza: ou cai no vestibular ou cai no ENEM. Assim as aulas acontecem de forma quadrada e pouco aproveitada.

Por outro lado, não é possível dizer que a professora seja, de alguma forma, antiética. Ao contrário disso, a professora regente da turma, se mostrou muito preocupada com a turma. Durante as aulas sempre esteve disposta a explicar quantas vezes fossem necessárias até o entendimento do aluno. Além disso, mostrou-se séria diante dos alunos, o que imputa mais respeito por parte deles. O que ocorre, talvez, seja choque de gerações, como ocorre em qualquer esfera e na escola não seria diferente. É evidente que as gerações entre alunos e professores são diferentes, não tem como acontecer de forma diferente. Contudo, o que me refiro, neste caso, é que, do aspecto metodológico, as aulas que os alunos assistem atualmente da disciplinada de português se assemelha muito ao método utilizado há décadas passadas.

O modelo de aula tradicional que pode ter dado certo até a década de 1990, não consegue dar conta do aluno que nasceu no séc. XXI. É necessário haver, diante desse novo perfil de aluno, um novo planejamento que busque apontar quais são as deficiências que os métodos antigos possuem. Quais aspectos dos métodos antigos devem ser preservados e

apenas atualizados? Essas questões precisam ser levantadas e discutidas no meio docente com a finalidade de apontar características comuns do aluno da era digital, buscando construir um planejamento de aula voltado para tal contexto.

Por vários motivos, isso não parece acontecer nas aulas de língua portuguesa da turma 3.12. Mas uma vez, o tempo é o fator fundamental desta questão. É importante observar que a professora regente da turma possui uma formação mais antiga que toma como concepção de língua o viés saussuriano do Curso de Linguística Geral. Saussure (2006) entende a língua como sistema fechado em si, abstrato e homogêneo. Tal abordagem teórica influencia largamente as questões metodológicas que envolvem o ensino. Por isso, para o professor que teve formação sob tal paradigma é, certamente, corriqueiro que as aulas tenham como estrutura o ensino de gramática tradicional, pautada em questões formais da língua, mas, geralmente, longe da vivacidade que a língua possui e do contato real com o aluno.

O contato com os conteúdos de língua portuguesa, durante o período de observação, foi, quase sempre, descontextualizado. Apenas a prova contou com suave contextualização. Retomando o que foi supracitado quanto à necessidade de pensar uma aula com outros formatos, os estudos feitos por Marcuschi (2008) cujo principal eixo foi mostrar como funciona a análise de gênero articulada à produção textual e compreensão. Adotando o viés teórico sociointeracionista e cognitivista, a proposta feita por Marcuschi no livro *Produção textual*, análise de gênero e compreensão é tonar o gênero textual meio pelo qual se pode trabalhar o ensino de língua materna. Dessa forma, é possível entender que o ensino de língua materna pode estar tão próximo do aluno como se espera, a fim de, por meio de vários gêneros textuais, trabalhar noções e conceitos da linguagem.

É importante situar o aluno temporalmente justificando o recorte feito pelo professor e estabelecendo vínculo relevante que há entre os textos utilizados em sala de aula e a vida que os alunos levam fora do ambiente escolar. O aluno sempre tem muito a contar, é necessário que o docente saiba ouvir o seu aluno e, a partir dessa fala, elaborar caminhos mais pertinentes para atingi-lo durante sua aula.

Durante as aulas que foram observadas na turma 3.12, não houve qualquer trabalho com uso da oralidade, embora este eixo seja parte integrante de diretrizes parametrizantes nacionais. Os pesquisadores Schneuwly & Dolz (2004) no livro *Gêneros orais e escritos na escola*, discutem práticas pedagógicas que tomam os gêneros como mediadores do aprendizado. Dessa ótica, seguindo um esquema de sequência didática, as aulas se tornariam grandes oficinas através das quais os alunos ficariam imersos em um determinado gênero, iniciando pelo contato e posteriormente participando de produções tanto escritas, quanto orais.

A intenção é criar um ambiente em que possa ser mais visível à progressão pela qual o aluno irá passar, além do contato com o gênero ser massificado, o que torna sua compreensão de como ele funciona na sociedade muito mais claro.

A perspectiva dos pesquisadores pode ser uma alternativa interessante para os alunos no Brasil e mais especificamente os alunos da turma 3.12, pois as oficinas são espaços em que há grande circulação de gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. A seleção de gênero deve levar em conta o ano de estudo que o aluno está, mas também o gosto dos alunos, tanto quanto ao gênero e quanto à temática. Dessa forma, pode-se vislumbrar uma alternativa às aulas tidas como tradicionais e trazer novos modos de fazer a prática docente. A novidade parece ser sempre atraente para esses alunos. Os profissionais da educação tentam lidar da mesma forma com alunos da década de 70 e os de agora. Tratar os diferentes como iguais não tem sido a melhor alternativa didática. Os alunos já sabem muito bem o que lhes espera, a escola tornou-se um lugar previsível e, portanto, tedioso.

As aulas da professora regente da turma podem ser encaradas como aulas tradicionais, logo, foi não raro ler nos questionários respondidos pelos alunos que eles só vêm para a escola por obrigação e que quando estão em sala pouco conseguem entender o que está sendo passado de conteúdo e que, além disso, não veem aplicação dos conhecimentos que adquirem na escola na sua vida fora dela.

Nas aulas foram trabalhados conteúdos ligados ao estudo fraseológico em um viés tradicional, além do início de trabalho com o livro didático com a temática pré-modernista. O trabalho com literatura ficou preso porque não havia livro didático para todos os alunos da sala. Os trabalhos com escrita também não puderam ser observados, mas a professora trabalhou em aulas anteriores as do início da observação na produção de crônicas voltadas para as Olimpíadas de Língua Portuguesa. No tempo em que estive em sala de aula, não houve qualquer retorno dessas produções por parte da professora. O ponto mais evidente de suas aulas foi sua parceria com o professor de artes. Durante as aulas de artes os alunos assistiram ao filme Cidade de Deus e o professor solicitou que os alunos fizessem uma resenha crítica. Nas aulas de língua portuguesa a professora trabalhou os passos para a construção de uma resenha crítica. Tal parceria me pareceu bem produtiva e a própria professora alegou que gosta de trabalhar dessa forma, pois deixa o ensino menos fragmentado, torna-o mais homogêneo. Os alunos têm dificuldade de ver o todo, eles estão presos às disciplinas. Quando os professores trabalham em equipe, eles se encarregam de desconstruir essa fronteira imaginária.

A professora buscou, dentro das possibilidades, trazer aos seus alunos conteúdo com relevância, mas os alunos não conseguem ainda compreender essa importância. Há comprometimento, planejamento e seriedade nas posições pedagógicas que a professora sustenta, para outro educador ela pode ser facilmente compreendida, mas esses alunos que ali estão, precisam de algo mais para valorizarem o árduo trabalho de seus professores, pois, hoje, eles estão acostumados a confundir desejos com diretos.

2.3 Por Tiago Carturani

Boas práticas pedagógicas precisam estar vinculadas a um bom planejamento e a uma boa base curricular. Geralmente elas são voltadas a um povo, a uma comunidade, e carecem, muitas vezes, de serem pensadas para integrar parte da vida do sujeito. Acontece que na EEBMJBV o conteúdo está, devido à popularidade das aprovações em vestibulares, voltado para estes, o que implica em uma sistematização extremamente objetiva e expositiva. Foi o que ocorreu em quase todas as aulas de LP observadas. Talvez seja porque foram observadas apenas 10 aulas, e isso não é o bastante para que se entenda toda a metodologia de um professor. Foi possível se ter uma ideia, somente, dessa metodologia, e alguns pontos observados serão abordados a seguir, e são eles: o trabalho com a gramática; aulas expositivas: pontos positivos e negativos; o trabalho com a literatura; o trabalho com a resenha; e a participação dos alunos: oralidade, leitura e escrita.

2.3.1 O trabalho com a gramática

O capítulo em que consta um breve panorama da PCSC (2014) demonstra que as práticas pedagógicas, além de necessitarem de uma sistematização e precisarem também que se tenha um conhecimento prévio das capacidades e limitações dos alunos, precisam partir primeiramente do que eles sabem em relação ao conteúdo a ser apresentado à turma. Além disso, a gramática, segundo a Proposta, precisa ser passada levando-se em conta dois fatores, os quais não podem ser vistos por um profissional da área nem trabalhados em sala de aula de maneira isolada: a gramática enquanto estrutura e a gramática enquanto acontecimento. Esta diz respeito aos discursos vivos, às circunstâncias de uso, enquanto aquela é a língua como um sistema do qual o falante se apropria para ordenar seus próprios discursos. Assim, enquanto a estrutura é a interface da língua, o acontecimento é o organismo vivo que necessita da estrutura para produzir o significado pretendido.

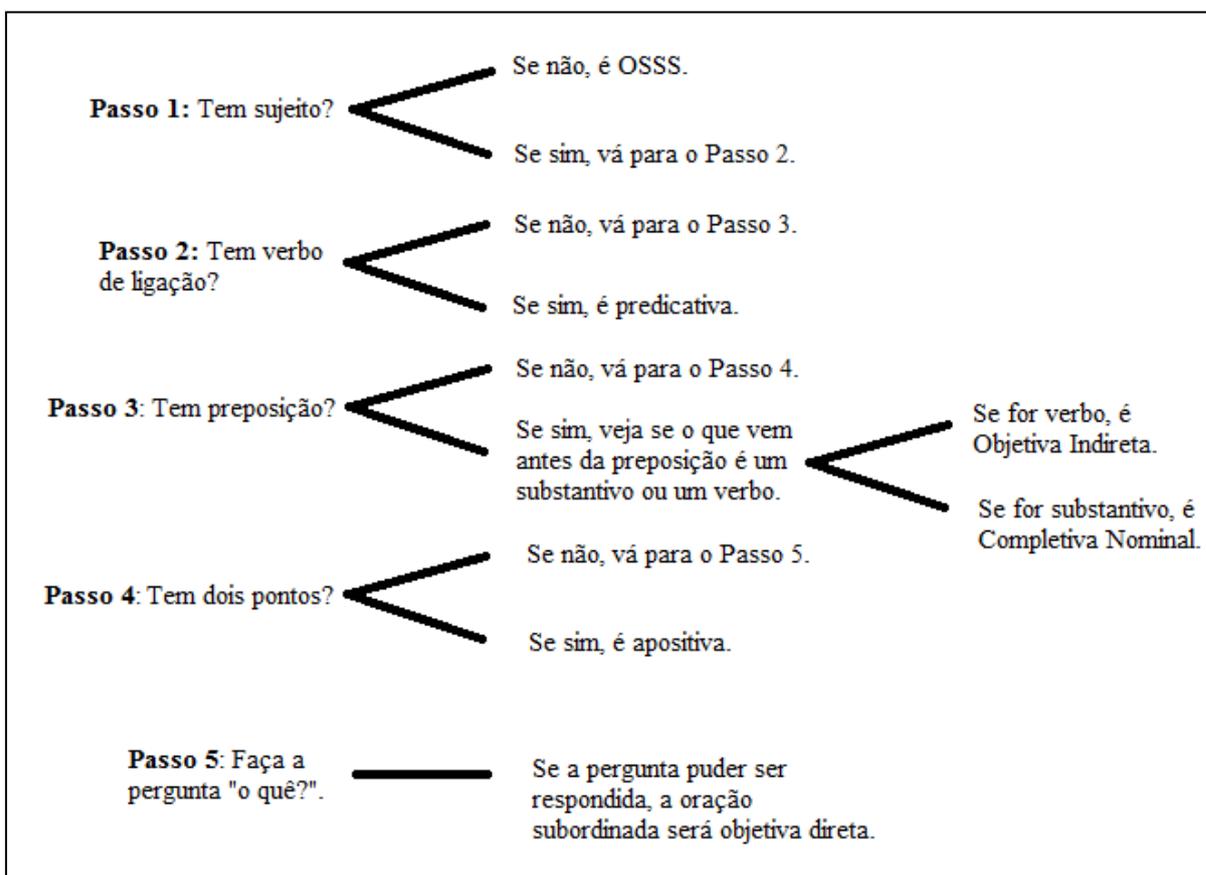
Sabe-se que, no início do séc. XX, Saussure foi um dos principais percursores do estruturalismo linguístico, propondo uma análise isolada da língua, deixando de lado o que ele

mesmo denomina de mudança linguística, isto é, fatores que levam a língua a sofrer alterações. Para o autor, as alterações na língua não modificavam a estrutura, portanto podiam ser deixadas de lado para dar lugar ao que se pretendia chamar de ciência da língua. A ciência da língua, por esta época, era uma ciência, na verdade, da gramática normativa, e explicitamente deixava de lado o que mais usa a língua para se materializar: a fala ou, de maneira geral, o uso. Assim, este tipo de análise permite colocar uma sentença, desmontá-la, estipular uma ordem, problematizar, classificar suas partes, entender seu funcionamento e partir para a próxima.

Foram de grande contribuição para os dias atuais essas organizações, mas acontece que em sala de aula o tratamento com a gramática é diferente. Uma porque a gramática é, antes de o homem perceber suas estruturas internas, um organismo vivo, que sofre alterações e cisões em seu próprio sistema de acordo com diversos fatores sociais; outra porque é de grande abstração o entendimento dessa sistemática, ainda mais se ele não for colado em situações reais.

Com estes fatos expostos, as aulas de LP que foram observadas demonstram uma análise isolada de orações, a fim de classificá-las de acordo com o esquema a seguir:

Figura 2: Esquema para resolver os exercícios sobre OSS



Fonte: elaboração própria

A professora, muitas vezes, ressaltou a importância de se adquirir tal conhecimento, pois os alunos sempre usam as orações subordinadas substantivas (OSS) em diversos discursos. Acontece que eles não foram postos à prova usando estas orações em sala de aula, eles apenas tiveram que analisá-las, e pouco percebiam o sentido e a aplicação delas, porque o esquema dava-lhes as respostas. Veja-se os diferentes sentidos que uma mesma oração subordinada pode ter:

- (1) É possível que as provas sejam anuladas – Subjetiva
- (2) A professora disse que as provas podem ser anuladas – Objetiva Direta
- (3) Uma coisa talvez seja possível: as provas serem anuladas – Apositiva
- (4) A notícia é que talvez as provas serão anuladas – Predicativa

Estes quatro exemplos poderiam ser usados como ponto de partida para que se visse diferentes usos da OSS em um mesmo sentido. Assim, ter-se-ia uma visão mais ampla das diferentes aplicações, e poder-se-ia trabalhar a gramática como sendo um jogo em que o próprio usuário, sabendo lidar com ela, pode montá-la como lhe convém. Mas isso não é tudo. As frases nunca dizem nada desta maneira, isso é puro cientificismo. A repetição de exercícios de classificação não é um bom mecanismo para a internalização de conteúdo. É preciso entender sua aplicabilidade, suas nuances no discurso, os porquês, os “ondos”, os “quandos” e “comos” usar orações subordinadas. Isso porque as OSS não são algo que sempre estiveram presentes na língua humana. A subordinação gramatical tem uma história, e ela acompanha a evolução mental e tecnológica do homem. Poder-se-ia falar dessa história, também um pouco sobre função, um pouco sobre pragmática e também equívocos em seu uso.

2.3.2 Aulas expositivas: alguns pontos

Segundo Antunes (2003), a análise linguística precisa vir junto com a produção oral ou escrita. É a partir delas que se ensina a gramática, pois o exercício da escrita ou da fala está intimamente ligado à prática, e só se terá uma escrita e uma fala com qualidade visando as diferentes esferas sociais pelas quais diferentes gêneros são apropriados ou não (BAKHTIN, 1997) e, também, quando o aluno conseguir entender seus erros mais frequentes e corrigi-los até não cometê-los mais. É por esse motivo que as aulas expositivas não ajudam o aluno a desenvolver a prática de leitura e escrita. Servem como um primeiro contato do aluno com o conteúdo, e posteriormente como esclarecedora de dúvidas.

Nas aulas observadas, constatou-se somente a apresentação do conteúdo, com pouca busca na “memória linguística”, como propõe o PCSC (2014), dos alunos e pouca atividade elaborada para que se entendesse de fato o que estava sendo passado. Assim, elas mais pareciam um aulão de pré-vestibular, onde os alunos buscavam apenas macetes e conteúdo de fácil assimilação para que pudessem resolver uma prova. Mas isso nem sempre é eficiente, ainda mais quando as próprias questões passadas pela professora não corresponde à realidade do próprio vestibular atual e nem, talvez o ponto mais importante, à realidade dos alunos, pois esta não foi consultada.

2.3.3 O trabalho com a literatura

O trabalho com a literatura é uma tarefa difícil para o professor, ainda mais quando se trata de alunos que não têm muito contato com a leitura de livros. Ela precisa ser sistematizada e sincera, para que os alunos possam entender o material que lhes é dado. Na aula desse dia, não houve escolhas, apenas algumas questões retiradas do livro didático, as quais seriam respondidas com dados e fragmentos também dos livros didáticos. Assim, não se trabalhou a leitura de uma obra para se entender o período literário (pré-modernismo), tampouco se viu elementos de história tendo em vista as próprias obras literárias. A professora começou já passando questões sobre alguns livros do período, as quais diziam respeito somente à categorização de determinados escritores dentro de algumas características.

A literatura, porém, implica em alguns processos que os professores precisam mediar e também implica na leitura sistematizada e integral de algumas obras ou textos. Essa sistematização não se trata da leitura por prazer, trata-se, portanto, de uma leitura escolarizada (SOARES, 2011).

Essa leitura escolarizada precisa ser abordada pelo professor com tempo e dedicação. Soares (2011) sistematiza a leitura de uma obra em passos que vão, resumidamente, desde a ida dos alunos à biblioteca para a escolha (primeiro passo) – a fim de fazer com que percebam a disposição dos livros nas prateleiras e como são organizados e, também, consigam questionar o tempo em que se tem para ler, quando se pode ler e onde se ler –, até a conclusão da leitura orientada pelo professor (segundo passo) – uma leitura que não deveria ser obrigatória caso o aluno tivesse que fazê-la por si mesmo.

O letramento literário, conforme Cosson (2012), enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. Tais

procedimentos informam que o objetivo desse modo de ler passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor.

Como ficam, porém, as leituras não integrais, indiretas, sem instrução e sem acompanhamento? Será que elas são capazes de ajudar na formação do repertório do leitor? Há alunos que talvez consigam se virar na falta da mediação da professora, ao mesmo tempo em que outros alunos irão responder ao questionário, memorizar algumas coisas que provavelmente em breve esquecerão.

2.3.4 O trabalho com a resenha

A aula reservada para este dia contou com algumas questões cujo objetivo era o de nortear quais elementos deveriam ser inseridos na resenha. A professora ressaltou que os alunos deveriam organizar esses elementos dentro de um texto coerente e impessoal. Isso, na verdade, implicaria em uma explicação sistematizada, antes mesmo de apresentar o que vai como conteúdo, do gênero resenha: estrutura, finalizada, meios de divulgação, tipos, conteúdo, etc.

Os alunos não tiveram contato com o gênero, tampouco lhes foi dito do que se tratava de fato uma resenha. Assim, o único ponto positivo foi o diálogo entre as aulas de Artes e de LP, mas não houve uma explicação efetiva sobre o que se estava pedindo.

3 Projeto de docência: Poetizar-se - interpretação, criação e (re)construção

O conteúdo apresentado a seguir tem como objetivo a sistematização do projeto de docência dos estagiários Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Erick de Almeida Machado e Tiago Carturani . Esse projeto tem como foco a turma 3.12 do 3º ano do ensino médio da EEBPMJBV, localizada na cidade de São José - SC. Para a sua elaboração, levamos em conta os dados coletados no período de observação, que ocorreu entre os dias 18 de março a 15 de abril. Esses dados foram importantes para que traçássemos o perfil da turma, da professora de LP e entrássemos em contato com o conteúdo que estava sendo trabalhado com os alunos e, ainda, entendêssemos o funcionamento do colégio no que diz respeito à administração, à infraestrutura e aos materiais disponíveis.

O projeto tem como fio condutor o desenvolvimento dos alunos em relação à oralidade, à escrita, juntamente com a reescrita, e à leitura/escuta. Para a oralidade, leva-se em consideração a maneira como os alunos se portam em diferentes meios em que se utilizam da fala para a comunicação; para a escrita, visam-se às estratégias usadas pelos alunos para criar sentenças que signifiquem algo para eles e para o leitor ao qual as produções textuais serão criadas; a reescrita tem o objetivo de disponibilizar aos alunos ferramentas para a melhora de suas produções textuais, levando em consideração sempre que os erros mais recorrentes nas produções textuais serão apontados e corrigidos em coletivo com a turma, juntamente com observações individuais; e à leitura, cabe a nós, estagiários, mediá-la e acompanhá-la em coletivo com a turma para que as decifrações e interpretações sejam coerentes e bem construídas.

No referencial teórico, aborda-se: uma concepção de compartilhamento em relação à escrita – tendo como base a concepção de sempre que se escreve, escreve-se para alguém por algum motivo; e o mesmo objetivo aponta para a oralidade, a qual se desenvolve em situações reais da fala; para a análise linguística, na qual um dos tópicos é a gramática, as produções dos alunos serão usadas como ponto de partida para qualquer estratégia de estruturação textual (gramática, coerência e adequações); e, por fim, a leitura de diversos gêneros e linguagens será um processo mediado pelos estagiários no intuito de conseguir, dentro dos limites em que isso implica, compreender as dificuldades que os alunos têm quanto à junção de códigos e à produção de significados coerentes, considerando que cada leitor é um sujeito ativo no processo de leitura.

Ao que cabe à metodologia, ao conteúdo e aos recursos, busca-se que sejam sistêmicos, interativos e úteis aos estagiários e alunos. Assim, a metodologia terá uma

sequência cuja primeira etapa é a de reconhecimento e apresentação e a última etapa é a de perceber o desenvolvimento próprio e o que foi apr(e)endido, juntamente com a maneira pela qual se apr(e)endeu algo. O objetivo tenta fazer com que o aluno leve para a vida e guarde em seu mundo aquilo que viu na escola e possa, em algum momento de suas experiências e necessidades, lembrar das aulas e do esforço que teve, sem o qual as dificuldades aumentariam.

Para isso, o conteúdo é sobre poesia brasileira, tendo como base suas configurações estruturais, de sentido e criativas. Trabalhar-se-á com os alunos apresentando-lhes a biblioteca da escola, mostrando-a como um ambiente agradável, expondo-lhes as configurações das poesias (elementos estruturais e de sentido - figuras de linguagem) e ajudando-os na criação literária, por meio de conteúdos cuja metodologia foi pensada pelos estagiários a fim de ajudá-los nas atividades intelectuais (resolução de exercícios e pesquisa) e criativas (poesia, paródia e poesia concreta).

3.1 Escolha do tema

A poesia é um gênero literário que, quando não está formalmente organizado em livros, perpassa pela oralidade de todos os povos. Não raro é ouvir de algum conhecido ou de alguém com quem se conversa um trocadilho, novo ou antigo, possível em nossa língua. A poesia está cheia de trocadilhos e jogos, de seriedades e brincadeiras, de elementos que incrementam bens ao intelecto e outros que fazem ter prazer e gosto pelo que se está lendo. E, o mais importante, é um bem cultural ao qual todos devem ter acesso.

Os alunos da turma 3.12, de maneira geral, ainda têm a visão equivocada de que o texto literário é um texto chato e difícil de ser compreendido. Em resposta ao questionário aplicado com a turma, a maioria dos alunos afirmou que a leitura realizada na escola é “obrigatória” e “chata”, já a leitura realizada no cotidiano é prazerosa e mais acessível. Esse fato está enraizado na educação brasileira e está, em sua essência, tratando o texto poético de maneira elitista e arrogante, pois é ainda uma definição de que só uma pessoa muito bem dotada intelectualmente é capaz de interpretar esse tipo de texto. Alguns são, de fato, intrincados e labirínticos, mas outros não têm a pretensão de o ser, e seu objetivo é causar algumas sensações provenientes da arte: beleza, incômodo, emoções, etc.

Pensando nisso, o nosso tema central é o trabalho com a poesia durante todo o período de estágio. Desde a primeira aula, os alunos entrarão em contato com o texto poético, e se familiarizarão com os locais em que este está mais presente (de maneira formal): a biblioteca; até chegarem em locais mais inusitados, como a publicidade. Em meio a este processo, o

trabalho com a paródia tem a finalidade de não tratar esse primeiro contato com a criação literária vinculado à questão formal da poesia, mas sim para que se entenda o seu funcionamento e se crie um gosto pela atividade criativa.

3.2 Referencial teórico¹

Toda e qualquer prática pedagógica de ensino/aprendizagem de LP é norteada por uma concepção de língua/linguagem. Concebemos língua/linguagem pelo viés interacionista, que entende a importância e o papel social da linguagem nas mais diversas situações e esferas da comunicação.

Partindo dos pressupostos defendidos por Bakhtin (1979), encontra-se nos textos/enunciados a unidade real da comunicação. Esta unidade permite que os discursos se materializem. Atravessados por ideologias e relações dialógicas, os gêneros estão correlacionados com as esferas sociais em que se encontram. Esta relação é construída pelos processos interacionais que ocorrem entre sujeitos sócio-historicamente constituídos. Na qualidade de professores, esses conceitos levam à ressignificação das práticas docentes, visando a entender o papel do educador diante do desafio de trabalhar com o ensino/aprendizagem de LP. Para isso, é indispensável admitir a língua em sua heterogeneidade, e não apenas como sistema homogêneo e abstrato.

Todo e qualquer enunciado é uma unidade que estabelece sentido na relação com o outro e, para tal, é necessária a estabilidade relativa presente nos gêneros. Mesmo sendo estáveis, os gêneros se renovam à medida que se renovam as práticas sociais, e a construção de discursos é inspirada na valoração dos enunciados. Nada que se diz é neutro, os enunciados se dão à luz de um horizonte apreciativo, refletindo e refratando a realidade social. Partindo das situações reais da comunicação, é possível depreender o modo como funciona o construto sistêmico da língua. Essa implicação, em ordem pedagógica, é extremamente importante.

Antunes (2003) em *Aula de Português encontro e interação*, baseada nos documentos norteadores da educação básica, os PCNs, e analisando a realidade atual do país no processo de ensino/aprendizagem da LP, propõe que este ensino está imbricado no uso da língua oral e escrita e na reflexão acerca desses usos. A partir daí, o professor deve construir com o aluno a prática de leitura, escrita e análise linguística de textos/enunciados, levando em consideração

¹ Este item foi adaptado do projeto extraclasse realizado pelos estagiários no semestre de 2015.2. Como o foco aqui é trabalhar a literatura como um meio humanizador do sujeito, entendemos que não haveria necessidade de se escrever a mesma coisa do semestre passado com palavras diferentes, pois nossas concepções continuam as mesmas.

as concepções de linguagem abordadas por Bakhtin (1997). Para dar sentido a essa construção em que se engendra a formação sócio-histórica do sujeito, sua singularidade cultural e sua peculiaridade com as propostas e conteúdos trazidos pelo professor em suas aulas. É de extrema importância que o aluno tenha o que dizer, tenha para quem dizer, e por que dizer, conforme sugere Geraldi (1997). Esses aspectos garantem a função social dos textos/enunciados que serão construídos por meio dos gêneros do discurso.

Entende-se, portanto, que o trabalho com a língua/linguagem não deve ser engessado, estático, baseado apenas em regras gramaticais e nomenclaturas, revestindo-se de noções de certo e errado como grandes leis a serem seguidas fielmente. As estratégias gramaticais e discursivas, a riqueza de vocabulário e a lapidação das capacidades de comunicação nas mais diversas esferas precisam ser pensadas na prática, admitindo a complexidade da linguagem que por um lado é regida por modelos e padrões, e por outro, flexível, admitindo alterações e mudanças. A língua se transforma de acordo com as mudanças da sociedade e seus usos linguísticos diacrônicos.

Enfocar-se-á, a partir daqui, a importância de se trabalhar na aula de português com os eixos da escrita e reescrita, leitura, gramática e oralidade à luz da obra *Aula de Português encontro & interação* (2003), de Irandé Antunes, e o trabalho com a análise linguística segundo Geraldi, em *Portos de Passagem* (1997).

No que tange à escrita, os alunos precisam se sentir autores, sujeitos de um determinado dizer que circule na escola, se utilizando da escrita para participar socialmente. As propostas de escrita devem admitir seus diferentes usos sociais, abarcando o que se escreve fora da escola. É preciso compreender que a escolha das palavras e a organização estrutural do texto surgem a partir das funções que esses textos tem a cumprir (não há como escrever bem se o único foco é o exercício escolar). Os textos dos alunos são atos de linguagem. Por esse motivo devem ter leitores, dirigirem-se a alguém. Além disso, o que vai dizer se o texto está bom ou não são as regras sociais do espaço em que o texto irá circular, onde se insere como evento comunicativo, enfocando os usos reais da língua. O aluno enquanto autor deve ter as condições necessárias para planejar, escrever e revisar o conteúdo que deseja expor. A ortografia, pontuação e subdivisão das partes do texto são importantes, pois visam a atender as exigências da situação comunicativa.

Sobre a leitura, a autora afirma que ler não deve ser um pretexto para o puro exercício de conhecer a gramática, as regras e os saberes exigidos para decodificações. A leitura deve partir do conhecimento prévio de mundo que os alunos já possuem e que provém de textos que eles já leram. É preciso que os alunos entendam a tríplice função da leitura, a saber:

informar-se, deleitar-se e entender particularidades da escrita. Não há como justificar uma leitura que não seja de textos reais, presentes em algum suporte de comunicação social. Partindo desse pressuposto, todo texto deve ser lido como lugar de encontro entre quem escreveu e quem leu. A leitura está vinculada às condições em que o texto foi escrito. Assim, leitura e escrita são intercomplementares e interdependentes.

É preciso capacitar o aluno a perceber que nenhum texto é neutro e que por trás de cada um existe uma visão de mundo. As oportunidades de leitura devem variar, proporcionando que os alunos manuseiem diversos tipos de texto e percebam, com o decorrer das práticas de leitura, que os recursos lexicais do texto (conjunções, preposições), e a repetição e substituição são indícios do sentido do texto. Assim, a totalidade de sentido ocupa um espaço para além da materialidade do texto e precisa da memória, ou seja, de tudo o que já se viu, se assistiu, se leu e se experienciou, etc. São por meio desses materiais que o processo de interpretação se inicia.

Com relação ao ensino de gramática, na perspectiva de Antunes (2003), é preciso enfocar regras úteis que se apliquem aos usos da língua e ampliem as competências comunicativas, tornando perceptível o sentido que as regras expressam. Isso só é possível por meio da produção e da análise constantes de textos que instiguem o estudo da língua para desconstruir a ideia de que isso é uma tarefa penosa. Além disso, não se deve deter-se ao “certo” e “errado”, mas sim mostrar as normas linguísticas estigmatizadas, separando as diferenças entre fala e escrita, para que assim se identifique que, às vezes, esses juízos não passam de estigmas.

Já o trabalho com a oralidade é visto pela autora como enfatizador de que tanto a fala como a escrita podem variar, estando mais ou menos “cuidadas” em relação à norma padrão. Nesse sentido, o professor – por meio de atividades de retextualização e o entendimento claro de que na comunicação o falante e o ouvinte possuem papel específico que delimita suas possibilidades de atuação – deve intervir para que o trabalho com a oralidade proporcione: a capacidade de reconhecimento das unidades temáticas dos textos; e a compreensão de que fala e escrita possuem semelhanças e diferenças. A autora, assim sendo, pontua que "O professor precisa ser visto (inclusive pelas instituições competentes) como alguém que, com os alunos (e não para os alunos), pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende." (ANTUNES, 2003, p.108).

Considerando a importância da reescrita, a autora afirma que a correção ortográfica virá como exigência da própria coerência do texto, sendo que este, em certas situações, para estar adequado, precisa estar ortograficamente correto. Ou seja, "Nem todo desvio da norma

padrão tem a mesma relevância para a qualidade global do texto" uma vez que "o sentido do que ele diz, a clareza com que ele diz são elementos prioritariamente relevantes, e é preciso pensar neles em primeiro lugar" (ANTUNES, 2003 p.164).

Segundo o documento que deve nortear a prática pedagógica nas aulas de LP do ensino básico, os PCNs, o trabalho com a língua/linguagem deve expandir capacidades e permitir a aquisição de outras que não se utiliza usualmente, por meio das quatro capacidades linguísticas básicas, quais sejam: falar, escutar, ler e escrever. Além disso, o professor deve agir como modelo, ou seja, deve ensinar o valor que a língua tem, mostrando o valor que tem para si, conforme aponta o documento:

Se é um usuário da escrita de fato, se tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos. Isso é especialmente importante quando eles provêm de comunidades pouco letradas, onde não participam de atos de leitura e escrita junto com adultos experientes. (PCN, 1997, p. 38).

O trabalho com a análise linguística proposto por Geraldi (1997) e adotado pelos PCNs da educação básica, subdivide a análise linguística em dois eixos, quais sejam: atividades epilinguísticas e metalinguísticas. As atividades epilinguísticas consistem em atividades interacionais de uso da linguagem que incitam reflexão sobre os recursos expressivos utilizados. Esse tipo de atividade está voltada a aspectos estruturais da língua (correções, formulações); aspectos mais discursivos como o desenrolar dos processos interativos. Aspectos mais amplos da interação e da própria organização “seriam operações que se manifestariam nas negociações de sentido, em hesitações, em autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc.” (GERALDI, 1997, p.24). As atividades metalinguísticas consistem na análise da linguagem que constrói conceitos e classificações. Em cada ocasião, essa atividade define parâmetros, mais ou menos estáveis, para decidir sobre erro e acerto no uso, na pronúncia, na construção de sentenças ou na significação de recursos linguísticos utilizados. Portanto, “trata-se aqui, de atividades de conhecimento que analisam a linguagem com a construção de conceitos, classificações, etc.” (Ibdem, p.23).

Adentrando a reflexão acerca das relações entre o trabalho com a literatura e a aprendizagem linguística, é notório que a literatura no contexto escolar atual instigue diversos debates acerca de sua significação e viabilidade na construção dos conhecimentos necessários para a formação do sujeito aluno. Todorov (2009) observa, sabiamente, um excesso de enquadramento nos estudos sobre a literatura. Não se aprende o que as obras dizem, mas sim o que dizem sobre as obras, ou seja, estuda-se crítica sobre a obra, e atropela-se a experiência com o texto. Em contrapartida, incentivar uma leitura puramente livre e prazerosa, na qual o

momento histórico-social e as estratégias narrativas presentes no texto não sejam explorados ou tomados como aspectos importantes, também pode ser prejudicial ao ensino de literatura. Todavia, tomando a língua/linguagem pelo viés interacionista e dialógico, e entendendo a literatura como manifestação das mais diversas linguagens, faz-se necessária a busca de um equilíbrio entre o deleite que a leitura provoca, os aspectos histórico-sociais que fortemente perpassam as obras, e os aspectos formais da língua que ecoam intencionalidade por trás do texto literário.

Retomando Todorov (2009), a literatura tem o poder da exotopia, ou seja, visita-se o olhar do outro através da literatura, vivencia-se a vida do outro e retorna-se a si modificado por esse deslocamento dialógico que a obra literária incita. Para compreender melhor:

Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos, e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial. (TODOROV, 2009, p. 78).

A literatura, portanto, liberta o leitor, cria mundos e situações diversas que ao mesmo tempo em que são ficcionais, surtem interpretações que podem ser transportadas para o real, agindo como lentes que ajudam a enxergar o mundo.

Após assumir a literatura como fundamental no processo formador do ser humano, pensemos a partir de agora em qual literatura ensinar na escola, de maneira que seja possível formar “leitores perenes”, conforme propõe Ceccantini (2009), para além da escola.

Retomando a trajetória histórica do ensino básico brasileiro, podemos pensar no espaço que o texto literário perde para os textos cotidianos nos anos sessenta, quando a notícia e os textos jornalísticos são incorporados aos materiais escolares, em uma tentativa de aproximar os alunos dos textos sociais, que circulam e fazem parte da vida “real” para além dos muros escolares. Desta maneira, a literatura perde grande parte de seu prestígio como instrumentadora da aprendizagem linguística, que aqui se relaciona aos saberes tidos como necessários para ascensão social. Conforme aponta Colomer (2007, p. 37): “parece que um dos pontos de debate na atualidade deveria ser buscar novas formas de estabelecer a função de aprendizagem linguística que a literatura é capaz de desenvolver na escola”.

A leitura notoriamente é capaz de lapidar capacidades de escrita, leitura e oralidade a partir de um trabalho por cuja elaboração faça o leitor compreender a dimensão dialógica e ideológica das manifestações escritas. Admite-se, sim, a importância da escrita cotidiana, dos anúncios e múltiplas formas escritas que permeiam nossa vivência social. Contudo, não desprezemos o valor inestimável da literatura como instrumento de aprendizagem linguística, capaz de comportar em seu interior o que Bakhtin (1979) conceitua como gêneros primários e

secundários, manifestações de enunciados que nascem nos meios mais informais de expressão da língua/linguagem e vão até as formas mais prestigiosas do uso.

Para que a literatura auxilie na aprendizagem linguística é necessário trabalhar a formação de opiniões, a escrita de textos e produções literárias na escola, mas não somente para a escola, ou seja, percebendo a função social de todos os textos-enunciados que nos cercam. Espera-se, a partir da leitura, formar alunos capazes de agir socialmente com humanidade e dignidade, entendendo que nem tudo é lúdico e que ler exige esforço, não apenas prazer, conforme Colomer (2007, p. 44), “esperança educativa parece depositar-se apenas nos livros, nas leituras que, talvez, pouco a pouco, levarão os jovens em direção a outras leituras mais complexas. Mas sabemos que não se aprende a ler livros difíceis lendo apenas livros fáceis”.

O profissional educador deve respeitar as escolhas de seus alunos ainda que destoem de suas escolhas e convicções leitoras. Além disso, os avanços das tecnologias eletrônicas de modo geral modificam constantemente a maneira como se vivencia a experiência literária, expondo a sociedade ao paradoxo explorado por Ceccantini (2009), segundo o qual nunca se leu tanto quanto no século XXI, e ao mesmo tempo nunca se leu tão pouco como neste mesmo século.

É muito importante proporcionar a compreensão de que a ficção, ou seja, a literatura, está presente intensamente na vida cotidiana, portanto:

[...] a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis de modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto, ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CÂNDIDO, 2004, p. 174-175).

Instigar diálogos com obras literárias diversas por meio de atividades de interpretação, leitura debruçada sobre o texto e análise linguística seguida de produções orais e escritas parece representar um conjunto de ações positivas para tornar a literatura instrumento de aprendizagem linguística de forma eficaz.

3.3 Objetivos

- Desenvolver a decifração dos signos de diferentes linguagens (visual, verbal e musical) por meio da leitura;
- Desenvolver a sensibilidade poética, adquirida por meio da imersão no universo literário, mais especificamente o da poesia – tornar-se sensível à poesia é abrir novas janelas, é descortinar o horizonte rígido da realidade não poética;

- Instigar a vontade e a curiosidade à leitura por meio da prática de leitura coletiva de poesia, interpretações compartilhadas e diálogos, com temas de interesse dos alunos e assuntos que tenham relação com o que eles conhecem a priori;
- Interpretar o que se lê partindo da bagagem própria que se tem, utilizando-se de materiais que despertem o interesse pela leitura;
- Participar do convívio dos alunos em sala de aula, das atividades realizadas, dos assuntos abordados nas discussões, do desempenho de cada um deles durante a aula e dos próprios critérios de avaliação;
- Refletir, por meio de linguagem verbal, visual e musical, a diversidade poética que perpassa os séculos, a evolução da língua e dos recursos discursivos exigidos pelo gênero poesia e as intertextualidades presentes nas diversas formas de expressão do gênero, instigando os alunos a perceberem como as vivências cotidianas e os horizontes apreciativos dos usuários da língua estão refletidos na produção literária;
- Pensar a maneira como se escreve e se estrutura um texto literário para que ele tenha coerência e estabeleça a relação de interlocução necessária entre autor e leitor durante o processo de criação;
- Criar poemas e paródias de músicas e divulgá-las, na escola e fora dela, para que o dizer do aluno faça sentido e ele possa, efetivamente, assumir lugar de sujeito de seus dizeres expressados nas produções propostas pelos estagiários;
- Compartilhar, falando ou escrevendo, conhecimentos, impressões e curiosidades, tendo em vista um destinatário: a comunidade escolar, os colegas de classe, os professores, as redes sociais, ou quem quer que o aluno escolha para mostrar o que fez; e
- Promover a reflexão dos inúmeros usos possíveis que a língua pode assumir, elencando espaços e contexto em que pode surgir determinada produção, insistindo na reflexão do lugar da poesia em meio a sociedade contemporânea.

3.4 Metodologia

A aula como um evento significativo deve ser constituída por uma metodologia que permita não somente a ordenação do evento, mas que essa ordenação preze pela aula enquanto instrumento potencial do conhecimento. Não há método único, portanto cabe aos estagiários estabelecer critérios que lhe são cabíveis e selecionar qual método guiará sua aula. Também não existe aula sem método. Todo professor precisa de um método para que possa ministrar suas aulas. Esse método, evidentemente, parte de uma escolha ética do professor que

determina, dentro do seu entendimento, quais ações são mais cabíveis, orientado tanto pelos seus conhecimentos quanto pelas necessidades reais da turma.

Este projeto de docência busca produzir um conjunto de atividades, de maneira sistemática, que contemple o gênero poesia em diversas formas de manifestação, tanto orais quanto escritas. Essa produção pode ser chamada de sequência didática. Para isso prevê-se o ensino do gênero poesia que será apresentado à turma – justificando sua importância juntamente em contato com o gênero.

Posteriormente, a estratégia é a de propor atividades e exercícios de leitura, interpretação e produção, direcionando os alunos e estabelecendo critérios para a produção e avaliação dos produtos finais. Estas produções serão mediadas pelos estagiários e devem ser entregues para a correção. Deve-se evitar o desestímulo durante as correções procurando evidenciar pontos fortes e solicitar refacção a fim de instigar a melhoria, que proventura surgirem, dos aspectos.

Serão propostas três produções textuais: a primeira será a de criação de um poema para se expor na escola; a segunda será a de criação e apresentação, em grupo, de uma paródia; e a terceira será a de criação, divulgação e apresentação de um poema concreto. Serão propostas atividades acerca das figuras de linguagens enquanto recursos presentes na poesia, discussões sobre as impressões de poemas lidos individualmente e em conjunto e a sistematização de reflexões mais amplas como a definição de poesia e o conceito de intertextualidade.

É importante ressaltar também a escolha de trabalhar com multilinguagem, por entender-se a linguagem como um campo mais amplo do que apenas escrita e fala. Logo, a necessidade de contemplar diferentes situações de produção de linguagem. Deste modo, prezamos por elencar textos que possam ser trabalhados tanto escrita quanto oralmente e, em concomitância, trabalhar questões de análise linguística a partir dos construtos produzidos pelos próprios alunos durante as atividades e exercícios propostos. A intenção é partir das situações reais que ocorrerão dentro de sala de aula e a partir daí traçar estratégias que elucidem a compreensão dos alunos acerca de suas produções.

Além de haver, dentro de um entendimento teórico, a linguagem como um campo mais amplo que ultrapassa os limites de fala e escrita e essa concepção servir de base para a construção deste documento, há também a necessidade de pensar oportunamente o uso de multilinguagem, sobretudo por se tratar de uma turma de jovens e que estão a todo momento lidando com questões de multilinguagem tanto em ambientes real, como em ambientes virtuais. Segundo Cortella:

As plataformas digitais hoje levam a uma aceleração do dia a dia, imprimem maior pressão ao que fazemos. O conceito de geração que, anos atrás, era de um espaço de 25 anos a cada nova geração, foi acelerado imensamente e nós já identificamos novas gerações num intervalo de dois ou três anos de uma para outra. Isso demanda cuidado para que a atividade docente não tenha precarização quanto à nossa competência e habilidades. (CORTELLA, 2014, p. 41).

O aluno do século XXI é um aluno que demanda do professor uma atualização de habilidades e competências em uma velocidade maior do que a do passado recente. Esse fato necessita de cautela e estudo na produção de conteúdo para a sala de aula. Sendo assim, a posição multilíngue, partindo de concepções da semiologia, visa a dialogar diretamente com o aluno da “era digital”, buscando estabelecer vínculos mais estreitos com sua realidade e, dessa forma, procurar fazê-lo presente intelectualmente na aula. A distração trazida pelo meio digital é diferente daquela que num passado recente foi enfrentada pelo professor. Logo, os métodos que anteriormente poderiam ser eficazes não tem, hoje, o mesmo poder. Repensar estratégias que possam trazer de volta o aluno é tarefa de todos os docentes. Diante disso, as estratégias aqui pensadas são ações que buscam interação entre gerações, fazendo com que a aula possa ser melhor aproveitada, e dialogue com o aluno de modo a fazê-lo perceber que todo o conteúdo é relevante, pois ele está relacionado à vida.

Os alunos serão constantemente incentivados a revisar e reescrever suas produções, procurando evidenciar as necessidades de sempre retornar ao texto e questionar-se, pôr-se no lugar do seu leitor, visualizando para quem se está escrevendo e o que se está escrevendo.

Momentos das aulas dedicados aos elementos gramaticais que mais precisam de atenção também são fundamentais para reforçarem a necessidade de toda a produção de texto – escrito ou oral –, e seguem modelos flexíveis de acordo com as necessidades de adequação que possa surgir. É por meio da imersão dentro de alguns campos de comunicação que se pretende trazer novas estratégias de uso para os alunos, mais sistematizadas, mas não engessadas, pois eles não podem ser vistos como estanques.

Dito isto, o método exposto objetiva desenvolver a capacidade dos alunos de criarem estratégias para que digam o que querem dizer de formas variadas, de acordo com a esfera comunicacional na qual o texto foi pensado e produzido. Ao produzirem poemas e paródias, levando essas questões em consideração, os alunos serão capazes de usar os conhecimentos para além dos conceitos metalinguísticos.

3.5 Recursos necessários

Diante do que foi apresentado anteriormente, as aulas de responsabilidade dos estagiários irão utilizar elementos comuns à sala, tais como quadro branco e pincel. Contudo

também serão necessários elementos extras para a realização das aulas. Esses materiais possuem duas origens: o uso do projetor, que é de pertencimento da EEBPMJBV, o qual será cedido como empréstimo pela coordenação; o uso da internet que a instituição possui; e o uso da sala multimídia, ambiente apropriado para as aulas expositivas que necessitam da exibição de *slides* e vídeos. A biblioteca da instituição também será usada no processo de familiarização dos alunos com obras de poesia brasileira no início do projeto. O restante dos materiais para as atividades avaliativas e criativas ficarão a cargo dos estagiários.

Para a criação das poesias, serão usados materiais como folhas A4, cartolinas, papéis coloridos, lápis de cor, caneta hidro cor, apontador, régua, e outros, cabendo somente aos integrantes do grupo a providência dos materiais necessários no decorrer das aulas aplicadas. As fotocópias das atividades e textos que serão utilizados nas aulas também serão disponibilizadas pelos estagiários.

Para a divulgação das poesias, será construído um varal literário nos corredores da escola. Para isso, será necessário o uso de barbante e prendedores de roupa. No processo de divulgação das poesias concretas produzidas individualmente pelos alunos, será necessário que cada um poste uma foto de sua produção na rede social de sua preferência.

3.6 Avaliação

A avaliação consiste em um processo que parte do conhecimento do aluno, identificando suas qualidades e necessidades de cujas características se desenvolvam técnicas que o aluno ainda não domina e, assim, consiga suprir as falhas. Por isso, dentro do que foi estipulado nos itens supracitados, a avaliação será estabelecida não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente, levando em consideração desde a entrega à qualidade do processo de facção e refacção das atividades, juntamente com a finalização e as apresentações.

Conforme as normas da escola, a avaliação será feita em nota de 0 (zero) a 10 (dez), sendo possível casa decimal de 0,5. No período de estágio, serão propostas 3 (três) avaliações: criação de um poema, criação de uma paródia e criação de uma poesia concreta. Cada atividade, por ser mediada e acompanhada pelos estagiários, terá duas etapas, a etapa de entrega e a etapa de refacção, de ajustes. Cada etapa valerá metade da nota do aluno em toda a atividade. Ao fim, o aluno terá três notas, contemplando assim as exigências do colégio quanto à avaliação bimestral da disciplina de LP.

Os critérios utilizados pelos estagiários para atribuir determinada nota à atividade do aluno levam em consideração: a absorção do que foi tratado em sala de aula; a adequação ao

tema de cada atividade; o conhecimento próprio de cada aluno; a escrita – caso a atividade seja de escrita –; a oralidade – caso seja uma atividade predominantemente oral –; a leitura – caso a atividade seja de leitura e interpretação –, a gramática; a coerência; e a argumentação no uso da LP.

Para a escrita, leva-se em conta a organização do texto e os significados que eles são capazes de evocar dentro do tema abordado. Para isso, acompanhar-se-á o processo, tirando dúvidas, auxiliando em cada atividade. Para a oralidade, o conteúdo do que está se falando será um dos critérios; a postura, o vocabulário a organização e a seriedade serão os outros. Para a leitura, tanto da linguagem verbal como da visual e musical, o acompanhamento será coletivo, por meio de perguntas e diálogos com o grupo, no intuito de ajudá-los nessa técnica tão difícil.

Levando em consideração que a avaliação aqui é um elemento usado na educação e de fundamental relevância tanto para o aluno quanto para o professor, e, além disso, segue métodos que privilegiam a avaliação como forma de processo em detrimento da avaliação estanque, é importante ressaltar que os alunos também serão avaliados quanto aos processos atitudinais como: interesse na aula, postura, respeito (aos professores e aos colegas) e esforço. Tal medida busca fazer do processo avaliativo um processo por meio do qual se possa avaliar o aluno em seus diversos aspectos, não somente no que diz respeito à sua compreensão ou não de conteúdos próprios de disciplinas, mas que ele possa ser avaliado como sujeito e cidadão em construção.

3.7 Planos de aula

Primeiro Encontro: Aula 1

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 09/05/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Apresentação do projeto de docência

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: O primeiro encontro com a turma 3.12 está destinado à apresentação do projeto de docência.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Apresentar em detalhes como funcionará o projeto de docência, ressaltando a importância da elaboração desse documento, sobretudo por ser o pilar fundamental que norteia as ações dos estagiários no exercício da função docente.
- b) Apresentar, além disso, o conteúdo programático, ou seja, os conteúdos e recortes que serão contemplados ao longo das aulas.
- c) Salientar que tais conteúdos e recortes também estão previstos no plano de ensino da professora regente. A principal mudança dar-se-á na forma de abordagem que esses assuntos terão agora sob responsabilidade dos estagiários sempre acompanhados de supervisão.
- d) Informar como acontecerão as avaliações, já propondo datas específicas e ressaltando a colaboração dos alunos frente às atividades propostas.

2.3 – Conhecimentos abordados: temática do projeto de docência, subtemas, cronograma e avaliação.

3 – Metodologia

- O projeto de docência será apresentado em forma de slides. A apresentação tem como principal função situar o aluno quanto às propostas que serão trazidas às aulas. Explicitar é a melhor forma de ambientar o aluno acerca das mudanças no modo de condução das aulas, além de mudanças na seleção dos conteúdos a serem desenvolvidos.
- Será distribuído nesse mesmo encontro um plano de ensino simplificado cuja função é alertar os alunos antevendo possíveis faltas em dias de atividades que valerão nota. Para isso, constará no plano de ensino uma tabela com datas importantes para possíveis consultas.

- A avaliação também será tema da apresentação. Tal medida é fundamental para o bom entendimento entre estagiários e alunos, uma vez que estabelecendo regras é possível cobrá-las.

4 – Recursos necessários:

- Slides (em anexo);
- Sala Multimídia;
- Pen Drive;
- Projetor;
- Computador;
- Acesso à internet; e
- Impressão dos planos de ensino.

5 – Avaliação: Como a primeiro encontro será destinado exclusivamente para a apresentação do plano de docência, a avaliação dar-se-á quanto ao interesse do aluno na apresentação do projeto. Questionamentos e dúvidas serão bem-vindos e podem indicar que este aluno estava prestando atenção na apresentação. É importante ressaltar que essa avaliação será constante a fim de avaliar o aluno dentro de um recorte de tempo observando seu desenvolvimento.

6 – Referências

Sem referências.

7 – Anexos: Slides da apresentação do projeto

Poetizar-se: Interpretação, criação e (re)construção

— Estagiários: Samara H. Corrêa, —
Thalisson E. A. Machado e Tiago
Carturani

O que é um projeto de docência?

- ★ Documento que organiza as ações dos estagiários;
- ★ Contempla concepções teóricas;
 - ★ metodologia;
 - ★ Objetivos;
- ★ recursos necessários;
 - ★ avaliação;
 - ★ Planos de aula.



Temática - Poesia



Figuras de linguagem



Hipérbole

Paródia



Poesia concreta

Poema "Xícara"

Na tarde fria de julho
voa o cheiro, o barulho
do café descendo quente
pelo bule reluzente...

E me pergunto já em prosa:

—Existe coisa mais gostosa?

Autor: Fábio Sexugi
E-mail: sexugi@hotmail.com
Blog: <http://peabiruta.blogspot.com>

Atividades

- Escrita poética;
- Criações.



Como serão as avaliações?

- 3 atividades e 4 principais notas;
- Avaliação processual;
- Esforço, vontade, atenção, postura e interesse.



Segundo Encontro: Aulas 2 e 3

1 – Dados de identificação:

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 10/05/2016 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 20h05min.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Leitura de poesia e socialização oral

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Proporcionar aos alunos o contato direto com o objeto livro e experiência literária por meio da poesia.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) proporcionar aos alunos um momento de manuseio dos livros de poesia, suas cores, formas e seus sentidos.

b) disponibilizar tempo para que os alunos leiam e selecionem poesias que façam sentido para eles.

c) mediar a socialização das poesias selecionadas por meio de declamação e reflexão a respeito do que foi lido.

2.3 – Conhecimentos abordados: leitura literária; intertextualidades entre o texto lido e outros textos que compõem a visão de mundo do aluno; declamação de poesia; prática da escuta e da oralidade; sistematização dos efeitos de sentido provocados pelo texto.

3 – Metodologia:

- Recapitular juntamente aos alunos o projeto exposto na aula anterior, instigando-os a lembrarem do que foi dito pelo estagiário e quais foram os combinados estabelecidos. Desta forma, ressaltar que trabalharemos com a poesia em variadas formas durante o decorrer do período de estágio.
- Solicitar que os alunos dirijam-se à biblioteca onde terão contato com um espaço e um acervo de leitura preparado para eles. A biblioteca estará a espera dos alunos com almofadas e tapetes espalhados pelo chão e com vários livros de poesias ao alcance de todos para facilitar o manuseio e delimitar, de certa forma, as escolhas.
- Pedir à turma que se sinta a vontade, que aproveite esse momento experimental e que colabore para o bom andamento da aula com participação ativa nas atividades propostas.
- Explicar oralmente a atividade prevista para essa aula. Os alunos deverão ler algumas poesias presentes nos livros disponibilizados e selecionar a que mais gostarem. A poesia selecionada precisa fazer sentido para eles, tocando-os de alguma forma. A interpretação do texto lido deve estabelecer relações com sentimentos, experiências vivenciadas ou visões de mundo com as quais se identifiquem.
- Solicitar que os alunos sentem em pequenos grupos de leitura nos quais compartilharão gostos e desgostos causados pelos textos lidos. Em grupo, os colegas poderão ajudar nas escolhas de cada um, opinando a respeito das poesias, declamando-as uns para os outros e socializando os efeitos de sentido provocados.
- Como forma de instigar os alunos a participarem ativamente da atividade que objetiva ser descontraída e dinâmica, os estagiários declamarão as poesias que escolheram para este momento. Cada um declamará sua poesia e compartilhará com os alunos o porquê da escolha, explicando quais sentidos, sensações e interpretações o texto escolhido causa em cada um.

- Auxiliar no processo de escolha das poesias e no processo de leitura, para que busquem o sentido mais profundo do texto, que vai muito além da leitura decodificada de palavras e frases e é um processo difícil.
- Instigar os alunos a declamarem as poesias escolhidas. Neste momento, os alunos que sentirem-se a vontade poderão ler sua poesia, informando à turma o livro escolhido e o autor da poesia selecionada. A partir disso, poderão explicar à turma o porquê da escolha e o sentido que a poesia traz.
- A participação dos estagiários no momento de socialização objetiva a aproximação com os alunos e a fomentação de um momento dinâmico e descontraído. Desta forma, agirão como mediadores e participarão da atividade como leitores.

4 – Recursos necessários:

- Almofadas, tapetes e tecidos para preparar o ambiente dentro da biblioteca;
- Livros de poesias disponíveis na biblioteca da escola;
- Livros de poesias selecionados e trazidos pelos estagiários.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados a partir da anotação de observações, isto é, do levantamento daqueles que de fato realizaram a atividade durante o tempo da aula e aqueles que deixaram para realizá-la nos momentos finais. Também serão avaliados a participação e o interesse diante da atividade proposta, o desejo por sanar dúvidas e curiosidades diante do texto. Assim sendo, um aluno interessado, ainda que tenha dificuldade de interpretação ou de sistematização da oralidade, terá seu esforço reconhecido, bem como o aluno com facilidades de expressão e leitura, que se demonstre desinteressado em mergulhar no sentido profundo do texto, que escolha muito rapidamente sua poesia desejando “se livrar” logo da atividade terá seu comportamento registrado. Os registros ocorrerão por meio de pontos positivos e negativos a serem anotados no diário e somados, ou subtraídos, à nota da primeira produção escrita.

6 – Anexos

Sem anexos

7 – Referências

BELL, Lindolf. **O código das águas**. 4 ed. São Paulo: Global, 2000
 BOCHECO, Eloí Elisabet. **Ô de Casa**. Chapecó: Grifos, 2000.
 CASCAES, Roberto Maciel. **O arco-íris e o orgasmo: Poesias**. Florianópolis, 1991
 CUNHA, Rubens da. **Curral**. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.
 CUNHA, Sylvia Amélia Carneiro. **Poemas do meu caminho: antologia poética**. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1993

DELFINO, Luís; **Os Melhores Poemas de Luís Delfino**. Seleção de Lauro Junkes. 2 ed. São Paulo: Global, 1993.

GILIOLI, Dinivaldo. **Cem Poemas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

PEREIRA, Leonilda Antunes. **Gralha azul: nas asas da esperança**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

QUEIROZ, Júlio de. **Baú de Mascate**. 2 ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

Terceiro Encontro: Aula 4

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 16/05/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: O que é, e o que não é, poesia?

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Introdução acerca de aspectos fundantes da poesia, buscando estabelecer fronteiras entre o que é ou não poesia, buscando situar o aluno e desmistificar concepções de senso comum dados à poesia.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Construir, em sala de aula, uma possível definição de poesia.
- b) Delinear as fronteiras encontradas na poesia, que tangem o que é considerado literário e não literário.
- c) Estabelecer a importância da poesia e de que forma ela pode ser apreciada, ou seja, como ela pode ser entendida, já que uma das grandes dificuldades dos alunos em contato com a poesia é, justamente, a de apreensão de significados.
- d) Traçar um breve percurso histórico.

- e) Tipificar exemplificando algumas das mais conhecidas formas de representação de poesia.
- f) Tratar poesia e literatura como campo perfeito para a supra-realidade, portanto, além de polissêmica, elas não têm compromisso direto com a realidade.

2.3 – Conhecimentos abordados: conceito de poesia, poesia e sua relação com a realidade, as fronteiras do literário, tipificação de poesias.

3 – Metodologia

- Essa será uma aula prioritariamente expositiva, cuja intenção é trazer consistência às suas experiências com a poesia que ocorreram na aula anterior.
- Como já aconteceu na aula anterior o contato com o gênero literário, a leitura e seleção de poesias entre os alunos, esta aula pretende fortalecer conceitos e apresentar novas informações do campo poético e literário necessários para a compreensão de sua importância, além de facilitar o contato mais proveitoso entre a literatura e os alunos.
- A apresentação será feita através de slides, pois se faz necessária a utilização de meio tecnológico a fim de trazer exemplos e otimizar o tempo de aula. A praticidade e a melhoria de compreensão por parte dos alunos torna o uso desses recursos fundamental, sobretudo por que a apresentação conta com conteúdo áudio visual.
- A aula estará sempre aberta para discussões e momentos de questionamentos, fatores importantes e indispensáveis na construção do conhecimento, que diagnosticam interesse pelo assunto por parte da turma.

4 – Recursos necessários:

- Slides (em anexo);
- Sala Multimídia;
- Pen Drive;
- Projetor;
- Computador;
- Acesso à internet; e
- Poema de Cruz e Sousa - Antífona (Impresso).

5 – Avaliação: Neste encontro, como não há atividades envolvidas, a avaliação dar-se-á através da participação e do interesse demonstrado no decorrer da aula. A avaliação segue como regra o permanente olhar sobre o aluno, buscando avaliá-lo de forma não isolada, mas prevendo seu desenvolvimento ao longo de um percurso.

6 – Referências

- CÂNTICO negro. Intérpretes: **Maria Bethânia**. Música: Cântico Negro. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2013. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9XpQ_UGGt2o&index=1&list=FLa7yT10WOHfTxhm9g440CQA>. Acesso em: 18 abr. 20116.
- CESAR, Ana Cristina. **Literatura não é documento**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura : uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Waltensir Outra.
- LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.
- MARIA Bethânia Ultimatum Álvaro de Campos. Intérpretes: **Maria Bethânia**. Música: Ultimatum. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X-zhasBBPOI&index=2&list=FLa7yT10WOHfTxhm9g440CQA>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- MONGELLI, Lênia de Medeiros et al. **A literatura portuguesa em perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1992.
- REIS, Roberto. **Cânon**. IN. JOBIM, J. L. (org). *Palavras da crítica. Tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. pp. 65-92
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: Apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

7 – Anexos:

Anexo I: Antífona, de Cruz e Sousa

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras

De luares, de neves, de neblinas!

Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...

Incensos dos turíbulos das aras

Formas do Amor, constelarmante puras,

De Virgens e de Santas vaporosas...

Brilhos errantes, mádidas frescuras

E dolências de lírios e de rosas ...

Indefiníveis músicas supremas,

Harmonias da Cor e do Perfume...

Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,

Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,

Surdivas de órgãos flébeis, soluçantes...
Dormências de volúpicos venenos
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes ...

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, aéreos,
Fecundai o Mistério destes versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades
Que fuljam, que na Estrofe se levantem
E as emoções, todas as castidades
Da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros
Fecunde e inflame a rima clara e ardente...
Que brilhe a correção dos alabastros
Sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas passa
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Cristais diluídos de clarões alacres,
Desejos, vibrações, ânsias, alentos
Fulvas vitórias, triunfamentos acres,
Os mais estranhos estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores vagas
De amores vãos, tantálicos, doentios...
Fundas vermelhidões de velhas chagas
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,

Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...

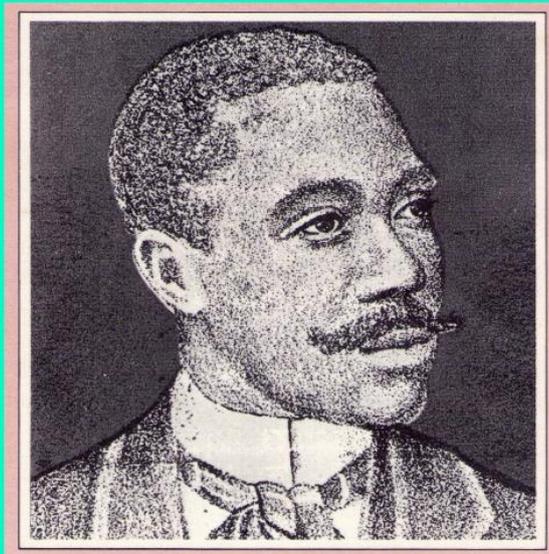
Anexo II: Slides apresentados aos alunos

O QUE É POESIA?

Estagiários: Samara H. Corrêa, Thalisson E. A. Machado e Tiago Carturani

CRUZ E SOUSA

O poeta de Desterro, considerado o ícone do simbolismo no Brasil, também chamado de “Cisne Negro”.



ANTÍFONA - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

- Uso de linguagem erudita;
- Poema dividido em 11 estrofes com 4 versos cada;
- Uso de metáforas;
- Apreço com a forma (do poema);
- Sugestão ao invés de afirmação (criando possibilidades de sentidos).
- Musicalidade (antífona - coro sagrado);
- Uso de iniciais maiúsculas para dar sentido absoluto a certas palavras;
- Uso de sinestesias;
- Criação imagética;
- Inclinação ao soturno;
- Pessimismo.

LITERATURA E REALIDADE

Um dos fatos mais interessantes da literatura é, e nesse caso, mais especialmente na poesia, o descompromisso com a realidade que ela carrega e ao mesmo tempo e relação direta com a realidade de quem lê.

DOCUMENTOS

O campo literário se diferencia do não literário justamente por não se dispor a seguir as regras sociais, nem cabem à literatura qualquer compromisso obrigatório com a realidade (verdade).

Os jornais, revistas, artigos científicos, bula de remédio, o Código Civil e a Constituição são exemplos de escritos que necessariamente precisam ter compromisso com a realidade, não havendo espaço para criações, divagações, fantasias.

A POESIA

Dentro do grande tema, literatura, encontra-se a poesia. A poesia, geralmente, é facilmente identificada pois possui características típicas e recorrentes. Elas geralmente estão em forma de poemas, organizados em versos e estrofes. Esses versos costumam rimar entre si, trazendo outro elemento típico da poesia que é a musicalidade. O uso de pontuação serve mais para marcar ritmo do que pausa e finalizar frases. Contudo, é importante lembrar que não há apenas um modo de produção de poesia. O caráter livre da poesia abre espaço para outra característica fundamental, a polissemia.

A Cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
 Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
 O som longínquo vem-se aproximando
 Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
 Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
 E as trompas a soar vão agitando
 O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
 Da cavalgada o estrépito que aumenta
 Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
 E límpida, sem mácula, alvacenta
 A lua a estrada solitária banha...

de Raimundo Correia

encontrar o infinito em
 fazer soporosamente
 seus olhos

Décio Pagnatari

ULTIMATUM - ALVARO DE CAMPOS 1917



Maria Bethânia - Dentro do mar tem rio - 2006

CÂNTICO NEGRO DE JOSÉ RÉGIO



Maria Bethânia - DVD Carta de amor - 2013

REFERÊNCIAS

CÂNTICO negro. Intérpretes: **Maria Bethânia**. Música: Cântico Negro. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2013. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9XpQ_UGGt2o&index=1&list=FLa7yT10WOHfTxhm9g440CQA>. Acesso em: 18 abr. 2016.

CESAR, Ana Cristina. *Literatura não é documento*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura : uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Waltensir Outra.

LEMAIRE, Ria. *Repensando a história literária*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

MARIA Bethânia Ultimatum Álvaro de Campos. Intérpretes: **Maria Bethânia**. Música: Ultimatum. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X-zhasBBPOI&index=2&list=FLa7yT10WOHfTxhm9g440CQA>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MONGELLI, Lênia de Medeiros et al. *A literatura portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1992.

REIS, Roberto. *Cânon*. IN. JOBIM, J. L. (org). *Palavras da crítica. Tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. pp. 65-92

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: Apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Quarto Encontro: Aulas 5 e 6

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Macia Madalena Kovalek

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 17/05/2016 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Figuras de Linguagem

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Propor ferramentas (figuras de linguagem) aos alunos das quais se utilizem para melhor interpretar, entender e criar um texto poético.

2.2 – Objetivos específicos:

- a) Instigar nos alunos a capacidade de distinguir o que é linguagem literal e linguagem figurada.
- b) Apresentar quais são as características da linguagem figurada mais recorrentes em nosso cotidiano e na poesia brasileira.

2.3 – Conhecimentos abordados: Linguagem literal e linguagem figurada (desta: metáfora, comparação, hipérbole, sinestesia, metonímia, ironia, prosopopeia (personificação), aliteração, assonância, onomatopeia, pleonasma e eufemismo).

3 – Metodologia

- Solicitar, na aula anterior a esta, que os alunos pesquisem algumas figuras de linguagem em casa para ajudar na explicação (conforme o roteiro no anexo I deste plano);
- Pedir aos alunos que entreguem o roteiro preenchido ao estagiário no início da aula;
- Colocar, um a um, os conceitos no quadro, e perguntar aos alunos, antes de defini-los, se eles sabem seus significados; outros exemplos trazidos pelo estagiário também serão expostos aos alunos e entregues, ao fim da aula, em um quadro resumo para que os alunos coletem no caderno (anexo II), tais como:
 - Exemplos e definições presentes na gramática de Ernani Terra e José Carlos de Azeredo;
 - Exemplos presentes em imagens, quadrinhos e ditados populares (em anexo).
- Após isso, será solicitado aos alunos, de maneira organizada e mediada pelo estagiário, que façam um círculo com as carteiras;
- Será entregue um bilhete para cada aluno contendo uma frase na qual predomina uma figura de linguagem (em anexo); serão trabalhadas 11 (onze) figuras, portanto o total de bilhete será 33 (trinta e três) - três para cada figura; o intuito é que formem trios com a figura mais evidente em cada bilhete;
- Sentados em trio, solicitar que troquem os poemas selecionados e trabalhados no segundo encontro, leiam silenciosamente para suas duplas e tentem identificar alguma figura de linguagem ali para socializar posteriormente;
- Caso não der tempo, deixar a socialização para a aula seguinte.

4 – Recursos necessários

- Quadro branco e caneta
- Pequenas frases contendo figuras de linguagem
- Fotocópias do roteiro e do quadro resumo sobre o tema.

5 – Avaliação: Nesse encontro, a avaliação se dará a partir do interesse do aluno na atividade. Levar-se-á em conta a participação, a capacidade de síntese e de compreensão do aluno, e a efetivação na atividade: prestar atenção, questionar, tentar entender.

6 – Referências

TERRA, E. **Mini Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2007.

AZEREDO, J. C de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publiflilha, 2012.

7 – Anexos

Anexo I: Roteiro de pesquisa

Metáfora

Exemplo _____

Comparação

Exemplo _____

Metonímia

Exemplo _____

Hipérbole

Exemplo _____

Ironia

Exemplo _____

Prosopopeia

(personificação) _____

Exemplo _____

Aliteração _____

Exemplo _____

Assonância _____

Exemplo _____

Onomatopeia _____

Exemplo _____

Pleonasma _____

Exemplo _____

Eufemismo _____

Exemplo _____

Anexo II: Quadro síntese

<p>FIGURAS DE LINGUAGEM; elas estão em nossas conversas de corredor, em <i>chats</i> como <i>Whatsapp</i>, <i>Facebook</i>, na propaganda, quadrinhos, em filme, na TV. Quando bem empregadas, elas se diferenciam da linguagem literal, porque dão mais ênfase, dramatização e mais cor àquilo que se fala.</p>	
Figura de Linguagem	Característica
Metáfora	<p>Consiste em uma frase em que seu sentido literal geralmente se perde e ela só pode ser interpretada em “sentido metafórico”; ou seja, quando se diz “A cidade explodiu em gargalhada ao ver o delegado bêbado”, sabe-se que nenhuma cidade explodiria se todos os seus habitantes gargalhassem juntos, mas o efeito dela é muito mais interessante do que “A cidade inteira gargalhou ao ver o delegado bêbado”. A metáfora também é usada para aproximar duas palavras para querer dizer outra coisa: “amor é dor”, em vez de dizer “o amor dói”; “aquele príncipe é um sapo”, em vez de dizer “ele é feio”.</p>
Comparação (analogia)	<p>Diferente da metáfora, a comparação ou analogia é a aproximação de dois conceitos a fim de atribuir alguma característica de um ao outro. A comparação, porém, é mais evidente do que a metáfora: “os olhos desse bebê são como o mar”, em vez de se dizer “os olhos desse bebê são azuis”, “esperar sua mensagem no <i>Whats</i> foi como ir a uma museu de artes plásticas, ver todos os quadros, anotar os dados, tomar nota e depois passar mais uma vez pra revisar tudo”, em vez de dizer “você demorou.”</p>

Hipérbole	Aumentar o que se tem a dizer a fim de exagerar no sentido; dizer “morri” quando se ouve algo engraçado, por exemplo, é uma hipérbole, esse termo comum na internet vem de “morri de rir”, sabe-se que ninguém morre de rir, por isso, essa expressão significa “ri muito”; “o carro passou voando”, em vez de dizer “o carro estava andando em alta velocidade”; “chorou um balde de lágrimas”, em vez de dizer “chorou muito”.
Sinestesia	Essa figura diz respeito à transferência de sensações próprias de um sentido para outro sentido, ou a mistura de diversas sensações de sentidos diferentes em uma mesma frase, por exemplo: “Essa música tem uma cor bela”; “Meus ouvidos já não tocam mais o seu coração”; “Eu perdi o sabor de estar com ela”.
Metonímia	A metonímia diz respeito a uma substituição de um termo por outro; diferente da metáfora, o sentido dos termos aqui precisa ser similar, veja a diferença: “ele é sem teto”, em vez de dizer “ele não tem casa”, “Eu ouço Emicida”, em vez de dizer “eu ouço as músicas do Emicida”; “ele comeu dois pratos de comida”, em vez de dizer “ele comeu duas vezes” ou “ele repetiu a refeição”. Percebe-se que em todos os casos os termos usados têm relação, porque um diz respeito a somente uma parte “teto”, “músicas do Emicida”, “prato”, enquanto que os outros diz respeito ao todo “casa”, “Emicida” (enquanto figura pública), refeição.
Ironia	A ironia é uma figura que, quando empregada, expressa o contrário daquilo que está se querendo dizer: “Minha nota na prova foi tão boa que eu não vou conseguir passar de ano”, em vez de dizer “minha nota na prova foi ruim”; “Eu adoro as aulas de Língua Portuguesa, porque me dão sono e vontade de ir para casa”.
Prosopopeia (personificação)	Consiste em dar características humanas àquilo que não é humano: “meu coração está sofrendo”; “as folhas sentiam o vento passar”; “aquela carta, de tão cômica, ria nas mãos de seu dono”, “esta imagem fala aos olhos”.
Aliteração	Repetição de sons em uma frase, tanto a aliteração quanto a assonância são muito usadas em trava língua: “O p eito do p é do P edro é p reto”; “ T rês t igres t ristes para t rês p ratos de t rigo”.

Assonância	Repetição sons <u>vocálicos</u> idênticos em uma mesma frase: ‘Olha a bolha d’água/ no galho! / Olha o orvalho’, poema de Cecília Meireles. Perceba que a diferença entre a assonância e a aliteração é que uma diz respeito somente a sons consonantais, enquanto a outra diz respeito tanto a sons consonantais quanto vocálicos.
Onomatopeia	Usar uma expressão cujo som seja similar àquilo que se quer significar: “tic tac do relógio”; “soltei um pum”; “o barulho da porta é ‘toc toc’”. É uma figura usada muita em histórias em quadrinhos.
Pleonasmo	Repetição desnecessária da mesma ideia em uma sentença; “sair para fora”, “subir para cima”, “colorir com cores”. “ver com os olhos”; “Na aula de Língua Portuguesa se ensina Português”
Eufemismo	Usar termos sutis e polidos para se dizer algo desagradável: “eu lamento que seu avô tenha partido dessa pra uma melhor”; “Sua aparência não é lá muito agradável”.

Anexo III: Frases para trabalho em grupo**Metáfora:**

O toque dele é amor puro
Os gêmeos de Tânia têm olhos de jabuticaba
Minha tia é uma bola

Comparação

Ele é tão desagradável como estar estudando com alguém gritando do seu lado
Essa paixão é como o vento, passa, bagunça e vai embora
Os dias na escola são como anos intermináveis

Hipérbole

Morri para fazer esse trabalho
Esperei uma eternidade por você
Ela sofre, pois rios correm dos seus olhos

Metonímia

Bebi três copos de suco e ainda estou tendo sede
Ele só usa Nike
Sócrates bebeu a morte

Ironia

Hoje a sorte sorriu para mim, quase fui atropelado
Se eu continuar tirando 3 nas provas, vou ganhar oito diplomas, um pra cada matéria
De tão amoroso que ele é, me deixou esperando duas horas na frente do cinema

Personificação

Aqueles pássaros sorriram comigo
Quando caí, as paredes sentiram minha cabeçada
Eu gosto desse livro porque ele fala comigo

Eufemismo

Você deixou a verdade de lado
Eu estava no mercado e pus uma maçã na bolsa; estava com fome

Minha mãe não está mais entre nós

Aliteração

Em rápido raptó, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.
Sabia que a mãe do sabiá não sabia que o sabiá sabia assobiar?

Assonância

A Amália ama amoras amarelas
Ele e seu elefante se espiam no espelho
Urubu usando blusa urdiu um golpe no urubu da umbanda

Pleonasmo

Eu comi a comida do prato
Eu vi a cena com meus próprios olhos
De avião se sobe lá em cima

Sinestesia

Esta chuvinha de água viva esperneando luz e ainda com gosto de mato longe, meio baunilha,
meio manacá, meio alfazema
O sol de outono caía com uma luz pálida e macia
O som da sua risada tinha cor de alfazemas

Onomatopeia

Eu não consegui dormir! O cachorro da vizinha ficou no pé da minha janela: era “au au au” o tempo todo. Eu pegava no sono e ele continuava “au au au”.
O tic tac do relógio me dava a certeza de que você não viria.
Esse barulho foi um pum?

Quinto Encontro: Aula 7

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 23/05/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h05min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Figuras de Linguagem (continuação)

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Interpretar enunciados de questões de vestibular. Utilizar a interpretação da questão, juntamente com o conhecimento adquirido em sala, para resolver as questões de maneira eficiente;

2.2 – Objetivos específicos:

- a) Colocar o aluno em contato com as questões do vestibular da UFSC, cujo conteúdo seja figuras de linguagem.
- b) Entender, por meio das questões propostas, que o conteúdo está presente em todos os gêneros de nosso cotidiano: na fala, em placas, em poesia, em textos, em quadrinhos, etc.

2.3 – Conhecimentos abordados: Figuras de linguagem.

3 – Metodologia

- Caso na aula anterior a esta os alunos não conseguirem socializar o que eles entenderam por figuras de linguagem no poema de sua dupla, os quinze primeiros minutos da aula serão reservados a isso;
- Ler coletivamente as questões, perguntando aos alunos quem gostaria de ler os textos presentes nos enunciados;

- Explicar cada questão e expor algumas definições no quadro a respeito de dúvidas que porventura aparecerem;
- Deixar que eles resolvam por si mesmos, ajudando-os a chegar ao resultado sozinhos de acordo com as dicas que os alunos pedirem;
- Reservar os últimos dez minutos da aula para a correção das questões.

4 – Recursos necessários

- Cópia das questões presentes no anexo I deste plano
- Quadro branco e caneta

5 – Avaliação: A avaliação dar-se-á com a participação e o interesse do aluno na resolução das questões, bem como a capacidade de síntese e raciocínio do conteúdo apresentado na hora de se colocar em prática.

6 – Referências

Sem referências

7 – Anexos: Atividade questões do Vestibular UFSC, UDESC e ENEM

QUESTÃO 1 - (UFSC 2011) A poesia pode ser encontrada nas formas e lugares mais inusitados, como nesta inscrição em um para-choque de caminhão:



O texto como aparece acima (todo em maiúsculas e sem sinais de pontuação), apresentado a diferentes leitores, teve as seguintes interpretações:

I) Um dia o interlocutor (a quem o texto é dirigido) estará morto e enterrado, e de nada valerá seu orgulho, que será coberto pela terra.

II) O orgulho do interlocutor é tão grande que cobre o planeta Terra.

Considerando essas duas possibilidades de interpretação, é **CORRETO** afirmar que:

(...)

04. a interpretação I implica uma **metonímia**: a terra cobrir o orgulho significa cobrir a pessoa orgulhosa.

08. a interpretação II implica uma **hipérbole**: o orgulho de alguém é tão grande a ponto de cobrir a Terra.

(...)

QUESTÃO 2 - (UFSC 2016)

TEXTO 5

01 Mas chovia ainda, meus olhos ardiam de frio, o nariz começava a escorrer, eu limpava com
 02 as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pelos, eu enfiava as mãos
 03 avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d'água com as
 04 pernas geladas. Tão geladas as pernas e os braços que pensei em abrir a garrafa para
 05 beber um gole, não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, e eu andava, todo
 06 dia um bom pretexto, e fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem
 07 dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido de fome, e
 08 eu não queria que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, roxas olheiras, teria
 09 que cuidar com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando o
 10 encontrasse, para que não visse o dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando,
 11 sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo o que eu andava fazendo e sendo eu não queria
 12 que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui
 13 percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era
 14 eu, e eu era.

ABREU, Caio Fernando. Além do ponto. In: _____. *Além do ponto e outros contos*. São Paulo: Ática, 2009, p. 23-24.

Com base na leitura do texto 5 e no conto Além do ponto, de Caio Fernando Abreu, é CORRETO afirmar que:

32. o título do conto alude, de modo **metafórico**, ao fim da jornada de vida do protagonista, pois ir além do ponto, neste caso, significou sua morte.

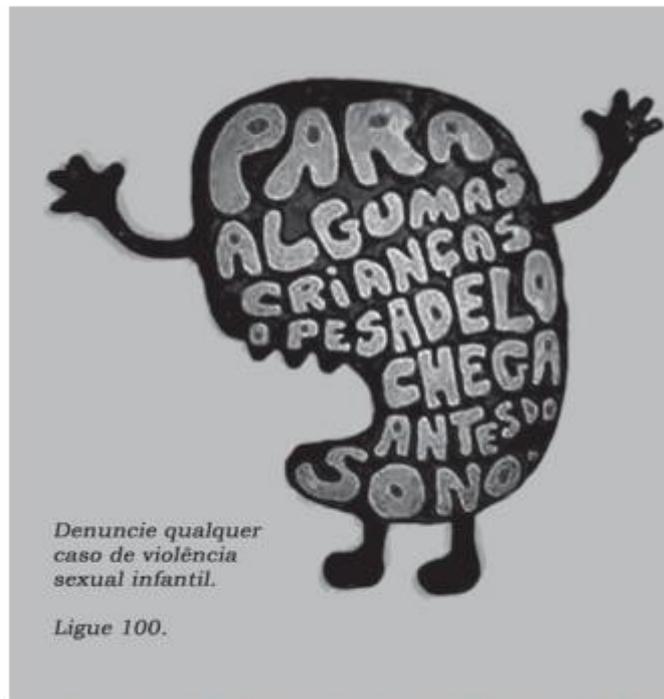
QUESTÃO 3 - (UFSC 2016)



Com base no texto 2, é CORRETO afirmar que:

04. as expressões “mais óbvio” e “inteligente”, no texto, são usadas de forma **metonímica**, apresentando uma relação intrínseca com os termos que qualificam.

QUESTÃO 4 - (ENEM 2014)



Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br. Acesso em: 29 out. 2013 (adaptado).

Os meios de comunicação podem contribuir para a resolução de problemas sociais, entre os quais o da violência sexual infantil. Nesse sentido, a propaganda usa a metáfora do pesadelo para

- A. informar crianças vítimas de abuso sexual sobre os perigos dessa prática, contribuindo para erradicá-la.
- B. denunciar ocorrências de abuso sexual contra meninas, com o objetivo de colocar criminosos na cadeia.
- C. dar a devida dimensão do que é o abuso sexual para uma criança, enfatizando a importância da denúncia.
- D. destacar que a violência sexual infantil predomina durante a noite, o que requer maior cuidado dos responsáveis nesse período.
- E. chamar a atenção para o fato de o abuso infantil ocorrer durante o sono, sendo confundido por algumas crianças com um pesadelo.

QUESTÃO 5 - (UDESC 2015)

Já eram quase sete horas quando resolvi sair de casa. Retirei do alforje o caderno, o gravador e as cartas que me enviaste da Espanha e coloquei tudo sobre uma mesinha de ônix, ao lado do desenho afixado na sala. Por distração ou hábito, deixei no pulso o relógio. Nunca imaginei que naquele dia iria consultá-lo mil vezes, muitas inutilmente, outras para que o tempo voasse ou desse um salto inesperado. Lá fora, a claridade ainda era tênue, e, ao olhar para a vegetação estática do jardim, a mulher opinou: "Só mais tarde é que vai chover".

Hatoum, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9.

II. Em “‘Só mais tarde é que vai chover’ ” a palavra destacada é, morfologicamente, advérbio e pode ser substituída por apenas, sem prejuízo à correção gramatical e ao sentido, no texto.

Sexto Encontro: Aulas 8 e 9

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 24/05/2016 (2ª feira)

Carga horária: 2 aula de 40 minutos

Horário: 18h45min às 19h25min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Criação poética

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Estimular, através da proposta de atividade, a criação poética utilizando conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores quanto à poesia, sua formas, suas adequações, além de aula dedicada às figuras de linguagem que geralmente são encontradas em poesias.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Desenvolver aspectos próprios do gênero literário em questão - a poesia.
- b) Além de trabalhar uma modalidade de linguagem que é, geralmente, pouco explorada, o contato com a poesia exige dos alunos atenção máxima na construção poética, pois os sentidos precisam se preparados previamente para depois pô-los no papel.
- c) Noções de rima, ritmo, forma, adequações e inadequações também serão importantes para o bom andamento desta aula e, sobretudo, para confecção das poesias.
- d) A criação das poesias é o principal objetivo destas aulas, mas é importante ressaltar que a criação literária também é criação textual e, portanto, um exercício de produção

textual e como tal fortalece os vínculos textuais e a intimidade necessária aos alunos em futuras produções.

2.3 – Conhecimentos abordados: criação poética, uso de linguagem apropriada, uso de figuras de linguagem, uso da escrita.

3 – Metodologia

- Estas aulas serão, sobretudo, voltadas para o momento de liberdade de criação cuja justificativa é a necessidade de imersão dos alunos no ambiente poético literário a fim de estreitar laços com formulações típicas da literatura, entendendo que esse é um momento fundamental de contato. É importante ressaltar, ainda, que se entende o contato entre a literatura e os alunos como passo essencial no processo de humanização.
- A aula iniciará com a exposição da proposta de produção. Esta proposta será detalhada em uma folha que será distribuída aos alunos no início da aula.
- Feito isto, dar-se-á seguimento com o início de processo de criação poética.
- Os três estagiários estarão presentes em sala de aula com o intuito de auxiliar os alunos em seus primeiros passos dentro da criação poética.
- Esse auxílio é fundamental, pois a grande maioria dos alunos não têm grande contato com a poesia, além da criação poética ser elemento pouco visitado dentro das escolas de forma geral. O contato com os questionários da turma 3.12 pode apontar que o contato com a poesia é bastante superficial.
- A utilização de figuras de linguagem será um ponto cobrado na produção poética que pode indicar o nível de compreensão do aluno quanto ao tema.
- A atividade será realizada em sala de aula e caso esse tempo não seja suficiente para finalização, a atividade deve ser finalizada em casa e entregue no dia 31/05 para ser avaliada e devolvida para a refacção que será a versão final desta atividade a ser entregue no dia 06/06.

4 – Recursos necessários:

- Atividade de produção impressa;
- Folhas;
- Poemas que servirão de inspiração; e
- Quadro branco e caneta.

5 – Avaliação: Considerando a avaliação como processo contínuo, os alunos serão avaliados nesse dia pelo seu interesse e empenho na realização da atividade. A não realização dessa

atividade implicará em perda de nota, contando que a primeira versão terá peso 5 e a última terá peso 5 totalizando uma nota só com a soma dessas duas produções. Tal medida, pode impulsionar a dedicação dos alunos em suas produções.

6 – Referências

CESAR, Ana Cristina. **Literatura não é documento**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980
TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: Apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

7 - Anexos

Anexo 1: Atividade avaliativa

1. Agora é a sua vez de exercitar sua criatividade e imaginação. Em uma folha crie uma poesia, buscando trazer elementos que você estudou nesse período como: rimas, neologismos, musicalidade, plurissignificação.
Esta atividade é trabalhosa e exige muita atenção, portanto, inicie o quanto antes. Ao fim da aula ela deverá ser entregue.
2. Dica: Procure selecionar primeiro o tema, isso facilita a produção. Além disso, busque falar de algo que conhece ou viveu, também fica mais fácil.
3. Esta poesia, depois de concluída, irá fazer parte de um varal literário que será exposto na escola. Capriche! ;)

Sétimo Encontro: Aula 10

1 – Dados de identificação:

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 30/05/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Intertextualidade e paródia na poesia

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Trabalhar a paródia na poesia enquanto instrumento de intertextualidade que produz novos discursos.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Proporcionar aos alunos a leitura de poemas que expressam paródia.
- b) Instigar a leitura reflexiva, instigando-os a conceituar a paródia como recurso poético intertextual da linguagem.
- c) Mediar questionamentos e discussões a partir dos exemplos trazidos a fim de lapidar a capacidade leitora dos alunos acerca do texto poético, estimulando-os a perceber as intenções intertextuais antes de conceituar a paródia enquanto recurso intertextual.

2.3 – Conhecimentos abordados: Prática da leitura literária; intertextualidades entre o texto lido e outros textos poéticos que servem de referência aos textos apresentados na aula; sistematização dos efeitos de sentido provocados pelo texto; exposição oral das interpretações e das impressões sobre a poesia lida em sala.

3 – Metodologia:

- Por meio da exposição de paródias produzidas a partir de obras clássicas da pintura, pretende-se despertar nos alunos uma reflexão profunda acerca da relação existente entre os diversos textos literários que circulam no meio social.
- Ouvir os alunos e instigá-los a socializarem o que sabem sobre essas relações que os textos apresentam com outros textos por meio das imagens e perguntas expostas nos slides (em anexo) preparados para esta aula.
- Construir coletiva e oralmente o conceito de intertextualidade e expor, de forma sistemática, o conceito trazido pela estagiária.
- A partir da percepção acerca do que é intertextualidade e do quanto é comum estabelecer-se intertextualidades na vivência cotidiana, nas mais diversas esferas sociais e situacionais da comunicação, apresentar paródias de poesias conhecidas para que os alunos leiam e tentem perceber a intertextualidade existente entre as paródias e seus textos bases. Caso os alunos não percebam de imediato a intertextualidade ou não

conheçam as poesias originais, elas serão apresentadas para que o processo de (re)criação exposto nas paródias fique claro.

- Questionar os alunos sobre o que entendem por paródia, que conhecimentos possuem a respeito deste tipo de intertextualidade presente nos mais diversos campos da literatura, como na pintura, na poesia e na música.
- Instigar a leitura individual e coletiva das poesias paródias selecionadas para essa aula, mediando o confronto entre o original e o parodiado e enfocando que o conhecimento do texto original, que inspira a paródia, é responsável por uma determinada interpretação que será totalmente diferenciada se não se toma conhecimento do texto inspirador, o texto “fonte” parodiado em forma de uma nova poesia.
- Aproveitar as poesias expostas nos slides para fomentar nos alunos a prática da leitura/escuta de poesia enquanto experiência de sentido, pedindo para que leiam calmamente, que um aluno leia e os demais acompanhem a leitura atentos, para que acompanhem a leitura feita pela estagiária e percebam como a escuta e o proferir do enunciado contribuem para a sua construção de sentido interpretativo.
- Ao final da aula, pedir que os alunos recapitem os conteúdos trabalhados respondendo oralmente a seguinte questão: O que é, então, uma paródia? Em seguida, pedir que leiam e anotem no caderno o conceito sistematizado pela estagiária.
- Propor que os alunos tragam de casa, para a próxima aula, exemplos de paródias em outras poesias, solicitar que pesquisem na internet e não se esqueçam de que o conhecimento do texto original influencia na leitura do texto parodiado. Na próxima aula, os exemplos serão socializados entre os alunos.

4 – Recursos necessários:

- Projetor multimídia para exibição da apresentação em *Power point*;
- Quadro branco e caneta;
- Sala multimídia; e
- *Pen drive*.

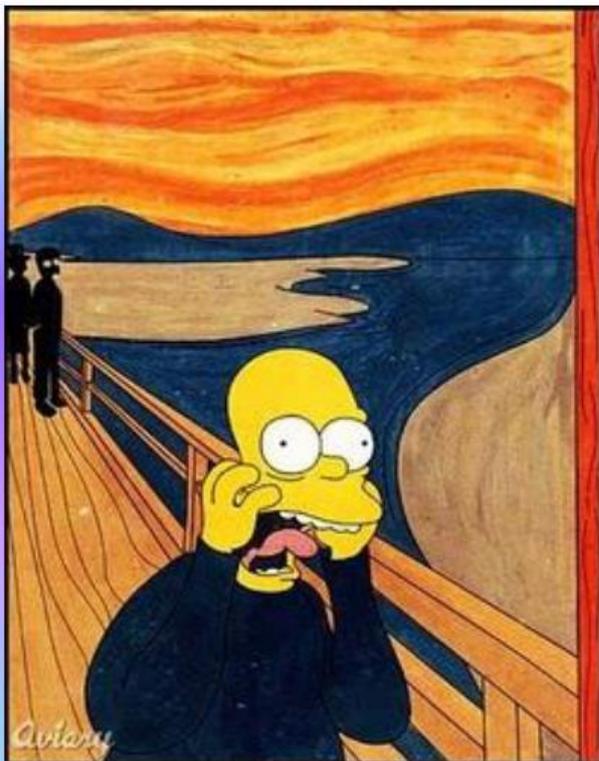
5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados pela participação na aula que será expositiva e dialogada, essa participação será verificada por meio de anotações visando valorizar o desempenho dos alunos que questionam, acompanham as discussões propostas e tomam nota dos conteúdos trabalhados na aula.

6 – Anexos: Slides trabalhados na aula

RELEITURAS: POESIA E (RE)CRIAÇÃO

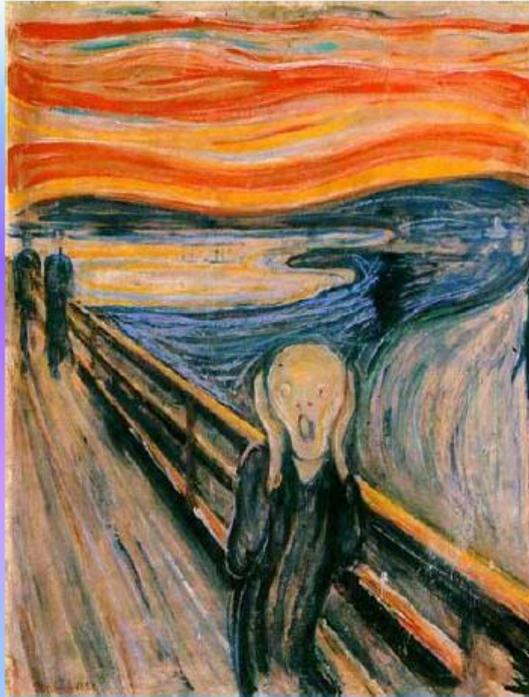


Estagiários: Samara H. Corrêa, Thalisson E. A. Machado e Tiago Carturani



O GRITO, Homer Simpson

- O que essa imagem representa?
- Com quais textos essa imagem se relaciona? (outros quadros, livros, filmes, músicas, poesias)
- Como é possível perceber essa relação?



O Grito, Edvard Munch (1893)

- Que semelhanças e diferenças há entre a imagem anterior (Homer Simpson) e a Obra de Edvard Munch?
- É possível afirmar que uma imagem foi inspirada na outra? Por quê?
- Sem conhecer a imagem original, é possível compreender o sentido de sua releitura?

Intertextualidade

- Os textos se relacionam entre si;
- Textos se misturam a outros textos, como um mosaico de citações;
- Uma obra é sempre uma leitura “contaminada” de outra obra.

A Última Ceia, Leonardo da Vinci, (1495-1497)



Última Ceia, atores e atrizes de Hollywood

Canção do Exílio às Avestas
Jô Soares

Minha Dinda tem cascatas
 Onde canta o curió
 Não permita Deus que eu tenha
 De voltar pra Maceió.
 Minha Dinda tem coqueiros
 Da Ilha de Marajó
 As aves, aqui, gorjeiam
 Não fazem cocoricó.

Minha Dinda tem piscina,
 Heliporto e tem jardim
 feito pela Brasil's Garden:
 Não foram pagos por mim.
 Em cismar sozinho à noite
 sem gravata e paletó
 Olho aquelas cachoeiras
 Onde canta o curió.

O meu céu tem mais estrelas
 Minha várzea tem mais cores.
 Este bosque reduzido
 deve ter custado horrores.
 E depois de tanta planta,
 Orquídea, fruta e cipó,
 Não permita Deus que eu tenha
 De voltar pra Maceió.

No meio daquelas plantas
 Eu jamais me sinto só.
 Não permita Deus que eu tenha
 De voltar pra Maceió.
 Pois no meu jardim tem lagos
 Onde canta o curió
 E as aves que lá gorjeiam
 São tão pobres que dão dó.

Minha Dinda tem primores
 De floresta tropical.
 Tudo ali foi transplantado,
 Nem parece natural.
 Olho a jabuticabeira
 dos tempos da minha avó.
 Não permita Deus que eu tenha
 De voltar pra Maceió.

Onde canta o curió.
 Não permita Deus que eu tenha
 De voltar pra Maceió.

Até os lagos das carpas
 São de água mineral.
 Da janela do meu quarto
 Redescubro o Pantanal.
 Também adoro as palmeiras

Finalmente, aqui na Dinda,
 Sou tratado a pão-de-ló.
 Só faltava envolver tudo
 Numa nuvem de ouro em pó.
 E depois de ser cuidado
 Pelo PC, com xodó,
 Não permita Deus que eu tenha
 De acabar no xilindró.

**Canção do Exílio - Raquel
Maythenand**

Minha terra não tem palmeiras
E nem sabiá a cantar
As aves que aqui gorjeavam,
já foram para outro lugar.

Nosso céu não tem estrelas,
nossas várzeas não tem flores
Nossos bosques estão sem vida
e nossas vidas sem amores.

Ao cismar, sozinha, à noite,
não encontro mais prazer lá.
Minha terra não tem palmeiras
e nem sabiá a cantar.

Minha terra não tem primores
Que tais eu encontro cá.
Ao cismar, sozinha, à noite
Não encontro mais prazer lá.
Minha terra não tem mais palmeiras
e nem sabiá a cantar.

Não permita Deus que eu morra
Antes de ver o meu Brasil mudar
Onde possa ver primores, que agora
não consigo enxergar
Minha terra não tem palmeiras
mas um dia ela terá.

O que há de comum entre essas duas poesias lidas?

Você conhecia alguma dessas poesias?

Qual a temática tratada nessas poesias?

Essas poesias apresentam alguma semelhança com outra poesia conhecida? Qual?

Canção do Exílio
(Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(1843)

E agora, mané?
A água acabou,
O gelo derreteu
o povo morreu,
a noite congelou,
e agora, mané ?
e agora, você ?
você que é sem honra,
que zomba da vida
você que desmata,
que caça e trafica,
e agora, mané?

Está sem sua presa,
está sem comprador,
está sem dinheiro,
já não pode matar,
já não pode cortar,
vender já não pode,
a noite congelou,
o dia não veio,
a noite não veio,
a vida não veio,

não veio a tua grana
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo morreu,
e agora, mané ?

E agora, mané ?
Sua podre palavra,
seu instante de viagem,
sua caça e carniça,
sua estátua de marfim,
seu diamante de sangue,
seu casaco de pele,
sua incoerência,
seu ódio - e agora ?

Com a arma na mão
quer matar a caça,
não existe caça;
quer pescar predatoriamente,
mas o mar secou;
quer ir pra Suíça,
Suíça não há mais.
mané, e agora ?

Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você fumasse
 a erva amazonense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse...
 Mas você não morre,
 é o seu castigo, mané !

Sozinho no escuro
 Num mundo acabado,
 sem civilização,
 sem sofá felpudo
 para se deitar,
 sem Jaguar preto
 que possa dirigir,
 você vaga, mané!
 mané, pra onde ?

Lucas Koehler (2009)

José

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora, José?
 e agora, Você?
 Você que é sem nome,
 que zomba dos outros,
 Você que faz versos,
 que ama, protesta?
 e agora, José?

Está sem mulher,
 está sem discurso,
 está sem carinho,
 já não pode beber,
 já não pode fumar,
 cuspir já não pode,

a noite esfriou,
 o dia não veio,
 o bonde não veio,
 o riso não veio,
 não veio a utopia
 e tudo acabou
 e tudo fugiu
 e tudo mofou,
 e agora, José?

E agora, José?
 sua doce palavra,
 seu instante de febre,
 sua gula e jejum,
 sua biblioteca,
 sua lavra de ouro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio, - e agora?

Com a chave na mão
 quer abrir a porta,
 não existe porta;
 quer morrer no mar,
 mas o mar secou;
 quer ir para Minas,
 Minas não há mais.
 José, e agora?

Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você tocasse,
 a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,

se você morresse...
 Mas você não morre,
 você é duro, José!

Sozinho no escuro
 qual bicho-do-mato,
 sem teogonia,
 sem parede nua
 para se encostar,
 sem cavalo preto
 que fuja do galope,
 você marcha, José!
 José, para onde?

Carlos Drummond de Andrade

A gente

Era uma gente desencantada
 muito omissa, acomodada
 Ninguém ousava dizer um não
 Tão adestrado ao circo e pão
 ninguém sonhava mais auriverde
 até o protesto ganhar a rede
 A malandragem mandava ali
 agora o povo é que manda aqui
 Era uma gente desrespeitada
 tão insegura, deseducada
 Saúde pública não tinha não
 Só factóide e embromação
 O social na rua e rede
 pôs a política contra a parede
 ninguém aceita mentira enfim
 corrupção pra longe daqui
 Já brada o povo com muito esmero
 não mais os bobos queremos zelo
 pelo país que a muito espero
 não sou mais tolo sei o que quero

Autor desconhecido

A Casa – Vinícius de Moraes

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque a casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero.

(1970)

PARÓDIA

- A partir de um texto base, cria-se um “novo” texto (poesia)
- Pode apresentar intenção crítica, deboche e confronto histórico-social entre épocas.
- É uma forma de **intertexto**, exige que o leitor conheça o texto base, o texto primeiro.
- Apropria-se de determinadas características do texto base como a estrutura e algumas palavras e frases. Porém, estabelece uma completa alteração do significado do primeiro texto.

<http://almanaquenilomoraes.blogspot.com.br/2014/08/parodias-de-poemas.html>



7 – Referências

FERRAZ, Salma. **Estudos Literários III: A Metalinguagem na Literatura de Expressão Portuguesa**. EAD-UFSC, 2011.

Disponível em <http://blogdojeffrossi.blogspot.com.br/2015/02/15-parodias-eou-versoes-do-poema-cancao.html> Acesso em 18/04/2016

Disponível em <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/goncalves-dias-cancao-do-exilio/> Acesso em 18/04/16

Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/1534757> Acesso em 18/04/2016

Disponível em <http://www.aponarte.com.br/2013/06/a-gente-parodia-de-casa-vinicius-de.html> Acesso em 18/04/2016

Disponível em <http://almanaquenilomoraes.blogspot.com.br/2014/08/parodias-de-poemas.html> Acesso em 19/04/2016

Disponível em <http://almanaquenilomoraes.blogspot.com.br/2014/08/parodias-de-poemas.html> Acesso em 19/04/2016

Oitavo Encontro: Aulas 11 e 12

1 – Dados de identificação:

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 31/05/2016 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18:45 às 20:05.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Paródia na música

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Mediar a relação do aluno com paródias existentes no campo da música a fim de fomentar a percepção de que a ideia de parodiar músicas e videoclipes é bastante moderna e está presente no horizonte de leitura de muitas pessoas.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Relacionar o conteúdo trabalhado na aula anterior, paródia na poesia, com outras possibilidades de paródias próximas ao cotidiano dos jovens, a paródia musical.
- b) Disponibilizar tempo para que os alunos ouçam, acompanhem as letras das músicas e acompanhem visualmente a paródia de videoclipes selecionados para essa aula.
- c) Questionar os alunos acerca das possíveis intertextualidades presentes nas paródias trabalhadas.
- d) Propor a atividade de criação da paródia, em grupos.

2.3 – Conhecimentos abordados: Intertextualidades entre letras de músicas e outros enunciados histórico-sociais que circulam nas mais diversificadas esferas comunicacionais; prática de leitura e escuta de letras de músicas originais e de paródias criadas a partir delas; noções de rima e ritmo musicais; conhecimento de mundo que permita a interpretação das críticas, protestos e deboches apresentados pelas paródias.

3 – Metodologia:

- Distribuir aos alunos as poesias realizadas na atividade avaliativa proposta no dia 24/05. As poesias serão entregues com a nota de zero a cinco atribuídas à primeira versão e com recomendações de reescrita feitas pelos estagiários.
- Informar aos alunos que eles deverão entregar a poesia reescrita no dia 6/06 para que seja exposta no varal de poesias que será pendurado nos corredores da escola. Para isso, devem reescrever, revisar e passar a limpo suas poesias da forma como gostariam de vê-las expostas, podem fazer ilustrações, digitá-las no computador e imprimi-las, escrever em um papel diferenciado ou pedaço de cartolina, como considerarem

melhor. Este processo de ajustes finais será realizado como tarefa para casa, não será disponibilizado tempo para a refação em sala.

- Recapitular com a turma o conteúdo trabalhado na aula anterior, a saber, paródias na poesia brasileira, buscando fazer com que os alunos relembrem o que é uma paródia e quais suas características, bem como recordem algumas das poesias parodiadas trabalhadas na aula anterior.
- Perguntar aos alunos se o recurso intertextual da paródia conceituado na aula anterior está presente apenas na poesia ou em outras manifestações artísticas.
- Explicar que esta aula será dedicada ao contato dos alunos com a paródia na música, por meio da leitura e escuta de letras de músicas originais e de paródias criadas a partir destas.
- As paródias serão apresentadas por meio de vídeos disponíveis no site *youtube*. A sequência das paródias está organizada na apresentação dos slides preparados para esta aula (em anexo). A ideia é que partindo de produções mais antigas, chegue-se as paródias de vídeoclipes de músicas mundialmente conhecidas, que estabelecem alguma crítica ou deboche no enredo recriado.
- Após o contato com cada paródia, questionar os alunos se conseguem perceber que tipo de crítica ou sátira está embasando cada uma, mediando os diálogos a respeito das intertextualidades presentes nas paródias exploradas.
- Distribuir a atividade de criação das paródias para os alunos, ler em voz alta e explicar como eles deverão proceder na realização dessa atividade (em anexo).

4 – Recursos necessários:

- Quadro branco e caneta, caso necessário
- Pen drive
- Projetor multimídia
- Sala multimídia com acesso à internet.

5 – Avaliação: Por se tratar de uma aula expositiva e dialogada, os alunos serão avaliados pela participação nas discussões propostas, pelo interesse em entender o conteúdo trabalhado e por prestarem atenção nas letras de músicas e vídeos apresentados pela estagiária. Esse interesse será registrado por meio de anotações que atribuam pontos positivos aos alunos que participem efetivamente da aula, e pontos negativos aos que se mostrem desatentos e desinteressados no conteúdo e nas atividades propostas. Essas anotações serão consideradas

no momento de atribuição de notas às atividades avaliativas, podendo aumentar ou diminuir o valor da nota do aluno.

6 – Referências

Disponível em <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/drumm1.html> Acesso em 26/04/2016
Disponível em <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45110/> Acesso em 26/04/2016

7 – Anexos

Anexo I: Poema das sete faces, Carlos Drummond de Andrade (1930)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do -bigode,

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Anexo II: Letra da música Até o Fim - Chico Buarque (1978)

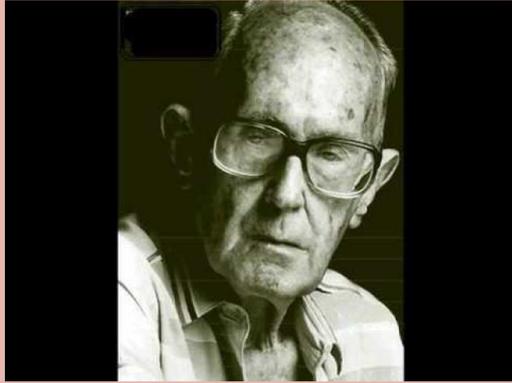
Quando nasci veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim
"inda" garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão , eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim
Eu bem que tenho ensaiado um progresso
Virei cantor de festim
Mamãe contou que eu faço um bruto sucesso
Em quixeramobim
Não sei como o maracatu começou
Mas vou até o fim

Por conta de umas questões paralelas
Quebraram meu bandolim
Não querem mais ouvir as minhas mazelas
E a minha voz chinfrim
Criei barriga, a minha mula empacou
Mas vou até o fim
Não tem cigarro acabou minha renda
Deu praga no meu capim
Minha mulher fugiu com o dono da venda
O que será de mim ?
Eu já nem lembro "pronde" mesmo que eu vou
Mas vou até o fim
Como já disse era um anjo safado
O chato dum querubim
Que decretou que eu estava predestinado
A ser todo ruim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim.

Anexo III: Slides utilizados na aula



Poema das sete faces - Carlos Drummond de
Andrade
(1930)



Até o fim - Chico Buarque (1978)



Elis Regina e Tom Jobim - Águas de Março
(1972)





Paródia de águas de Março - Tom Jobim e Elis Regina (2013)

Adele - Hello (2015)



Qual é a senha do wifi?

(Paródia Adele - Hello)

(2015)



Rihanna - Diamonds (2012)



Tô sem sinal da tim (Paódia Diamonds - Rihanna (2013)



O recurso da paródia pode ser usado para diversos fins

"Baile de favela", do Mc João, virou "Baile de greve" na versão dos estudantes e professores da Escola Estadual de Arte Dramática Martins Fenna, no Centro do Rio de Janeiro. Sem aula há mais de uma semana, e um dia depois que o governador Luiz Fernando Pezão adiou mais uma vez o pagamento dos servidores públicos, a escola apostou num ato artístico para chamar a atenção dos deputados.

Fonte: G1.com (março de 2016)



REFERÊNCIAS

Disponível em https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=667&q=par%C3%B3dia+na+m%C3%A9sica&oeqpar%C3%B3dia+na+m%C3%A9sica&sa_l=img.12...1024.4422.0.5985.17.11.0.5.0.0.256.1703.0j3j5.8.0...0...lac.1.64.img..4.7.1456.TmgfK1V1VMQ#hl=pt-BR&tbm=isch&q=par%C3%B3dia+na+m%C3%A9sica&exemplos&imgre=911qP6vFWK5uDM3A Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YQhXmG1C9A> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2Y4IrgYUM2w> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7rjn3QLQtk0> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tWslE2BFNDE> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LWA2p3MjpbS> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1WLE8pVLgNE> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EXMxymMrYcM> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=94f7YVCsvuo> Acesso em 26/04/2016

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7cKLDmN82NU> Acesso em 26/04/2016

Anexo IV: Atividade avaliativa

1. Nas últimas aulas vocês entraram em contato com a paródia na poesia e na música, leram, ouviram e assistiram a diversas formas de paródias. Também foi possível perceber a intertextualidade expressa nesse tipo de texto, que geralmente apresenta alguma visão crítica ou deboche de cunho político, social e/ou histórico.

2. A paródia, conforme debateu-se em sala de aula, nasceu na poesia “moderna” e vem sendo produzida constantemente em vários contextos de criação, como na pintura, em filmes, vídeos e músicas.

3. Agora, é a vez de vocês criarem suas próprias paródias, sendo autores e compositores. Reúnam-se em grupos com quatro integrantes cada um para trabalharem juntos, escolham o texto base, a música original que inspirará a construção de vocês e desenvolvam a criação de uma paródia.

4. Cada grupo deverá criar a sua paródia trabalhando em sala. Serão disponibilizadas quatro aulas no total para a criação, e o produto final será socializado no dia 28/06. A apresentação poderá ser “ao vivo”, ou, se preferirem, vocês poderão criar um vídeo no qual apresentem a paródia que será exibido para toda a turma na data prevista (28/06). Sejam ousados e criativos tanto no conteúdo do texto quanto no compartilhamento do produto final com a turma.

5. Esta atividade valerá uma nota de zero a dez e considerará todo o processo de debate em grupo, exposição e defesa de opiniões e pontos de vistas, criação, revisão e refacção, caso necessário.

6. Os estagiários estarão auxiliando no que for necessário durante todo esse processo. Bom trabalho e mãos à obra!

Nono Encontro: Aula 13**1 – Dados de identificação:**

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 06/06/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Continuação da proposta de atividade (em grupo) sobre paródia

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Aprimorar a capacidade de criação dos alunos, utilizando-se de recursos abordados e apresentados anteriormente em sala de aula. Mediar a atividade por meio de comentários a respeito do que eles já têm em mente para a criação.

2.2 – Objetivos específicos

- a) Trabalhar em grupo.
- b) Instigar os alunos, por meio de uma criação musical já pronta, a adaptarem-na em paródia.
- c) Ressaltar as características principais do gênero enquanto a atividade em grupo se inicia.

2.3 – Conhecimentos abordados: Trabalho em grupo; criação de paródia.

3 – Metodologia

- Perguntar aos alunos o que eles sabem a respeito do gênero paródia, tendo em vista o material anteriormente apresentado em aula. Desta maneira os alunos lembrarão o conteúdo trabalhado na aula anterior, bem como terão a oportunidade de socializar outras formas de paródia que possivelmente conheçam.

- Mediar a atividade de criação da paródia musical proposta na aula anterior solicitando que os alunos se reúnam em grupos de quatro integrantes cada um, conforme sugere a atividade avaliativa de criação, e comecem a produção da paródia.
- Auxiliar os alunos na criação enfatizando que o primeiro passo é estar bem familiarizado com a música original a partir da qual se construirá a paródia. O segundo passo consiste em entender bem o ritmo utilizado na melodia da música que servirá como texto base. A partir desses dois importantes passos os alunos devem escolher o tema de sua paródia e iniciarem a construção dos versos e estrofes, dando forma as suas criações.
- Expor novamente aos alunos, se necessário, conceitos que ficaram obscuros acerca do recurso intertextual expressado na paródia.
- Passar nas carteiras para auxiliar os alunos no que for necessário, instigando-os a aproveitarem essa oportunidade para debater assuntos que considerem pertinentes, escolhendo temas que mereçam ser discutidos e refletidos socialmente.

4 – Recursos necessários

- Quadro branco e pincel, caso necessário; e
- Elementos sobre paródia que porventura sejam necessários.

5 – Avaliação: A avaliação dar-se-á pela participação na atividade; a maneira como eles se dão com os demais integrantes do grupo (se aceitam dicas do grupo, dos estagiários, dos colegas; se respeitam opiniões alheias; se estão participando ativamente no grupo, etc).

6 – Referências

Sem referências

7 – Anexos

Sem anexos

Décimo Encontro: Aulas 14 e 15

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 07/06/2016 (3ª feira)

Carga horária: 2 aula de 40 minutos

Horário: 18h45min às 19h25min e 19h25min às 20h15min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Atividade sobre paródia (continuação 1ª parte)

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: A aula tem como principal função de propiciar tempo para a confecção da paródia - atividade que foi solicitada e iniciada nas aulas anteriores.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Auxiliar os alunos na produção de suas paródias, ressaltando a dimensão satírica que envolve a produção de uma paródia.
- b) Relembrar conceitos como rimas e ritmo, fundamentais para a produção de uma boa paródia musical.
- c) Ressaltar o uso da língua em produção de texto, o que fortalece os vínculos dos alunos com produções textuais em diversos gêneros, não somente os mais trabalhados na escola e necessários em provas, concursos e vestibulares.
- d) Proporcionar aos alunos a experiência do trabalho em equipe, fundamental na vida escolar e social.

3 – Metodologia

- Esse encontro que contempla duas aulas de 40 minutos será disponibilizado na íntegra para a realização das atividades relacionadas à produção da paródia.
- O estagiário responsável pela aula e seus dois colegas estarão à disposição dos alunos para auxiliá-los na produção das paródias. A atenção dedicada à turma será máxima já que se trata de uma atividade realizada em grupo. Portanto, todos os grupos poderão solicitar auxílio e esse atendimento será rápido e eficiente.

4 – Recursos necessários:

- Quadro branco e pincel, caso necessário.

5 – Avaliação: No processo contínuo de avaliação, nestas aulas, os alunos serão avaliados conforme seu interesse na criação da paródia. Estas aulas são momentos propícios para sanar

dúvidas. Discussões, apontamentos, dicas serão bem-vindas e valorizadas por meio de anotações e pontos positivos e negativos a serem somados à nota atribuída ao produto final.

6 – Referências

Sem referências.

7 - Anexos

Sem anexos.

Décimo Primeiro Encontro: Aula 16

1 – Dados de identificação:

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 13/06/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Finalização das paródias

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Proporcionar aos alunos a interação em grupos e o momento de revisão e finalização da produção criativa de paródia por meio de intertextualidade e reflexão crítica acerca da linguagem.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Proporcionar aos alunos a oportunidade de se dedicarem inteiramente ao trabalho de finalização da elaboração das paródias.
- b) Disponibilizar tempo para que os alunos revisitem seus textos e refaçam determinadas mudanças e melhorias que considerarem necessárias.
- c) Mediar a relação dos grupos e o processo de reflexão intertextual exigido pela atividade.
- d) Lançar a ideia de que cada grupo grave sua paródia em formato de vídeo a ser socializado com a turma na apresentação prevista para a aula posterior (14/06).

2.3 – Conhecimentos abordados: Intertextualidades entre letras de músicas e outros enunciados histórico-sociais que circulam nas mais diversificadas esferas comunicacionais; revisão e olhar crítico sobre a própria criação; prática da leitura, escuta e da oralidade; noções de rima e ritmo musicais.

3– Metodologia:

- Enfocar a importância da colaboração de todos diante do tempo da aula disponibilizado para a finalização das paródias que exige concentração e dedicação ao debruçamento sobre a construção do texto e à reflexão sobre os dizeres nele expostos.
- Retomar a atividade que vem sendo realizada nas duas aulas anteriores e solicitar que os alunos retomem a produção da paródia já em andamento para finalizarem nesta aula.
- Disponibilizar o tempo da aula para que cada grupo, efetivamente, finalize sua paródia a ser apresentada como atividade avaliativa na aula posterior.
- Auxiliar os alunos no que for necessário, passando nas carteiras para verificar o andamento da atividade e retirar as dúvidas dos alunos.
- Acompanhar o andamento das finalizações, percebendo como cada um se relaciona com o processo de “fechamento” do texto criativo.
- Passar nas carteiras para acompanhar o andamento das finalizações, percebendo como cada um se relaciona com o processo de fechamento do texto criativo.
- Ao final da aula, propor aos grupos que, em casa, gravem suas paródias em arquivos de vídeo a serem compartilhados com toda a turma no momento de apresentação previsto para a próxima aula. Desta forma, cada grupo traz sua gravação e apresenta à turma, finalizando a atividade avaliativa de criação do gênero paródia presente na música.

4– Recursos necessários:

- Textos com as letras das músicas originais utilizadas para parodiar trazidos pelos alunos.
- Produção textual dos alunos em andamento.
- Quadro branco e pincel, caso necessário.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados durante o processo de escrita por meio da anotação de observações, isto é, do levantamento daqueles que, de fato, realizam a atividade proposta se mostrando interessados em reconstruir seu texto da melhor forma para torná-lo produto final que será gravado e apresentado publicamente. A forma como o aluno realiza a proposta dessa aula agregará valor à nota atribuída a esse produto final.

6 – Referências

Sem referências.

7 – Anexos

Sem anexos.

Décimo Segundo Encontro: Aulas 17 e 18

1 – Dados de identificação:

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Mdalena Kovalek

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 14/06/2016 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Apresentação da atividade sobre paródia

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Compartilhar com os demais a produção de cada grupo e dar visibilidade à produção dos alunos dentro da sala de aula, para que eles possam ver e comparar o trabalho deles ao dos colegas de turma, percebendo as diferenças na escolha.

2.2 – Objetivos específicos:

- a) Colocar as atividades em contato com a produção de todos os alunos, para que se perceba utilidade naquilo que se faz dentro da sala de aula.
- b) Avaliar a si mesmo visto em uma tela em gravações expostas para todos da turma: postura, vocabulário, estruturação das estrofes da música, sua organização, etc.

2.3 – Conhecimentos abordados: Reconhecimento dos trabalhos feitos até então, por meio de apresentação audiovisual. Percepção de todo o conteúdo visto até então, bem como a visualização das características do trabalho dos outros colegas, para que se tenha o entendimento da diversidade do perfil de cada um por meio da maneira pela qual se usou para se realizar cada atividade.

3 – Metodologia

- A aula se iniciará com a apresentação das atividades realizadas em sala de aula até então: paródias gravadas em vídeo.
- Por ordem de escolha, os grupos, um a um, irão apresentar aos demais a filmagem da sua paródia, ou apresentarão ao vivo a produção, cantando para toda a turma.

4 – Recursos necessários

- Projetor; e
- Sala Multimídia.

5 – Avaliação: A avaliação levará em conta: a criatividade dos alunos; a escolha do vocabulário, a adequação ao gênero, a construção das sentenças e a ordem no todo da apresentação, tendo como base o cerne da paródia: tratar o tema escolhido de maneira crítica; a maneira como se portam diante dos colegas e professores; a seriedade e o comprometimento com a apresentação. Este produto final será avaliado por meio de uma nota de zero a dez.

6 – Referências

Sem referências

7 – Anexos

Sem anexos

Décimo Terceiro Encontro: Aula19

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 20/06/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 45 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: O que é poesia concreta?

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Contextualizar elencando exemplos de poesia concreta. Para essa aula está previsto o primeiro contato com a forma concreta, tipo estilístico utilizado em meados do século XX, que teve grandes representantes no Brasil como Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Possibilitar o contato dos alunos com poesia concreta, buscando, para isso, títulos na biblioteca da escola que possam servir de base para esse contato, visto que nesse estilo de poesia o contato visual é essencial.
- b) O contato com outras vertentes artísticas na poesia, sobretudo o que já foi estudado em aulas anteriores, serve como base para comparações de estilos, bem como a compreensão do lugar de destaque que tem a poesia concreta diante do momento histórico em que ela ganhou força, principalmente no Brasil.
- c) Procurar estabelecer ligações entre momentos históricos e movimentos artísticos, levando a compreensão de que esses fatos estão conectados, além de trazer vestígios de poesia concreta na atualidade.
- d) Fazer aproximações entre poesia concreta e propaganda.

2.3 – Conhecimentos abordados: poesia concreta; principais representantes; história da arte; história mundial; atualidades das propagandas.

3 – Metodologia

- O início desta aula deve ser prioritariamente explicativo, posto que esse é um conteúdo que faz parte de um macro tema - a poesia. Ele será introduzido através de imagens em slides e através de conteúdo impresso.
- O maior foco da aula é apresentar a representação da poesia concreta, trazendo seus elementos fundamentais, visto que nessa estilística, há outras formulações que não são as clássicas representadas em grande escala em forma de soneto e suas derivações.
- O contato com esse estilo específico de poesia vem ao encontro de dois objetos: estar de acordo com os planejamentos traçados pela professora regente da turma que trabalhará fundamentalmente as reverberações artísticas do século XX, incluindo vanguardas europeias e contextos nacionais. Além disso, a proposta de trabalho com poesia concreta se justifica pela abrangência que possui em sua criação, possibilitando o uso de linguagens variadas e trazendo grande apelo imagético. Este, por sua vez, é

de grande importância na sociedade atual e de uso massificado. Logo, promover o contato crítico com esse conteúdo é fundamental na escola.

- Mesmo em se tratando de uma aula mais expositiva, a aula estará aberta para questionamentos, dúvidas e apontamentos. A participação dos alunos é importante, principalmente, porque a partir de seus apontamentos se pode delinear uma aula mais personalizada, incidindo diretamente em suas dúvidas.
- A atenção deve ser fundamental já que está prevista a elaboração de uma poesia concreta pelos alunos, para isso, eles precisam dominar os elementos básicos desse segmento da poesia.

4 – Recursos necessários:

- Quadro branco e pincel
- Projetor
- Sala multimídia
- Computador
- Apresentação de slides
- Pen drive
- Impressos sobre poesia concreta (da biblioteca ou pessoais)

5 – Avaliação: Em aulas cuja maior tarefa está em apresentar novo conteúdo, a apresentação precisa de atenção especial da turma, por isso, além de contar com uma avaliação que é contínua e que privilegia o processo, os alunos também serão avaliados pelo seu interesse em sala de aula, além de serem avaliadas suas posturas em sala de aula. Por se tratar de uma turma numerosa, conversas e outras distrações podem atrapalhar a aula, trazendo prejuízos para toda a turma.

6 – Referências

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro:** Apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

7 – Anexos: Slides apresentados aos alunos

Poesia Concreta

Estagiários: Samara H. Corrêa, Thalisson Machado e
Tiago Carturani



A M O R
A M O R
A M O R R
A M O R T R
A M O R T E R
A M O R T E M R
A M O R T E M O R
A M O R T E M O R

DESTINO
SEM **SEMPRE**
VIDA, **ESCORRENDO**
ENTRE
OS DEDOS
NADA
PODEMOS
FAZER
TÃO VELOZ,
SEM PIEDADE
ONDE PARAR?
NÃO
SABEMOS

OSC
ONT
EMP
ORÂ
NEO
SNÃ
OSA
BEM
LER

Augusto de Campos - Contemporâneos



Quais as semelhanças e diferenças encontramos entre poesia concreta e poesia clássica?

A poesia clássica tem...

Representantes:
Camões,
Olavo Bilac,
Cruz e Sousa (...)

- Formas mais estáveis e geralmente rígidas;
 - Rimas regulares;
 - Ritmo definido;
 - Geralmente encontrada em livros;
 - Influência grega e latina;
 - Contagem silábica, cadência;
 - Predominância lírica.
-

A poesia concretista tem...

Representantes:
Décio Pignatari,
Augusto de Campos,
Haroldo de Campos (...)

- Influência das vanguardas europeias como futurismo, cubismo e surrealismo;
 - Rompimento com a estética clássica;
 - Abolição do verso;
 - Uso geométrico no espaço gráfico;
 - Neologismos;
 - Exploração semântica, sonora e gráfica das palavras;
-

O apelo visual e linguagem descomplicada

Augusto de Campos

LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXOXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXOXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
 LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO



A polissemia e a temática cotidiana e abrangente

Arnaldo Antunes

regenera gera zera zera
 zera regenera já zera zera
 zera regenera já zera zera



Poesia concreta na música

Julia Moreno

Uma talvez Júlia
 Uma talvez Júlia não
 Uma talvez Júlia não tem
 Uma talvez Júlia não tem nada
 Uma talvez Júlia não tem nada a ver
 Uma talvez Júlia não tem nada a ver com
 Uma talvez Júlia não tem nada a ver com isso
 Uma Jú_____lia
 Um quiçá Moreno
 Um quiçá Moreno nem
 Um quiçá Moreno nem vai
 Um quiçá Moreno nem vai querer
 Um quiçá Moreno nem vai querer saber
 Um quiçá Moreno nem vai querer saber qual era
 Um Moreno

Caetano Veloso



Referências

CAMPOS, Augusto de. *Contemporâneos*. Disponível em: <<http://s1.static.brasilecola.uol.com.br/img/2015/08/amortemor-augusto-de-campos.jpg>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

CAMPOS, Augusto de. *Lixo luxo*. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-M_vfe4d1eMo/UQL1fQkkrlI/AAAAAAAAAFs/rZz52nGOc-w/s1600/LIXO.jpg>. Acesso em: 19 abr. 2016.

ANTUNES, Arnaldo. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/sopadelivros/wp-content/uploads/2015/06/77_imagem_g.jpeg>. Acesso em: 19 abr. 2016.

VELOSO, Caetano. *Júlia Moreno*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I2UQqyzwUsg>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

Décimo Quarto Encontro: Aulas 20 e 21

1 – Dados de identificação:

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiária: Samara Hinkel Corrêa

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 21/06/2016 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 20h05min.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Produção de poesia concreta

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Mediar a atividade de produção individual de poesia concreta.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Propor a atividade de produção individual de poesia concreta;
- b) Disponibilizar tempo para que os alunos iniciem suas produções;
- c) Mediar o processo criativo atendendo os alunos individualmente;
- d) Instigar os alunos a expressarem-se livremente por meio da atividade proposta.

2.3 – Conhecimentos abordados: Noções de poesia concreta; intertextualidades entre a criação poética pessoal sensitiva e o significado de determinadas palavras; releitura poetizada de textos do cotidiano como comerciais; desconstrução e ressignificação textuais; revisão e olhar crítico sobre a própria criação;

3 – Metodologia:

- Distribuir aos alunos a atividade prevista para esta aula (em anexo) juntamente com as folhas A4 que serão utilizadas para a produção. Ler em voz alta e explicar o que se pede.
- Disponibilizar o tempo da aula para que cada aluno inicie a sua poesia concreta.
- Auxiliar os alunos no que for necessário, passando nas carteiras para verificar o andamento da atividade e retirar as dúvidas dos alunos.
- Acompanhar o andamento do processo criativo, incentivando os alunos a ousarem e explorarem os sentidos mais profundos que a poesia pode causar no leitor. Sugerir que se recordem das poesias lidas na aula anterior e dos temas que elas abordavam.
- Passar nas carteiras para acompanhar o andamento do trabalho, percebendo como cada um se relaciona com a oportunidade de criar um discurso poético a partir de um enunciado pré-existente.
- Ao final da aula, sugerir que os alunos continuem o trabalho de criação em casa, caso necessário, e finalizem na próxima aula que será disponibilizada para tal.

4 – Recursos necessários:

- Atividade impressa para toda a turma.
- Folhas A4 brancas que serão utilizadas para a produção.
- Quadro branco e caneta, caso necessário.

5 – Avaliação: Os alunos serão avaliados durante o processo de criação por meio da anotação de observações, isto é, do levantamento daqueles que de fato realizam a atividade proposta se mostrando interessados em (re)construir seu texto da melhor forma para torná-lo produto final que será exposto publicamente e apresentado para toda a turma posteriormente. A forma como o aluno realiza a proposta dessa aula agregará valor à nota atribuída a esse produto final.

6 – Referências

Sem referências.

7 – Anexos

Anexo 1: Atividade avaliativa

(RE)CRIAÇÃO E EXPRESSÃO

1. Na última aula vocês entraram em contato com a poesia concreta, leram, experimentaram e perceberam as possíveis interpretações e efeitos de sentido que ela pode causar no leitor.
2. Foi possível perceber que esse tipo de poesia estabelece intertextualidades variadas, como no caso das poesias produzidas a partir de propagandas, visando desconstruir o texto publicitário e criar novos sentidos e desdobramentos de interpretações.
3. Agora, é a vez de vocês criarem um texto poético semelhante aos que conheceram em sala de aula. Individualmente, crie uma poesia concreta.
4. Cada aluno deverá criar a sua poesia trabalhando em sala. Serão disponibilizadas três aulas no total para a criação, e a apresentação será no dia 28/06. A apresentação ocorrerá de duas maneiras. Primeiramente, cada um de vocês irá expor sua poesia concreta em uma rede social, através de uma fotografia tirada do trabalho. A legenda deve conter uma breve explicação dos sentimentos e objetivos que inspiraram a criação. Feito isso, o aluno deverá mostrar essa postagem no dia da apresentação (28/06), socializando com a turma como foi a experiência de divulgar sua poesia nas redes sociais.

5. Esta atividade valerá uma nota de zero a dez e considerará todo o processo de criação, revisão e refacção.

6. Os estagiários estarão auxiliando no que for necessário durante todo esse processo. Bom trabalho e mãos à obra!

Décimo Quinto Encontro: Aula 22

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Thalisson Erick de Almeida Machado

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 27/06/2016 (2ª feira)

Carga horária: 1 aula de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Finalização da atividade de criação - poesia concreta.

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Mediar a finalização dos trabalhos relacionados à produção de poesia concreta.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Este, como previsto no cronograma elaborado pelos estagiários no projeto de docência, é o último encontro em que os alunos terão a oportunidade de finalizar suas produções. Portanto, esta aula destina-se principalmente para a finalização de suas atividades.
- b) Propiciar auxílio a qualquer aluno que o solicite a fim de finalizar sua atividade ou estabelecer questionamentos próprios da disciplina.

- c) A todo momento o uso da língua materna e outras linguagens serão solicitados para compor suas atividades. Esse uso deve ser supervisionado pelos estagiários propondo adequações pautadas no gênero em questão.
- d) Relembrar passagens das outras aulas em que o tema poesia foi abordado, voltando a atenção dos alunos para uma produção mais consciente.

2.3 – Conhecimentos abordados: noção de poesia concreta e clássica, escrita, produção imagética, criação.

3 – Metodologia

- A condução da aula deve seguir, a partir dos encaminhamentos iniciais cuja função é de direcionar os alunos à continuação ou finalização das atividades de produção de poesia concreta, diretamente para o processo de facção e acabamento das poesias concretas.
- Neste processo, os estagiários estarão à disposição dos alunos a fim de auxiliá-los na conclusão de suas atividades. É importante enfatizar que esse é o último prazo para a entrega das produções antes de sua apresentação. Trata-se da penúltima aula em que os estagiários estarão à frente da turma 3.12. Logo, o último encontro será destinado às apresentações.
- Os alunos que, porventura, já tenham finalizado suas produções vão passar pela análise de um dos estagiários para verificar possíveis adequações, motivando o aperfeiçoamento de suas produções.
- Estimular com exemplos e ideias a criatividade dos alunos, já que essa é questão central que sustenta a produção de poesia concreta juntamente com os conhecimentos que foram trabalhados em sala de aula.

4 – Recursos necessários:

- Quadro branco e pincel, caso necessário.
- Proposta da produção textual trazida pelos alunos.

5 – Avaliação: Levando em consideração toda a proposta construída no projeto de docência quanto à avaliação, é importante insistir em uma avaliação processual que possa dar conta do aluno no seu processo de construção do conhecimento, respeitando seus tempos e incentivando seu desenvolvimento. Lembrando que o desenvolvimento intelectual não há limite, nem tempo mínimo ou máximo para construção do conhecimento.

6 – Referências

Sem referências

7 – Anexos

Sem anexos

Décimo Quinto Encontro: Aulas 23 e 24

1 - Dados de identificação:

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professora Regente: Marcia Madalena Kovalek

Estagiário: Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Médio

Ano escolar: 3º ano

Turma: 3.12

Data: 28/06/2016 (3ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos

Horário: 20h15min às 20h55min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Apresentação e exposição das poesias concretas

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Dar visibilidade à produção dos alunos dentro e fora da sala de aula; aprimorar a oralidade e aprimorar a capacidade de falar de seu próprio trabalho, levando em consideração a síntese do conteúdo até então visto.

2.2 – Objetivos específicos:

- a) Colocar as atividades em contato com a produção de todos os alunos, para que se perceba utilidade naquilo que se faz dentro da sala de aula.
- b) Instigar o aluno a avaliar sua própria produção e criação e observar a produção dos colegas: perceber os processos criativos, o conteúdo escolhido, disposição das palavras no papel e o resultado final.

2.3 – **Conhecimentos abordados:** Apresentação oral, exposição de trabalhos.

3 – Metodologia

- A aula se iniciará com a apresentação das atividades realizadas em sala de aula até então: criação de uma poesia concreta.
- Por ordem de chamada, os alunos, um a um, irão apresentar ao grupo a sua produção poética;
- O tempo restante será para perguntar aos alunos as impressões que eles tiveram do projeto: se foi útil, se gostaram, do que gostaram, do que não gostaram, o que poderia melhorar, etc.

4 – Recursos necessários:

- Retroprojektor.

5 – Avaliação: A avaliação levará em conta a postura da apresentação, a qual já foi sistematizada em aulas anteriores. Por esse motivo, os critérios serão um pouco mais rígidos, pois levar-se-á em conta: a escolha do vocabulário, a construção das sentenças e a ordem no todo da apresentação; a maneira como se portam diante dos colegas e professores; a seriedade e o comprometimento com a apresentação.

6 – Referências

Sem referências

7 – Anexos

Sem anexos

4 Relatos do andamento das aulas

Primeiro Encontro: Aula 1

Responsável: Thalisson Machado

O início do período de estágio foi marcado por certos contratempos. Logo na chegada do estagiário à escola, a coordenação informou que os horários haviam sido modificados, o planejamento para esta data, 09/05 (segunda-feira), contemplava apenas uma aula de quarenta minutos, com a mudança no horário, a turma 3.12 teria duas aulas de quarenta minutos da disciplina de LP. Diante desse impasse, constatou-se a impossibilidade de adiantar a aula prevista para o dia seguinte, na qual se necessitava, exclusivamente, de duas aulas para que fosse possível a realização da atividade planejada para ocorrer na biblioteca.

Após uma conversa com a professora regente da turma, optou-se por manter o planejamento, assim, o estagiário lecionou apenas uma aula neste dia, a segunda aula ficaria sob responsabilidade da professora que necessitava de tempo para aplicar uma atividade sobre orações adjetivas, conteúdo que estava trabalhando com a turma.

O estagiário foi até a sala de aula e direcionou os alunos para a sala multimídia que estava reservada para esse encontro. Muitos alunos já haviam chegado, porém alguns chegaram no decorrer da aula, até mesmo no final dela. Segundo informações da professora da turma isso é bastante comum no primeiro período.

Com o auxílio da apresentação de *slides* preparada para o encontro que abordou a temática projeto de docência, o estagiário explanou o que seria trabalhado nesse período. Iniciou enfatizando o que é um projeto de docência, documento norteador das práticas pedagógicas adotadas no estágio que vai ao encontro das demandas da turma levantadas no questionário aplicado durante o período de observação, dos conteúdos que a professora objetiva trabalhar com a turma durante o ano letivo e das concepções de ensino de língua portuguesa desenvolvidas na universidade. O estagiário comunicou que o tema abordado seria a poesia em suas variadas formas, e que as produções propostas aos alunos seriam voltadas para a leitura, interpretação e (re)construção da escrita poética. Procurou-se deixar bastante claro que o método de trabalho adotado pelos estagiários é diferente das propostas de aulas oferecidas pela professora titular da turma, justamente por tratar-se de um período no qual os estagiários desejam trazer métodos novos e proporcionar novas experiências de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na escola.

O estagiário explicou minuciosamente como funciona o processo de avaliação que levará em conta a participação nas aulas, seriedade e compromisso diante das propostas de

atividades e esforço diante das eventuais dificuldades que possam surgir. Serão quatro atividades e três notas durante esse período, visto que na atividade de escrita de poemas, a entrega valerá uma nota de zero a cinco e a reescrita valerá outra nota de zero a cinco, a serem somadas. Após destacar os conteúdos que seriam abordados (poesia, figuras de linguagem, paródia e poesia concreta), o estagiário solicitou que cada aluno falasse algo sobre si mesmo, se apresentando, dizendo o nome e algo relevante sobre si mesmo, como o que gosta de fazer ou que futuro pretende seguir após o término do ensino médio. Alguns tímidos, outros desinibidos, foram se apresentando e falando sobre os cursos de graduação ou técnico que visam cursar. Algumas alunas, além de cursarem o ensino médio noturno, cursam técnico e trabalham durante o dia, vivendo uma rotina bastante agitada e ocupada.

Quando todos já haviam se apresentado, o estagiário falou sobre o projeto extraclasse que será oferecido por todos os alunos que estagiam na escola e abordará os livros do vestibular da UFSC 2017 e a redação do ENEM. Os alunos perguntaram a data e como seriam as oficinas propostas no projeto, demonstraram-se bastante interessados em participar. Ao final da aula o estagiário desejou que todos aproveitassem esse período de estágio e colaborassem para o bom andamento da excussão do projeto de docência.

Segundo Encontro: Aulas 2 e 3

Responsável: Samara Hinkel Corrêa

Devido à troca de horário e ao fato de esta aula necessitar exclusivamente de mais tempo, a primeira aula foi cedida pelo professor de geografia. Assim, teve-se duas aulas, conforme o planejado. Iniciou-se também como o planejado: enquanto os estagiários preparavam a biblioteca, colocando uma música clássica de fundo e ajustando um local espaçoso no qual os alunos pudessem se sentar confortavelmente, revestido com mantas, lençóis e almofadas, a professora da turma foi avisar os alunos para se dirigirem até lá.

Quando chegaram, o espaço contava com diversos livros de poesia, desde os clássicos até os mais contemporâneos. Alguns alunos demonstraram-se um tanto inibidos quando viram o local inusitado, e mesmo os estagiários frisando que eles deveriam sentar no chão e ficarem à vontade, muitos deles se sentaram em cadeiras e ficaram próximos ao local.

A estagiária iniciou sua aula falando sobre o intuito da proposta: colocar os alunos em contato com diferentes poemas, obras e autores, juntamente com a ideia de tirá-los da sala de aula para eles experienciarem outros ambientes e outras temáticas de estudo. Disse-lhes que poderiam escolher um poema que mais lhes chamava atenção e que tivesse algum sentido para eles para logo depois compartilhar com os colegas próximos ou com toda a turma.

Assim, eles começaram a folhear os livros, trocar informações com os colegas e com os estagiários. Demonstraram-se bastante interessados, muitos deles questionavam alguns poemas muito pequenos, outros sem rima, e também riam de alguns que para eles não faziam sentido; os poemas do Leminski e do Arnaldo Antunes pareceram ser os mais inusitados, pois alguns grupos chamavam os estagiários para questionar o sentido, a sonoridade, a falta de rima e o tamanho. Outros, porém, questionavam o sentido de algumas palavras desconhecidas presentes em poemas mais antigos, como os de Cecília Meireles.

A estagiária foi passando por cada aluno, ou em cada grupo de alunos, perguntando como estava a escolha, disse-lhes que deveriam copiar o poema no caderno ou tirar uma foto, e logo depois leu um poema da Cecília Meireles a eles. O estagiário também leu um poema, e logo depois um aluno se prontificou a ler outro. Poucos tiveram vontade de ler para toda a turma, deixando somente para compartilhar com quem estava mais próximo. Outros alunos, porém, leram mais de um, enquanto os estagiários leram à turma a escolha de alguns alunos que não quiseram ler em voz alta.

Nos últimos minutos da aula, a líder da turma precisou sair da sala para receber as camisetas da turma, e voltou com o pedido para que se liberasse a turma um pouco mais cedo no intuito de distribuí-las. Foi concedido, então, tal pedido, e como a aula já terminaria 10 minutos antes do horário pelo fato de naquele dia a merenda ser “comida quente”, os alunos foram liberados, na verdade, 20 minutos antes do horário, deixando os livros onde pegaram e se despedindo dos professores (ANEXO IX – Imagens da aula na biblioteca).

Terceiro Encontro: Aula 3

Responsável: Thalissom Machado

A aula aconteceu na sala multimídia, já reservada com antecedência, uma vez que se tratava de uma aula na qual o estagiário precisava fazer uso das apresentações de *slides* preparados para este encontro. Os alunos haviam saído recentemente do intervalo e entraram na sala aos poucos.

O tema da aula exposto na tela multimídia “o que é poesia?” despertou curiosidade e interesse nos alunos. Para iniciar a aula, o estagiário enfatizou a importância da aula anterior, na qual os alunos tiveram contato direto com o universo literário da poesia, e explicou que esta aula seria voltada para uma reflexão conjunta acerca do que é, e do que não é, poesia. Foram distribuídas aos alunos fotocópias do poema *Antífona*, de Cruz e Sousa, e a partir disso perguntou-se aos alunos se já conheciam o poeta. A maioria sabia que o poeta era oriundo da cidade de Florianópolis, porém não tinham mais nenhuma informação sobre sua vida e Obra.

Foram apresentadas aos alunos as principais características do poeta simbolista, a saber, uso de sinestesia e metáfora, criação imagética, uso de linguagem erudita, atribuição de letras maiúsculas em nomes comuns, dentre outras. Cada uma dessas características foi minuciosamente explicada pelo estagiário que enfatizava a dificuldade de entender o texto poético, pois não se trata de algo pronto, simples e objetivo. A poesia opera, justamente na subjetividade e nos desdobramentos de sentido, e, portanto, apresenta descompromisso com a verdade factual.

Os alunos mostravam-se bastante interessados e colaborativos com o conteúdo que estava sendo apresentado. Um aluno perguntou o que era um poema e o estagiário explicou que a definição de poema está relacionada a forma de determinada poesia, como a escrita em versos e estrofes, já a poesia é muito mais do que isso, é a escrita poética, uma escrita cujo sentido não é óbvio, é profundo e atemporal, e isso a torna literária.

Dando continuidade a uma possível definição do que seria a poesia, o estagiário postulou que, embora tenha descompromisso com a realidade, a poesia atinge a realidade do leitor, ou seja, só vai fazer sentido para o leitor se o texto apresentar alguma relação com a realidade vivenciada por ele, se o texto não tocá-lo, será apenas um amontoado de palavras, algo que passará batido, como um mero conjunto de frases soltas. O sentido da escrita poética é extremamente profundo. Com o intuito de ilustrar essa particularidade da literatura, expôs-se aos alunos o poema *Cavalgada* para explicar que a presença dos fonemas “t” e “tr” que aparecem constantemente não é gratuita, porém visa transmitir ao leitor o som de uma cavalgada. Quando perceberam esse efeito no texto, os alunos ficaram muito mais interessados em compreender o sentido do poema e pararam para refletir sobre o quanto essa profundidade do texto passa despercebido em meio a leituras superficiais.

Instigando os alunos a ouvirem e experimentarem a declamação de poemas, foram expostos dois vídeos nos quais a cantora Maria Betânea declama os poemas *Ultimatum* e *Cântico Negro*. Os alunos ouviram atentamente e até aplaudiram ao final dos vídeos

Foi solicitado que cada aluno assinasse sua presença em uma lista elaborada pelos estagiários, visto que nesta aula não se tinha o diário de classe em mãos. Nos três minutos finais da aula, o estagiário responsável pela aula posterior entregou aos alunos um roteiro de estudos sobre figuras de linguagem e solicitou que os alunos preenchessem em casa para se familiarizassem com o conteúdo que seria trabalhado no próximo encontro, a saber, figuras de linguagem. Ao toque do sinal os alunos acabavam de assinar seus nomes na lista de presença e iam se retirando, despedindo-se dos estagiários.

Quarto Encontro: Aulas 5 e 6

Responsável: Tiago Carturani

Para este encontro foram preparadas duas aulas de 40 minutos, aulas que tematicamente abordaram figuras de linguagem. Ao iniciar a aula, o estagiário perguntou à turma quanto à atividade que ele havia solicitado na aula anterior. A atividade consistiu em pesquisar, com tarefa de casa, os conceitos de figuras de linguagem que foram solicitados na atividade proposta aos alunos na aula anterior. A ideia era despertar a curiosidade dos alunos quanto ao tema e, sobretudo, construir certo contexto para a aula seguinte. Apenas a líder da turma, que não estava presente na aula por motivo de reunião estudantil, entregou a atividade. Ao serem indagados a respeito da atividade, os alunos disseram que não se lembraram de fazê-la.

A aula teve seu seguimento normal eliminando a provável discussão de conceitos, exemplos e outros materiais que os alunos poderiam ter trazido para a aula. Na falta desse retorno dos alunos, o estagiário encaminhou sua aula para a explicação conceitual de figuras de linguagem. Antes disso, com a ajuda de seus colegas de estágio, distribuiu uma tabela que contém as principais figuras de linguagem – um recorte necessário feito pelo estagiário – trazendo suas definições e exemplos de uso.

Foi solicitado que alguém da turma lesse a definição da primeira figura de linguagem a ser estudada. Inicialmente, após o pedido, os alunos se entreolham e fazem silêncio. Após esse tempo, o silêncio é rompido pela voz de um aluno que decide iniciar a leitura. Após a leitura do aluno, o estagiário retoma alguns elementos que foram lidos pelo aluno e busca, por meio da sua explicação, levar à compreensão. Durante toda a explicação, os alunos foram lendo os conceitos e exemplos. O estagiário, em seguida, retomou e explicou por meio dos exemplos que já estavam no texto e exemplos improvisados. É importante ressaltar que a leitura ficou por conta de poucos alunos, o restante da turma não manifestou interesse em participar ativamente desta vez.

Ao finalizar essa primeira parte da aula, o estagiário solicitou que a turma fizesse um círculo. Os alunos, a princípio, não parecem querer sair de seus lugares, mas aos poucos foi se formando o círculo. O estagiário começou a fazer os encaminhamentos da atividade. Inicialmente os alunos iriam utilizar a poesia que deveriam ter copiado no segundo encontro que tiveram com os estagiários. No segundo encontro, foi solicitado que eles copiassem um poema e que o guardassem, contudo, ninguém que estava presente nesta aula disse ter lembrado da solicitação. Desta maneira, o plano seguido pelo estagiário foi de distribuir

alguns fragmentos, que abarcaria as principais figuras de linguagem trabalhadas em sala de aula. Ao final da distribuição dos fragmentos e da socialização de qual figura de linguagem estava em cada fragmento, houve a divisão dos alunos em duplas por meio dessa dinâmica, já que cada figura de linguagem apareceu duas vezes.

A atividade em dupla em que os alunos utilizariam os poemas copiados, foi adequada para o momento, permitindo aos alunos que buscassem outros poemas e tentassem identificar as figuras de linguagem presentes neles. A atividade valeria nota de participação e isso foi salientado pelo estagiário. Houve certa dificuldade de compreensão com os encaminhamentos orais feitos pelo estagiário, por isso, ele decidiu deixar os encaminhamentos por escrito no quadro branco, buscando contornar algum tipo de dúvida ou ambiguidade de sua fala. O estagiário finaliza a aula salientando que a entrega da atividade é para a próxima aula. Inicia e finaliza a chamada e em seguida bate o sinal.

Quinto Encontro: Aula 7

Responsável: Tiago Carturani

A aula do dia 23 de maio iniciou com o estagiário perguntando aos alunos da turma quem estava ausente na aula passada para que ele pudesse entregar uma folha contendo as definições e exemplificações das figuras de linguagem. Nesse mesmo momento, alguns alunos que ainda não tinham efetuado a atividade proposta pelo estagiário a quatro aulas atrás, entregaram a ele suas produções.

Seguindo o cronograma estabelecido no projeto de docência, esta aula tratou de questões de vestibulares que têm como tema principal as figuras de linguagem abordadas nas últimas aulas.

O estagiário distribui as folhas para todos os alunos, contendo as questões de vestibular que devem ser analisadas e respondidas com verdadeiro ou falso, já que as questões trazem fragmentos de textos seguidas de afirmações. Após a distribuição das atividades e explicação quanto à sua realização, solicitou que alguém lesse a primeira questão para que depois eles pudessem responder em conjunto. Inicialmente ninguém se prontificou a ler a questão. Insistiu-se de forma suave, até que alguns alunos o fizeram. Sua posição foi positiva, o aluno que se prontificou a ler na sua aula anterior é o mesmo que começou a ler desta vez, quebrando o silêncio. Com a leitura concluída, o estagiário fez intervenções explicativas e buscou a resposta com os alunos. Alguns se manifestam e em conjunto construíram a resposta dessa primeira questão que serviria de exemplo para a facção das outras atividades subsequentes.

Contudo, ao perceber que alguns alunos ainda não entenderam qual a proposta da atividade, o estagiário parou a leitura das questões e reformulou sua explicação, indagando quanto à clareza de sua explicação. A resposta é positiva. A aula continua com a leitura das outras atividades e nenhuma questão foi levantada pelos alunos até então.

Os alunos, após a leitura de toda a atividade, começaram a responder as questões de vestibulares. O estagiário proporcionou algum tempo para que eles pudessem responder e, durante esse tempo, se colocou à disposição dos alunos para tirar qualquer eventual dúvida. Alguns alunos solicitaram sua ajuda e o estagiário atendeu prontamente. O clima da sala de aula foi bastante tranquilo, embora houvesse conversa paralela que não dizia respeito à atividade.

A chamada foi feita durante a facção da atividade. Na conclusão da chamada, o estagiário informou os alunos que eles teriam apenas mais cinco minutos para responder às questões, pois ele pretendia iniciar a correção.

A correção das atividades foi iniciada e a participação dos alunos foi novamente solicitada. Alguns alunos participaram da correção da atividade. É importante ressaltar que os alunos que mais participam da aula são sempre os mesmos, no encontro anterior e neste. Com o término da correção a aula foi sendo finalizada, e logo o sinal da escola avisou o término do período.

Sexto Encontro: Aulas 8 e 9

Responsável: Thalissom Machado

Esta aula foi dedicada à criação poética. O estagiário iniciou a aula lembrando o segundo encontro do projeto, no qual os alunos tiveram a oportunidade de entrar em contato com a poesia na biblioteca, ressaltando que aquela aula permitiu a eles experimentarem o texto poético, suas formas, rimas e efeitos de sentido. Dito isso, explicou que essa aula seria voltada à criação poética, e os alunos precisariam se apropriar dos conhecimentos e conteúdos trabalhados até aqui. A atividade impressa foi entregue aos alunos e o estagiário leu em voz alta para que toda a turma pudesse compreender o que deveria ser feito. Explicou as regras de criação proposta pela atividade: os alunos deveriam criar um poema baseado na forma “clássica”, com versos e estrofes definidos, rimas e certa linearidade. Para começar, o estagiário sugeriu que cada um pensasse em um tema, um assunto sobre o qual julgasse pertinente escrever, para atribuir um enfoque de sentido ao seu poema.

Um aluno questionou por que as aulas do projeto estavam sendo focadas em poesia e não em dissertação. Informou-se ao aluno que o projeto de docência propõe um recorte de

determinado conteúdo possível de se trabalhar durante um determinado período, e o tema escolhido para o estágio foi a poesia em suas diversificadas formas. A professora titular da turma entrevistou e explicou que em outro momento eles trabalhariam com a dissertação, porém o conteúdo trabalhado pelos estagiários faz parte do currículo e é tão importante quanto a abordagem voltada ao texto dissertativo argumentativo.

O estagiário reforçou que a nota atribuída a essa atividade avaliativa seria parcial, ou seja, a entrega da primeira versão poema valeria uma nota de zero a cinco e a entrega da versão final, com os ajustes solicitados pela correção valeria outra nota de zero a cinco, juntando essas duas notas parciais obtém-se uma nota final, de zero a dez. Ressaltou-se aos alunos que o poema seria exposto na escola, e alguns ficaram um pouco tímidos com esse fato.

Reconhecendo a dificuldade existente no processo de criação poética, o estagiário pediu que os alunos realmente tentassem fazer a atividade com dedicação e esforço, fazendo uso da linguagem poética e das figuras de linguagem trabalhadas em sala de aula.

No início, os alunos estavam bastante agitados, mas logo se debruçaram e iniciaram a atividade. Alguns alunos chegaram atrasados e receberam a proposta de atividade e o encaminhamento para a produção.

Durante o restante da aula, os estagiários auxiliaram os alunos com ideias, revisão daquilo que já haviam escrito e incentivo para que a escrita ultrapassasse os limites de uma estrofe e os usos mais simples da língua. Muitos leram o que haviam produzido e pediram dicas aos estagiários, como um possível título, alguma frase que rimasse com a frase anterior e perguntando se a produção estava suficientemente boa. Para alguns a tarefa pareceu mais simples, escreveram e logo entregaram, já outros a realizaram com certa dificuldade (ANEXO X – Amostras dos poemas produzidos pelos alunos).

Ao faltar cerca de dez minutos para o final da aula, os estagiários solicitaram a atenção da turma para repassar um recado. O estagiário responsável pela aula anterior explicou que a atividade entregue foi anulada pois apenas um aluno realizou-a de fato, os demais alunos cometeram plágio, copiando da *internet* resoluções prontas para a tarefa proposta. Explicou-se a gravidade do ato de plagiar e o quanto isso pode prejudicá-los, não apenas na escola, como futuramente em textos acadêmicos. A atividade era simples e o material explicativo sobre figuras de linguagem fornecido pelo estagiário era suficiente para resolver o exercício, portanto, o ato de copiar mostrou apenas desinteresse em realizar a atividade e falta de esforço por parte dos alunos. Ficou acordado que o estagiário traria, na próxima aula, um outro

exercício para que eles fizessem em casa, por conta própria, para compensar a atividade anulada.

Após entregarem os poemas, o sinal tocou e os alunos saíram para o intervalo, despedindo-se dos estagiários.

Sétimo Encontro: Aulas 10 e 11

Responsável: Samara Hinkel Corrêa

O tema reservado para estas aulas, de acordo com o cronograma, dizia respeito à paródia. Cada aula teve um foco: a primeira tratou da paródia na poesia; a segunda, na música. A estagiária reservou *slides* com pinturas clássicas que foram parodiadas, e enquanto as expunha, perguntava aos alunos a respeito das características das paródias, a fim saber se eles conheciam o texto primeiro. Também foram feitas perguntas que lhes introduziam o tema e o conceito, para se ter uma ideia do que eles sabiam e de como a aula poderia ser conduzida. Após esse primeiro panorama, foi explicado aos alunos conceitos indispensáveis para se entender mais aprofundadamente a paródia: intertextualidade e o porquê de ter se criado tal paródia, tendo em vista que elas geralmente são criadas para se criticar alguma coisa, coisa esta que não precisa necessariamente ser o conteúdo do texto primeiro. Eles se demonstraram bastante interessados no tema, e com as respostas às perguntas feitas pela estagiária, foi possível perceber que eles estavam entendendo bem o conteúdo. Os alunos, de maneira geral, estavam interessados, tanto na exposição das imagens quanto na leitura de poemas parodiados e dos originais. Junto a isso, também foram expostos alguns vídeos de poemas recitados, para que a dinâmica funcionasse mais eficazmente.

A segunda aula deu continuidade ao tema e à dinâmica da aula anterior, mas o foco desta vez era sobre paródia na música. A estagiária ressaltou que o esquema era o mesmo para a música, o que mudava era o gênero. Para ilustrar a explicação, foram expostas algumas músicas com seus respectivos videoclipes originais, e em seguida a paródia tanto da música quanto do vídeo. Alguns alunos já conheciam as paródias, e muitos deles riam quando algum trecho mais engraçado aparecia. Ao fim de cada vídeo, a estagiária perguntava aos alunos algo a respeito do porquê da paródia. Muitos deles pareciam interessados.

O fim desta aula se deu com a interrupção dos *slides*, pois nem todas as paródias puderam ser mostradas. Assim, teve-se que se reservar um tempo da aula seguinte para que todo o conteúdo previsto pudesse ser passado aos alunos.

Oitavo Encontro: Aula 12

Responsáveis: Samara Hinkel Corrêa

Neste dia, o professor de Artes estava de atestado e a primeira aula foi cedida para os estagiários. Assim, pôde-se ministrar duas aulas: a primeira, sob responsabilidade da estagiária Samara; e a segunda, sob a responsabilidade do estagiário Tiago.

O início desta aula contou com pouquíssimos alunos. Por mais que tenha sido avisado aos alunos no início da aula, e também escrito no quadro branco da sala, que a aula estaria sob a responsabilidade dos estagiários, e, portanto, seria na sala multimídia, os alunos não compareceram na outra sala, inclusive alguns que receberam o recado pessoalmente.

Estava prevista primeiramente para esta aula a proposta de atividade sobre paródia. Por não ter dado tempo para se terminar, a estagiária passou aos alunos os últimos *slides* cuja apresentação foi iniciada na aula anterior. Ela mostrou aos alunos o último vídeo sobre paródia, e, ao fim dos *slides*, fez questões a respeito do conteúdo da aula passada para que eles lembrassem de alguns conceitos. Também foi reservado um pequeno tempo para que os alunos entregassem atividades pendentes, principalmente aqueles que não haviam feito dentro do prazo estipulado (ANEXO XI – Amostras da atividade sobre figuras de linguagem).

Os últimos minutos desta aula contaram com a entrega da proposta de atividades sobre paródia. A estagiária entregou aos alunos uma folha contendo a proposta da atividade, e conforme a leitura ia passando, alguns pontos, como datas, período de entrega, etc, precisaram ser decididos novamente e explicado aos alunos o motivo. Foi falado a eles que devido a alguns acontecimentos administrativos do colégio o cronograma das aulas teve que ser remanejado. Devido à ausência de boa parte da turma, foi decidido que os grupos seriam definidos na próxima aula.

Nono Encontro: Aula 13

Responsável: Tiago Carturani

A segunda aula ficou sob responsabilidade do estagiário Tiago. A ideia de antecipação da atividade de paródia para a aula anterior, ou seja, a aula que foi cedida aos estagiários pela ausência do professor de artes, não teve grandes êxitos, pois poucos alunos foram para a sala multimídia, lugar da realização desta aula. Mesmo assim, como poucos alunos na sala, a aula teve sua realização dentro da normalidade e teve a atividade da paródia encaminhada.

Nesta aula, o estagiário teve a necessidade de refazer os encaminhamentos da atividade de paródia visto que muitos dos alunos presentes nesta aula não estavam presentes na aula anterior. A atividade tinha por intuito provocar a criatividade dos alunos, fazendo-os

produzir uma paródia a partir de uma música base. Os próprios alunos tiveram a oportunidade de formar seus grupos e definir qual música base iriam parodiar. O estagiário passou de grupo em grupo para anotar os participantes de cada grupo e verificou, nessa oportunidade, se algum grupo já definira sua música base para a elaboração da paródia.

Cada aluno recebeu, em uma folha A4, as instruções necessárias para a elaboração da paródia, bem como para a elaboração da apresentação da atividade. Com os grupos já formados, o estagiário disponibilizou o tempo que restava da aula para que os grupos começassem a produzir. Alguns grupos se mostraram mais receptivos à atividade e já começaram a fazer suas articulações. Contudo, grande parte dos grupos utilizou o tempo disponível para conversar sobre assuntos alheios à atividade. Pareceram não se importar com a facção dessa atividade.

O estagiário circulou nos grupos a fim de saber a respeito do andamento da atividade e constatou pouco empenho dos alunos na realização desta. Indagados a respeito de desinteresse pela atividade, os alunos desconversaram, afirmando que iriam reunir-se no final de semana para tratar desta atividade.

Com o término da aula o estagiário fez a chamada, em meio a bastante conversa, e logo em seguida o sinal, anunciando o término da aula, soou.

Décimo Encontro: Aulas 14 e 15

Responsável: Samara Hinkel Corrêa (aula 14) e Thalisson Machado (aula 15)

As duas aulas foram dedicadas à continuação da produção da paródia, a qual tinha sido encaminhada e decidida na aula anterior. Os alunos demonstraram-se bastante agitados e sem foco na atividade: havia muita conversa dentro de cada grupo, e a maioria delas não diziam respeito à paródia em si. Foi preciso ir em cada grupo, perguntar aos alunos como estavam com a paródia, e alguns diziam que terminariam em casa; outros que não tinham tempo para fazer um vídeo fora da aula. Por isso, foi frisado a eles que, para os grupos que faziam questão de gravar e não tinham tempo, a aula seguinte poderia ser usada para isso. Entretanto, nenhum grupo demonstrou interesse, pois, segundo eles, o que eles planejaram gravar não seria possível fazer na escola.

Devido a este descaso, os estagiários tentaram estimular os alunos, falando da importância da atividade, mas mesmo assim eles continuaram sem muito foco.

Ao retornarem do intervalo, os alunos já sabiam o que precisavam fazer. Esta aula foi a última dedicada à produção das paródias. Os discentes foram adentrando aos poucos a sala de aula. O estagiário avisou que precisava repassar alguns avisos importantes para que não

houvesse confusão com datas e prazos, e para que tudo ficasse esclarecido quanto ao projeto que está sendo desenvolvido com a turma. Foram expostos no quadro branco três tópicos principais que precisavam ser abordados, a saber: varal literário; paródias e; prazos/avaliações.

Devido ao fato de se perceber pouco engajamento da turma com relação às atividades propostas no estágio, os alunos foram alertados sobre a importância das notas e das avaliações realizadas durante esse período. Embora não tenha sido adotada uma prática tradicional de aula expositiva e prova cobrando os conteúdos trabalhados, a forma de avaliação adotada seria considerada pela escola como nota oficial a ser lançada no sistema *on-line* de notas da escola. Dito isso, seria de extrema importância que os alunos desenvolvessem as atividades propostas para que pudessem apresentar um bom desempenho no bimestre. Além disso, ressaltou-se a falta de retorno que os estagiários estão recebendo por parte dos alunos. Percebeu-se que é uma turma participativa e que demonstra interesse nos temas abordados em aulas expositivo-dialogadas, porém, quando cobrados em atividades avaliativas que exigem interpretação, intertextualidade e criação, a turma parece não ver sentido e resiste em realizar as atividades. Isso acabou prejudicando os produtos finais entregues por eles.

Para esta data (13/06) também estava prevista a última chance para a entrega dos poemas que seriam expostas no varal literário. Todavia, muitos alunos entregaram o poema escrito “de qualquer jeito”, em folha de caderno com letras muito pequenas e até ilegíveis. O estagiário teve que postergar a data de entrega definitiva dos poemas diante da necessidade de apelar para que os alunos que deixaram a desejar nessa atividade refizessem o poema de maneira mais caprichada, com dedicação, para que ficasse apresentável e pudesse ser exposto no varal literário. Com isso, o estagiário estipulou o prazo máximo para essa entrega até a próxima aula, no dia seguinte, no qual o varal seria exposto na escola.

A turma ouviu atentamente os recados e a “chamada de atenção” mediada pelo estagiário e, em seguida, os alunos foram questionados quanto ao andamento da atividade de criação das paródias. Foi prestado atendimento nos grupos, objetivando instigar os alunos a finalizarem, de fato, a atividade avaliativa. Fez-se necessário ressaltar mais uma vez que a única data disponível para a apresentação seria a data da aula seguinte (14/06). Na próxima semana seria iniciado conteúdo novo que diz respeito a poesia concreta e, portanto, os alunos não teriam novos prazos para a apresentação dessa atividade.

Ainda assim, o tempo restante da aula foi dedicado para a finalização das atividades, conforme planejado. Os alunos se mostraram dispersos e apenas dois grupos estavam desenvolvendo a paródia, os demais estavam apenas conversando.

Décimo Primeiro Encontro: Aulas 16 e 17

Responsável: Tiago Carturani (aula 16) e Thalisson Machado (aula 17)

A aula do dia 14 de junho foi dedicada à apresentação das paródias. O uso da sala multimídia se fez necessário para que os alunos pudessem usar os aparelhos midiáticos em suas apresentações. Contudo, desde o início da aula havia uma certa incerteza no ar tanto por parte dos estagiários quanto por parte dos alunos que pareciam querer improvisar a apresentação no último minuto.

O estagiário, antes de iniciar as apresentações, perguntou à turma se todos iriam apresentar suas paródias. Os alunos se calaram, o que significava que poucos teriam terminado a produção das paródias e a incerteza dos estagiários tornou-se certeza – certeza de que as apresentações seriam breves e que algo já teria que estar esquematizado para preencher o tempo que seria utilizado pelas apresentações. Para ter certeza de quantos grupos iam, de fato, apresentar suas paródias, o estagiário perguntou pontualmente para cada grupo presente em sala de aula a situação em que seus trabalhos se encontravam. Apenas duas equipes disseram ter conseguido produzir algo para apresentar.

Houve certa confusão antes da primeira apresentação, pois a equipe trouxe sua apresentação em um celular que não era compatível com as mídias presentes na escola e essa situação tomou algum tempo desta aula. A apresentação aconteceu com apenas uma das integrantes da equipe à frente da sala. As outras integrantes permaneceram sentadas em suas cadeiras e, de lá, fizeram sua apresentação. A paródia foi feita a partir da música *Vida de empregado*.

A segunda apresentação teve como base o *Hino Nacional* brasileiro. A letra pareceu estar bem elaborada, porém, a apresentação ficou bem prejudicada já que não havia fundo musical. Ao final da apresentação, uma das integrantes falou que elas pagaram para alguém “ajudá-las” a fazer a letra. Nesse momento o estagiário lembrou que a ideia da atividade era destinada à produção de uma paródia elaborada pelos próprios alunos, não por terceiros, já que essa era uma atividade escolar.

Com o fim desta apresentação, o estagiário solicita que a próxima equipe venha até a frente para apresentar. Ninguém da turma se prontificou, mostrando que não terminaram suas produções. Portanto, como foi previsto, a aula que aconteceria na próxima semana foi adiantada frente ao pouco comprometimento que a turma vinha demonstrando ao longo das últimas aulas, sobretudo, na facção de atividades. O estagiário finaliza sua aula fazendo a chamada e cede seu lugar a seu colega de estágio a fim de iniciar aula expositiva.

Após o momento reservado para a apresentação das paródias, o estagiário deu continuidade à aula, apresentando o novo conteúdo, Poesia Concreta. Para isso, introduziu pedindo que os alunos dissessem como era a forma e como eram construídas os poemas que eles haviam lido e produzido até então. Juntamente com os alunos, ressaltou que aquela era uma forma clássica, e que a partir de agora entrariam em contato com um outro tipo de poesia, construída a partir da junção de imagens e palavras, criando infinitos sentidos e sensações.

Por meio dos poemas concretos expostos nos *slides* preparados para esta aula, o estagiário instigava os alunos a interpretar o que estava sendo “dito” naqueles poemas. Os alunos perceberem como a palavra poética é, além de provocativa, chocante e exige reflexão por parte do leitor. Eles questionavam o sentido, e o estagiário mediava a leitura feita por eles com questionamentos, expondo sua interpretação. Alguns alunos afirmaram já ter se deparado com esse tipo de poesia em comerciais e anúncios, sem nunca perceber que se tratava de Poesia Concreta. Essa percepção dos alunos enriqueceu a aula e os manteve atentos aos conteúdos expostos.

O estagiário pontuou as diferenças entre a poesia clássica e a poesia concreta e socializou com a turma alguns livros que havia trazido para ilustrar a aula. Os alunos ficaram bastante interessado em um dos livros que trazia ilustrações com palavras feitas em guardanapos, muitas cores e formas que provocavam poeticamente, comentaram a respeito e pediram para manusear o livro.

Faltavam cinco minutos para o término da aula e os estagiários aproveitaram para dar um recado à turma. Tendo em vista a falta de colaboração dos alunos na realização das atividades, foi marcada uma avaliação de recuperação que abordaria todo o conteúdo trabalhado até então, a saber: poesia, figuras de linguagem, paródia e poesia concreta. Essa recuperação ficou acordada para o dia 21/06, próxima terça-feira, e enfocou-se que o intuito do estágio não era aplicar prova, porém, a falta de retorno da turma para com os estagiários e a participação pequena na realização das atividades obrigou essa tomada de decisão, juntamente com as exigências do colégio que obrigava uma recuperação paralela após cada avaliação. Enfatizou-se a decepção da aula em que os alunos tiveram duas aulas de quarenta minutos para finalizarem a paródia, mas apenas dois grupos fizeram e os demais estavam conversando e negligenciando a atividade proposta. A professora titular enfatizou a importância das atividades propostas pelos estagiários e chamou a atenção dos alunos, pedindo que levassem mais a sério o conteúdo apresentado no projeto. Logo após, a turma foi dispensada e o sinal tocou em seguida.

Após o término das aulas, os estagiários, com o auxílio da professora orientadora, expuseram na escola o varal literário com os poemas produzidas pelos alunos (ANEXO XIII – Amostra de reescrita dos poemas dos alunos e ANEXO XII – Varal literário exposto no dia 14 de jun. de 2016).

Décimo Segundo Encontro: Aulas 18 e 19

Responsável: Samara Hinkel Corrêa

Estas aulas foram dedicadas ao encaminhamento e o início da atividade individual sobre Poesia Concreta. O intuito da atividade era estimular a capacidade de criação dos alunos, pedindo-lhes que criassem, em folha A4, um poema concreto, tendo em vista as aulas expositivas a respeito deste tema.

A aula se iniciou com a estagiária entregando para cada aluno uma folha A4 em branco e outra contendo a proposta da atividade. Os alunos demonstraram-se um pouco indiferentes em relação à atividade, quando não chateados por, segundo eles, estarem tendo muitas atividades para fazer.

Foi feita a leitura coletiva, esclarecido algumas dúvidas e, principalmente, frisado que a atividade deveria ser postada em uma rede social dos alunos, e apresentada na próxima semana, juntamente com um *print screen* da postagem. Após este esclarecimento, os alunos iniciaram seus poemas. A maioria dos alunos começou a atividade no momento em que lhes foi solicitado, pedindo ajuda aos estagiários para aprimorar suas primeiras ideias ou para mudá-la, caso não estivessem dentro da proposta; outros estavam sem ideias, e estes foram sendo auxiliados pelos estagiários para que seus poemas saíssem de acordo com a proposta.

Diferente da atividade sobre paródia, nesta os alunos estavam mais interessados, embora houvesse alguns que passaram duas aulas sem produzir nada. Destes, dos quais os estagiários não sabiam como seria a criação, foram anotados os nomes, no intuito de evitar plágios, devido ao fato de muitas das atividades solicitadas para serem feitas em casa, como tarefa, acabarem sendo plagiadas.

Em um pequeno momento da segunda aula, foram expostos no quadro branco os tópicos cujo conteúdo estaria presente na prova do dia seguinte, e também foram dadas algumas dicas aos alunos, a fim de os ajudarem a estudar. Quando os estagiários lhes perguntaram se tinham alguma dúvida a respeito do conteúdo, os alunos não se manifestaram. Assim, o tempo restante foi dedicado à continuação da atividade.

Ao fim da aula, alguns alunos já entregaram a atividade pronta, tiraram fotos e postaram-na em sua rede social; outros ficaram de terminar a atividade na aula posterior à prova; e outros não tinham ainda sequer começado.

Décimo Terceiro Encontro: Aulas 20 e 21

Responsável: Thalisson Machado

Conforme pensado para este dia, 21/06, foi aplicada a avaliação de recuperação com os alunos (ANEXO XIV – Avaliação de recuperação aplicada no dia 21/06 e ANEXO XV – Amostra da resolução da avaliação de recuperação). A decisão de realizar essa prova se deu por tratar-se de uma norma do colégio, segundo a qual os alunos tem direito de recuperar suas notas baixas ou atividades não realizadas por faltas e afins. O estagiário adentrou a sala de aula, saudou os alunos e solicitou que deixassem sobre suas carteiras apenas o material necessário para a realização da prova, guardando suas mochilas, bolsas, celulares e demais pertences. Solicitou também que fizessem silêncio durante a avaliação.

Após entregar as avaliações os alunos logo se debruçaram sobre a prova e em silêncio, perceptivelmente concentrados, iniciaram a realização da prova. Conforme os alunos que ainda não estavam presentes iam chegando, recebiam a prova e davam início a sua resolução. De acordo com as dúvidas que possivelmente surgiam em determinadas questões, individualmente, os alunos solicitavam auxílio e um dos três estagiários ia até sua carteira, sanando a dúvida e esclarecendo o que pedia cada questão.

Enquanto os alunos realizavam a prova, a estagiária aproveitou para distribuir a atividade avaliativa solicitada no dia anterior (20/06) sobre poesia concreta para que os alunos faltantes iniciassem em casa e concluíssem na escola, na próxima aula que seria dedicada para tal.

Muitos alunos “finalizaram” a avaliação na primeira aula e queriam ser dispensados, porém, por norma da escola não é permitido dispensar alunos antes de tocar o sinal. Por esse motivo, o estagiário solicitou que aqueles que tivessem terminado a prova a entregassem e fossem estudar para outras disciplinas, fazer outras atividades escolares, mas, priorizando o silêncio para não atrapalhar os que estavam realizando a prova.

Ao soar o sinal para o recreio, a grande maioria já havia finalizado a avaliação. Os alunos entregaram as avaliações e aos poucos saíram da sala.

Décimo Quarto Encontro: Aula 22

Responsável: Tiago Carturani

A aula do dia 27 de junho inicia com o estagiário, auxiliado por sua colega de estágio, informando à turma sobre a necessidade de que eles enviem para o *WhatsApp* da estagiária o *printscreen* de suas postagens em redes sociais referente à poesia concreta que produziram durante o decorrer das últimas aulas.

O estagiário, após esse anúncio, explica como foram as notas da prova de recuperação e reitera que essa nota de recuperação visou substituir as notas baixas da paródia. Em geral, as notas foram abaixo da média, apenas uma aluna conseguiu nota acima da média, contudo, o conteúdo da prova foi elaborado a partir dos conteúdos trabalhados em sala de aula, inclusive muitas das questões trouxeram textos e imagens retirados dos *slides* que foram apresentados para a turma. Houve, por parte dos alunos, certa indiferença quanto à prova de recuperação.

Esta foi a última aula para finalizar a produção do poema concreto. Portanto, o estagiário tenta anunciar tal fato, mas se cala pois há muita conversa, os alunos parecem estar dispersos. Ao pedir silêncio, o estagiário consegue informar que esta aula é a última para a produção desta atividade e que é necessário postar ainda hoje e mandar o *print screen* para a estagiária. Ele vai passando de carteira em carteira para ver se algum aluno está com dificuldade na produção da atividade.

Muitos dos alunos se anteciparam e fizeram suas produções durante o final de semana. Contudo, a maioria dos alunos que estava conversando não tinha se quer começado a produzir algo. Os mais dispersos eram aqueles que nada haviam produzido. Foram distribuídas folhas a4 em branco para quem ainda não havia começado, mas foi em vão.

Como era apenas uma aula, o estagiário fez a chamada, tendo que interrompê-la para pedir silêncio.

Décimo Quinto Encontro: Aulas 23 e 24

Responsável: Tiago Carturani

Este encontro foi o último em que os estagiários tiveram contato com a turma 3.12. Para este encontro estava programada: a apresentação dos poemas concretos (ANEXO XVI – Amostra dos poemas concretos dos alunos), a aplicação do questionário elaborado pelos estagiários a fim de ter um *feedback* dos alunos e considerações finais.

A premissa era que os alunos enviassem seu poema concreto, printado de alguma rede social. Parte dos alunos seguiu como solicitado e, de posse de material, a estagiária produziu uma apresentação que iria auxiliar a exposição oral dos alunos. As apresentações iniciaram breves e tímidas. Alguns alunos tiveram destaque nesta atividade, mostrando competência e seriedade na elaboração de seus poemas; outros, porém, mais tímidos, pouco falaram, mas

realizaram. Alguns não fizeram e outros não quiseram apresentar. Os alunos reclamaram, durante as apresentações, o fato de terem que ir até a frente da sala para concluir a apresentação.

Com a finalização das apresentações, o estagiário informa aos alunos que eles irão responder a um questionário a respeito da atuação dos estagiários em sala de aula. Foi explicado a eles que não havia necessidade de identificação, deixando, portanto, os alunos mais livres para expressar suas opiniões. Foi dado tempo suficiente para que os alunos pudessem responder as cinco questões discursivas.

Ao longo do tempo em que os alunos tiveram espaço para responder, os outros dois estagiários do trio, juntamente com a professora orientadora da disciplina de estágio, iniciaram a leitura dos questionários já respondidos a fim de prepararem rapidamente um retorno a alguma questão que surgiram como resposta ao questionário. Com a finalização, por parte dos alunos, em responder as questões, o estagiário inicia a segunda parte da aula em que fala sobre a Semana de Arte Moderna no Brasil, manifestos modernistas, intertextualidades entre modernistas e vanguardas europeias. Trouxe também alguns vídeos que mostram como a poesia neste período passou por reformulações, reivindicando um rompimento com a estética tradicional e buscando novos meios de circulação artísticas, utilizando-se do arcabouço tecnológico disponível na época para alcançar seus objetivos. Alguns alunos ficaram mais atentos a essa parte da aula pois as manifestações artísticas mostradas pelo estagiário eram incomuns e, portanto, lhes chamavam a atenção.

Ao concluir essa parte da aula, a professora Isabel pede a palavra e inicia uma fala de agradecimento à professora e aos alunos pela colaboração com os estagiários durante quase dos meses. Aproveitou para abrandar os pensamentos de alguns alunos que se expressaram preocupados com a perda de conteúdo durante a permanência dos estagiários em sala de aula. Não houve identificação, por parte dos alunos, com as temáticas trabalhadas – poética, interpretação e criação. Contudo, a professora ressaltou que o planejamento, ou seja, o projeto de docência elaborado pelos estagiários segue os planejamentos já definidos pela professora gerente da turma, apenas os recortes e a metodologia é particular do grupo. Os estagiários aproveitaram o momento para agradecer aos alunos e a professora pelo tempo cedido.

Enquanto os outros estagiários completavam seus agradecimentos, o estagiário responsável pela aula conclui silenciosamente a chamada. A professora regente da turma também agradece a oportunidade de ter os estagiários em sua turma e agradece em nome da turma pelas aulas ministradas pelos estagiários. Sendo a aula antes do intervalo, os alunos são

liberados antes de bater o sinal, visto que é dia de comida quente e sempre há formação de longa fila nesses dias.

5 Projeto Extraclasse

Vestibulando em foco - a Literatura Brasileira no vestibular da UFSC 2017

Este projeto faz parte da disciplina Estágio Supervisionado no Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas II (MEN7002). Seu objetivo é promover atividades cujo conteúdo participe dos temas exigidos pela disciplina de LP presente nos PCNs.

Os alunos envolvidos no projeto são do terceiro ano do ensino médio. O projeto aconteceu nas quintas-feiras, das 18h45min às 21h35min, cujas turmas são: 3.11, 3.12 e 3.13. O projeto abrange os dias 16, 23 e 30 de junho, com a carga horária final de 12 horas; e foi organizado pelos estagiários(as) Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani, sob a orientação da professora Dr^a Isabel Monguilhott.

A ideia central do projeto nasce da intenção de trabalhar com quatro das oito obras literárias exigidas pelo vestibular da UFSC, tendo em vista que muitos alunos desejam continuar os estudos ingressando em cursos superiores. Para isso, serão enfocadas no projeto as obras: *Poética* de Ana Cristina César; *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo; *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu; e *Esau e Jacó* de Machado de Assis. Dentro das inúmeras possibilidades de se trabalhar com obras literárias, este projeto priorizará os seguintes aspectos: a leitura de fragmentos das obras visando despertar o desejo pela leitura integral; a contextualização histórica da obra (contexto de criação, escola literária a qual pertence e informações sobre os autores); a realização de atividades de interação na qual os alunos se façam sujeitos de seus dizeres diante do texto lido, confrontando sua leitura com intertextualidades que possam surgir ao longo dos encontros; e a proposta de um simulado com questões elaboradas pelos estagiários que se assemelhem a questões propostas em vestibulares dos anos anteriores.

Esse processo de ensino/aprendizagem possibilita aos alunos refletirem acerca das sensações, sentimentos, pensamentos e ideias relacionadas à sua experiência individual, sua experiência com o texto literário e suas capacidades de leitura e interpretação

5.1 Justificativa

O universo literário é, por muitas vezes, pouco explorado dentro das escolas. O contato com a literatura na escola é mais efetivo nos anos iniciais do Ensino Fundamental quando a cobrança pela leitura é feita de forma mais suave e não há necessária obrigação de leitura de determinado autor por valorização canônica. Contudo, nos anos finais do Ensino

Fundamental e principalmente no Ensino Médio, percebe-se grande resistência, por parte dos alunos, em ler literatura.

A maior reclamação é sobre a temática e vocabulário que os livros clássicos trazem. Tais aspectos parecem amedrontar os alunos e afastá-los do âmbito literário. Há espaço na leitura dos jovens, em especial, para os livros que ocupam as vitrines das livrarias, comumente chamados de *Best-sellers*. A problemática encontra-se no momento em que os alunos percebem que há uma cobrança por parte dos professores quanto à leitura de livros considerados canônicos. Essa resistência esbarra frequentemente na necessidade futura de conhecimento das obras literárias canônicas ou não, vinculadas ao ingresso no Ensino Superior.

É importante ressaltar que para além das necessidades práticas que envolvem o conhecimento mínimo do universo literário, há, essencialmente, a necessidade do contato com a literatura como parte de um construto social que ainda está em processo de construção e dá acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade. Entendendo a formação do sujeito a partir da alteridade, pode-se dizer que o contato com produções artísticas provoca um contato oblíquo entre o sujeito e o outro. A literatura como parte integrante do conjunto cultural produzido em sociedade desempenha papel humanizador e sustenta-se por não estar ligada às necessidades práticas, ou seja, ela não tem utilidade prática imediata. Partindo dessa característica, é fundamental seu estudo dentro dos recessos educativos já que seu propósito ultrapassa modelos e metas, está relacionada com a constituição do ser humano, com conhecimento de si e do outro.

Portanto, julga-se necessário o trabalho com obras literárias selecionadas para o vestibular da UFSC 2017, pois além da necessidade imediata de conhecimento das obras, contexto histórico e intertextualidades, há, em especial, a necessidade de contato com a universo literário a fim de provocar maior empatia entre alunos e obras, desmistificando possíveis conceitos preestabelecidos e pouco a pouco inserindo o aluno em um universo suprarreal possível apenas por meio da literatura.

5.2 Reflexão teórica²

Para embasar o gesto de reivindicação pelo trabalho com a literatura no projeto extraclasse, consideramos as reflexões de Antônio Cândido, em seu texto *O direito à literatura*, em que o autor justifica a importância da literatura para o homem.

Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CÂNDIDO, 1995, p. 242-243).

A literatura, por ser discurso de natureza menos pragmática, leva ao extremo as possibilidades de utilização da linguagem; transcende o usual; e, além de exercitar a noção de liberdade do indivíduo, reintegra a noção de arte ao contexto social. O processo de letramento por meio da literatura é uma possibilidade para o aluno tomar para si um direito essencial, pois a arte – a literatura naturalmente inclusa aí – tem nessa concepção um valor cultural para além do estético. Essa reflexão coincide com a proposta dos PCNs, que enfatizam a fruição literária como indispensável para a apropriação desse mesmo direito, criticando a leitura descontextualizada e o contato superficial com as obras literárias – o texto como pretexto, não como ferramenta de cidadania.

A literatura passou por várias transformações ao longo dos tempos, tendo como finalidade desde a instrução moral até, segundo Colomer (2007, p. 17), ser “[...] o aprendizado prático para criar discursos orais e escritos.”. Ou seja, a ficção inserida nas páginas dos livros é indispensável para a humanização, para seu reconhecimento numa sociedade em que a interação é o eixo norteador da comunicação. Colomer (2007, p. 20) ainda afirma que “[...] as disciplinas que compõem a área das ‘humanidades’ sempre sustentaram que a contribuição da literatura na construção social do indivíduo e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável.”. Antonio Candido (1995, p. 249) busca ainda conceituar o que seria essa humanização, segundo o autor:

[...] humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar

² Este item foi adaptado do projeto extraclasse realizado pelos estagiários no semestre de 2015.2. Como o foco aqui é trabalhar a literatura como um meio humanizador do sujeito, entendemos que não haveria necessidade de se escrever a mesma coisa do semestre passado com palavras diferentes, pois nossas concepções continuam as mesmas.

nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Conforme o mesmo autor, a literatura tem como função construir objetos autônomos (e, por isso, organizar nossa visão do mundo), ser uma forma de expressão, de conhecimento e de nos humanizarmos.

A leitura está associada a um ato de transformação social, baseada na interação entre escritor e leitor. O discurso – conhecimentos adquiridos por indivíduos enquanto sujeitos sociais – entre o enunciador e o receptor (leitor), com base nos estudos de Bakhtin (2003), promove-se uma maior proximidade da língua e sociedade. O enunciado pode ser compreendido como uma unidade da comunicação verbal. Com base em Bakhtin (2006), a comunicação verbal permite a ampliação da visão de mundo, de conhecimentos e de interação. A materialidade da comunicação verbal, o enunciado, é o que determina a formação ideológica do indivíduo. O sujeito posiciona-se por estar inserido numa formação ideológica. A literatura, desse modo, cumpre o papel de inclusão e transformação social.

No que tange ao processo de ensino/aprendizagem de literatura, segundo Cosson (2014) em *Letramento Literário: teoria e prática*, há um excesso de sistematização das práticas pedagógicas nesse sentido, ao mesmo tempo em que há uma ausência de sistematização.

O autor pontua que, segundo M.A.K. Halliday, a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem, a saber, aprendizagem da literatura, sobre a literatura e por meio da literatura: a aprendizagem da literatura visa a proporcionar a experiência do mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura objetiva mediar conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura objetiva disponibilizar saberes e habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários.

Observando a realidade do ensino básico brasileiro, Cosson (2014) defende a tese mediante a qual as aulas de literatura são muito tradicionais, focadas na aprendizagem da literatura e sobre ela, desconsiderando o terceiro tipo de aprendizagem – por meio da literatura – sendo este o mais importante segundo o autor.

Partindo desse pressuposto, Cosson (2014) propõe a sistematização das atividades das aulas de literatura em duas sequências exemplares, quais sejam: básica e expandida, que consistem em duas possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de literatura do Ensino Básico. A partir de pesquisas realizadas em parceria com seus

alunos, o autor percebeu que a leitura demanda uma preparação, uma sequência para leitura construída em quatro passos.

O primeiro passo é o da motivação. Trata-se de práticas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. Acredita-se que o elemento lúdico que a motivação contém ajuda a aprofundar a leitura da obra literária. Alguns professores questionavam se a motivação não induziria o aluno a deter-se em um único aspecto da obra, o que poderia levar a um empobrecimento do texto, ou, a um único aspecto da interpretação do aluno, uma vez que trazia, implícita ou explicitamente, a interpretação do professor. Outro aspecto relevante da motivação é que se dá conjuntamente, i.e, trabalha leitura, escrita e oralidade. Isto posto, é importante a integração do ensino da LP com a literatura, já que um está contido no outro.

O segundo passo é o da introdução, e consiste na apresentação do autor e obra. A apresentação física da obra é também muito importante, pois, é o momento em que o professor captura a atenção do aluno para leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que apresentam e introduzem a obra.

O terceiro passo é o da leitura. Segundo Cosson (2014), é nesta etapa que ocorre o letramento literário acompanhado de leitura. Esse processo, de maneira geral, ocorre quando o professor pede que algum aluno leia um texto e nada além disso. Todavia, tratando-se da leitura de livros, esse acompanhamento deve ser diferenciado. Cabe ressaltar aqui que o autor pondera que acompanhar não é policiar, portanto: “nesse sentido, nada impede o professor de apontar, nas leituras mais superficiais, as inconsistências que julgar importante para uma compreensão maior da obra, solicitando, inclusive, que o aluno realize uma reescritura.” (COSSON, 2014, p. 84).

O quarto passo refere-se à interpretação que, segundo o autor, ocorre em dois momentos, um interior e outro exterior. O momento interno é o que acompanha a decifração dos capítulos, das páginas e das palavras, tem seu ápice na apreensão global da obra que se realiza logo depois de terminar a leitura. Esse encontro caracteriza um ato individual, todavia, sempre conta com o momento de vivência do leitor, o que o torna um ato social. O momento externo consiste na concretização, i.e, na materialização da interpretação como ato de construção de sentido de uma determinada comunidade. A partir de compartilhamentos de interpretações, os leitores adquirem consciência de que são membros de uma coletividade, e isso fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

A interpretação é, portanto, “o reconhecimento de que uma obra literária não se esgota, antes se amplia e se renova pelas várias abordagens que suscita, que identifica o leitor literário.” (COSSON, 2014, p. 94).

O autor acredita e defende a literatura como experiência, e não como conteúdo a ser avaliado. O processo de ensino/aprendizagem não se dá por meio de respostas certas, e sim pela interpretação de cada aluno leitor, como ele pensou aquilo e pela coerência de seu pensamento com o texto. Isto posto, o professor deve preocupar-se mais com o conteúdo da resposta, e não somente com a sua forma.

Cosson (2014) enfatiza que é necessário e extremamente fundamental explorar os gêneros como ensaios, resenhas, diário de leitura, relatório, diálogo e mediar debates e exposições orais nas quais o professor atue como moderador e inspirador, não como dono da interpretação correta que dá a primeira e a última palavra sobre a leitura de uma determinada obra. Atentando-se a isso, o autor postula que o professor precisa resistir à tentação de avaliar constantemente a performance do aluno, e que a avaliação não deve ser um meio de impor a sua interpretação.

Dando continuidade à importância dos processos de leitura e interpretação no ensino de literatura, Compagnon (1996) reflete acerca do trabalho de citar. Para ele, é preciso “aceitar a fatalidade do fracasso e da imperfeição. Nada se cria.” (COMPAGNON, 1996, p.10).

Partindo desses pressupostos, o intuito de mediar a realização de um projeto baseado na leitura, interpretação, debates e realização de simulado a partir das quatro obras literárias citadas anteriormente, põe em prática a utilização do discurso de *outrem* dando à luz à um novo discurso, conforme sugere Bakhtin (2006).

5.3 Objetivos

5.3.1 Objetivo geral

- Proporcionar o contato com a literatura brasileira de diferentes épocas, por meio da leitura, escuta e interpretação das obras *Poética* de Ana Cristina César, *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo, *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu e *Esaú e Jacó* de Machado de Assis que estão entre as oito obras exigidas pelo vestibular da UFSC 2017.

5.3.2 Objetivos específicos

- Estimular o interesse pela literatura brasileira de diferentes épocas;

- Possibilitar espaço de leitura, interpretação e reflexão textuais;
- Fomentar debates e reflexões acerca do contexto histórico-literário de criação de cada obra;
- Explanar informações biográficas sobre os autores que se considerarem relevantes para interpretar a obra.
- Instigar a ressignificação da leitura, estimulando os estudantes a se expressarem por meio da oralidade, expondo suas dúvidas e compartilhando suas leituras e intertextualidades;
- Aplicar simulado produzido pelos estagiários com questões semelhantes às que possivelmente cairão no vestibular da UFSC 2017. Este simulado será embasado em questões propostas por vestibulares anteriores;
- Auxiliar os alunos no processo de formação para a vida além da escola, instigando-os a se prepararem para o ingresso em universidades.

5.4 Metodologia

Este projeto extraclasse se dá em três noites. De acordo com o cronograma estabelecido, o primeiro encontro deve compreender a apresentação do projeto extraclasse e dos estagiários. A apresentação serve para explicitar os conteúdos e objetivos pretendidos, informando também o cronograma que será seguido, explanando o que será tratado em cada encontro e a importância da realização deste projeto. Na primeira noite, dia 16/06, ocorrerão dois encontros planejados para duas aulas de 40 minutos cada um, sobre as obras *Poética*, de Ana Cristina César, e *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo. Na segunda noite, dia 23/06, ocorrerão dois encontros planejados para duas aulas de 40 minutos cada um sobre as obras *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu, e *Esau e Jacó*, de Machado de Assis. Estima-se que esses encontros atendam um público de aproximadamente 50 alunos, subdivididos em 25 alunos por encontro. Das 18h55min às 20h05min será atendido o primeiro grupo e das 20h15min à 21h35min será atendido o segundo grupo. Desta forma, prepara-se a mesma aula de duração de uma hora e vinte minutos a ser repetida durante a noite, objetivando alcançar a participação do maior número possível de alunos nas aulas oferecidas pelo projeto.

Estas aulas serão mediadas pelos estagiários e abordarão o contexto histórico das obras, vida e obra dos autores e a leitura e interpretação de contos dos livros *Olhos D'Água* e *Além do ponto e outros contos*, poemas do livro *Poética* e fragmentos do romance *Esau e Jacó*. Também poderão ser abordados vídeos disponíveis na *internet* que estabeleçam

intertextualidade com as obras trabalhadas neste encontro. A ideia é aproximar o conteúdo das obras das vivências dos alunos, suas experiências e seus horizontes de apreciação, despertando o gosto pela literatura brasileira e suas temáticas. Visa-se instigar a reflexão crítica e o debate acerca de questões sociais e críticas trazidas pelas obras, bem como estimular a participação e o posicionamento do aluno como sujeito por meio da oralidade.

O terceiro encontro diz respeito à aplicação de um simulado com questões de vestibular construídas pelos estagiários tomando como base as provas de vestibulares anteriores. Será no dia 30/06 e será aplicado de forma repetida, seguindo a dinâmica de distribuição das aulas do projeto, será aplicado o mesmo simulado para os dois grupos que participaram das aulas anteriores, um grupo, portanto, realizará o simulado das 18h45min às 20h05min e o outro o realizará das 20h15min às 21h35 min. Isto posto, o simulado seguirá o “modelo” das questões exigidas pela UFSC, com questões de múltipla escolha que cobrem conhecimento das quatro obras abordadas nas aulas do projeto. O resultado desse simulado será o retorno aos alunos com o gabarito e a nota de cada um para que saibam o que acertaram e no que precisam melhorar, instigando, assim, uma melhor preparação para o exame vestibular da UFSC 2017 que acontecerá em dezembro deste ano.

5.5 Recursos necessários

- *Datashow*;
- Sala multimídia com acesso à *internet*;
- *Pen-drive*;
- Slides com apresentações preparadas pelos estagiários;
- Obras: *Poética* de Ana Cristina César, *Olhos D'Água* de Conceição Evarito, *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu e *Esau e Jacó* de Machado de Assis;
- Trechos impressos com fragmentos das;
- Quadro branco e caneta, quando necessário.

5.6 Avaliação

A participação nas oficinas é de suma importância para ajudar na compreensão e na interpretação do conteúdo das obras como um todo coerente (características gerais como enredo, personagens, foco narrativo, ou seja, estrutura em geral; até a contextualização histórica e breves bibliografias). Além do interesse e participação dos alunos nas oficinas, a avaliação de compreensão e interpretação se dará também por meio de um simulado com as características do vestibular da UFSC, uma vez que as obras trabalhadas são leitura

obrigatória para que se faça uma boa pontuação nas questões de Língua Portuguesa no vestibular.

Assim, o simulado tem como objetivo duas propostas centrais: avaliar os alunos enquanto leitores das obras, ou seja, a capacidade interpretativa; e propor uma autoavaliação para que eles saibam, de maneira geral, como está sendo sua preparação para o vestibular.

5.7 Cronograma das atividades

Data e horário	Descrição da atividade
<p style="text-align: center;">16/06/2016</p> <p style="text-align: center;">Das 18h45min às 20h05min e das 20h15min às 21h35min</p>	<p>Leitura, escuta, interpretação e debates acerca de aspectos histórico-literários das obras <i>Poética</i> de Ana Cristina César e <i>Olhos D'Água</i> de Conceição Evarito. Vida e obra das autoras. Esse encontro terá a duração de duas aulas de quarenta minutos a ser realizado duas vezes na mesma noite, para dois grupos distintos de alunos.</p>
<p style="text-align: center;">23/06/2016</p> <p style="text-align: center;">Das 18h45min às 20h00min e das 20h15min às 22h20min</p>	<p>Leitura, escuta, interpretação e debates acerca de aspectos histórico-literários das obras <i>Além do ponto e outros contos</i> de Caio Fernando Abreu e <i>Esaú e Jacó</i> de Machado de Assis. Vida e obra dos autores. Esse encontro terá a duração de duas aulas de quarenta minutos a ser realizado duas vezes na mesma noite, para os mesmos grupos atendidos no dia 16/06.</p>
<p style="text-align: center;">30/06/2016</p> <p style="text-align: center;">Das 18h45min às 21h30min</p>	<p>Realização do simulado com questões interpretativas de vestibular elaborado pelos estagiários tomando como base as quatro obras trabalhadas.</p>

5.8 Referências

- ABREU, C. F. **Além do ponto e outros contos**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- ASSIS, M. de, 1839-1908. **Esau e Jacó**. 13. ed. São Paulo: Ática 2011. 240 p.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Edição: HUCITEC: 2006. Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/MARXISMO_E_FILOSOFIA_DA_LINGUAGEM.pdf> Acesso em: 21 ago. 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação - MEC. **Educação para jovens e adultos: Ensino Fundamental: Proposta curricular - 1º segmento. Coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2015.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015, 116 p.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. Vários escritos. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1995.
- CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 504 p.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. De Laura Sandroni, São Paulo: Editora Global, 2007.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2014.
- LOBO, Dalva de Souza. Texto Digital, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 194-208, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2015v11n1p194>>. Acesso em: 27 out. 2015.
- MORAIS, Mario Ribeiro; DOMINGOS, Michelle Moraes. In: SENALIC, VI, 2015. **Anais do VI SENALIC**. São Cristóvão: GELIC, 2015. v. 06. p. 1-11. Disponível em: <http://200.17.141.110/senalic/VI_senalic/textos_VISENALIC/Mario_Ribeiro.pdf>. Acesso em: 27 out. 2015.

5.9 Planos de aula

Primeiro encontro

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professoras Regentes: Marcia Madalena Kovalek e Liliane Zonta

Estagiários: Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 16/06/2016 (5ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos a serem replicadas e mais 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 20h05min e das 20h25min às 21h35min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: *Poética*, de Ana Cristina César e *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Mediar o contato dos alunos com obras de literatura brasileira de diferentes épocas afim de lhes proporcionar conhecimentos que serão cobrados no vestibular da UFSC 2017.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Apresentar o projeto extraclasse.
- b) Especificar os conteúdos e recortes que serão contemplados ao longo das aulas.
- c) Ler, interpretar e discutir sobre as obras *Poética*, de Ana Cristina César e *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo.

2.3 - Conhecimentos abordados: literatura brasileira, história da literatura, interpretação textual, intertextualidade.

3 - Metodologia:

- Apresentar o projeto extraclasse.;
- Distribuir fragmentos da obra *Poética*, de Ana Cristina César e fomentar a leitura em grupos e em voz alta de algumas poesias selecionadas para a aula (em anexo);
- Perguntar aos alunos se já conhecem aqueles poemas ou a autora, trazendo para a aula os seus conhecimentos prévios.
- Por meio de apresentação de *slides* preparada pelos estagiários, contextualizar os alunos acerca da obra e da autora, com dados relevantes sobre o contexto histórico de criação, análise da obra, possíveis intertextualidades com situações sociais do presente e do passado;
- Distribuir fragmentos da obra *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo e fomentar a leitura em grupos e em voz alta de dois contos selecionados para aula (em anexo);
- Instigar os alunos a socializarem suas interpretações acerca dos contos lidos, relatando as características e as formas de agir das personagens envolvidas e como cada um

entende os fatos que ocorrem nas narrativas, quais semelhanças e diferenças principais entre eles;

- Por meio de apresentação de slides (em anexo), contextualizar os alunos acerca da obra e da autora, com dados relevantes sobre o contexto histórico de criação, breve análise da obra, possíveis intertextualidades com outros textos e com situações sociais do presente e do passado;
- Fomentar uma interpretação crítica por parte dos alunos que os permitam visualizar a obra em seu todo, e não apenas como uma “história inventada por alguém”;
- Recomendar a leitura das obras literárias como ação fundamental para obter bons resultados no vestibular da UFSC 2017; e
- Distribuir aos alunos resumos que contenham dados importantes sobre as obras, autoras, contextos de criação e intertextualidades fundamentais para o entendimento dos textos. Esse resumo poderá ajudá-los nos momentos de estudos debruçados para a preparação para o vestibular.

4 – Recursos necessários:

- *Slides* (em anexo);
- Sala Multimídia;
- *Pendrive*;
- Projetor;
- Computador com acesso à internet;
- Fotocópias dos textos para os alunos; e
- Quadro branco e caneta, caso necessário.

5 – Avaliação: A avaliação se dará de acordo com o interesse do aluno no encontro. Questionamentos e dúvidas serão bem-vindos e podem indicar que este aluno estava prestando atenção no conteúdo apresentado, bem como nas leituras propostas.

6 – Referências

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015, 116 p.

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 504 p.

7 - Anexos

Anexo 1: Slides utilizados na aula

Projeto Extraclasse

O VESTIBULANDO EM FOCO:
A Literatura Brasileira no vestibular da UFSC 2017

Literatura

Estagiários: Thalisson E. A. Machado, Tiago Carturani e Samara Hinkel Corrêa

Vai cair na UFSC

Vestibular UFSC/2017

Autor	Obra	Editora
Ariano Suassuna	Auto da compadecida	Agir
Machado de Assis	Esaú e Jacó	http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=136504
Ana Cristina Cesar	Poética	Companhia das Letras
Conceição Evaristo	Olhos D'Água	Pallas
Carlos Henrique Schoereder	As fantasias eietivas	Record
Elvira Vigna	Vitória Valentina	Lamparina
Caio Fernando Abreu	Além do ponto e outros contos	Ática
Maria Valéria Rezende	Quarenta dias	Alfaguara

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

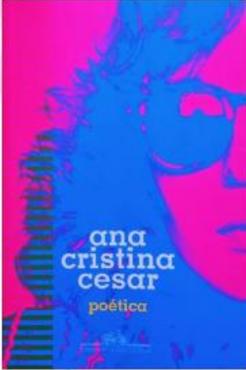
- Recomenda-se a leitura integral das obras.
- O conhecimento dessas obras supõe capacidade de análise e interpretação de textos, bem como o reconhecimento de aspectos próprios aos diferentes gêneros.
- Entende-se que é necessário conhecer também o contexto histórico, social, cultural e estético de cada obra.

Conceição Evaristo
OLHOS D'ÁGUA

- *Poética* de Ana Cristina César;
- *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo



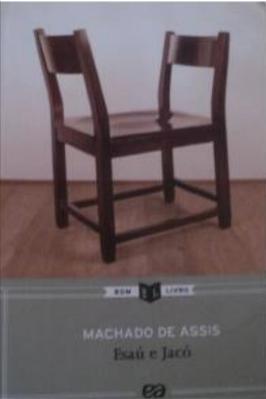
Caio Fernando Abreu
*Além do ponto
e outros contos*



ana
cristina
cesar
poética



BRASIL



MACHADO DE ASSIS
Esaú e Jacó

- *Esaú e Jacó* de Machado de Assis;
- *Além do Ponto e Outros Contos* de Caio Fernando Abreu.

OLHOS D'ÁGUA - Conceição Evaristo (2015)

- Coletânea de 15 Contos da autora;
- Principais temáticas: Discriminação racial, de gênero e de classe; **vivências de uma parcela da população marginalizada; a dor; o sofrimento; a falta de perspectiva; o sonho (ideal) e a morte;**
- A voz de uma população calada.

LEITURA DOS CONTOS:

- Duzu-Querença;
- Maria;
- Quantos Filhos Natalina Teve?.



VIDA E OBRA DA AUTORA

- Nasceu em 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte;
- Filha de uma lavadeira que matinha um diário onde anotava as dificuldades de um cotidiano sofrido (cresceu rodeada por palavras);
- Teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica;
- Em 1971 mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou em um concurso público para o magistério estudou Letras na UFRJ;
- Em 1990 estreou na literatura com publicações na série *Cadernos Negros*, publicado pela organização *Quilombhoje*;
- Mestrado em literatura Brasileira pela PUC-Rio;
- Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.
- Escritora negra de projeção internacional;
- Militante que atua dentro e fora dos marcos da academia;

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015, 116 p.

Disponível em

http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1383836323_ARQUIVO_BarbaraAraujoMachado.pdf Acesso em 09/05/2016

Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-fio-da-memoria-de-conceicao-evaristo-15766815> Acesso em 09/05/2016

Disponível em

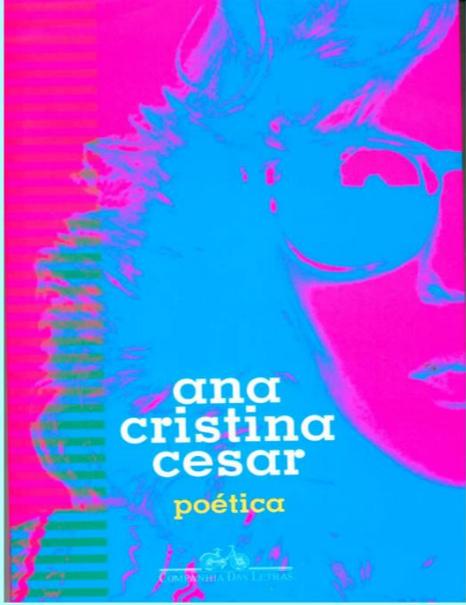
<http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/revela%C3%A7%C3%B5es-de-olhos-d-%C3%A1gua-1.1019389> Acesso em 09/05/2016

Disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/> Acesso em 09/05/2016

POÉTICA

ANA CRISTINA CESAR

ESTAGIÁRIOS: SAMARA H. CORRÊA, THALISSON MACHADO E TIAGO CARTURANI



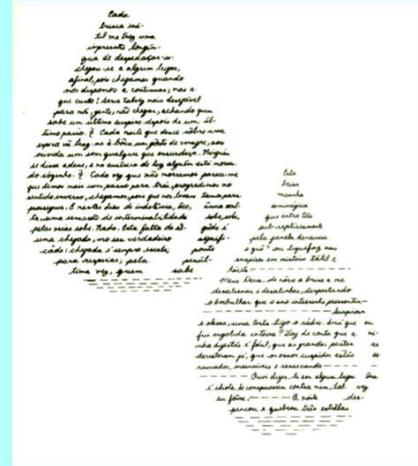
▶ Slide 1 | 🖥️ Visualização de apresentador | ⚙️ Sair

- ✨ 1952 □ 1983.
- Carioca.
- Primeira publicação aos 7 anos (1959).
- Graduada em Letras pela Puc-JR e mestre pela UFRJ.
- Saiu na antologia **26 Poetas hoje**, de Holoisa Buarque de Holanda em 1976.
- Fez parte da Geração Marginal.



A ESTILÍSTICA DE ANA C.

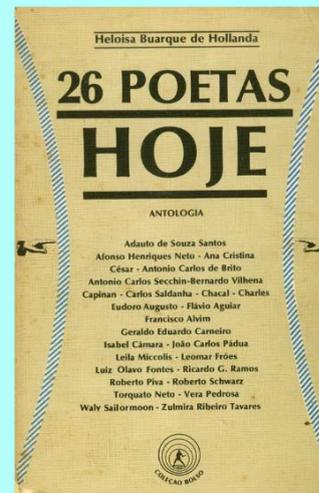
- Captura do momento (instante já).
- Busca por reestruturas poéticas.
- Livros como diários
- Diálogo entre poeta e leitor.
- Fragmentação.
- Incompletude.
- Inquietude.
- Visceral.



Slide 3 | Visualização de apresentador | Sair

GERAÇÃO MIMEÓGRAFO E POETAS MARGINAIS

- Movimento cultural coletivo da década de 1970.
- Oposição aos meios clássicos de produção poética.
- Subversão dos meios comuns de publicação.
- Nova sensibilidade.
- Grande apelo imagético



Slide 4 | Visualização de apresentador | Sair

ANA DECLAMANDO ANA - POEMA SAMBA-CANÇÃO



REFERÊNCIAS

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Disponível em <https://artefatocultural.files.wordpress.com/2010/11/foto171.jpg>

Disponível em http://homoliteratus.com/wp-content/uploads/2013/11/heloisa_buarque_de_hollanda22.jpg

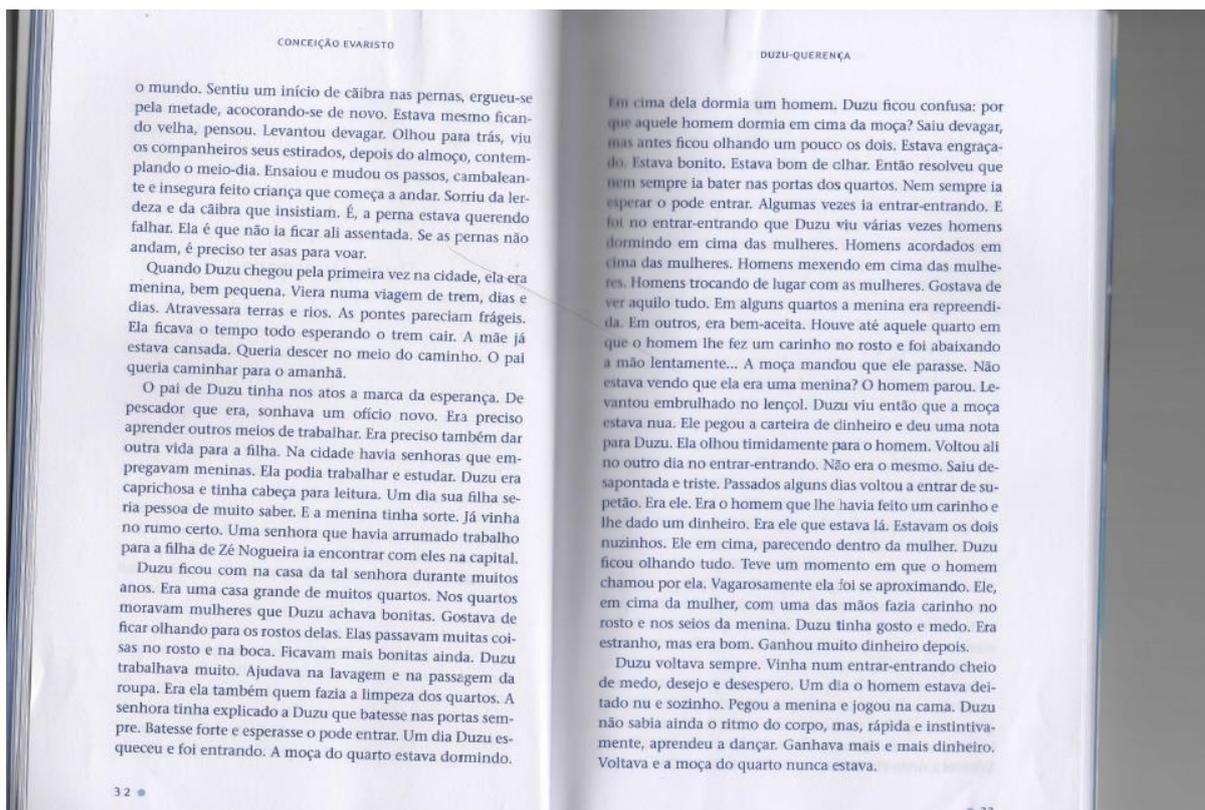
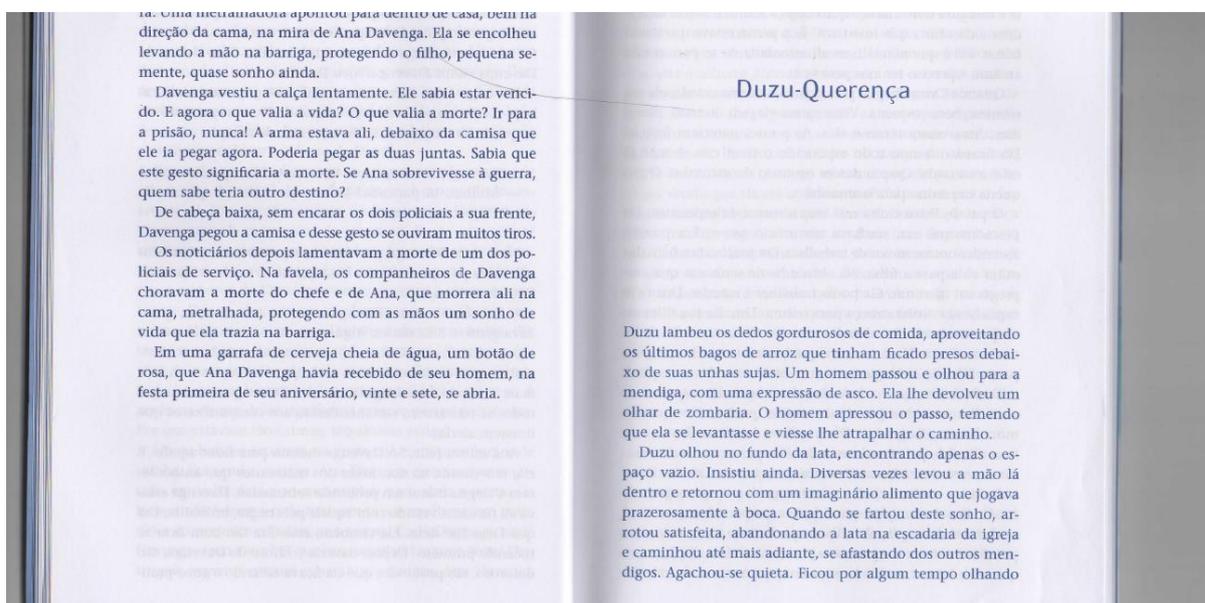
Disponível em <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/>

Disponível em <https://colhernaboca.wordpress.com/category/poetas-brasileiros/>

Disponível em <http://homoliteratus.com/a-poesia-marginal-e-a-poetica-chacaliana/>

Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Qqa7_7_wDe8

Anexo 2: Contos *Duzu-Querença*, *Maria* e *Quantos Filhos* Natalina Teve?



Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar.

Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama.

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida.

Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois. Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias. Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...

Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava. Pedia a benção. Ela sabia po-

rém que ele possuía uma arma e que a cor vermelho-sangue já se derramava em sua vida.

Com a morte de Tático, Duzu ganhou nova dor para guardar no peito. Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando n'isto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raízes do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias.

Duzu olhou em volta, viu algumas roupas no varal. Levantou com dificuldades e foi até lá. Com dificuldade maior ainda, ficou nas pontinhas dos pés abrindo os braços. As roupas balançavam ao sabor do vento. Ela, ali no meio, se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doiam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real.

Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. E já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. Ela viria na ala das baianas. Estava fazendo uma fantasia linda. Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente

em seu vestido esmolambado. Um companheiro mendigo havia-lhe dito que sua roupa, assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, mais parecia roupa de fada do que de baiana. Duzu reagiu. Quem disse que estrela era só para as fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer.

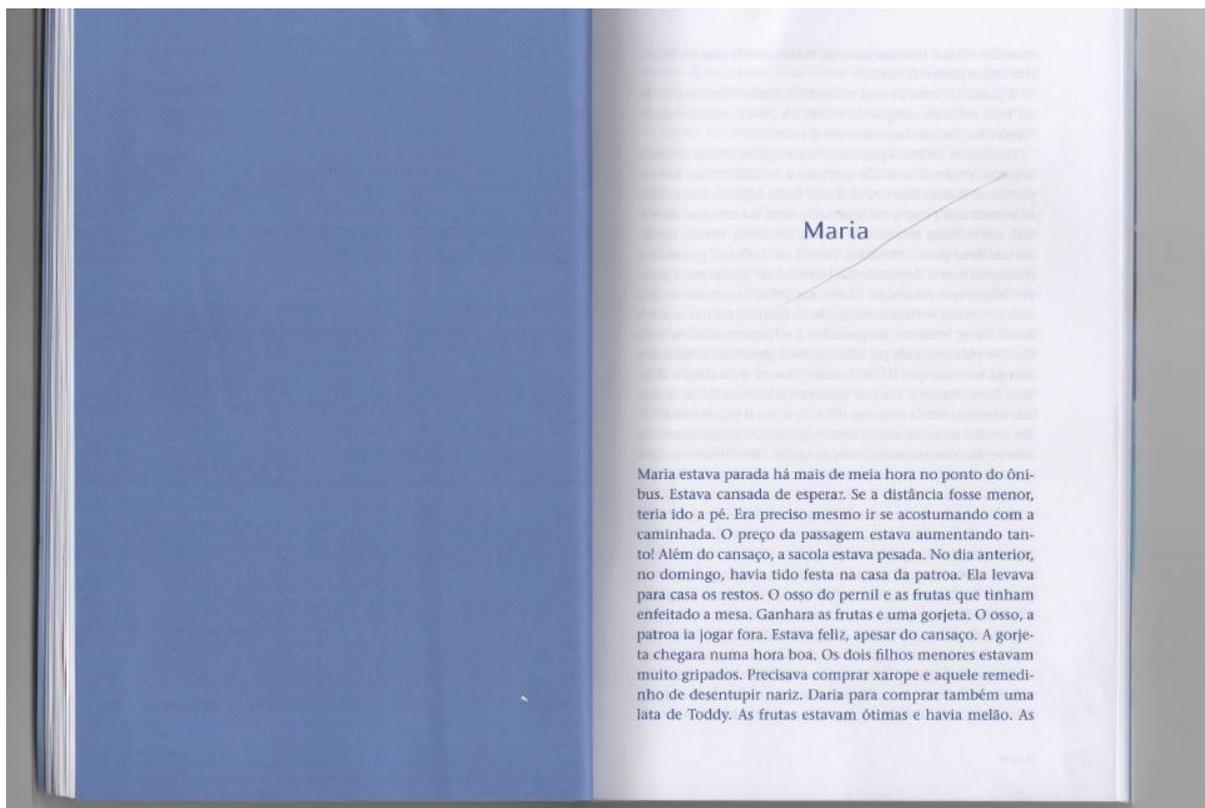
Duzu continuava enfeitando a vida e o vestido. O dia do desfile chegou. Era preciso inaugurar a folia. Despertou cedo. Foi e voltou. Levantou voo e aterrizou. E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vô Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho...

Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja.

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos

caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuía que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias.

Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro — lixo talvez — brilhavam no chão.



Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As

CONCEIÇÃO EVARISTO

crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão?

A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumel, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

MARIA

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouvia uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto*

com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê.* Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira:

— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

Quantos filhos Natalina teve?

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio. Enjoava e vomitava muito durante quase toda a gravidez. Na terceira, vomitou até na hora do parto. Foi a pior gravidez para Natalina. Pior até do que a primeira, embora fosse ainda quase uma menina quando pariu o primei-

ro filho. Brincava gostoso quase todas as noites com o seu namoradinho e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga. A mãe desesperada perguntou se ela queria o filho e se Bilico queria também. Ela não sabia responder por ele. Sabia, porém, que ela, Natalina, não queria. Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai. Que fizesse segredo até para o Bilico. Ela estava com ódio e vergonha. Bilico nunca mais brincaria com ela. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho. Que a mãe ficasse calada. Ela ia dar um jeito naquilo.

Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não. Escutava a mãe comentar com as vizinhas:

— Ei, fulana, o troço desceu! — E soltava uma gargalhada aliviada de quem conhecia o valor da vida e o valor da morte.

Natalina preparou os chás e tomou durante vários dias. Ela ficava em casa cuidando dos irmãos menores. Ia fazer catorze anos. Uma coisa estava lá dentro da barriga dela e ia crescer, crescer até um dia arrebentar no mundo. Não, ela não queria, precisava se ver livre daquilo.

A menina estava começando a ficar desesperada. Tomava os chás e não resolvia. Um dia a mãe perguntou-lhe como estava indo tudo. Ela não respondeu. A mãe entendeu a resposta muda da filha. Agora ela mesma é quem ia preparar os chás. Como haveria de criar mais uma criança? O que fazer quando o filho da menina nascesse? Na casa já havia tanta gente! Ela, o marido e sete crianças. E agora teria o filho da filha? Ia tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina a Sá Praxedes. A velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo. Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando

saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias. Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes, não. A mãe de Natalina e as outras mães sabiam que era só dizer para crianças que iam chamar a velha e os filhos ficavam quietos, obedeciam. Sá Praxedes comia criança! Natalina sabia disso. Ela também muitas vezes conseguia a obediência dos irmãos menores trazendo a velha parteira até o medo deles.

A mãe devia estar mesmo com muita mágoa dela. Estava querendo levá-la a Sá Praxedes. A velha ia comer aquilo que estava na barriga dela. Ia conseguir fazer o que os chás não tinham conseguido.

Natalina esperou. No outro dia, quando a mãe saiu cedo para a cozinha da madame, ela saiu logo atrás para lugar algum. Não sabia para onde ia. Ao descer o morro, em um dos becos passou em frente ao barraco de Bilico. Era ali que os dois brincavam prazerosos, sempre. Passou rápido, pisando levemente com medo de ser vista. Tinha de fugir de Sá Praxedes. Ganhou a avenida, ganhou outras ruas. Escondeu-se o mais longe possível de casa. Ganhou outros amigos também. Um dia, junto com outra menina-mulher que também esperava um filho, tomou um trem para mais longe ainda. E respirou aliviada. Sá Praxedes não a pegaria nunca.

Na terceira barriga ela sabia de tudo que ia acontecer. Na primeira e na segunda fora apanhada de surpresa. Bilico, amigo de infância, crescera com ela. Os dois haviam descoberto juntos o corpo. Foi com ele que ela descobriu que, apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria. Quando a criança nasceu era a cara de Bilico. Igual, igualzinha. Ela conseguira fugir de Sá Praxedes. Não queria o menino, mas também não queria que ele fosse comido pela velha. Uma enfermeira quis o menino. A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! E era

como se ela tivesse ganho uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse.

A segunda gravidez foi também sem querer, mas ela já estava mais esperta. Brincava gostoso com os homens, mas não descuidava. Quando cismava com qualquer coisa, tomava os seus chazinhos, às vezes, o mês inteiro. As regras desciam então copiosas como rios de sangue. Mesmo assim, um dia uma semente teimosa vingou. Natalina passou novamente pelo momento de vergonha. Não ia contar para Tonho, mas o rapaz desconfiou. Havia noite que se assentavam no banco da praça e nem conversaram; ela só cochilava. Uma vez vomitou ao sentir cheio de pípoca. Depois, um dia, no quarto da obra onde ele morava, quando Natalina se pôs nua, o rapaz perguntou docemente sobre aquela barriguinha que estava crescendo. Ela, envergonhada, contou-lhe que estava esperando um filho. Que ele a perdoasse. Que ela havia tomado uns chás. Que ela conhecia uma tal de Sá Praxedes... Quando acabou a falação e olhou para Tonho, o moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis.

A terceira gravidez, ela também não quis. Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava. Os dois viviam bem. Viajavam de tempos em tempos e quando regressavam davam sempre festas. Ela gostava de trabalhar ali. Era tudo muito tranquilo, ficava sozinha tomando conta do apartamento. Cozinhava, passava, lavava, mas só pra si. A

casa parecia ser só dela. Um dia, enquanto divagava em seus sonhos de pretensa dona, o telefone tocou. Era a patroa que ligava do estrangeiro, em prantos, lhe pedia ajuda. Ela queria e precisava ter um filho. Só Natalina poderia ajudá-la. Ela não entendeu o telefonema nem as palavras da patroa. Ficou aguardando o regresso dos dois. Dai uns dias a patroa voltou. Natalina ouviu e entendeu tudo. A mulher queria um filho e não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. Um filho do marido com Natalina poderia passar como sendo seu. Natalina lembrou-se de Sá Praxedes comendo crianças. Vai ver que a velha, um dia, comeu o filho desta mulher e ela nem sabia. Lembrou da primeira criança que tivera e que nem tinha visto direito, pois fora direto para as mãos-coração da enfermeira que seria a mãe. Lembrou da segunda que ela deixara com o Tonho, pai feliz. Não entendeu porque aquela mulher se desesperava e se envergonhava tanto por não ter um filho. Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu, algum bebê perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia. A patroa chorava, mas parecia um pouco mais aliviada. Natalina levantou rápido e foi ao banheiro, na boca uma saliva grossa. Eram os primeiros enjoos que já começavam.

A patroa de Natalina passou a viajar sozinha. O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto de empregada. Não falavam nada, naqueles encontros de prazer comedido. Cada vez que a patroa voltava, trazia em si o desejo de gravidez no olhar. Os três buscaram a gravidez durante meses e meses. Um dia as regras de Natalina não desceram. A patroa aflita pediu a urina, fizeram

o exame: positivo. Os três estavam grávidos. O pai sorriu, voltou a viajar sempre. A patroa ficava o tempo todo com ela. Contratou outra empregada. Levava Natalina ao médico, cuidava de sua alimentação e de distraí-la também. Natalina enjoava, enjoava. Vomitava sempre. A barriga crescia devagar, lenta e preguiçosa. A outra tirava as medidas da barriga de Natalina e ficava feliz. Telefonava ao marido informando tudo. Um dia, quando já estava no sétimo mês, viu o homem, pai da criança, que estava ali momentaneamente emprestada dentro dela. A patroa pegou a mão do marido e pôs-a lentamente sobre a barriga de Natalina. A criança mexeu, os dois se abraçaram felizes, enquanto Natalina não conseguiu segurar a náusea e ânsia de vômito. A patroa veio aflita. O esforço para vomitar era tão grande que trazia lágrimas aos olhos de Natalina. Ela aproveitou para, silenciosamente, chorar um pouco.

Tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos. O estorvo que ela carregava na barriga faria feliz o homem e a mulher que teriam um filho que sairia dela. Tinha vergonha de si mesma e deles.

Um dia a criança nasceu fraca e bela. Sobreviveu. Os pais choravam aflitos. Natalina quase morreu. Tinha os seios vazios, nenhum vestígio de leite para amamentar o filho da outra. Para o seu próprio alívio foi esquecida pelos dois.

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher, como tinha sido nos encontros com Bilico.

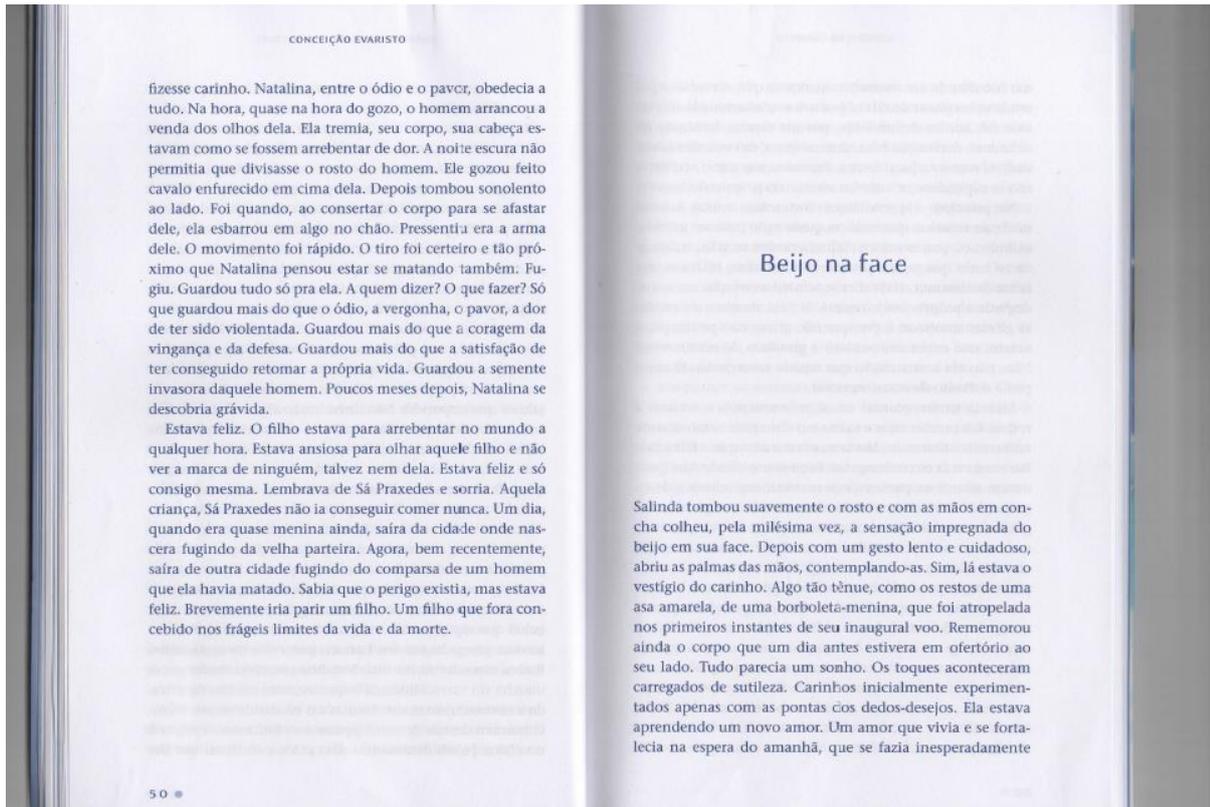
Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho, que se depositava pleno sobre ela, esperando que ela fosse viver com ele dias contínuos de um casal que acredita ser feliz.

Não era devedora de nada, como na terceira, ao se condoer de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança. Doou sua fertilidade para que a

outra pudesse inventar uma criação, e se tornou depositária de um filho alheio.

Não, dessa vez ela não devia nada a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu, e tudo tinha sido feito com uma moeda bem valiosa. Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões. E haveria de ensinar para ele que a vida é viver e é morrer. É gerar e é matar.

O filho de Natalina continuava bulindo na barriga da mãe como se estivesse acompanhando também a busca que ela fazia na memória. Queria relembrar o caminho percorrido pelo carro. Um caminho que, por mais que se esforçasse, não conseguiria retomar e reconhecer nunca. Um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente no seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum. Saíra de casa anos atrás, deixara a mãe, o pai e as seis irmãs. Os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade. De vez em quando, o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas. Ela arrepiava de pavor. As mãos estavam amarradas e doíam. Em um dado momento, o carro parou e o que estava ao seu lado desceu. Despediu-se dela passando novamente a mão em suas pernas. Bateu nas costas do que estava no volante e desejou-lhe bom proveito. O outro continuou calado. O carro seguiu em frente. Ela calculou que deveriam ser uma três horas da madrugada, eles haviam chegado em seu barraco por volta da meia-noite. Estava fazendo muito frio. Natalina percebeu então que a marcha do carro diminuía e que estavam saindo da estrada e entrando no mato. Escutava o estalar de ramos secos. O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe



Anexo 3: Fragmentos de Poética

Psicografia, de Ana Cristina Cesar.

Também eu saio à revelia
e procuro uma síntese nas demoras
cato obsessões com fria têmpera e digo
do coração: não soube e digo
da palavra: não digo (não posso ainda acreditar
na vida) e demito o verso como quem acena
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

SAMBA-CANÇÃO

Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone - taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista

arranhado na garganta,
 malandra, bicha,
 bem viada, vândala,
 talvez maquiavélica,
 e um dia emburrei-me,
 vali-me de medidas
 (era uma estratégia),
 fiz comércio, avara,
 embora um pouco burra,
 porque inteligente me punha
 logo rubra, ou ao contrário, cara
 pálida que desconhece
 o próprio cor-de-rosa,
 e tantas fiz, talvez
 querendo a glória, a outra
 cena à luz de spots,
 talvez apenas teu carinho,
 mas tantas, tantas fiz...

Onze Horas

Hoje comprei um bloco novo.
 Pensei: a você o bloco, a você meu oco.
 Ao lápis a mão e os pensamentos em coro
 Me sugeriam rimas e sons mortos.
 Pára, coisa. Se oculta, rosto.
 Cessa estes ecos porcos,
 Esta imundície coxa, este braço torto
 Reabre o tapume verde do poço,
 Salta dentro, ao negrume tosco
 E se nada resta afoga-se no lodo
 Para que sobre o resto do nada, o sono.
 (Sussurro:) Euvocê.

Fisionomia
 não é mentira
 é outra
 a dor que dói
 em mim
 é um projeto
 de passeio
 em círculo
 um malogro
 do objeto
 em foco
 a intensidade
 de luz
 de tarde
 no jardim

é outrart
outra a dor que dói

soneto

Pergunto aqui se sou louca
Quem quem saberá dizer
Pergunto mais, se sou sã
E ainda mais, se sou eu

Que uso o viés pra amar
E finjo fingir que finjo
Adorar o fingimento
Fingindo que sou fingida

Pergunto aqui meus senhores
Quem é a loura donzela
Que se chama Ana Cristina

E que se diz ser alguém
É um fenômeno mor
Ou é um lapso sutil?

inconfissões — 31.10.68

fagulha

Abri curiosa
o céu.

Assim, afastando de leve as cortinas,
Eu queria rir, chorar,
ou pelo menos sorrir
com a mesma leveza com que
os ares me beijavam.

Eu queria entrar,
coração ante coração,
inteiriça,
ou pelo menos mover-me um pouco,
com aquela parcimônia que caracterizava
as agitações me chamando.

Eu queria até mesmo
saber ver,
e num movimento redondo
como as ondas
que me circundavam, invisíveis,
abraçar com as retinas
cada pedacinho de matéria viva.

Eu queria
(só)
perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.

Eu queria
apanhar uma braçada
do infinito em luz que a mim se misturava.

Eu queria
captar o impercebido
nos momentos mínimos do espaço
nu e cheio.

Eu queria
ao menos manter descerradas as cortinas
na impossibilidade de tangê-las

Eu não sabia
que virar pelo avesso
era uma experiência mortal

inconfissões — novembro/68

Segundo encontro

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professoras Regentes: Marcia Madalena Kovalek e Liliane Zonta

Estagiários: Samara Hinkel Corrêa, Thalissom Machado e Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 23/06/2016 (5ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos replicadas em mais 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 20h05min e das 20h15min às 21h35min.

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu e *Esau e Jacó* de Machado de Assis.

2 – Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Mediar o contato dos alunos com obras de literatura brasileira de diferentes épocas afim de lhes proporcionar conhecimentos que serão cobrados no vestibular da UFSC 2017.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Ler, interpretar e discutir sobre as obras *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu e *Esau e Jacó* de Machado de Assis.

2.3 – Conhecimentos abordados: literatura brasileira, história da literatura, interpretação textual, intertextualidade.

3 - Metodologia

- Distribuir fragmentos da obra *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu e fomentar a leitura em grupos e em voz alta;
- Perguntar aos alunos se já conhecem o autor;
- Por meio de apresentação de *slides* preparados pelos estagiários, contextualizar os alunos acerca das obras e dos autores, com dados relevantes sobre o contexto histórico de criação, análise da obra, possíveis intertextualidades com situações sociais do presente e do passado;

- Distribuir fragmentos da obra *Esau e Jacó*, de Machado de Assis e fomentar a leitura em grupos e em voz alta de dois contos da obra *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu selecionados para aula (em anexo);
- Instigar os alunos a socializarem suas interpretações acerca dos fragmentos lidos, relatando as características e as formas de agir das personagens envolvidas e como cada um entende os fatos que ocorrem nas narrativas;
- Por meio de apresentação de slides (em anexo), contextualizar os alunos acerca da obra e do autor, com dados relevantes sobre o contexto histórico de criação, breve análise da obra, possíveis intertextualidades com outros textos e com situações sociais do presente e do passado;
- Fomentar uma interpretação crítica por parte dos alunos que os permitam visualizar a obra em seu todo, e não apenas como uma “história inventada por alguém”;
- Recomendar a leitura das obras literárias como ação fundamental para obter bons resultados no vestibular da UFSC 2017; e
- Distribuir aos alunos resumos que contenham dados importantes sobre as obras, autoras, contextos de criação e intertextualidades fundamentais para o entendimento dos textos. Esse resumo poderá ajudá-los nos momentos de estudos debruçados para a preparação para o vestibular.

4 – Recursos necessários:

- *Slides* (em anexo);
- Sala Multimídia;
- *Pendrives*;
- Projetor;
- Computador com acesso à internet;
- Fotocópias dos textos para os alunos; e
- Quadro branco e caneta, caso necessário.

5 – Avaliação: A avaliação se dará de acordo com o interesse do aluno no encontro. Questionamentos e dúvidas serão bem-vindos e podem indicar que este aluno estava prestando atenção no conteúdo apresentado, bem como nas leituras propostas.

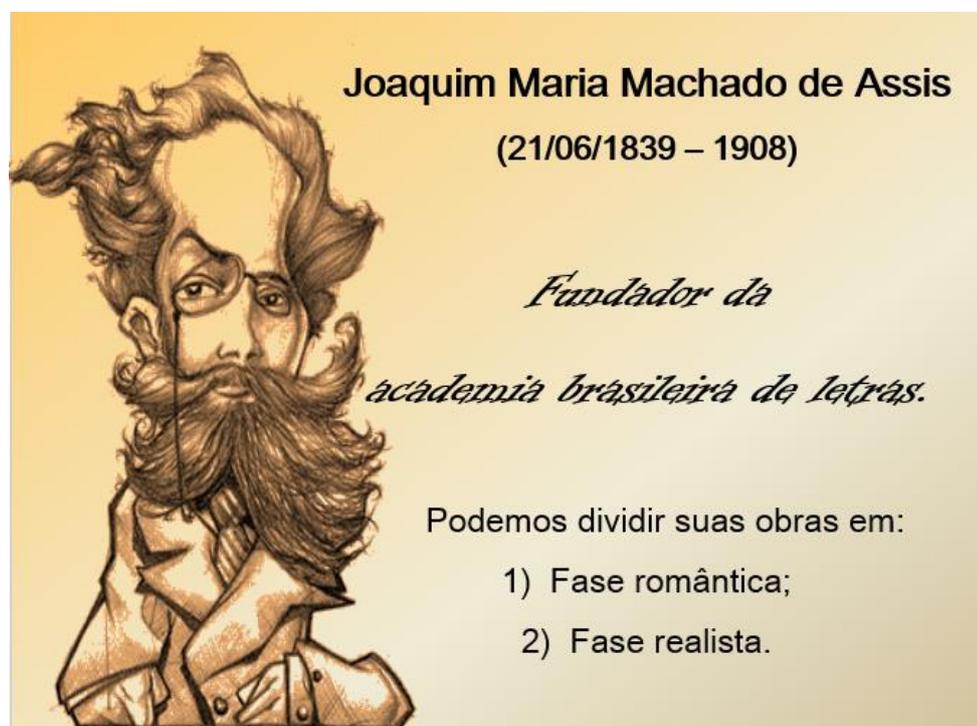
6 – Referências

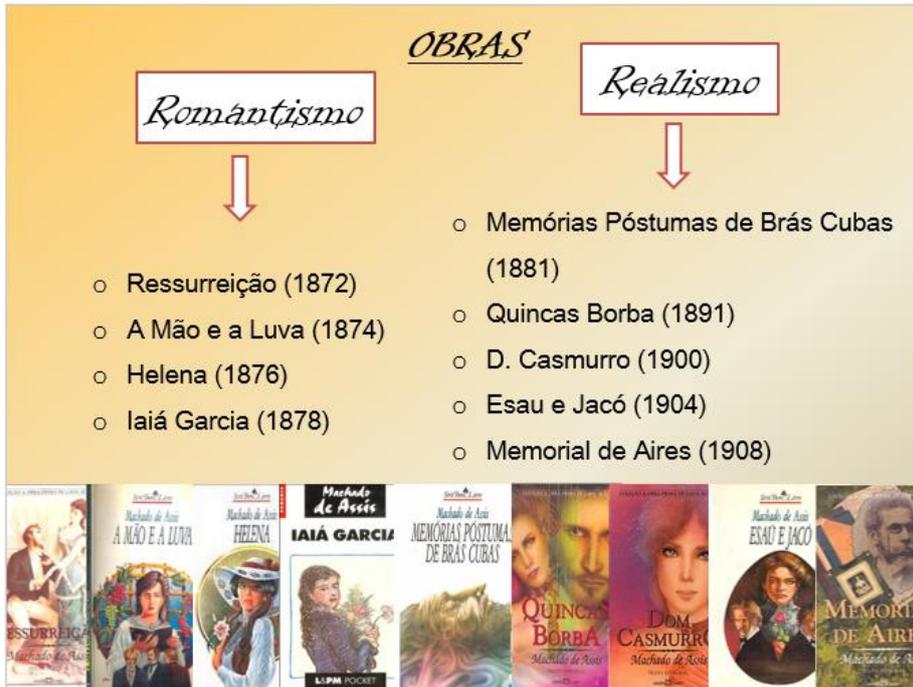
ABREU, C. F. **Além do ponto e outros contos**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.

ASSIS, M. de, 1839-1908. **Esau e Jacó**. 13. ed. São Paulo: Ática 2011. 240 p.

7 - Anexos

Anexo 1: Slides trabalhados na aula





ESAU E JACÓ: Personagens

- Pedro
- Paulo
- Flora
- Natividade
- Conselheiro Aires
- Santos
- Batista
- D. Cláudia

capitolo primeiro
'bons futuros'

ha a primeira vez que os duas iam
as novas do Central. Começamos de
sabi pelo lado da rua do bonino. Mas
foi lá no dia de Junho,
foi lá ~~o~~ ^{no} ~~restaurante~~ ^{que nunca}
lá foi, muito havia' morrido, muita
meia nasceu' e morreu' sem lá
pô o quê. Mas todo ^{que} ~~podia~~ ^{diria}
com verdade que conhecia ^{essa} cidade
inteira. Mas velho inglês, que aliás
andava terra e terra, diria que
ha muitos ~~anos~~ ^{anos} em Londres que

Manuscrito da obra (foto: reprodução Academia Brasileira de Letras)

ANÁLISE DA OBRA

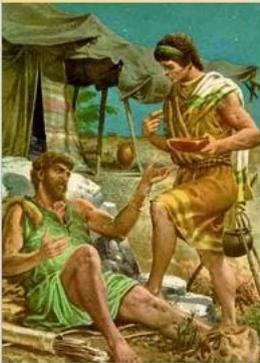
❖ Intertextualidade entre o romance *Esaú e Jacó* de Machado de Assis com *Esaú e Jacó* na narrativa bíblica.

❖ *Esaú e Jacó* relata a história de **Pedro e Paulo**, os gêmeos que são filhos de Agostinho e Natividade. Essa história se passa no Rio de Janeiro. Com uma gravidez agitada; ela dizia que era como se **os bebês brigassem em seu ventre**.

❖ Quando nasceram, **Natividade**, intrigada com tal fato, sai com sua irmã Perpétua à procura de uma vidente conhecida, que morava no morro do castelo em Botafogo.



- ❖ A CABOCLA: os gêmeos seriam grandes homens, gloriosos, mas que **brigariam** no decorrer de suas vidas (coisas futuras).
- ❖ EM GÊNESIS: Durante a gravidez de Rebeca as crianças brigavam no ventre materno.



Rebeca, então, pergunta a Deus porque isso acontece?

Ela carrega em seu ventre duas nações, uma venceria a outra, e o filho mais velho serviria o mais novo. O primeiro a nascer foi Esaú (peludo em hebraico), em seguida, com a mão segurando o calcanhar de Esaú, nasceu Jacó.

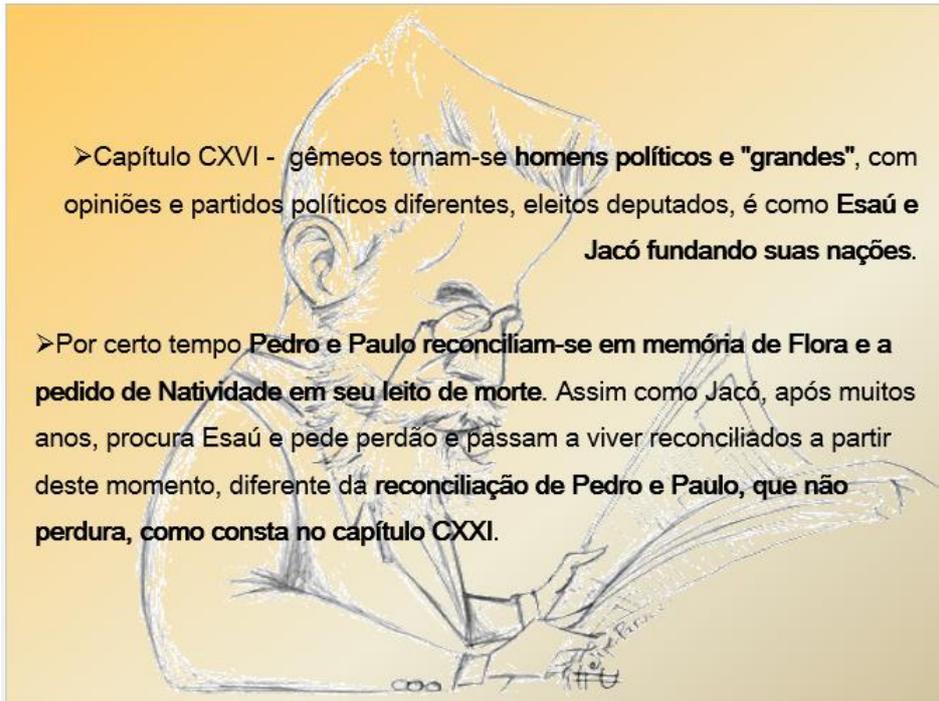
CAPÍTULO XXVI - **Pedro** reclama com a mãe Natividade a **predileção negada** dela por Paulo. Da mesma forma como é conhecida a predileção de **Rebeca por Jacó**.



Agostinho é nomeado **Barão da cidade de Santos**, (capítulo XXII). Enquanto **Pedro admira** e procura seguir os passos do pai, assim como **Esaú** na narrativa bíblica, **Paulo** deseja seguir **outro caminho** (a República).

➤Capítulo CXVI - gêmeos tornam-se **homens políticos e "grandes"**, com opiniões e partidos políticos diferentes, eleitos deputados, é como **Esaú e Jacó fundando suas nações**.

➤Por certo tempo **Pedro e Paulo reconciliam-se em memória de Flora e a pedido de Natividade em seu leito de morte**. Assim como Jacó, após muitos anos, procura Esaú e pede perdão e passam a viver reconciliados a partir deste momento, diferente da **reconciliação de Pedro e Paulo, que não perdura, como consta no capítulo CXXI**.



Esaú era áspero, violento, briguento, **Paulo** também era nervoso e agressivo.

Jacó e **Pedro** eram calmos, dissimulados e astutos.

A ideia de destino?

na narrativa bíblica os irmãos se reconciliam, enquanto na narrativa de Machado a reconciliação não ocorre.

Narrador

Conselheiro Aires



Machado de Assis

“Esse Aires que aí aparece conserva ainda agora algumas das virtudes daquele tempo, e quase nenhum vício. Não atribuas tal estado a qualquer propósito, nem creia que vai nisto um pouco de homenagem à modéstia da pessoa”. (p.39, capítulo XII)



Autor real



Autor ficcional e personagem



Romance Político

- ✓ Império X República
- ✓ Personificação em Pedro e Paulo

Intertextualidade (Diversas Vozes)

- Religiosidade;
- Crendice;
- Música e poesia sertaneja;
- Relações com a Bíblia;



Linguagem

- **Narrador interrompe o fluxo narrativo**

“Francamente, eu não gosto de gente que venha adivinhando e compondo um livro que está sendo escrito com método. A insistência da leitora em falar de uma só mulher chega a ser impertinente.”

(p.63, capítulo XXVII)



Gêmeos univitelinos como inimigos

➤ Jorge e Miguel na telenovela *Viver a Vida*
(Manoel Carlos, 2009)

<http://www.youtube.com/watch?v=91IQQuAVrc4&feature=relmfu>

➤ Rute e Raquel na telenovela *Mulheres de Areia* (Ivani Ribeiro, 1993)

<http://www.youtube.com/watch?v=cVWXQfQ7muQ>



REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. 12. ed. São Paulo: ática, 1999. 192 p.

_____. **Esau e Jacó**. 13 ed. São Paulo: ática, 2011, 240 p.

CANDIDO, Antônio. *A Personagem de Ficção*. 9. Ed. S.P: Perspectiva, 1995.

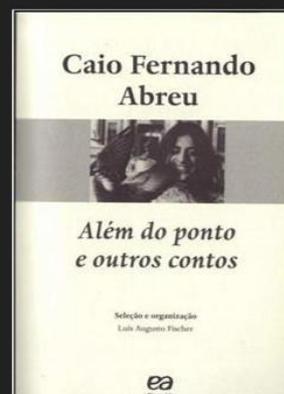
Disponível em <http://www.algosobre.com.br/resumos-literarios/esau-e-jaco.html>
Acesso em 11/05/2016

Disponível em
http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/artigo5_luiz2_pronto.pdf Acesso em
11/05/2016

Disponível em <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/esau-e-jaco.html> Acesso em 11/05/2016

Continuação: slides da obra *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu

Além do ponto e outros contos
de Caio Fernando Abreu



Estagiários: Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani

Caio Fernando Abreu (1948 - 1996):

- Nasceu em Santiago, Rio Grande do Sul (RS);
- Estudou em colégio interno em Porto Alegre;
- Aos 18 anos publicou seu primeiro conto;
- Em 1967, entra para o curso de letras e de artes dramáticas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas não conclui nenhum dos dois cursos;
- Em 1968, muda-se para São Paulo para trabalhar como repórter da Veja;
- Começa a publicar livros em 1969 e viaja para diversos lugares do Brasil e da Europa para estudar e trabalhar;
- Conhece o mundo das drogas e da boemia dos centros urbanos do país;
- É diagnosticado com AIDS e morre aos 48 anos.



"Tão estranho carregar uma vida inteira no corpo, e ninguém suspeitar dos traumas, das quedas, dos medos, dos choros". (Carta aos pais, 1969.)

Durante sua vida, Caio publicou diversos livros, poesia, crônicas, reportagens, teatro, contos, romances, novelas, roteiros :

- Limite branco (1970)
- O ovo apunhalado (1975)
- **Morangos mofados (1982)**
- Triângulo das águas (1983)
- **Os Dragões não conhecem o Paraíso (1988)**
- As frangas (1988)
- **Onde andarás Dulce Veiga? (1990)**
- Limite Branco (1994)

O livro **Além do ponto e outros contos** é uma antologia de contos organizada pela editora **Ática**, e **publicado em 2010**. Assim, não foi uma obra pensada pelo autor, é uma obra em que estão presentes contos das obras citadas acima.

Período histórico:

Ditadura militar (1964 - 1985): → Governo Castello Branco (1964-1967)
 Governo Costa e Silva (1967-1969)
 Governo Emílio Médici (1969-1974)
 Governo Geisel (1974-1979)
 Governo Figueiredo (1979-1985)

Diretas já: o povo exige eleições para presidente

Presidencialismo: → Tancredo Neves (Morreu antes de tomar posse)
 José Sarney (1985 - 1990)
 Fernando Collor (1990 - 1992) - Impeachment; Itamar Franco (1992 - 1995)
 Fernando Henrique Cardoso (1995 - 2003)

Além do ponto e outros contos: características

Os contos que compõem a obra são:

- Fuga;
- Os cavalos Brancos de Napoleão;
- **Além do ponto**;
- O coração de Alzira;
- **O príncipe sapo**;
- Triângulo amoroso: variação sobre o tema;
- Para umaavenca partindo;
- Linda, uma história horrível;
- O destino desfolhou;
- Holocausto;
- Recuerdos de Ypacaraí;
- Retratos;
- Sob o céu de Saigon;
- **Aniversário**;
- Aqueles dois.

Além do ponto e outros contos: características de alguns contos

Além do ponto	Conta a história de um narrador com pouca perspectiva, preso à vida boêmia, tendo dinheiro somente para os cigarros e seu conhaque. O desejo dele, em toda a história, é encontrar alguém cujo nome não se sabe. Esse alguém o chamava para algum lugar, e ele tentava ir até esse alguém, porém nunca chegava ao ponto . Ele gostaria de ir além do ponto em que se encontrava, mas esse desejo não se concretiza.
O príncipe sapo	Conta a história de Teresa, uma mulher que nunca foi bonita e que viu todas as suas irmãs se casarem e ela não conseguir. Apaixona-se por um professor de piano, muito pobre e também muito feio, o qual diz não poder casar-se com ela por ser eunuco. O tema central dessa história são as características dos contos infantis trazidas para a realidade do Brasil e para a vida adulta.
Aniversário	Conta a história de alguém que está de aniversário e passa um dia comum como os outros, com a única diferença de ter, em vários momentos de todo o dia, muita gente o abraçando, desejando felicidades e cantando parabéns, e também uma sensação de estar se esperando algo.

Além do ponto e outros contos: características gerais

- Dado o período histórico (Ditadura Militar): literatura como depoimento e experiência e denúncia.
- Os cenários e enredos geralmente dizem respeito à vida boêmia e à vida urbana das grandes cidades.
- Há usos recorrentes de figuras de linguagem no estilo de escrita de Caio, como metáforas, sinestésias, hipérbolos, etc.
- Os temas das narrativas, apesar de serem temas do cotidiano, são temas novos para a literatura brasileira: homossexualidade, doenças como a AIDS, alcoolismo, vício em drogas, amores casuais, etc.
- Por ter estudado astrologia, Caio usou muito desse tema em suas narrativas, porém uma temática mais mística não aparece em **Além do ponto e outros contos**, com exceção do conto "Os cavalos brancos de Napoleão".

Além do ponto e outros contos: características gerais

- Os narradores e o foco narrativo
 - são variados: muitas vezes narradores não têm nomes próprios;
 - muitas vezes o foco narrativo muda do "ela" para o "eu" no meio da história;
 - outros contos possuem a estrutura de contos clássicos, com começo, meio e fim, e com narradores e foco narrativo bem definidos.

Perguntas finais

Por que muitas das personagens das narrativas do Caio Fernando Abreu não têm nome?

Por que Caio Fernando Abreu é considerado um escritor inovador e contemporâneo?

Anexo 2: Fragmentos das obras trabalhados na aula

MACHADO DE ASSIS

ESAÚ E JACÓ

ADVERTÊNCIA

Quando o Conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: Último.

A razão desta designação especial não se compreendeu então nem depois. Sim, era o último dos sete cadernos, com a particularidade de ser o mais grosso, mas não fazia parte do Memorial, diário de lembranças que o conselheiro escrevia desde muitos anos e era a matéria dos seis. Não trazia a mesma ordem de datas, com indicação da hora e do minuto, como usava neles. Era uma narrativa; e, posto figure aqui o próprio Aires, com o seu nome e título de conselho, e, por alusão, algumas aventuras, nem assim deixava de ser a narrativa estranha à matéria dos seis cadernos. Último por quê?

A hipótese de que o desejo do finado fosse imprimir este caderno em seguida aos outros, não é natural, salvo se queria obrigar à leitura dos seis, em que tratava de si, antes que lhe conhecessem esta outra história, escrita com um pensamento interior e único, através das páginas diversas. Nesse caso, era a vaidade do homem que falava, mas a vaidade não fazia

parte dos seus defeitos. Quando fizesse, valia a pena satisfazê-la? Ele não representou papel eminente neste mundo; percorreu a carreira diplomática, e aposentou-se. Nos lazes do ofício, escreveu o Memorial, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis.

Tal foi a razão de se publicar somente a narrativa. Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir. Ab ovo, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a idéia de lhe dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez:

ESAU E JACÓ

Dico, che quando l'anima mal nata... (Dante)

CAPÍTULO I

COISAS FUTURAS!

Era a primeira vez que as duas iam ao Morro do Castelo. Começaram de subir pelo lado da Rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés. Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira. Um velho inglês, que aliás andara terras e terras, confiava-me há muitos anos em Londres que de Londres só conhecia bem o seu clube, e era o que lhe bastava da metrópole e do mundo.

Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o Morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube. O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens, crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas. A mesma lentidão do andar, comparada à rapidez das outras pessoas, fazia desconfiar que era a primeira vez que ali iam. Uma crioula perguntou a um sargento: "Você quer ver que elas vão à cabocla?" E ambos pararam a distância, tomados daquele invencível desejo de conhecer a vida alheia, que é muita vez toda a necessidade humana.

Com efeito, as duas senhoras buscavam disfarçadamente o número da casa da cabocla, até que deram com ele. A casa era como as outras, trepada no morro. Subia-se por uma escadinha, estreita, sombria, adequada à aventura. Quiseram entrar depressa, mas esbarraram com dois sujeitos que vinham saindo, e coseram-se ao portal. Um deles perguntou-lhes familiarmente se iam consultar a adivinha.

— Perdem o seu tempo, concluiu furioso, e hão de ouvir muito disparate...

— É mentira dele, emendou o outro rindo; a cabocla sabe muito bem onde tem o nariz.

Hesitaram um pouco; mas, logo depois advertiram que as palavras do primeiro eram sinal certo da vidência e da franqueza da adivinha; nem todos teriam a mesma sorte alegre. A dos meninos de Natividade podia ser miserável, e então... Enquanto cogitavam passou fora um carteiro, que as fez subir mais depressa, para escapar a outros olhos. Tinham fé, mas tinham também vexame da opinião, como um devoto que se benzesse às escondidas. Velho caboclo, pai da adivinha, conduziu as senhoras à sala. Esta era simples, as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor, nenhum petrecho simbólico, nenhum bicho empalhado, esqueleto ou desenho de aleijões. Quando muito um registro da Conceição colado à parede podia lembrar um mistério, apesar de encardido e roído, mas não metia medo. Sobre uma cadeira, uma viola.

— Minha filha já vem, disse o velho. As senhoras como se chamam? Natividade deu o nome de batismo somente, Maria, como um véu mais espesso que o que trazia no rosto, e recebeu um cartão, — porque a consulta era só de uma, — com o número 1.012. Não há que pasmar do algarismo; a freguesia era numerosa, e vinha de muitos meses. Também não há que dizer do costume, que é velho e velhíssimo. Relê Ésquilo, meu amigo, relê as Eumênides, lá verás a Pítia, chamando os que iam à consulta: "Se há aqui Helenos, venham, aproximem-se, segundo o uso, na ordem marcada pela sorte"... A sorte outrora, a numeração agora, tudo é que a verdade se ajuste à prioridade, e ninguém perca a sua vez de audiência. Natividade guardou o bilhete, e ambas foram à janela.

A falar verdade, temiam o seu tanto, Perpétua menos que Natividade. A aventura parecia audaz, e algum perigo possível. Não ponho aqui os seus gestos; imaginai que eram inquietos e desconcertados. Nenhuma dizia nada. Natividade confessou depois que tinha um nó na garganta. Felizmente, a cabocla não se demorou muito; ao cabo de três ou quatro minutos, o pai a trouxe pela mão, erguendo a cortina do fundo.

— Entra, Bárbara.

Bárbara entrou, enquanto o pai pegou da viola e passou ao patamar de pedra, à porta da esquerda. Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e neste último estado eram igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo,

revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. Não te minto dizendo que as duas sentiram tal ou qual fascinação. Bárbara interrogou-as; Natividade disse ao que vinha e entregou-lhe os retratos dos filhos e os cabelos cortados, por lhe haverem dito que bastava.

— Basta, confirmou Bárbara. Os meninos são seus filhos?

— São.

— Cara de um é cara de outro.

— São gêmeos; nasceram há pouco mais de um ano.

— As senhoras podem sentar-se.

Natividade disse baixinho à outra que "a cabocla era simpática", não tão baixo que esta não pudesse ouvir também; e daí pode ser que ela, receosa da predição, quisesse aquilo mesmo para obter um bom destino aos filhos. A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos defronte de si. Olhou alternadamente para eles e para a mãe, fez algumas perguntas a esta, e ficou a mirar os retratos e os cabelos, boca aberta, sobrancelhas cerradas. Custa-me dizer que acendeu um cigarro, mas digo, porque é verdade, e o fumo concorda com o ofício. Fora, o pai roçava os dedos na viola, murmurando uma cantiga do sertão do Norte:

Menina da saia branca,

Saltadeira de riacho...

Enquanto o fumo do cigarro ia subindo, a cara da adivinha mudava de expressão, radiante ou sombria, ora interrogativa, ora explicativa. Bárbara inclinava-se aos retratos, apertava uma madeixa de cabelos em cada mão, e fitava-as, e cheirava-as, e escutava-as, sem a afetação que porventura aches nesta linha. Tais gestos não se poderiam contar naturalmente. Natividade não tirava os olhos dela, como se quisesse lê-la por dentro. E não foi sem grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer.

— Brigado?

— Brigado, sim, senhora.

— Antes de nascer?

— Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra?

Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu. Ergueu-se pouco depois, e andou à volta da mesa, lenta, como sonâmbula, os olhos abertos e fixos; depois entrou a dividi-los novamente entre a mãe e

os retratos. Agitava-se agora mais, respirando grosso. Toda ela, cara e braços, ombros e pernas, toda era pouca para arrancar a palavra ao Destino. Enfim, parou, sentou-se exausta, até que se ergueu de salto e foi ter com as duas, tão radiante, os olhos tão vivos e cálidos, que a mãe ficou pendente deles, e não se pôde ter que lhe não pegasse das mãos e lhe perguntasse, ansiosa:

— Então? Diga, posso ouvir tudo.

Bárbara, cheia de alma e riso, deu um respiro de gosto. A primeira palavra parece que lhe chegou à boca, mas recolheu-se ao coração, virgem dos lábios dela e de alheios ouvidos. Natividade instou pela resposta, que lhe dissesse tudo, sem falta...

— Coisas futuras! murmurou finalmente a cabocla.

— Mas, coisas feias?

— Oh! não! não! Coisas bonitas, coisas futuras!

— Mas isso não basta; diga-me o resto. Esta senhora é minha irmã e de segredo, mas se é preciso sair, ela sai; eu fico, diga-me a mim só... Serão felizes?

— Sim.

— Serão grandes?

— Serão grandes, oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, coisas futuras!

Lá dentro, a voz do caboclo velho ainda uma vez continuava a cantiga do sertão:

Trepa-me neste coqueiro,
Bota-me os cocos abaixo.

E a filha, não tendo mais que dizer, ou não sabendo que explicar, dava aos quadris o gesto da toada, que o velho repetia lá dentro:

Menina da saia branca,
Saltadeira de riacho,
Trepa-me neste coqueiro,
Bota-me os cocos abaixo.
Quebra coco, sinhá,
Lá no cocá,
Se te dá na cabeça,

Há de rachá;
Muito hei de me ri,
Muito hei de gostá,
Lelê, coco, naiá.

Continuação: Contos Caio Fernando Abreu

Além do ponto

Para Lívio Amaral

Chovia, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada, eu sempre perdia todos pelos bares, só levava uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito, parece falso dito desse jeito, mas bem assim eu ia pelo meio da chuva, uma garrafa de conhaque na mão e um maço de cigarros molhados no bolso. Teve uma hora que eu podia ter tomado um táxi, mas não era muito longe, e se eu tomasse o táxi não poderia comprar cigarros nem conhaque, e eu pensei com força então que seria melhor chegar molhado da chuva, porque aí beberíamos o conhaque, fazia frio, nem tanto frio, mais umidade entrando pelo pano das roupas, pela sola fina esburacada dos sapatos, e fumaríamos beberíamos sem medidas, haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos. Mas chovia ainda, meus olhos ardiam de frio, o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pelos, eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d'água com as pernas geladas. Tão geladas as pernas e os

braços e a cara que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, mas não queria chegar na casa dele meio bêbado, hálito fedendo, não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, e eu andava, todo dia um bom pretexto, e fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido de fome, e eu não queria que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, roxas olheiras, teria que ter cuidado com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando o encontrasse, para que não visse o dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era. Começou a acontecer uma coisa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu, encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía, e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum, ou parar para sempre ali mesmo naquela esquina cinzenta que eu tentava atravessar sem conseguir, os carros me jogando água e lama ao passar, mas eu não podia, ou podia mas não devia, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás, eu tinha que continuar indo ao encontro dele, que me abriria a porta, o sax gemido ao fundo e quem sabe uma lareira, pinhões, vinho quente com cravo e canela, essas coisas do inverno, e mais ainda, eu precisava deter a vontade de voltar atrás ou ficar parado, pois tem um ponto, eu descobria, em que você perde o comando das próprias pernas, não é bem assim, descoberta tortuosa que o frio e a chuva não me deixavam mastigar direito, eu apenas começava a saber que tem um ponto, e eu dividido querendo ver o depois do ponto e também aquele agradável

dele me esperando quente e pronto. Um carro passou mais perto e me molhou inteiro, sairia um rio das minhas roupas se conseguisse torcê-las, então decidi na minha cabeça que depois de abrir a porta ele diria qualquer coisa tipo mas como você está molhado, sem nenhum espanto, porque ele me esperava, ele me chamava, eu só ia indo porque ele me chamava, eu me atrevia, eu ia além daquele ponto de estar parado, agora pelo caminho de árvores sem folhas e a rua interrompida que eu revia daquele jeito estranho de já ter estado lá sem nunca ter, hesitava mas ia indo, no meio da cidade como um invisível fio saindo da cabeça dele até a minha, quem me via assim molhado não via nosso segredo, via apenas um sujeito molhado sem capa nem guarda-chuva, só uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito. Era a mim que ele chamava, pelo meio da cidade, puxando o fio desde a minha cabeça até a dele, por dentro da chuva, era para mim que ele abriria sua porta, chegando muito perto agora, tão perto que uma quentura me subia para o rosto, como se tivesse bebido o conhaque todo, trocava minha roupa molhada por outra mais seca e tomava lentamente minhas mãos entre as suas, acariciando-as devagar para aquecê-las, espantando o roxo da pele fria, começava a escurecer, era cedo ainda, mas ia escurecendo cedo, mais cedo que de costume, e nem era inverno, ele arrumaria uma cama larga com muitos cobertores, e foi então que escorreguei e caí e tudo tão de repente, para proteger a garrafa apertei-a mais contra o peito e ela bateu numa pedra, e além da água da chuva e da lama dos carros a minha roupa agora também estava encharcada de conhaque, como um bêbado, fedendo, não beberíamos então, tentei sorrir, com cuidado, o lábio inferior quase imóvel, escondendo o caco do dente, e pensei na lama que ele limparia terno, porque era a mim que ele chamava, porque era a mim que ele escolhia, porque era para mim e só para mim que ele abriria a sua porta. Chovia

Aniversário

Havia esperado durante todo o dia. O quê? nem ele próprio saberia dizer. Acordara já com a fatalidade da espera colocando um brilho triste nos olhos. E o projetara sobre a mãe, primeira pessoa a abraçá-lo, que recuou um pouco ofendida. O mesmo recuo sentira estender-se às outras pessoas, à medida em que o abraçavam e felicitavam. Examinara-se ansioso ao espelho, tentando descobrir se o ano a mais também lhe colocara uma ferocidade a mais ou um novo espanto no rosto. Mas não. Nada. Lá estavam as mesmas feições um pouco vagas, o ar exato de quem espera alguma coisa. E contudo, nesse dia, ele esperava mesmo. A espera abstrata cedera lugar à outra — concreta. Ajeitara o rosto da melhor maneira possível, como se o sentimento novo (e no entanto tão antigo) fosse algo a esconder. Porque ele não queria surpreender nem chocar nem ferir. Pertencia àquela estranha espécie de pessoas que flutuam pelo mundo, sutis, evitando esbarrar em qualquer coisa. Não se sabia se procedia assim por simples delicadeza ou para defender-se. O fato é que era assim. E, portanto, desagradava-lhe aquele jeito de espera gritando alto no corpo inteiro.

Com alguma sofreguidão libertou-se dos abraços, beijos e presentes de pai, mãe, irmãos e empregados — e partiu para a aula. Tomou o ônibus mais tranquilizado. As pessoas, ali, não sabiam que estava de aniversário. Examinavam-no rápidas, reunindo no olhar as características para definir um estudante e passavam adiante, aliviadas por não precisarem deter-se. O alívio delas fundia-se com o alívio dele — e o ônibus arfava, num suspiro uníssono.

Na aula cantaram o parabéns pra você nesta data querida etc. e ele agradeceu com um esbarrão na cadeira da frente e uma pisada no pé do colega ao lado. Para cúmulo da desgraça, era dia de aula de Inglês, e ele teve que suportar o “happy birthday to you” etc. Novo esbarrão, nova pisada. Esquivou-se a manhã toda, adivinhando um abraço em cada braço que se aproximava, felicitações em cada boca entreaberta. E não era pudor, não era timidez, não era sequer o seu antigo receio de chamar a atenção — era o desejo de não esperar porque ele sabia que não viria, fosse lá o que fosse. Então, amargo, ele preferia cortar de início qualquer possibilidade de concretização da espera — porque ele sabia, com a lucidez insone dos que apenas pressentem, a possibilidade jamais se concretizaria. Mesmo assim, sucediam-se braços e abraços, bocas e palavras. Mas os corpos que os proferiam, os mais inteligentes, logo esbarravam com aquela frieza e se afastavam com a dignidade tardia dos recusados. Os mais burros insistiam, fazendo perguntas, protestos de amizade que somente conseguiam aumentar o espaço em branco que se instalara dentro dele.

E nesse espaço em branco ele colocara uma praça, um pôr do sol no Guaíba, uma rosa amarela, um canteiro de margaridas e uma fuga de Bach. Mas nem ele sabia. Colocara lentamente, nos dezenove anos em que fora vivendo, sem ligar muita importância a isso. Eram todas

coisas leves, mas agora pesavam e o faziam transpirar, acendendo um cigarro e pensando que precisava abandonar o vício de fumar. Mas é provável que ele soubesse não estar o desconforto ligado ao fumo, e apenas dissimulado afastasse a perspectiva de sofrimento. Porque se ele pensasse, sofreria. E como qualquer ser humano que não é masoquista, ele não queria sofrer.

Voltou para casa e suportou o quadragésimo nono parabéns pra você, à hora do almoço. Se houvesse um quinquagésimo ele daria um grito, talvez solucionando tudo, então. Mas não houve. Os vagos parentes e os inexistentes amigos que apareceram à tarde mantiveram-se discretos no aperto de mão.

E já dormindo, à noite, ele acordou. Por um instante permaneceu suspenso naquele segundo, como se estivesse tudo tão escuro que ele não pudesse distinguir a si próprio do resto da noite. Aos poucos foi tomando consciência da extensão do corpo, do travesseiro embaixo da cabeça, do livro em cima da mesa, do irmão roncando na cama ao lado. Deteve-se nele, espantando-se com sua falta de sutileza. O irmão era gordo, roncava e brigava, impondo-se sem o menor senso de decoro. Deus havia sido drástico em cada um deles, concluiu. Pois que ele era leve demais, esse o seu mal. Nesse instante invadiu-o uma enorme ternura por si mesmo. Estava fazendo dezenove anos e esperara o dia inteiro por uma coisa que não sabia o que era. Olhou pela janela e viu a lua presa dentro da noite enorme. E sentiu-se preso, também. Vontade de abandonar o corpo ali mesmo, no meio dos lençóis desfeitos, e sair correndo para outra esfera mais ampla. Esfera — espera, tão parecidos, pensou. E enlaçou os joelhos numa carícia, levantando meio corpo na cama. Procurou um rótulo para pacificar o sentimento, mas não o encontrou. Solidão, melancolia, angústia, fossa, depressão — tudo ficava infi-

nitamente inferior àquela espera enorme. Inventariou a espera, descobrindo então aquela série de coisas dentro dela. Mas era ainda incompleta. Havia coisas mais no tempo, no vento, na noite — nele próprio. Levantou pisando devagar o chão de parquê. Caminhou até a cozinha e acendeu a luz. Sobre o armário, o relógio mostrava cinco minutos para a meia-noite. Abriu o refrigerador, retirou a torta que a mãe mandara fazer e que jazia, incompleta, sobre um prato novo. Cortou um pedaço grande, encheu um copo de guaraná. Mas fez isso em tão lentos gestos que quando ia começar a comer olhou o relógio e viu que já passara da meia-noite. Que não estava mais de aniversário. Então espiou para fora e, vendo a lua, descobriu que era a mesma que vira da janela do quarto. Apenas um pouco mais alta no céu.

Terceiro encontro

1 – Dados de identificação

Escola: Escola de Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira

Professoras Regentes: Marcia Madalena Kovalek e Liliane Zonta

Estagiários: Samara Hinkel Corrêa, Thalissom Machado e Tiago Carturani

Disciplina: Língua Portuguesa

Nível de ensino: Ensino Médio

Ano escolar: 3º ano

Data: 16/06/2016 (5ª feira)

Carga horária: 2 aulas de 40 minutos a serem replicadas e mais 2 aulas de 40 minutos

Horário: 18h45min às 20h05min e das 20h25min às 21h35min

Supervisora: Isabel Monguilhott

Tema: Simulado: obras literárias

Proposta de aula

2.1 – Objetivo geral: Ampliar as possibilidades de concentração e interpretação por meio de um simulado, a fim de ajudar os alunos a compreender melhor como funciona uma prova de vestibular.

2.2 – Objetivos específicos da aula:

- a) Instigar nos alunos a capacidade de autoavaliar seu conhecimento a respeito das obras literárias trabalhadas neste projeto.

2.3 – Conhecimentos abordados: literatura brasileira, história da literatura, interpretação textual, objetividade, concentração e dedicação.

3 – Metodologia

- Ajustar as carteiras em fila e deixá-los sentados de maneira que não fiquem muito próximos dos demais;
- Avisar que, como é uma prova de vestibular, o ambiente tem que ser igual ao de uma prova: sem conversa, sem cola e sem solicitar auxílio de quem está cuidando do local;
- Dizer a quantidade de tempo que eles têm, e avisá-los de meia em meia hora quanto tempo ainda resta para saírem;
- Dizer que o cartão-resposta (anexo) não pode ser rasurado ou borrado, pois a questão rasurada será anulada;

- No horário específico, dizer para que eles iniciem a prova e, quando terminarem, entregar o cartão-resposta e sair da sala.

4 – Recursos necessários:

- Cópias do simulado e do cartão resposta.

5 – Avaliação: A avaliação se dará de acordo com as alternativas corretas no cartão resposta.

6 – Referências

(A COMPLETAR)

7 – Anexos

Anexo 1: Simulado sobre as obras trabalhadas durante o projeto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
PROF^a. ISABEL MONGUILHOTT
ALUNOS: SAMARA CORRÊA, THALISSON MACHADO E TIAGO CARTURANI

SIMULADO

Este simulado contém 16 questões baseadas nas obras de Literatura Brasileira que trabalhamos nas oficinas. O conhecimento acerca dessas obras será cobrado no vestibular da UFSC 2017.

IMPORTANTE!

Você só poderá sair da sala depois d3 1h:30min de prova.
Antes de sair, entregue o cartão resposta aos estagiários.

DI
CA
S.
▪
alc

C

- Use o tempo que se tem para fazer a prova e a quantidade de questões a resolver.
- Leia atentamente antes de responder; caso seja necessário leia várias vezes.
- Marque somente quando tiver certeza.
- Fique tranquilo.

Tópico 1: Obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo

QUESTÃO 1 (UEMG/2016): Este texto é um excerto do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis.

“A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel.”

Considerando que a ordem social e humana a que se refere o conto machadiano é supostamente alcançada, ainda hoje, por meio de estratégias que de alguma forma se assemelham às utilizadas no período escravocrata, responda: qual dos elementos dos contos da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, tematiza a referida ordem?

- (A) O ofício de Kimbá em um supermercado, onde trabalha esfregando chão.
- (B) A rotina de Cíntia, que presta serviços em um escritório no centro do Rio de Janeiro.
- (C) O trabalho informal de Davenga, que oferece flores para casais de namorados.
- (D) O fato de Maria ter obtido ganhos financeiros como “barriga de aluguel”.

QUESTÃO 2 (UEMG/2016): O texto a seguir é uma letra de música. Leia-o atentamente para responder à questão.

O Meu Guri, Chico Buarque

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
 Não era o momento dele rebentar
 Já foi nascendo com cara de fome
 E eu não tinha nem nome pra lhe dar
 Como fui levando não sei lhe explicar
 Fui assim levando ele a me levar
 E na sua meninice, ele um dia me disse
 Que chegava lá
 Olha aí! Olha aí!
 Olha aí!
 Ai, o meu guri, olha aí!
 Olha aí!
 É o meu guri e ele chega
 Chega suado e veloz do batente
 Traz sempre um presente pra me encabular
 Tanta corrente de ouro, seu moço
 Que haja pescoço pra enfiar
 Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
 Chave, caderneta, terço e patuá
 Um lenço e uma penca de documentos
 Pra finalmente eu me identificar

Olha aí!
 Olha aí!
 Ai, o meu guri, olha aí!
 Olha aí!
 É o meu guri e ele chega!
 Chega no morro com carregamento
 Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
 Rezo até ele chegar cá no alto
 Essa onda de assaltos está um horror
 Eu consolo ele, ele me consola
 Boto ele no colo pra ele me ninar
 De repente acordo, olho pro lado
 E o danado já foi trabalhar
 Olha aí!
 Olha aí!
 Ai o meu guri, olha aí!
 Olha aí!
 É o meu guri e ele chega!
 Chega estampado, manchete, retrato
 Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
 Eu não entendo essa gente, seu moço
 Fazendo alvoroço demais (...)

No que diz respeito ao afeto que existe entre pessoas afins umas às outras, o eu-poético dessa canção vive uma situação que se assemelha, em parte, à situação de vida da seguinte personagem da obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo:

- (A) Maria, cujo ex-marido assaltou um ônibus, na presença dela.
- (B) Lumbiá, garoto que fez um presépio em sua casa com imagens furtadas de uma loja.
- (C) Luamanda, cujo filho se envolveu com o tráfico de drogas.
- (D) Duzu-Querença, que utilizava documentos de outras pessoas para tentar conseguir trabalho.

QUESTÃO 3 (UEMG/2016): A seguir, são citadas algumas das personagens de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo. Para cada nome, é dada uma explicação, que leva em consideração a trama de cada conto. Marque V (verdadeiro) para as associações coerentes e F (falso) para as associações incoerentes.

Luamanda

() O nome da personagem sugere a intensidade do sentimento de amor, por meio da sequência A-M-A, seguida da terminação -nda — uma combinação da desinência de gerúndio com a desinência de gênero —, o que remete a um aspecto de continuidade temporal e ao mundo das emoções femininas. A presença de "Lua", no nome, também simboliza a sensibilidade.

Cida

() Seu nome pode ser interpretado como abreviação da palavra cidade. A personagem vivencia a urbanidade em seus múltiplos aspectos, especialmente aqueles que dizem respeito ao mundo do trabalho e à rotina de uma grande metrópole. Dentre os demais enredos de *Olhos d'água*, o do conto *O cooper de Cida* é o único que contém referência explícita ao espaço da narrativa: a cidade do Rio de Janeiro.

Zaíta

() Este nome é uma aglutinação de Zaira e Itamar, pais de Zaíta. Ela é a única personagem de *Olhos d'água* que tem um final feliz, mesmo em meio às dificuldades. Suas conquistas são fruto de dedicação e de superação.

Natalina

() O nome refere-se a “Natal”. Nesta data comemorativa, a personagem vivenciou um dos mais tristes momentos de sua vida, ao perder os pais em um acidente de automóvel. A partir de então, enfrentou muitas adversidades na luta pela sobrevivência.

A sequência CORRETA é:

- (A) V – V – F – F.
- (B) V – F – F – F.
- (C) F – V – F – V.
- (D) F – F – V – V.

QUESTÃO 4 (SIMULADO Online): O conto *Olhos d'água* que dá título à obra de Conceição Evaristo conta a história de uma mulher que não lembrava qual era a cor dos olhos de sua mãe e se sente culpada. Durante a narrativa ela lembra momentos vivenciados com a mãe, mas não consegue lembrar qual é a cor de seus olhos.

No decorrer da história revela-se o modo de vida de uma família Afrodescendente, visando explicitar que eles têm uma vida normal como a de qualquer outra família. Não é a “cor” de um indivíduo que determina o seu modo de vida ou o seu caráter.

A história é contada de uma forma bem simples, mas com uma crítica complexa, que para ser compreendida precisa ser analisada várias vezes, como é explicitada em uma de suas frases “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

O conto *Olhos D'Água* possui elementos que demonstram sua ligação com a cultura afro. Seriam eles:

- (A) A linguagem coloquial, a poesia afro e os elementos da natureza.
- (B) Os deuses orixás, a realidade da vida típica da população brasileira e a exclusão social.
- (C) A religiosidade, as personagens universais e as descrições brasileiras.
- (D) Os deuses orixás, a realidade da vida típica da população excluída e a valorização do negro.

Tópico 2: Obra *Poética*, de Ana Cristina César
QUESTÃO 5:

Fisionomia

não é mentira
 é outra
 a dor que dói
 em mim
 é um projeto
 de passeio
 em círculo
 um malogro
 do objeto
 em foco
 a intensidade
 de luz
 de tarde
 no jardim
 é outra
 outra a dor que dói

Considere o poema acima, de Ana Cristina César (1952-1983). O título do poema está relacionado ao eu-lírico por um conflito de natureza:

- (A) amorosa.
- (B) social.
- (C) física.
- (D) existencial.

QUESTÃO 6:

Onze Horas

Hoje comprei um bloco novo.
 Pensei: a você o bloco, a você meu oco.
 Ao lápis a mão e os pensamentos em coro
 Me sugeriam rimas e sons mortos.
 Pára, coisa. Se oculta, rosto.
 Cessa estes ecos porcos,
 Esta imundície coxa, este braço torto
 Reabre o tapume verde do poço,
 Salta dentro, ao negrume tosco
 E se nada resta afoga-se no lodo
 Para que sobre o resto do nada, o sono.
 (Sussurro:) Euvocê.

A lírica de Ana Cristina César se constitui de ideias fragmentadas. No poema *Onze Horas*, o conteúdo lírico que ali se apresenta APONTA para:

- (A) a percepção da vida como um retrato ficcional, trazendo à tona o gênero confessional, autobiográfico da autora.
- (B) a sensação de angústia, de sofrimento, buscando evitar o final dos acontecimentos, além da utilização de recursos sonoros.
- (C) o desejo de algo inacabado, o uso do pretérito imperfeito e de procedimentos que se repetem constantemente durante o texto poético.
- (D) a visão da contradição marcada pela ausência do tempo.

QUESTÃO 7 (IFC 2013): Acerca da poesia marginal dos anos 70, é INCORRETO afirmar que:

- (A) ela se desenvolveu em pleno regime militar, porém não ousou contestar quaisquer valores impostos pela ditadura.
- (B) nasceu do interesse de jovens escritores pela poesia justamente após o AI-5 que, dentre outros procedimentos, impôs uma censura severa aos textos escritos, falados ou cantados.
- (C) Ana Cristina César, Chacal, Antônio Carlos Brito, Paulo Leminski são alguns de seus representantes.
- (D) foi considerada "marginal", dentre outros motivos, pela forma como os textos eram distribuídos, ou seja, à margem da política editorial vigente.
- (E) alguns textos eram mimeografados, outros xerocopiados ou impressos em antigas tipografias suburbanas.

QUESTÃO 8 (UEPB-2006) Se a poesia de Ana Cristina Cesar está inserida na chamada literatura marginal, talvez porque a linguagem de que se apropria para falar da natureza do sujeito humano tenha sido não-convencional, no poema SAMBA-CANÇÃO, de A teus pés, a imagem do ser marginal pode ser vista como duplamente inscrita (marque a justificativa correta):

SAMBA-CANÇÃO

Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone - taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhado na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas

(era uma estratégia),
fiz comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz...

- (A) porque a imagem a que o poema faz referência é de uma mulher “vulgar/meia-bruxa, meia-fera/risinho modernista/ arranhado na garganta/malandra, bicha/bem viada, vândala” e a forma do texto se distancia tipologicamente da linguagem poética aproximando-se mais da prosa coloquial.

(B) porque o texto remete o leitor a um diálogo com uma escrita não-autorizada, à escrita “chula” ou do palavrão, e esta linguagem é típica de pessoas de índole má, como a que é aludida no poema: uma bruxa.

(C) porque os termos vulgar, bicha, viada situam na sociedade certos sujeitos marginais e a fala enunciada pela “personagem” do texto denuncia a sua condição quando ela mesma marginaliza a sua condição de mulher em um texto cujo título remete o leitor a interpretá-la a partir de um espaço físico também marginalizado: aquele onde “nasceu” o samba-canção.

(D) porque a “personagem” do poema, através de uma linguagem não-autorizada, a linguagem poética, ri da sua condição de “inferior”: por ser mulher e por ser vulgar, concentrando em si aspectos negativos.

Tópico 3: Obra *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis

QUESTÃO 9 (UFRGS/2014): Considere as seguintes afirmações sobre Esaú e Jacó, de Machado de Assis.

I - Pedro e Paulo, os filhos gêmeos do casal Santos, odeiam-se desde o ventre materno, fato insinuado pela cabocla do morro do Castelo e percebido por sua mãe, Natividade, o que caracteriza uma disposição hereditária que alinha o romance com a tendência naturalista e determinista da época.

II - Os longos trechos digressivos da narrativa estão em sintonia com as intervenções do Conselheiro Aires e marcados por comentários repletos de ironia, erudição e humor; comentários que podem incidir inclusive sobre as expectativas do público leitor, como fica claro no capítulo XXVII, *De uma reflexão intempestiva*.

III - O Conselheiro Aires mantém uma relação polida com o banqueiro Santos, a quem considera intelectualmente limitado e moralmente condenável, embora Aires reconheça sua dedicação à família, que o leva a tentar amenizar a hostilidade entre os filhos e a auxiliar com estímulos financeiros os parentes pobres.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas I e II.
- (D) Apenas II e III.

QUESTÃO 10 (UFRGS/2014): Considere o seguinte trecho de Esaú e Jacó.

“_____ não tinha as mesmas expansões. Era alto, e o ar sossegado dava um bom aspecto de governo. Só lhe faltava ação, mas a mulher podia inspirar-lhe; nunca deixou de consultá-la nas crises da presidência. Agora mesmo, se lhe desse ouvidos já teria ido pedir alguma coisa ao governo, mas neste ponto era firme, de uma firmeza que nascia da fraqueza: “Hão de chamar-me, deixa estar”, dizia ele a _____, quando aparecia alguma vaga de governo provincial. Certo é que ele sentia a necessidade de tornar à vida ativa. Nele a Política era menos uma opinião que uma sarna; precisava coçar-se a miúdo e com força.”

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima.

- (A) Gouveia – D. Rita
- (B) Nóbrega – D. Rita
- (C) Batista – D. Rita
- (D) Batista – D. Cláudia

QUESTÃO 11 (SIMULADO Online/2014) Considere o seguinte trecho de Esaú e Jacó. Leia as afirmativas abaixo.

“Naquele ano, uma noite de agosto, como estivessem algumas pessoas na casa de Botafogo, sucedeu que uma delas, não sei se homem ou mulher, perguntou aos dois irmãos que idade tinham. Paulo respondeu:
 - Nasci no aniversário do dia em que Pedro I caiu do trono.
 E Pedro:
 - Nasci no aniversário do dia em que Sua Majestade subiu ao trono.
 As respostas foram simultâneas, não sucessivas, tanto que a pessoa pediu-lhes que falasse cada um por sua vez.”

- I. Essa passagem confirma a observação que a vidente fez à Natividade e que ela, como mãe, preferiu esquecer em favor da grandeza das “coisas futuras”.
 - II. O trecho anterior é bem característico das relações entre Pedro e Paulo, já que as coincidências que há entre eles não os aproximam, mas os afastam: basta ver, nesse sentido, a relação que eles têm com Flora.
 - III. Como Pedro e Paulo são gêmeos, as respostas dadas revelam que eles estão fazendo uma brincadeira, pois cada um diz que nasceu num dia diferente do outro.
 - IV. Na obra em questão, Machado de Assis revela que é um escritor de caráter psicológico, pois o livro não tem relação com a realidade brasileira.
- Quais estão corretas?

- (A) Todas.
- (B) Apenas I e II.
- (C) Apenas I, II e III.
- (D) Apenas II e IV.
- (E) Apenas III e IV.

QUESTÃO 12 (SIMULADO Online): Leia o trecho abaixo, extraído do romance Esaú e Jacó:

“ Francamente, eu não gosto de gente que venha adivinhando e compondo um livro que está sendo escrito com método. A insistência da leitora em falar de uma só mulher chega a ser impertinente. Suponha que eles deveras gostem de uma só pessoa; não parecerá que eu conto o que a leitora me lembrou, quando a verdade é que eu apenas escrevo o que sucedeu e pode ser confirmado por dezenas de testemunhas? Não, senhora minha, não pus a pena na mão, à espreita do que me viessem sugerindo. Se quer compor o livro, aqui tem a pena, aqui tem o papel, aqui tem um admirador; mas, se quer ler somente, deixe-se estar quieta, vá de linha em linha; dou-lhe que boceje entre dois capítulos, mas espere o resto, tenha confiança no relator destas aventuras.”

O
 que
 se
 per
 ceb
 e
 nes
 se
 pon
 to é
 que

o autor deixa de lado a história que está sendo contada e dirige-se a uma suposta leitora, antevendo-lhe as reações diante do que se narra. Esse traço compositivo está presente não só neste, mas em quase toda a obra de Machado de Assis. Assinale a alternativa que explica corretamente esse traço estilístico do autor:

- (A) É conhecido como decomposição narrativa, visto que a história se perde em função do afastamento dos fatos narrados.
- (B) Inversão narrativa é o nome que se dá ao processo de se inverter os fatos, contando-se a história de trás para frente.
- (C) Estrangeirismo, pois é hábito de todo autor europeu do século XIX fazer uso desse mesmo estilo.
- (D) Metalinguagem do discurso narrativo é o processo pelo qual o narrador interage com seu leitor comentando o processo de escritura da obra.
- (E) Equilíbrio narrativo, mecanismo através do qual o narrador divide sua tarefa de contar a história com um possível leitor, que poderá também assinar a obra.

Tópico 4: Obra *Além do Ponto e outros contos*, de Caio Fernando Abreu.

QUESTÃO 13: Todas as obras a seguir foram escritas por Caio Fernando Abreu, EXCETO:

- (A) Os dragões não conhecem o paraíso
- (B) Grande Sertão: Veredas
- (C) Além do ponto e outros contos
- (D) Morangos mofados

QUESTÃO 14: A respeito do cenário político e história da época de Caio Fernando Abreu, é CORRETO afirmar que foi:

- (A) Ditadura de 1964, cujo protagonista foi o Presidente Getúlio Vargas, quando este estabelece o Estado Novo e dilui o congresso.
- (B) Ditadura de 1937, cujo protagonista foi o Presidente Getúlio Vargas, quando este estabelece o Estado Novo e dilui o congresso.
- (C) Ditadura de 1964, após a diluição do congresso pelas Forças Armadas Brasileiras, a deposição do presidente João Goulart e a publicação de Atos Institucionais.
- (D) Períodos atuais, com o afastamento provisório de Dilma Rousseff, para que o vice-presidente Michel Temer assumisse a presidência.

QUESTÃO 15: Quanto à linguagem apresentada na obra *Além do ponto e outros contos* nas proposições abaixo, é CORRETO afirmar que:

- (A) Na coletânea *Além do ponto e outros contos*, Caio Fernando Abreu emprega um uso vocabular bastante conservador em relação a seus contemporâneos.
- (B) O vocabulário de Caio Fernando Abreu é contemporâneo porque o autor se utiliza de diversas figuras de linguagem características da literatura moderna, como, por exemplo, a sinestesia.
- (C) Toda a obra de Caio Fernando Abreu é uma forma de protesto contra a indústria farmacêutica, pois esta não encontrava a cura da AIDS, doença que o levou à morte.
- (D) Apesar de ser contemporâneo, é difícil de ler esta obra por sua linguagem rebuscada e cheia de arcaísmos, linguagem típica de escritores neoclassicistas.

6 Relato dos encontros extraclasse³

As aulas reservadas ao período extraclasse se deram, conforme o planejado, em três encontros de quatro aulas, dos quais dois seriam para expôr e apresentar aos alunos características de quatro das oito obras exigidas no vestibular da UFSC 2017 e um para a aplicação de um simulado dentro do conteúdo apresentado. As obras literárias escolhidas pelos estagiários foram: Olhos d'Água, de Conceição Evaristo; Poética, de Ana Cristina César; Esaú e Jacó de Machado de Assis; e Além do ponto e outros contos, de Caio Fernando Abreu.

O evento foi divulgado aos alunos das turmas de terceiro ano do ensino médio do período matutino e vespertino, e as inscrições para este foram realizadas por alguns estagiários e pela professora orientadora. O número total de alunos inscritos para o evento foi aproximadamente 100.

Os alunos inscritos foram divididos em quatro turmas, sendo que cada grupo de estagiários da disciplina se encarregou de duas. Assim, enquanto um grupo assistia às aulas dedicadas à redação, o outro grupo assistia às de literatura.

As obras sob responsabilidade do nosso grupo de estagiários foram Olhos d'Água de Conceição Evaristo; Esaú e Jacó de Machado de Assis; Poética de Ana Cristina César; e Além do ponto e outros contos de Caio Fernando de Abreu.

Os relatos a seguir dizem respeito a duas aulas da mesma obra, mas com turmas diferentes. É relatado, primeiramente, a ordem da apresentação e logo depois as características de cada turma.

Primeiro Encontro: Aulas 1, 2, 3 e 4

Estagiários Responsáveis: Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani

A primeira e a terceira aula deste encontro eram dedicadas a apresentação da obra Olhos d'Água, de Conceição Evaristo, aos dois grupos de alunos. A apresentação foi esquematizada da seguinte maneira:

- Explicação do projeto: foi exposto aos alunos como se dava e sobre o que se tratava o projeto extraclasse, a importância da participação, a lista de obras literárias exigidas no vestibular, etc;

³ ANEXO XVIII – Extraclasse.

- Apresentação da obra: os alunos tiveram o primeiro contato com a obra por meio de fotocópias de alguns contos; em seguida a estagiária apresentou:
 - A temática: focalizando preconceitos a pessoas com características que, por muito tempo e ainda hoje, são marginalizadas, como os negros e as mulheres, principalmente advindos de uma classe social baixa;
 - Os contos em geral: expondo uma listagem de todos os contos da obra;
 - A biografia de Conceição Evaristo e as características da obra Olhos d'Água: enfatizando os pontos similares da vida da autora e alguns pontos da obra, onde ambos possivelmente se encontram;
 - Outras obras da autora: mostrando duas principais publicações, pois este é um item que às vezes é pedido no vestibular;
- Exposição de um trecho de uma entrevista com a autora: assim os alunos puderam ter contato com as opiniões ético-políticas da autora;
- Leitura de dois contos da obra: foi solicitado aos alunos que alguns deles lessem em voz alta;
- Comentários a respeito de cada leitura: a estagiária, ao fim de cada leitura, fez perguntas de interpretação, e os alunos responderam satisfatoriamente.

A segunda e a quarta aula foram dedicadas a apresentação da obra Poética, de Ana Cristina César. O estagiário esquematizou suas aulas da seguinte maneira:

- Entrega de alguns poemas selecionados da obra e um depoimento a respeito da obra;
- Explicação a respeito da Poesia e da Literatura: o estagiário expôs aos alunos um panorama geral sobre as diferenças de prosa e poesia, de como a leitura de um poema pode acarretar numa maior multiplicidade de interpretação em relação à prosa;
- Considerações sobre a obra Poética: foi salientado aos alunos a respeito da dificuldade desta obra, devido ao estilo simultâneo da autora, por inserir acontecimentos junto de outros, e também devido à forma de alguns de seus poemas serem inusitadas aos alunos;
- Vida da autora: o estagiário falou um pouco a respeito da vida da autora, de como ela surgiu no mundo literário, por meio da poesia marginal e da geração mimeógrafo;
- Leitura do depoimento: o compartilhamento dessa leitura teve o objetivo de mostrar aos alunos que muitas pessoas tiveram dificuldade de ler esta obra, portanto dava dicas de como organizar a leitura para que a internalização fosse mais eficaz;
- Apresentação de um vídeo da autora lendo um de seus poemas;

- Leitura coletiva de outros poemas da autora.

As duas turmas se demonstraram bastante interessadas e focadas nas aulas, respondendo às perguntas, fazendo perguntas, lendo os contos e compartilhando suas impressões. Assim, esta aula alcançou o objetivo proposto. Os alunos saíram felizes e com uma boa perspectiva das obras.

Segundo Encontro: Aulas 5, 6, 7 e 8

Estagiários responsáveis: Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani

A primeira e a terceira aula deste encontro foram dedicadas à apresentação do livro *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis. A esquemática das apresentações está nos tópicos abaixo:

- Apresentação da obra: Os alunos tiveram a oportunidade de ter contato com parte da obra por meio da fotocópia do primeiro capítulo do livro. Como a leitura do livro era impossível para o momento, a estagiária propôs esse recorte, a fim de subsidiar suas considerações sobre a obra e permitir contato direto com a estilística machadiana. A apresentação da obra seguiu assim:
 - Antes de iniciar a apresentação dos *slides*, a estagiária perguntou aos alunos se eles conhecem Machado de Assis. Metade da turma balança a cabeça positivamente, mas não sabe exatamente quem ele foi. Sabem apenas que ele é muito estudado na escola e que é um dos principais escritores brasileiros. Após esse primeiro momento, outros alunos lembram que além de ocupar cadeira importante na Academia Brasileira de Letras, foi fundador da associação;
 - Dentro da temática história, a estagiária inicia sua apresentação, traçando uma linha imaginária que separa as produções machadianas em românticas e realistas. Tal divisão, fundamentalmente didática, foi pontuada pela estagiária com um modo de estudo e que essa divisão contempla a maior incidência de características de cada movimento literário aplicado a cada obra;
 - A estagiária trouxe exemplos das obras de Machado de Assis que se encaixam na corrente literária realista e trouxe outras que se encaixam na proposta romântica;
 - Personagens: A estagiária elencou os principais personagens da trama e salientou a presença do conselheiro Aires;

- Intertextualidades: Além de os personagens principais – os dois irmãos – terem nomes bíblicos, a título do livro também faz menção às escrituras sagradas, que além de estarem ligadas a irmãos gêmeos também dá ao leitor, de antemão, o tom de disputa que há na narrativa pautado no antagonismo que existe entre os gêmeos bíblicos. A disputa no livro de Machado de Assis vai além da briga entre irmãos que aparece como peça alegórica para falar da disputa entre Brasil república e Brasil império;
- A leitura da obra: A leitura deu-se pelos alunos, em voz alta. Houve revesamento entre eles durante a leitura;
- Comentários a respeito de cada leitura: Após a leitura, a estagiária indagou ao aluno quanto à experiência de leitura do fragmento do texto. Os principais apontamentos foram a forma de escrita do autor que, muitas vezes, fazia com o os alunos gaguejassem durante a leitura para a turma, além do uso de narrador intruso, comum à escrita machadiana.

A segunda e a quarta aula foram dedicadas à apresentação do livro *Além do ponto e outros contos*, de Caio Fernando de Abreu. A apresentação feita pelo estagiário seguiu da seguinte maneira:

- Apresentação da obra: Para esse encontro, os alunos receberam das mãos do estagiário o conto *Aqueles dois* para que pudessem fazer a leitura integral;
- Leitura do conto: A leitura do conto foi feita majoritariamente pelos alunos. Houve comoção na leitura do conto e até certa disputa para quem iria ler os próximos parágrafos;
- Comentários após a leitura do texto: Diferente da estética machadiana que exige mais morosidade na leitura e atenção ao léxico típico da época, a estilística de Caio Fernando é bem próxima daquela vivida contemporaneamente. Essa foi uma das constatações feitas pelos alunos. Acharam os contos do Caio Fernando mais dinâmicos e envolventes;
- Apresentação dos *slides*: O estagiário trouxe em sua apresentação outras obras do autor, trouxe também uma contextualização histórica remetendo-se às décadas de suas produções e a influência histórica que podem ter sofrido;
- Temática: O estagiário trouxe considerações quanto às temáticas mais presentes na obra do autor, ressaltou uma eterna busca por algo que nunca se alcançou, retratando um possível vazio existencial. Além de temas como homossexualidade e AIDS;

- Morte: Bastante discutido em sala, a morte do autor com o vírus HIV. Nesta oportunidade, o estagiário levantou a questão de autores serem reconhecidos após a morte e o apelo das editoras por autores com a vida pessoal incomum ou com mortes trágicas, como por exemplo as escritoras que cometeram suicídio, Ana Cristina Cesar e a britânica Virginia Wolf.
- Neste segundo encontro, a participação da turma foi exemplar. Todos estavam atentos as explicações e ponderações feitas pelos estagiários. Houve colaboração na leitura dos textos. Durante o momento dedicado às dúvidas houve manifestações pertinentes ao tema. A sensação de contentamento foi recíproca.

Terceiro Encontro: Aulas 9, 10, 11 e 12

Estagiários responsáveis: Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani

Neste encontro, conforme planejado, deu-se a realização do simulado a respeito das obras literárias trabalhadas nas oficinas oferecidas nos encontros anteriores. O simulado foi aplicado no mini auditório do colégio, tendo em vista ser o melhor espaço para atender todos os alunos que participaram do projeto extraclasse desenvolvido na escola – havia mais de cem alunos no total

Nesta noite, dia 23/06, os alunos tiveram o total de quatro aulas de quarenta minutos para realizar o simulado que continha questões baseadas nas obras literárias abordadas nos encontros anteriores juntamente com uma proposta de redação. Os alunos foram divididos em dois grandes grupos, cada grupo recebeu as questões referentes as obras que tiveram contato na oficina que participaram e uma proposta de redação que era a mesma para os dois grupos. O grupo que havia participado da oficina oferecida pelo nosso trio de estagiários recebeu um simulado com 16 questões baseadas nas obras abordadas nos encontros anteriores. Estas questões exigiam conhecimento das obras de maneira geral e a maioria foi retirada de vestibulares passados, realizados por várias Universidades.

Os estagiários orientaram sobre a necessidade de fazer silêncio para que todos conseguissem realizar o simulado com concentração, alcançando assim, melhor desempenho. A entrega do simulado e saída da sala era permitida apenas uma hora e meia após o início da prova.

Enquanto os alunos realizavam o simulado, os estagiários esclareciam dúvidas e prestavam os devidos atendimentos, quando necessário. Além disso, avisavam sobre o tempo restante para a realização da prova. Passado o tempo mínimo para a entrega, muitos alunos entregaram e saíram da sala, mas uma quantidade bastante considerável continuou no local.

Mostraram-se bastante concentrados e compenetrados, tentando efetivamente resolver as questões propostas e desenvolver a redação. Conforme iam saindo, os alunos entregavam o cartão resposta aos estagiários que se comprometeram em divulgar o resultado no mural da escola na semana seguinte. Ao entregarem a prova e deixarem o local, muitos alunos agradeceram a ajuda e empenho dos estagiários nas aulas oferecidas.

Ao chegar o horário limite para a entrega do simulado, as 21h35min, apenas quatro alunos ainda estavam presentes, os últimos simulados foram recolhidos e os estagiários despediram-se dos alunos.

7 A docência (ensaios)

7.1 A Docência no Ensino Médio: Expectativas e Realidades

Samara Hinkel Corrêa

A experiência docente propõe inúmeros desafios, por mais que tenhamos solidificado nosso planejamento e estejamos ancorados por um escopo teórico-metodológico coerente com as noções de sujeito que a escola pretende formar, e com o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura no ensino médio, é inevitável a insegurança e a sensação de “será que vai dar certo?” durante o decorrer de toda a disciplina de estágio.

A escolha de trabalhar com o imaginário em sala de aula a partir das linguagens figuradas, leitura, interpretação e criação de textos poéticos nasceu da necessidade de se fomentar a experiência literária em sala de aula visto que as aulas observadas eram voltadas para práticas mais tradicionais de ensino de gramática normativa, e a literatura era enfocada de forma conceitual e superficial. A ideia central de nosso projeto, portanto, foi tirar o aluno da “zona de conforto” na qual se encontrava e lhe proporcionar momentos diferenciados e leituras que aguçassem a sua criatividade, sua autoria e seu posicionamento perante a literatura e a sociedade. Todavia, esse confronto com o “novo” gerou bastante resistência por grande parte dos alunos que apreciavam as aulas expositivo-dialogadas, porém, quando cobrados nas atividades de criação não demonstravam interesse em expor suas ideias e se fazerem “sujeitos autores de seus dizeres”, conforme sugerem os PCNs da Educação Básica.

Sabe-se que trabalhar com literatura no ensino médio é uma árdua tarefa, visto que, segundo Martins (2006, p. 84):

[...] a leitura literária vem competindo com outros meios de comunicação, como a internet, por exemplo, os quais tornam-se mais atrativos para os alunos e criam possibilidades de o indivíduo ficcionalizar, imaginar; funções antes mais ativadas pela leitura literária.

Foi justamente diante dessa dificuldade enfrentada no ensino que optamos por explorar as tecnologias e os espaços disponíveis na escola para aproximar o texto literário, nesse caso, a poesia, das possíveis realidades vivenciadas pelos alunos. Vídeos com declamações de poemas disponíveis na internet, slides explicativos, paródias contemporâneas e poesias concretas foram algumas das tantas formas que escolhemos para focar o quanto próxima do aluno está a manifestação literária, e como as manifestações atuais são passíveis de intertextualidade com as formas mais clássicas. Isto foi cuidadosamente pensado para que

os alunos não enxergassem o conteúdo trazido nas aulas como mera abstração ou conjunto de regras que deve ser apreendido e decorado, mas porque entendemos que:

É preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando “à *leitura da literatura* como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos. Contudo, parece-nos que o contexto escolar privilegia o *ensino da literatura*, no qual a leitura realizada pelos professores, inevitavelmente, é diferente daquela efetivada pelos alunos, pois a diversidade de repertórios, conhecimento de mundo, experiências de leitura influenciam diretamente o contato do leitor com o texto. (MARTINS, 2006, p. 85).

A partir desta reflexão é possível perceber o quanto desejávamos ouvir os alunos, conhecer seus horizontes de leitura e apreciação, e traçar um paralelo que ligasse o lúdico aos conteúdos sistematizados passíveis de serem trabalhados no terceiro ano do ensino médio. E foi isso que fizemos durante a execução do projeto, tomando sempre o cuidado de não monopolizar ou impor leituras e interpretações, mas objetivando mediar a relação do aluno com o texto, uma vez que se faz “imprescindível que o professor reavalie suas leituras, a fim de também levar a produção de autores contemporâneos para a sala de aula, até com o objetivo de questionar o cânone literário” (MARTINS, 2006, p. 90).

Ainda que todas as atividades tenham sido pensadas para instigar a reflexão do aluno a respeito do texto, suas formas, seus dizeres e recursos discursivos, esta estratégia de partir da leitura de maneira lúdica para então mostrar as dificuldades no processo de maturação da capacidade leitora causou na maior parte dos alunos a impressão de que as aulas dedicadas à realização do projeto de docência não eram “sérias” como as aulas tradicionais compostas por exposição de conteúdo e provas. Isso fez com que muitos negligenciassem as atividades propostas, recusando-se, muitas vezes, a participarem das apresentações e aproveitarem os espaços que oferecemos para que expusessem suas criações.

Criamos inúmeras expectativas quanto ao curso dessa disciplina, visto que no primeiro estágio, dedicado ao ensino fundamental oferecido pela modalidade EJA de ensino, lidamos com uma realidade bastante diferenciada, com alunos que por inúmeras razões deixaram de cursar o ensino regular, portanto, o rendimento desses alunos mediante as atividades, suas dificuldades na escrita, na compreensão de textos, e até suas inseguranças diante do desafio de escrever e apresentar oralmente suas produções eram aceitáveis diante das realidades vivenciadas por eles durante a trajetória escolar. Ainda assim, se esforçaram e tentaram realizar as atividades propostas.

Contudo, no presente estágio, por tratar-se de ensino regular, pensamos que estaríamos “livres” das peculiaridades e limitações encontradas na EJA, ledo engano. Nos deparamos com alguns alunos cansados da jornada de trabalho diária, visto que muitos trabalham e por conta disso optam por cursar o ensino médio no período noturno. Mas, também nos

deparamos com alunos que não trabalham, apenas estudam e ainda assim pareciam muito desinteressados e despreocupados em aprender o que estava sendo ensinado, aflorar sua criatividade e aproveitar as oportunidades que a vivência escolar proporciona. A escola é um ambiente de troca, de circulação de discursos, de textos, e constantemente instigávamos os discentes a perceberem isso, todavia, pareceu estar fortemente internalizado na maioria a ideia de que a escola é um espaço isolado que não faz parte da vida “real”. Isso é bastante preocupante se considerarmos que passam na escola boa parte do tempo e que ela precisa estar integrada à vivência cotidiana como espaço formador e acolhedor.

A sensação que permanece após a conclusão do curso de licenciatura é que o professor está diante de um paradoxo: Por um lado, os alunos querem se libertar da rotina cansativa e excessivamente sistemática das aulas de língua portuguesa, querem aprender coisas novas e serem desafiados, vontades estas relatadas por muitos no questionário que aplicamos durante o período de observação. Em contrapartida, quando proporcionamos essas vivências diversificadas que fogem da prática tradicional sem deixar de trabalhar os conteúdos necessários na reta final do ensino médio, muitos se sentem tão desafiados e inseguros que se negam a realizar as atividades propostas.

Vejamos ainda como se dá de outras formas o paradoxo do professor de Língua Portuguesa. Se observarmos o que se pede acerca das atividades que visam mediar o ensino/aprendizagem de literatura, veremos que:

Portanto, não se deveria trabalhar a leitura literária apenas com a finalidade de realizar tarefas como produção textual, resumos, preenchimento de fichas de leitura. Ratificamos ser necessário diversificar as atividades voltadas à leitura, incentivar o aluno a ler, sem necessariamente, ser avaliado, deixando-o sentir-se livre na escolha de seus próprios textos. Só assim, talvez, o aluno se sinta mais motivado à leitura literária. (MARTINS, 2006, p. 95).

Somos, como é possível perceber, intimados e provocados a mudança nos métodos de trabalho com o texto literário. Mas, tendo feito isso no projeto de docência e propondo aos alunos a criação de poesias, paródias e poesias concretas, textos que nasceram da literatura clássica e do modernismo, mas estão presentes em nosso cotidiano de inúmeras formas, fez com que eles não vissem função no que estava sendo proposto, justamente por não estarem sendo cobrados em uma prova, ou em uma “redação”, gênero que tanto demonstravam interesse em aprender. Pensamos que estas práticas tradicionais e cristalizadas no meio escolar estão tão fortemente engendradas às noções de ensino/aprendizagem e às de aula de português dos nossos alunos que se torna um desafio gigantesco fazê-los entender que criar, interpretar e estabelecer intertextualidades são capacidades que precisam ser trabalhadas na

disciplina, pois os prepara para a vivência cotidiana, na qual a expressão e a escrita são extremamente presentes, nas mais diversas práticas de letramento.

Outro ponto que cabe ressaltar é a dificuldade de inverter os processos tradicionais de trabalho com a Língua Portuguesa de maneira puramente metalinguística. Geraldi (1991) afirma que as atividades devem ser abordadas a partir do epilinguístico (reflexões a respeito dos recursos expressivos utilizados nos processos interacionais) para então, posteriormente, chegar-se ao metalinguístico (reflexão sistemática sobre a língua, construindo conceitos e classificações).

Entendemos ser esta a forma mais coerente de sistematizar certos aspectos formais de nossa língua que precisam ser trabalhados, como foi o caso das figuras de linguagens. Iniciamos o trabalho com esse conteúdo por meio da leitura e interpretação de poesia, para que os alunos experimentassem essas estratégias nos textos nos quais elas circulam, percebessem como a fala e a escrita cotidiana nos permitem e até nos instigam a usar figuras de linguagem, e como a publicidade e a propaganda fazem uso dessas estratégias de maneira notória. Apenas posteriormente o conceito de figura de linguagem e suas classificações foram expostos aos alunos de maneira metalinguística, nestas aulas os alunos realizaram a atividade de classificação e decodificação. Para eles, realizar as atividades metalinguísticas parecia ser mais simples do que refletir a partir de atividades epilinguísticas.

Este fato reafirma o quanto esses alunos estão apegados às práticas tradicionais e como se torna trabalhoso para eles refletir sobre textos e discursos presentes no cotidiano.

Faz-se necessário enfatizar aqui, que estas reflexões não visam mostrar que o estágio “não deu certo” ou que os alunos resistiram às propostas o tempo todo. Vários alunos fizeram trabalhos muito bons, criaram belíssimas poesias, participaram ativamente das discussões propostas em sala de aula e produziram poesias concretas com reflexões e intertextualidades bastante interessantes. Apenas deseja-se reafirmar o quanto às expectativas de um professor a respeito do seu público discente e sua prática pedagógica muitas vezes se distancia da realidade e o quanto o trabalho com a língua portuguesa ainda precisa ser ressignificado a partir de práticas como a nossa, que mesmo causando estranhamento provocam o aluno e possibilitam a ele alcançar e desbravar novos horizontes, conforme insiste Ivanda Martins (2006).

Parece-nos que a escola, de modo geral, ainda precisa desenvolver estratégias diversificadas, visando a formação desse leitor-navegador como aquele capaz de ultrapassar a superficialidade da leitura como mera decodificação e atingir a leitura do não dito, das entrelinhas, enfim, a leitura crítica atrelada à transformação social.(MARTINS, 2006, p. 2006).

Dito isto, é possível concluir que a prática docente será sempre surpreendente haja vista ser um processo que não depende apenas da preparação, disposição e de um bom planejamento por parte do professor, mas que depende impreterivelmente, da recepção e colaboração do aluno. Por mais que a aula seja pensada para um público heterogêneo que vivencia uma realidade escolar peculiar, nós, professores, acabamos idealizando um público de alunos que pode ser bem diferente daquele que encontramos na sala de aula. E isso não deve engessar nossa prática ou nos desmotivar, pelo contrário, deve ser a razão para renovarmos nossas práticas e estar sempre em busca de formação, para que a escola seja capaz de formar sujeitos críticos e conscientes, que ajam como transformadores sociais em seus ambientes.

7.2 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a Educação

Thalisson Erick de Almeida Machado

Em tempos em que a tecnologia atingiu patamares avançados as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) exercem papel fundamental na forma em que se lê e se aprende. A era digital tem trazido elementos cada vez mais presentes na vida de grande parte da população, sobretudo, o público jovem que está na escola. O uso de *tablets* e *smartphones* aliados ao uso da internet móvel já faz parte da realidade de muitos. O uso dessas ferramentas parece não ter sido usado, pelo menos, a princípio, como ferramenta de interação educativa pela escola. Contudo, pode-se observar que, atualmente, cresce a oferta de cursos *on-line*, principalmente os cursos de graduação e pós-graduação. Por outro lado, a Educação Básica ainda não acompanhou as mudanças que vem acontecendo na sociedade e ainda não se preparou para lidar com questões ligadas às novas tecnologias aliadas aos novos modos de produção e apropriação do conhecimento.

As reflexões aqui estabelecidas surgiram da análise mais atenta ao processo de docência que dois colegas de curso e eu fomos submetidos ao atuar como estagiários de uma turma de Ensino Médio. Embora o foco do projeto de docência fora mais direcionado para o poético, incluindo atividades interpretativas e de criação, grande parte das aulas dialogou não somente com gêneros mais tradicionais em sala de aula, mas procurou-se abordar outras linguagens que pudessem dialogar mais proximamente com a realidade dos alunos. Os conteúdos incluíram imagens, textos, videocliques, memes, músicas e uso de redes sociais. A questão mais importante levantada aqui, após a conclusão do estágio, é de que forma a escola e os professores podem lidar com as novas tecnologias, sobretudo, essas que aceleram e

modificam os modos de comunicação e de acesso a informação? De que modo podemos transformar um aluno receptor de informação em aluno com capacidade crítica frente às possibilidades obtidas na internet?

Não é possível mais imaginar a vida moderna tal qual é apresentada atualmente sem o uso de tecnologias que facilitam a vida de quem faz uso delas. O avanço tecnológico e a acesso acelerado da informação está mudando radicalmente o modo de vida da sociedade. Segundo Bauman (2001), a sociedade moderna vem sofrendo transformações influenciadas pelo encurtamento das distâncias e pela globalização, ambas ligadas diretamente aos avanços tecnológicos.

As relações sociais, dentro dessa nova era, também vem sofrendo modificações. Portanto, é possível pensar que a relação do indivíduo, escola e conhecimento também tenha mudado. Até o surgimento dos computadores pessoais e mais recentemente o acesso a dispositivos móveis com acesso a internet, a educação tradicional era pautada na leitura de texto e no trabalho com escrita. Pesquisas eram feitas em enciclopédia – nome que os jovens de hoje não sabem mais o que significa ou os lembra o *site*, com baixa fidedignidade, em que se encontra conteúdos diversos, Wikipédia. Os trabalhos escolares eram feitos à mão ou datilografados em uma máquina de escrever. Havia caderno de caligrafia e curso de datilografia, cuja serventia, hoje, é absolutamente nula.

Os professores que estão atualmente nas escolas nasceram e cresceram em um mundo que está acabando. Segundo Rojo (2013) os professores (nós) lidam com as questões de TICs com certa dificuldade, como segunda língua, já os jovens nascidos na era digital têm a linguagens digital como nativa e por isso há uma série de diferenças entre a utilização do meio digital por quem é nativo e por quem nasceu em meio ao analógico.

A leitura já não pode ser encarada do modo como foi, tradicionalmente. As modalidades de leitura cresceram e adquiriram novos formatos. Os textos agregaram novos elementos, trazendo à tona novos modos de leitura agregada a imagens, sons, vídeos, *links*. Santaella (2013) aponta o nascimento de um novo tipo de leitor: o leitor ubíquo. Para uma melhor compreensão do conceito, Santaella explica com suas palavras abaixo:

À mobilidade física do cidadão cosmopolita foi acrescida a mobilidade virtual das redes. Ambas as mobilidades entrelaçaram-se, interconectaram-se e tornaram-se mais agudas pelas ações de uma sobre a outra. A popularização gigantesca das redes sociais do ciberespaço não seria possível sem as facilidades que os equipamentos móveis trouxeram para se ter acesso a elas, a qualquer tempo e lugar. É justamente nesses espaços da hipermobilidade que emergiu o leitor ubíquo, trazendo com ele um perfil cognitivo inédito que nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo (SANTAELLA, 2013, p. 21).

Face as mudanças já mencionadas como o avanço tecnológico aliado ao uso de dispositivos de alta performance modificaram não somente o modo de vida, mas o meio cultural que criou novos espaços de divulgação, compartilhamento e transmissão de informação.

Está claro que os jovens atualmente possuem grande poder de acesso a informações de quaisquer tipos. Contudo, é importante ressaltar que existe grande diferença entre receber informação e o processo de apropriação do conhecimento. A escola como grande agência de letramento termo “que se refere à etapa inicial de aprendizagem da escrita, como a participação em ventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidade de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas.” (SOARES, 2003, p.16). Tal concepção dialoga diretamente com a práticas de letradas trabalhadas nas salas de aula e que costumam pouco se debruçar sobre as novas possibilidades letradas que nascem com a internet e seus periféricos.

As mudanças ocorridas na contemporaneidade vão desde a autoridade que tinha professor, detentor de um conhecimento central, até as mudanças no modo de ensino dentro das escolas. Dessa forma, pontua Rojo (2013) que a contemporaneidade e, principalmente, os textos contemporâneos propõe desafios aos letramentos e às teorias. Portanto, é necessário pensar estratégias para a elaboração de conteúdos pedagógicos que possa dar conta do atual momento da sociedade, além de buscar maneiras de inserir o professor na era digital para que eles possam fazer a curadoria de conteúdos, advindos da grande rede, a fim de separar a informação banal da informação que leve ao conhecimento, selecionando os conteúdos pertinentes e aproveitando as vantagens da ubiquidade trazida pela internet.

A vida contemporânea e suas diferenças têm obrigado a escola e teóricos de educação a pensar estratégia que sejam mais abrangentes que envolvam tanto o aluno quanto o professor. O conceito de multiletramentos expresso no livro *Multiletramentos na escola* de Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012) aponta que:

(...) a prática multiletrada vai além do conceito de letramentos múltiplos (que se refere à multiplicidade e variedade das práticas letradas e conhecidas ou não pelas sociedades), já que o multiletramento “aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (2012 p. 13).

Há, então, a obrigatoriedade de levar em consideração: a multiplicidade de linguagens que utiliza textos que possuem múltiplas semioses - mesmo em mídia eletrônica ou

impressa; o surgimento de uma nova ética que não está baseada na propriedade - nos direitos autorais - mas ergue-se na possibilidade de diálogos e de um trabalho em conjunto que excede as noções de autor e leitor; as novas estéticas relacionadas à valorização de gostos diferentes; a multiplicidade de culturas que valoriza as produções locais, marginais e que abre espaço para o novo e questiona o canônico; além de considerar os letramentos críticos como lugar de produção de conteúdo analítico.

Há, nesse sentido, a necessidade de buscar ferramentas que auxiliem os professores no trato com as novas tecnologias para que ao invés de tentar restringir o uso desses dispositivos - *tablets*, *celulares* e computadores - em sala de aula, busquem formas de integrá-los à vivência em sala de aula. Para isso, é necessário que haja a preparação do corpo docentes no sentido de prepará-los para a emersão de um mundo cada vez mais digital e, portanto, mais veloz. A escola ainda desconhece as grandes possibilidades existentes no ciberespaço e aponta Rojo (2013 p.7) que “é preciso que a instituição escolar prepare a população para o funcionamento de uma sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e identidades múltiplas.”

Diante do mundo contemporâneo tem-se a obrigação como profissional de educação de atentar-se às mudanças que nele estão ocorrendo. É fundamental que o professor e a escola abram as portas para as TICs e outras formas de mídia a fim de promover uma integração entre escola e mundo, além de pensar estratégias que possam levar as novas tecnologias para dentro da sala de aula prevendo que os jovens da contemporaneidade já nasceram nativos a estas linguagens. Há uma necessidade de readaptação da escola diante desta realidade e da busca por novas maneiras de ensino que abarquem os novos modos de ler a vida e a sociedade e suas culturas.

7.3 Uma relação de parceria, não de poder

Tiago Carturani

Diferente da experiência com o Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a experiência no Ensino Médio Regular me trouxe outras expectativas. O que mais distingue um do outro é o foco da turma no ensino regular, mais voltado à concursos para vestibulares, cursos técnicos, etc. É claro que alguns alunos da EJA também almejam estas ambições, mas a grande maioria tinha o objetivo de terminar os estudos para conseguir um melhor emprego ou até mesmo conseguir um emprego, tendo em vista que praticamente todos os empregadores exigem pelo menos o Ensino Fundamental completo.

Neste sentido, os alunos do Ensino Regular eram mais presentes nas aulas, tanto em participação como em frequência. Foi possível, deste modo, dar continuidade no planejamento com mais eficácia quando o conteúdo ou a atividade precisavam ser estendidos de uma aula para outra. Em contrapartida, os alunos de ambas as modalidades demonstraram muita dificuldade em sair de seus lugares-comuns quando a metodologia adotada pelos estagiários é diferente da metodologia do professor regente. Isso se refletiu em suas produções criativas, que, quando não tímidas, mal feitas; quanto não muito boas, nem entregues.

Quando me deparo com a falta de consideração dos alunos em relação à atividade ou ao conteúdo, muitas questões me vêm à cabeça, pois tento identificar em quais lugares podem haver problemas tanto no meu método quanto no interesse dos meus alunos: será que o conteúdo não é de interesse deles? Será que eu não estou sendo claro? A metodologia por mim adotada está sendo eficaz? Por que os alunos estão tão dispersos? Eu deveria ter sido mais ríspido? Eu fui ríspido demais? Eles não estão a fim?

Há sempre uma via de mão dupla na relação aluno e professor. E devido ao resultado, algumas vezes não satisfatório, como se mostrou no relato das aulas, a turma nem sempre é a única a ter que pagar pelas falhas na docência (e digo isso abrangendo: escola, professores, alunos, administração, comportamento de grupo, etc.). Por esse motivo, o que fica mais evidente é que deve ser necessário, algumas vezes, ter mudanças na metodologia do professor quando a turma não corresponde minimamente às propostas previstas. Se um professor ignora isso, sua aula vira um monólogo.

O decorrer das aulas foi, de maneira geral, satisfatório, exceto por algumas reclamações, desculpas, deboches e falta de interesse. Com muito esforço, a maioria dos alunos se dedicou às propostas pelo grupo, e isso se refletiu nas atividades deles, feitas com cuidado e dedicação. De início, pensamos que seria mais fácil lidar com a turma, mas no decorrer da docência, víamos alunos franzindo o cenho, sem entender direito o objetivo; outros ignorando todas as nossas propostas, faltando às aulas; alguns rindo, fazendo piadas; outros indiferentes; e outros mais interessados.

Meu grupo, junto com a Prof. Isabel e a Prof. Márcia, chegou à conclusão de que os alunos de maneira geral não têm mais o hábito de produzir conteúdo criativo, pelo qual instigue a curiosidade, aguace o conhecimento, e com o qual eles possam se divertir para aprender. As produções criativas, principalmente a atividade da produção da paródia, para os alunos, possuem a mesma carga pesada e massante de um conteúdo mastigado e passado no quadro. Isso não deveria ser assim. A ideia era para que eles pudessem aprender, depois das aulas expositivas, de maneira mais lúdica e descontraída. Tivemos problemas com plágios,

com alunos pagando para outro fazer o trabalho e outros achando o que era simples, difícil, e por isso deixando de produzir.

Nesse sentido, talvez tenha faltado um pouco de respeito dos alunos para com o grupo. Isso se justifica pelo deboche e pela leitura das respostas do questionário que aplicamos a eles no fim do estágio: alguns quiseram ofender dizendo que nós “nos achávamos muito” enquanto que, na verdade, nós estávamos dando toda assistência possível, a qual foi pouco solicitada.

No mais, havia alguns sorrisos, algumas pessoas que leram os poemas de maneira bonita e empolgante, que fizeram os poemas com o coração, embora um pouco tímidas, que fizeram a paródia, que estudaram para a prova e que, no poema concreto, fizeram um bom trabalho. Esse resultado bom é o que anima um professor a se manter na profissão; enquanto que o resultado ruim é deixado de lado e serve somente para refletir as próprias práticas e melhorar na metodologia, no conteúdo e nas palavras a serem ditas.

O projeto extraclasse foi muito satisfatório, como ocorreu no semestre passado nas turmas da EJA. Os alunos saberem que não estão sendo avaliados, virem por vontade própria, preocuparem-se com o conhecimento e com o vestibular, mesmo sabendo que ainda faltavam seis meses, fez com que todos os estagiários da turma se alegrassem um pouco. Meu grupo ficou encarregado de algumas obras literárias, das quais foram feitas algumas oficinas. E não raro era ouvir comentário, ao final delas, dizendo que nós os empolgávamos a ler.

A professora de LP da turma foi muito prestativa conosco e com os alunos. Tratou-nos com respeito e nos ajudou a acalmar a turma quando esta nos tratou com desdém ou quando estava muito dispersa. Dava-nos dica, elogiava-nos e esteve sempre por perto para tirar nossas dúvidas e nos auxiliar em relação a algum aluno que não conhecíamos bem.

A direção e a administração da escola também estiveram presentes, nos emprestando materiais e disponibilizando equipamentos, chaves, etc., conversando conosco quando estávamos esperando nossas aulas e nos ajudando no que precisássemos.

A infraestrutura da escola é muito boa se comparada a outras, com alguns pequenos problemas, como é de *praxe* acontecer no ensino público. A escola possuía tecnologia moderna em alguns ambientes, e isso ajudou para que as aulas funcionassem de maneira mais eficiente.

A Prof.^a Isabel foi muito atenciosa e dedicada, também nos dando dicas e nos ajudando a lidar com a turma, que algumas vezes não quis colaborar. Conversava conosco no início ou no fim das aulas, falando coisas pontuais do que estava bom e o que precisava ser ajustado.

O que fica em mim, junto com a sensação de dever cumprido, é a sensação de que eu preciso melhorar meus hábitos em sala de aula, minha retórica e minha maneira de lidar com os acontecimentos particulares de cada aula, de cada turma. Isso vai além da leitura de teoria sobre redução, metodologia e psicologia, pois se adquire na experiência, apesar de toda leitura ser um dos pilares com os quais um professor sustenta suas práticas.

É por isso que um planejamento, mesmo estando montado e ajustado, funciona e é remanejado de acordo com particularidades individuais da turma, da escola, do local. Para que não haja um monólogo do professor que fala, fala e parece que na verdade nada diz, faz-se necessário que cada aula seja um evento único e inusitado.

8 Considerações finais

O processo do estágio de docência é uma experiência que se dá em torno do órgão escolar, em etapas, e necessita da colaboração de muitas pessoas. Além, evidentemente, da importância dos próprios estagiários, para que o estágio de docência aconteça, precisa-se: da professora desta disciplina que orienta a elaboração do projeto de docência; dos planos de aula, bem como as atitudes dentro de sala de aula; da escola que acolhe os estagiários tanto com a estrutura física como também de modo social e colaborativo; da professora regente, em especial, pois é ela quem cede suas alunas para a execução do projeto de docência; dos alunos, pois sem sua colaboração, torna-se inviável a aplicação do projeto em sala de aula; e, além disso, também são necessários conhecimentos científicos adquiridos na universidade que servem de base e que, oportunamente, norteiam as ações dos estagiários, seja consciente ou inconscientemente.

Todos esses elementos estruturam o processo de docência no estágio, agindo como componentes formadores internos ou agentes externos. No que se refere ao processo de estágio, todas essas instâncias são fundamentais para a fluência deste exercício profissional. Quando há não conformidades em alguns desses aspectos, algumas ações por parte dos estagiários precisam ser tomadas a fim de minimizar perdas educacionais durante o estágio. Por esse motivo, esta análise pretende mostrar conformidades e não conformidades nos eixos que alicerçam o estágio.

A Profa. Isabel que orientou este estágio contribuiu ativamente para a elaboração do projeto de docência executado na turma 3.12, do terceiro ano do Ensino Médio da EEBMJBV. Esses conselhos e observações feitos acerca do projeto de docência e dos planos de aula foram fundamentais, pois a experiência como professora apontou elementos que precisavam de maior atenção, mas sempre deixando os estagiários livres para decidirem qual caminho percorrer, traçando assim os primeiros passos na docência. Uma liberdade supervisionada que proporcionou comportamentos mais naturais dos estagiários diante da sala de aula e dos alunos. A orientadora estimulou a confiança, acreditando na capacidade que cada estagiário tem na hora de lecionar.

A EEBMJBV proporcionou os locais nos quais aconteceram as aulas e as atividades extraclasse. Ainda que a escola tenha problemas políticos que reverberam nas condições de ensino, ela também possui infraestrutura midiática que foi disponibilizada aos estagiários durante a docência e que foram fundamentais para a execução dos planos de aula. O uso de *datashow* e de projetores móveis foi essencial para a apresentação de *slides*, vídeos e músicas

que faziam parte dos planos de aula. Além dos aspectos físicos e técnicos relacionados à escola, também é importante ressaltar o tratamento recebido pela área administrativa da escola que providenciou documentos, resolveu questões e sempre esteve disposta a ajudar no que fosse necessário, mas houve exceções. Tais ações influenciaram o processo de estágio, pois sua colaboração proporcionou uma experiência mais tranquila e possibilitou o acesso a informações técnicas a respeito da escola e dos alunos. A vivência no espaço escolar e não só em sala de aula foi fundamental para o melhor entendimento do funcionamento deste organismo vivo que é a escola.

A professora de língua portuguesa, responsável pela turma 3.12, muito atenciosa e dedicada, colaborou para a melhor experiência de docência cedendo suas aulas para que o estágio acontecesse. Mostrou-se disposta a auxiliar os estagiários trocando suas experiências como a turma, e falando sobre cada aluno. Essa conversa foi importante, pois auxiliou os estagiários no conhecimento da turma durante o período de observação, o que desencadeou a elaboração de propostas mais adequadas à turma e, conseqüentemente, contribuiu para o bom andamento do estágio.

A turma 3.12 é uma turma diversificada dentro da heterogeneidade que é a escola. Não são somente as origens que produzem heterogeneidade, mas também diversidade nas expectativas pós-formatura, no que faz fora da escola e como tratam seus colegas e os membros da instituição.

As atividades propostas pelos estagiários foram, de maneira geral, satisfatórias. A prova não estava prevista, pois como o planejamento se tratava de atividades criativas, pensou-se que todos fossem fazê-las. Nem todos fizeram, e, devido às normas da escola requerer uma prova de recuperação paralela, foi realizada uma prova de recuperação, na qual a maioria se saiu mal.

Os alunos que participaram do projeto extraclasse ficaram muito felizes, alegres com as aulas. A participação em atividades que não levam em consideração somente a avaliação revelaram outra face da escola que, possivelmente, os alunos não conheciam. O contato com as obras os deixou curiosos para lê-las. O processo de apropriação do conhecimento é lento e trabalhoso, mas pode ser suavizado como aconteceu no projeto extraclasse.

Na universidade, antes do estágio, não se aprende a lidar com os alunos. Isso é algo que se aprende com a prática, como o exercício da docência. Contudo, é dentro da universidade que se constroem bases epistemológicas por meio de conceitos, teorias e tudo o que envolve o conhecimento científico. Todo o conhecimento adquirido age como fundador e balizador das atitudes dentro e fora da área profissional. Ter esses conhecimentos não é

apenas fundamental para o bom exercício da docência, mas implica responsabilidade em todas as ações. Independente da direção que se toma, é importante saber por que se está indo por aquele caminho e não por outro. Além disso, ter a ciência de quais são as possíveis consequências de suas escolhas teórico-metodológicas e didáticas é fundamental.

Por outro lado, é somente no estágio, no final do curso, que se tem a oportunidade de contato com a escola e com as adversidades encontradas em uma sala de aula. Esse é o momento em que teoria e prática precisam amalgamar-se num todo homogêneo. A prática docente é desafiante, pois não existem respostas prontas para as questões que mais amedrontam os estagiários. Durante a graduação, tem-se contato com o universo da educação, do conhecimento e da linguagem que são básicos para ser professor. Contudo, é somente na *práxis* que se sai do hipotético e se vivencia o real. A turma 3.12 é real, com todas as suas particularidades. E só diante desta realidade que as ações movidas por construtos e conhecimentos anteriores são efetivamente articuladas, compondo as aulas que aconteceram juntamente com os alunos.

A sensação de incompletude parece um traço importante, se bem entendido, dentro da educação. Trata-se de um sentimento que acompanha alunos e professores. Os professores sempre acham que poderiam ter passado mais alguma coisa, que suas aulas terminam e sempre fica faltando algo. Já os alunos acham também que sabem pouco ou quase nada daquilo que se está aprendendo. Por um lado, essa relação parece meio amarga, mas por outro lado, é importante lembrar que a apropriação do conhecimento é algo processual, gradativo e, geralmente, lento. Portanto, sempre irá faltar alguma coisa que o professor não disse e sempre terá algo que o aluno ainda não aprendeu. Tais fatos fazem parte do processo de ensino-aprendizagem. O conhecimento não se restringe ao âmbito escolar. Ele está em todas as esferas sociais e é de apropriação constante e de infinitas possibilidades.

9 Referências

- ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro & Interação**, São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad. de Plínio Dentzien. São Paulo: Zahar, 2001
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa**. Brasília: 1997.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CÂNDIDO, A. **O Direito à Literatura**. In: Vários Escritos. Duas Cidades/Ouro sobre azul. São Paulo, Rio de Janeiro, 4ª. ed., 2004 Disponível em <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf> Acesso em 02/04/2015
- CECCANTINI, J. L. **Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura**. In: SANTOS, F.; MARQUES NETO, J.; RÓISING, T. M. K (org.) **Mediação da leitura – Discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. de Laura Sandroni, São Paulo: Editora Global, 2007.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PROFESSORA MARIA JOSÉ BARBOSA VIEIRA - EEBPMJBV. **Projeto Político Pedagógico**. 2014.
- GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Portos de Passagem**. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013 (1991).
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Santa Catarina » São José » infográficos: dados gerais do município**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=421660&search=%7Csao-jose>. Acesso em: 20 de mar. de 2016.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB. Resultados e Metas**. 2016. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/home.seam?cid=1882426>>. Acesso em: 29 de mar. de 2016.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial**: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARTINS, I. *A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?* In **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- POSSENTI, S. **Porque (não) Ensinar Gramática na Escola**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1996.
- ROJO, R. (Org) **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013
- _____; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.
- SANTA CATARINA - SC. Secretaria Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (SED/SC). **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Estudos Temáticos. Florianópolis: IOESC, 2005.
- SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. **Edital nº 16/SED/02/07/15**.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa**. Brasília: 1997.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa**. Brasília: 1997.
- SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Santa Catarina em Números. 2013a. Disponível em: <https://atendimento.sebrae-sc.com.br/projetos/portal_sebrae-sc/uploads/pdfs-municipios/relatorio-municipal-sao-jose.pdf>. Acesso em 09 de set. de 2015.
- SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **São José em Números**. 2013b. Disponível em: <https://atendimento.sebrae-sc.com.br/projetos/portal_sebrae-sc/uploads/pdfs-municipios/relatorio-municipal-sao-jose.pdf>. Acesso em 09 de set. de 2015.
- SOARES, M. **Letramentos e alfabetização**: as muitas facetas. Poços de Caldas: Revista Brasileira de Educação, 2003.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. Disponível em http://stoa.usp.br/brunafs/files/-1/16098/Todorov_A+literatura+em+perigo.pdf Acesso em 02/04/20015.

Lista de abreviaturas

CATI	Centro de Atenção à Terceira Idade
DLLV	Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
EEBPMJBV	Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LP	Língua Portuguesa
MEN	Departamento de Metodologia de Ensino
OSS	Oração subordinada substantiva
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
PIB	Produto Interno Bruto
PPP/EEBPMJBV	Projeto Político Pedagógico da Educação Básica Professora Maria José Barbosa Vieira
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SED/SC	Secretaria Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
SFA-SC	Superintendência Federal de Agricultura em Santa Catarina
TCE	Termo de Compromisso de Estágio
TCI	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

Lista de figuras

Figura 1: Eixos organizadores presentes na PCSC.....	21
Figura 2: Esquema para resolver os exercícios sobre OSS	41
Figura 3: Termo de Compromisso de Estágio da aluna Samara Hinkel Corrêa.....	251
Figura 4: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Thalisson Machado.....	252
Figura 5: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Tiago Carturani.....	253
Figura 6: Registro de observação da aluna Samara Hinkel Corrêa	255
Figura 7: Registro de observação do aluno Thalison Machado.....	256
Figura 8: Registro de observação do aluno Tiago Carturani	257
Figura 9: Simulado aplicado pela prof. de LP aos alunos no período de observação	265
Figura 10: Prova aplicada pela prof. de LP aos alunos no período de observação	267
Figura 11: Prova de recuperação aplicada pela prof. de LP aos alunos no período de observação	269
Figura 12: Aula na biblioteca (Foto 1)	271
Figura 13: Aula na biblioteca (Foto 2)	271
Figura 14: Amostra do poema do aluno 1	273
Figura 15: Amostra do poema do aluno 2	275
Figura 16: Amostra do poema do aluno 3	277
Figura 17: Amostra da atividade sobre figura de linguagem (aluno 1).....	279
Figura 18: Amostra da atividade sobre figura de linguagem (aluno 2).....	279
Figura 19: Amostra da atividade sobre figura de linguagem (aluno 3).....	280
Figura 20: Varal literário exposto no dia 14 de jun. de 2016	281
Figura 21: Amostra do poema do aluno 1	283
Figura 22: Amostra do poema do aluno 2	284
Figura 23: Amostra do poema do aluno 3	284
Figura 24: Amostra da prova de recuperação do aluno 1	291
Figura 25: Amostra da prova de recuperação do aluno 2	292
Figura 26: Amostra do poema concreto do aluno 1.....	293
Figura 27: Amostra do poema concreto do aluno 2.....	294
Figura 28: Lista de frequência durante o período de estágio.....	295
Figura 29: Lista com as notas dadas aos alunos durante o período de estágio.....	296
Figura 30: Fotos do primeiro encontro	297
Figura 31: Lista de frequência dos alunos participantes.....	298

Figura 32: Fotos do segundo encontro.....	299
Figura 33: Fotos do terceiro encontro.....	300
Figura 34: Lista de frequência dos alunos participantes.....	301

Lista de tabelas

Tabela 1: Resultado do simulado	301
---------------------------------------	-----

Anexos

ANEXO I – Termos de Compromisso de Estágio dos estagiários

Figura 3: Termo de Compromisso de Estágio da aluna Samara Hinkel Corrêa


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional
 Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900.
 Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE N° 654660

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a), **Marlon Pires Sarmento**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Samara Hinkel Corrêa**, CPF **080.461.329-00**, telefone **48 96263560**, e-mail **SAMARAHINKELC@GMAIL.COM**, regularmente matriculado(a) sob número **11201864** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

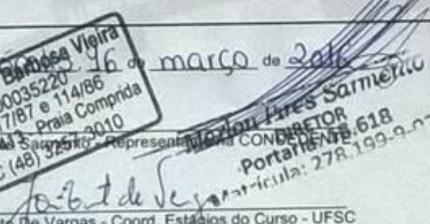
<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/06/2013 e vinculado à disciplina MEM7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieir, de 16/03/2016 a 11/07/2016, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Marcia Madalena Kovalek.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice N° 81.227 da seguradora Generali Brasil Seguros S/A (CNPJ 33.072.307/0001-57).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
--	--

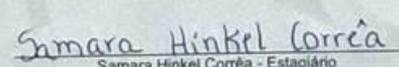
PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE N° 654660

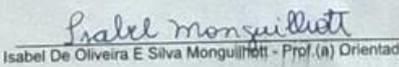
Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

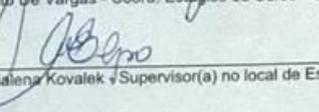
Estágio de observação em turma de 3º ano – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 16 de março de 2016


 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC
 Representante da CONCEDENTE


 Samara Hinkel Corrêa
 Samara Hinkel Corrêa - Estagiário


 Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)


 Marcia Madalena Kovalek - Supervisor(a) no local de Estágio

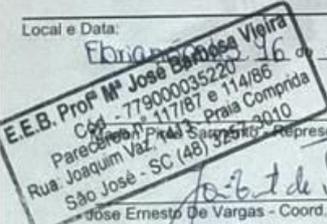

 E.E.B. Prof. M. Jose Barbosa Vieira
 Cdd. - 779000035220
 Cdd. - 117/87 e 114/86
 Pareceres nº 117/87 e 114/86
 Rua. Joaquim Val. - Praia Comprida
 São José - SC (48) 3721-3010

Figura 4: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Thalisson Machado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 656067

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.961.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) sr(a), **Marlon Pires Sarmiento**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representado(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Thalisson Erick De Machado**, CPF 052.383.329-63, telefone 4896343296, e-mail thalisson.fel@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob o nº 10201805 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 12.529/2012 e da Resolução 014/CU/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/06/2013 e vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) E.E.B. Maria José Barbosa Vieira, de 16/03/2016 a 11/07/2016, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Marcia Madalena Kovalek.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 81.227 da seguradora Generali Brasil Seguros S/A (CNPJ 33.072.307/0001-57).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a concedente em caso de abandono do estágio.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer vínculos empregatícios com a CONCEDENTE que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional e respeitar as normas da UFSC, respondendo pelos danos causados pela inobservância das mesmas e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente termo em 5 vias de igual teor.</p>
---	---

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 656067

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

estágio de observação em turma de 3º ano - Ensino Médio; reflexão; sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducacional; elaboração de projeto de aula; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade.

Data: _____ de _____ de _____

Marlon Pires Sarmiento
DIRETOR
Portaria: 18, 5º andar - Representante na CONCEDENTE
Rua: 27 R. 100, A. 100

E.E.B. Prof.ª Maria José Barbosa Vieira
Cód. - 779030035220
Participantes nº 11/187 e 114/185
Rua Joaquim Vaz, 1413 - Praia Comprida
São José - SC, 148) 3257-3010

Thalisson Erick De Almeida Machado
Thalisson Erick De Almeida Machado - Estagiário

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott
Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Marcia Madalena Kovalek
Marcia Madalena Kovalek - Supervisor(a) no local de Estágio

656067 - Gerado pelo SIARE em 28/03/2016 às 17:48:43 hs.

Figura 5: Termo de Compromisso de Estágio do aluno Tiago Carturani


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
 Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE N° 655360

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a). **Marlon Pires Sarmiento**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Tiago Carturani**, CPF **083.073.539-98**, telefone **4898108255**, e-mail **carturanit@gmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **11102604** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

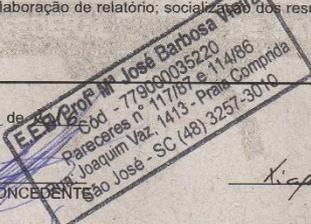
<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/06/2013 e vinculado à disciplina MEN7002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieir, de 16/03/2016 a 11/07/2016, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Marcia Madalena Kovalek.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice N° 81.227 da seguradora Generali Brasil Seguros S/A (CNPJ 33.072.307/0001-57).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p>	<p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
---	---

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE N° 655360

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 3º ano – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 21 de março de 2016



Marlon Pires Sarmiento - Representante na CONCEDENTE
 DIRETOR
 Portaria: 18-618
 Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Tiago Carturani - Estagiário
 Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Marcia Madalena Kovalek - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE N° 655360 - Gerado pelo SIARE em 22/03/2016 às 13:36:23 hs.

ANEXO II – Registro de observação de aulas de português no Ensino Médio

Figura 6: Registro de observação da aluna Samara Hinkel Corrêa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

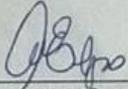
Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO MÉDIO

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa
Turma: 3º ano do ensino médio - 312
Professora: Marcia Madalena Kovalek
Estagiário(a): Samara Hinkel Corrêa
Período de observação total: 21/03 a 12/04 de 2016

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	21/03/16	18:45 - 19:25	Orações subordinadas	J. B. P.
Aula 2	21/03	19:25 - 20:05	Orações subordinadas	J. B. P.
Aula 3	22/03	19:25 - 20:05	Atividade avaliativa	J. B. P.
Aula 4	28/03	18:45 - 19:25	Correção da atividade	J. B. P.
Aula 5	28/03	19:25 - 20:05	aplicação de prova	J. B. P.
Aula 6	29/03	19:25 - 20:05	Pré-modernismo	J. B. P.
Aula 7	4/04	18:45 - 19:25	correção + resenha	J. B. P.
Aula 8	5/04	19:25 - 20:05	resenha + questionário	J. B. P.
Aula 9	5/04	18:45 - 19:25	questionário	J. B. P.
Aula 10	11/04	20:15 - 20:55	Prova de recuperação	J. B. P.



Assinatura da Professora da Turma

Figura 7: Registro de observação do aluno Thalison Machado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS – ENSINO MÉDIO

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Pereira
 Turma: 3º ano de Ensino Médio
 Professora: Marcia madalena Karvalet
 Estagiário(a): Thalison Erick de Almeida Machado
 Período de observação total: 21-03-16 a 12-04-16

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	21-03-16	18:45-19:25	conexão de exercícios	J. Elpo
Aula 2	21-03-16	19:25-20:05	oração subordinada	J. Elpo
Aula 3	22-03-16	19:25-20:05	atividade avaliativa	J. Elpo
Aula 4	28-03-16	18:45-19:25	conexão de atividades	J. Elpo
Aula 5	28-03-16	19:25-20:05	prova O.S.S.	J. Elpo
Aula 6	29-03-16	19:25-20:05	questões sobre Pré-modernismo	J. Elpo
Aula 7	04-04	18:45-19:25	conexão e revisão	J. Elpo
Aula 8	5-04	19:25-20:05	revisão e Questões	J. Elpo
Aula 9	5-04	18:45-19:25	Questões UFSC	J. Elpo
Aula 10	11-04	20:15-20:55	prova de recuperação	J. Elpo

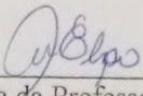

 Assinatura da Professora da Turma

Figura 8: Registro de observação do aluno Tiago Carturani



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO

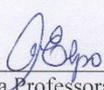
Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 331-9243 - Fax: (48) 331-8703



REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO MÉDIO

Escola: Escola de Educação Básica Maria José Barbosa Vieira
Turma: 3ª ano - E.M. - 312
Professora: Marcia Madalena Karolek
Estagiário(a): Tiago Carturani
Período de observação total: 21/03 a 12/04 de 2016

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura da professora titular
Aula 1	21/03/16	18:45 - 19:25	Opções Subordinadas	J. B. P.
Aula 2	21/03/16	19:25 - 20:05	"	J. B. P.
Aula 3	22/03/16	19:25 - 20:05	Atividade Analítica	J. B. P.
Aula 4	28/03/16	18:45 - 19:25	Conexão da triângulo	J. B. P.
Aula 5	28/03/16	19:25 - 20:05	Aplicação da prova	J. B. P.
Aula 6	29/03/16	19:25 - 20:05	Pós-modernismo	J. B. P.
Aula 7	04/04/16	18:45 - 19:25	Conexão; Resenha	J. B. P.
Aula 8	05/04/16	19:25 - 20:05	Resenha e questionário	J. B. P.
Aula 9	05/04/16	18:45 - 19:25	Questionário	J. B. P.
Aula 10	11/04/16	20:15 - 20:55	hora de recuperação	J. B. P.


 Assinatura da Professora da Turma

ANEXO III – Questionário aplicado aos alunos no período de observação

Olá, pessoal! Boa noite.

Para que nós, estagiários do curso de Licenciatura em Letras – Português, possamos planejar as aulas que ministraremos aqui na turma 3.12 no período de estágio, gostaríamos de conhecer um pouco melhor a vida escolar e pessoal de vocês, seus gostos e interesses. Para isso, leia com atenção e responda as questões a seguir:

Dados para identificação

- Nome completo:
- Idade:
- Endereço:
- Local de nascimento:

A respeito de sua família:

- 1) Quantas pessoas moram com você?
- 2) Qual o grau de parentesco entre você e as pessoas que moram com você?
- 3) Todas as pessoas que moram com você trabalham? Em quais profissões?

A respeito da sua vivência escolar:

- 4) Desde quando você estuda aqui nessa escola?
- 5) Para você, qual a importância da formação na Escola?
- 6) O que você mais gosta nas aulas? (Momentos, disciplinas preferidas, assuntos que gosta de discutir e aprender sobre)
- 7) Ao realizar atividades escolares, em quais situações você precisa ler e escrever?
- 8) Você acha que há diferenças entre a leitura que faz fora da escola e dentro da escola? Quais são as diferenças?
- 9) Na aula de Português, o que é mais legal para você? Justifique.
- 10) Na aula de português, o que mais lhe desagrada? Justifique.
- 11) Para você, como deve ser uma aula produtiva, na qual você aprenda e participe ativamente?

Sobre sua vivência além da Escola

- 12) Você trabalha? Qual sua profissão? Como é sua jornada diária e semanal (horas)? Você gosta de realizar as atividades exigidas pelo seu trabalho? Por quê?
- 13) Você costuma fazer algum tipo de atividade rotineira fora da escola? (cursos, academia, aulas de dança, etc.). Quais? Com que frequência?
- 14) Você usa a internet? Com quais finalidades (redes sociais, jogos, filmes, séries, músicas, blogs, notícias, curiosidades, trabalhos escolares)? Em quais sites navega?
- 15) Você costuma ler? O quê (revistas, jornais, sites de notícia, livros, apostilas, crônicas, blogs etc.)? Com que frequência têm acesso a esses tipos de textos? Para quais finalidades? (trabalho, lazer, etc.)

16) Você gosta de escrever? Que tipos de textos você escreve frequentemente? (recados, poemas, emails, ofícios, fichas, textos literários)? Para quais finalidades você costuma escrever?

Sobre suas expectativas e seus interesses:

17) Para você, qual a importância da disciplina de língua portuguesa?

18) Você fala português desde criança, se comunica com a sociedade e portanto conhece muito bem a sua língua materna. Por que, então, você acha que precisa “aprender português” na escola?

19) Quais conteúdos você considera mais importantes de serem abordados em uma aula de português?

20) Quando você está na escola, entre amigos e/ou familiares, sobre quais assuntos vocês mais conversam? Sobre o que você gosta de conversar? Quais assuntos você considera interessantes? Por quê?

21) O que você espera do período de estágio? Dos conteúdos e atividades propostas e dos professores estagiários?

22) Você está cursando o último ano do Ensino Médio. Ao concluir esta etapa, quais são seus planos futuros (trabalho, faculdade, cursos, intercâmbio, etc.)? De que forma pretende realizar esses planos?

ANEXO IV – Questionário aplicado à professora de LP da turma 3.12

Nome completo:

Idade:

1. Qual a sua formação profissional?

2. Há quantos anos você exerce a atividade docente? E há quanto tempo na E.E.B. Professora Maria José Barbosa Vieira?

3. Qual a sua carga horária semanal? Em qual regime de trabalho (efetivo ou temporário)?

4. Para quantos alunos você leciona atualmente? Qual a quantidade de alunos que você considera adequada?

5. Exerce outra atividade remunerada? Qual?

6. Qual a sua metodologia de trabalho? Como planeja suas aulas? Há diálogo com os professores de outras disciplinas e/ou com os outros professores de português?

7. Qual a sua proposta de trabalho para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, escuta e oralidade?

8. Na escola, há projetos que envolvam a disciplina de Língua Portuguesa? De qual(is) você participa?
9. Qual a sua concepção de língua/linguagem e de sujeito?
10. Quais as suas práticas sociais de leitura?
11. Qual livro você está lendo atualmente? Comente.
12. A escola usa material didático? Você tem autonomia para escolher esse material? Qual a sua relação com ele?
13. Qual a relevância da biblioteca da escola no planejamento das suas aulas?
14. Quais as principais dificuldades encontradas no Ensino médio? E no turno noturno, há dificuldades específicas? Quais?
15. Há alguma observação relevante que você gostaria de deixar registrada?

ANEXO V – Questionário aplicado a funcionários da EEBPMJBV

Questionário elaborado para ser realizado oralmente, por meio de conversa gravada e transcrita.

- 1) Qual o seu nome completo? Qual é a sua idade?
- 2) Qual o seu grau de escolaridade?
- 2) Quais atividades você desenvolve em seu trabalho? Gosta de exercer essa função? Por quê?
- 3) O que você entende por escola e educação básica?
- 4) Para você, qual a importância da escola na formação dos alunos como cidadãos?
- 5) Como é a sua relação com a comunidade escolar (alunos, pais e demais profissionais educadores) ?
- 6) Quais os prós e contras da sua rotina aqui na escola? O que você acha que poderia melhorar?
- 7) O que mais se pode acrescentar sobre o seu trabalho e/ou sobre a escola? (críticas, elogios, desabaços)

ANEXO VI – Simulado aplicado pela professora regente aos alunos

Figura 9: Simulado aplicado pela prof. de LP aos alunos no período de observação

Nome: _____ Turma: _____

Simulado sobre Or. Subordinadas SUBSTANTIVAS – 1,0 ponto

1. Na frase: "Tínhamos a certeza de que estávamos bem perto da chegada.", a oração subordinada é:

- subordinada substantiva objetiva indireta
- subordinada substantiva completiva nominal
- subordinada substantiva predicativa
- subordinada substantiva objetiva direta

2. (FM-SANTOS) A segunda oração do período "Não sei no que pensa", é classificada como:

- substantiva objetiva direta
- coordenada explicativa
- substantiva completiva nominal
- substantiva objetiva indireta

3. (UF-UBERLÂNDIA) "Lembro-me de que ele só usava camisas brancas." A oração subordinada é:

- subordinada substantiva completiva nominal
- subordinada substantiva objetiva indireta
- subordinada substantiva predicativa
- subordinada substantiva objetiva direta

4. (UE PONTA GROSSA-PR) Em "É possível que comunicassem sobre políticos", a segunda oração é:

- subordinada substantiva subjetiva
- subordinada substantiva predicativa
- principal
- subordinada substantiva objetiva direta

5. (FCE-SP) "Os homens sempre se esquecem de que somos todos mortais." A oração subordinada é:

- substantiva completiva nominal
- substantiva objetiva direta
- substantiva objetiva indireta
- substantiva subjetiva

6. (FEL-SP) "Estou seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida." A oração é substantiva:

- objetiva indireta
- subjetiva
- completiva nominal
- objetiva direta

7. (UC-MG) Há oração subordinada substantiva apositiva em:

- Na rua perguntou-lhe em tom misterioso: onde poderemos falar à vontade?
- Ninguém reparou em Olívia: todos andavam como pasmados.
- As estrelas, que vemos, parecem grandes olhos curiosos.
- Em verdade, eu tinha fama e era valista emérito: não admira que ela me preferisse.
- Sempre desejava a mesma coisa: que a sua presença fosse notada.

8. Nos versos "Sabe dizer se é possível / algum trabalho encontrar?" , a oração substantiva é:

- subordinada substantiva subjetiva
- subordinada substantiva objetiva direta
- subordinada substantiva objetiva indireta
- subordinada substantiva predicativa

9. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:

- Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
- É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
- Ignoras quanto custou meu relógio?
- Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
- Convinha-nos que você estivesse presente à reunião. }

10. Na oração "Ficou provado que era uma preocupação infundada.", tem-se uma:

- subordinada substantiva predicativa
- subordinada substantiva completiva nominal
- subordinada substantiva objetiva direta
- subordinada substantiva subjetiva

ANEXO VII – Prova aplicada pela professora regente aos alunos

Figura 10: Prova aplicada pela prof. de LP aos alunos no período de observação

	E.E.B. Professora Maria José Barbosa Vieira									
	LÍNGUA PORTUGUESA – Recuperação de O.S.Substantivas	Data: ___/___/2016 Turma: _____	Nota: _____							
Nome: _____		3º Ano								
<p>1. Observe este trecho retirado do texto Minas não acredita em Minas? de Alcione Araújo: Consta que herdamos a tão propalada desconfiança dos nossos antepassados. Nesse trecho é possível afirmar que</p> <p>a) há duas orações subordinadas. b) "consta" é a oração subordinada substantiva. c) "... que herdamos a tão propalada desconfiança dos nossos antepassados..." é a oração subordinada substantiva. d) não há oração subordinada.</p>										
<p>2. UFMG – Na frase: Maria do Carmo tinha a certeza de que estava para ser mãe, a oração em destaque é:</p> <p>a) subordinada substantiva objetiva indireta. b) subordinada substantiva completiva nominal. c) subordinada substantiva predicativa. d) subordinada substantiva subjetiva. e) subordinada substantiva objetiva direta.</p>										
<p>3. Relacione as orações destacadas em cada período com a função que cada uma expressa:</p> <table border="0"> <tr> <td>() Desejo <u>que você volte.</u></td> <td>(1) Complemento nominal.</td> </tr> <tr> <td>() É importante <u>que você entenda.</u></td> <td>(2) Objeto direto.</td> </tr> <tr> <td>() O chefe tinha plena confiança <u>de que o funcionário chegaria no horário.</u></td> <td>(3) Predicado.</td> </tr> <tr> <td>() O meu sonho é <u>que meu time ganhe a taça.</u></td> <td>(4) Sujeito.</td> </tr> </table>			() Desejo <u>que você volte.</u>	(1) Complemento nominal.	() É importante <u>que você entenda.</u>	(2) Objeto direto.	() O chefe tinha plena confiança <u>de que o funcionário chegaria no horário.</u>	(3) Predicado.	() O meu sonho é <u>que meu time ganhe a taça.</u>	(4) Sujeito.
() Desejo <u>que você volte.</u>	(1) Complemento nominal.									
() É importante <u>que você entenda.</u>	(2) Objeto direto.									
() O chefe tinha plena confiança <u>de que o funcionário chegaria no horário.</u>	(3) Predicado.									
() O meu sonho é <u>que meu time ganhe a taça.</u>	(4) Sujeito.									
<p>4. Complete os períodos com uma oração subordinada substantiva positiva</p> <p>a) Dê uma coisa se sabe: _____ b) Um fato me preocupa: _____</p>										
<p>5. Classifique as orações substantivas dos períodos seguintes.</p> <p>a) Fizeram a seguinte advertência: que o trabalho fosse secreto. Or.S.S _____ b) Quero que venha comigo à festa. Or.S.S _____ c) Estou convencido de que ninguém mais verá esse convite. Or.S.S _____</p>										
<p>6. Complete com O.S.S. completiva nominal ou O.S.S. objetiva indireta a oração destacada.</p> <p>a) Duvido de que haja um melhor. _____ b) O bom resultado depende de que tenha atenção. _____ c) Tenho ciência de que agi bem. _____</p>										
<p>7. (UFAM) Assinale a opção em que ocorre oração subordinada substantiva subjetiva:</p> <p>a) Ninguém desconhece que o lençol freático da corrupção é caudaloso. b) Sabe-se que o lençol freático da corrupção é caudaloso. c) Os especialistas dizem que é caudaloso o lençol freático da corrupção. d) A verdade é que o lençol freático da corrupção é caudaloso. e) A verdade é esta: o lençol freático da corrupção é caudaloso.</p>										
<p>8. (UECE) Leia este trecho de texto e observe a oração em destaque:</p>										
<p>Anverso e reverso Cada indivíduo tem sua configuração espiritual, e ela não muda com os anos. É tão constante quanto nossos cromossomos ou as nossas impressões digitais. As circunstâncias é que variam, permitindo por vezes que certos tipos ofereçam de si uma imagem nova e até surpreendente, num desmentido a julgamentos anteriores.</p> <p>(A psicologia do brasileiro, CARNEIRO, J. Fernando. São Paulo: Ed. Agir, 1971.)</p>		<p>Marque a alternativa em que a oração destacada tem a mesma função da oração em destaque no texto.</p> <p>a) Sabe-se <u>que o homem é um ser mutável.</u> b) O homem é <u>que, muitas vezes, se perverte.</u> c) Não sabemos <u>pôr que certas pessoas mudam de caráter constantemente.</u> d) É verdade <u>que o homem ainda é um universo desconhecido.</u></p>								

ANEXO VIII – Prova de recuperação aplicada pela professora regente aos alunos

Figura 11: Prova de recuperação aplicada pela prof. de LP aos alunos no período de observação

	E.E.B. Professora Maria José Barbosa Vieira		Data: ___/___/2016	Nota:
	L. PORTUGUESA			
Nome:			3º Ano	

1. Em cada período que se segue, que funções exercem as orações subordinadas substantivas assinaladas.

a) Um dos desejos da Paleontologia é que se descubram as raízes de toda a fauna.

(a) Predicado
(b) Objeto direto
(c) Substantivo

b) Cientistas de Caltech acham que a solução está nos embriões de animais marinhos atuais.

(a) Objeto indireto
(b) Objeto direto
(c) Complemento nominal

c) Os pesquisadores duvidam de que microscópicos organismos tenham evoluído para uma lagosta ou uma girafa.

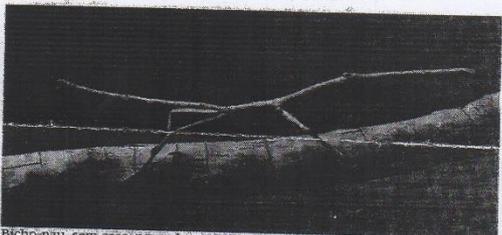
(a) Complemento nominal
(b) Objeto direto
(c) Objeto indireto

2. Leia o texto e faça o que se pede:

Reinventando as asas
Os bichos-paus e seus incertos períodos alados

Há uma novidade sobre os insetos fasmídeos, mais conhecidos como bichos-paus: os cientistas acham que eles perderam e recuperaram suas asas várias vezes ao longo de 300 milhões de anos, abalando a tradicional suposição de que sua asa surgiu de uma vez só.

Capazes de mimetizar gravetos, os bichos-paus dividem-se em dois tipos: alados e parcialmente alados ou sem asas. O biólogo Michael Whiting analisou o DNA de 37 espécies, e descobriu que seus ancestrais incapazes de voar tinham asas há 250 milhões de anos. "Depois as perderam, mas voltaram a desenvolvê-las pelo menos quatro outras vezes", diz.



Bicho-pau, sem asas, pousado em galho.

Foto: Colleen Hurley

(Revista National Geographic Brasil, out. 2003, p. 20.)

A classificação das orações destacadas no texto são:

"(...) os cientistas acham **que eles perderam e recuperaram suas asas várias vezes** (...) "

a) Oração Sub. Substantiva subjetiva.
b) Oração Sub. Substantiva objetiva direta.
c) Oração Sub. Substantiva predicativa.
d) Oração Sub. Substantiva completiva nominal.

"(...) **abalando a tradicional suposição de que sua asa surgiu de uma vez só**."

a) Oração Sub. Substantiva objetiva direta.
b) Oração Sub. Substantiva objetiva indireta.
c) Oração Sub. Substantiva completiva nominal.
d) Oração Sub. Substantiva subjetiva.

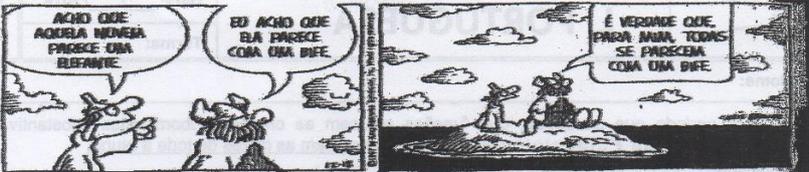
"o biólogo (...) **analisou o DNA de 37 espécies, e descobriu que seus ancestrais (...) tinham asas** (...) "

a) Oração Sub. Substantiva predicativa.
b) Oração Sub. Substantiva apositiva.
c) Oração Sub. Substantiva subjetiva.
d) Oração Sub. Substantiva objetiva direta.

Figura 10: Prova de recuperação aplicada pela prof. de LP aos alunos no período de observação (cont.)

3. Leia as tiras, classifique as orações indicadas a seguir marcando a alternativa correta:

Tira A



Tira B



Tira A: "Acho que aquela nuvem parece um elefante."
 (a) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva
 (b) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta

Tira B: "Aqui consta que temos, e muitos."
 (a) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva
 (b) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta

4. Leia a tira abaixo e marque a alternativa correta:



A oração subordinada destacada na tira se classifica como:
 a) Oração Sub. Substantiva subjetiva.
 b) Oração Sub. Substantiva objetiva indireta.
 c) Oração Sub. Substantiva completiva nominal.
 d) Oração Sub. Substantiva predicativa.

5. Leia o texto e resolva as questões:

Fatos que você não sabe sobre SAPOS... e que está na hora de aprender

Superolhos

Sua visão noturna é excelente e são muito sensíveis ao movimento. Os olhos esbugalhados permitem que vejam objetos na frente, nos lados e parcialmente atrás da cabeça, além de descrever até o limite com o céu da boca para empurrar a comida goela abaixo.
 (Revista *Galileu*, n. 157, ago. 2004, p. 22.)



A oração subordinada destacada no texto se classifica como:
 a) Oração Sub. Substantiva objetiva direta.
 b) Oração Sub. Substantiva predicativa.
 c) Oração Sub. Substantiva subjetiva.

ANEXO IX – Imagens da aula na biblioteca

Figura 12: Aula na biblioteca (Foto 1)

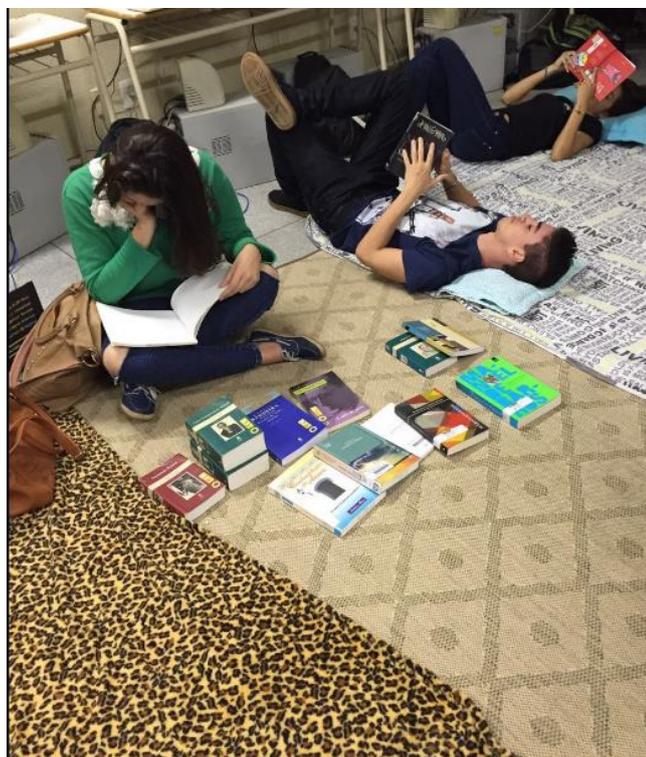
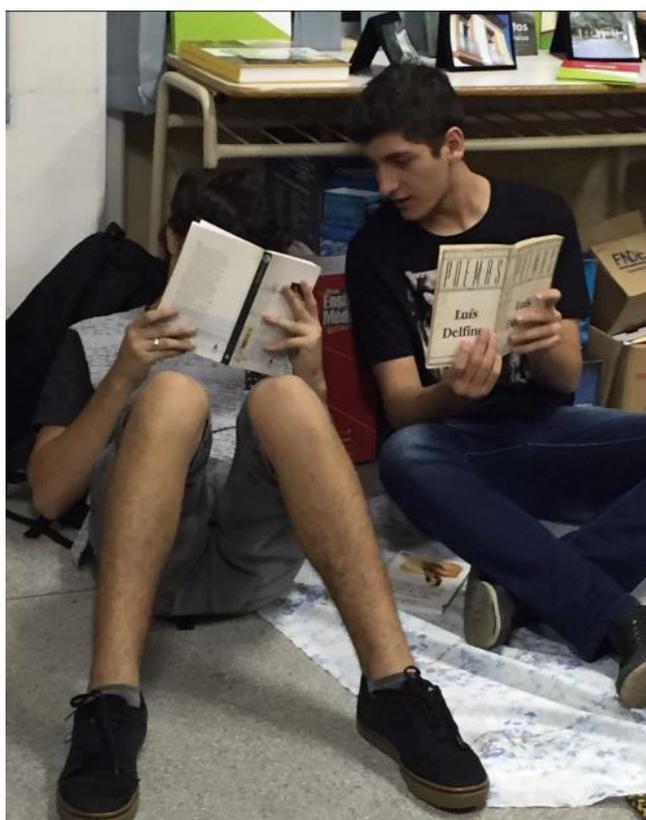


Figura 13: Aula na biblioteca (Foto 2)



ANEXO X – Amostras dos poemas produzidos pelos alunos

Figura 14: Amostra do poema do aluno 1

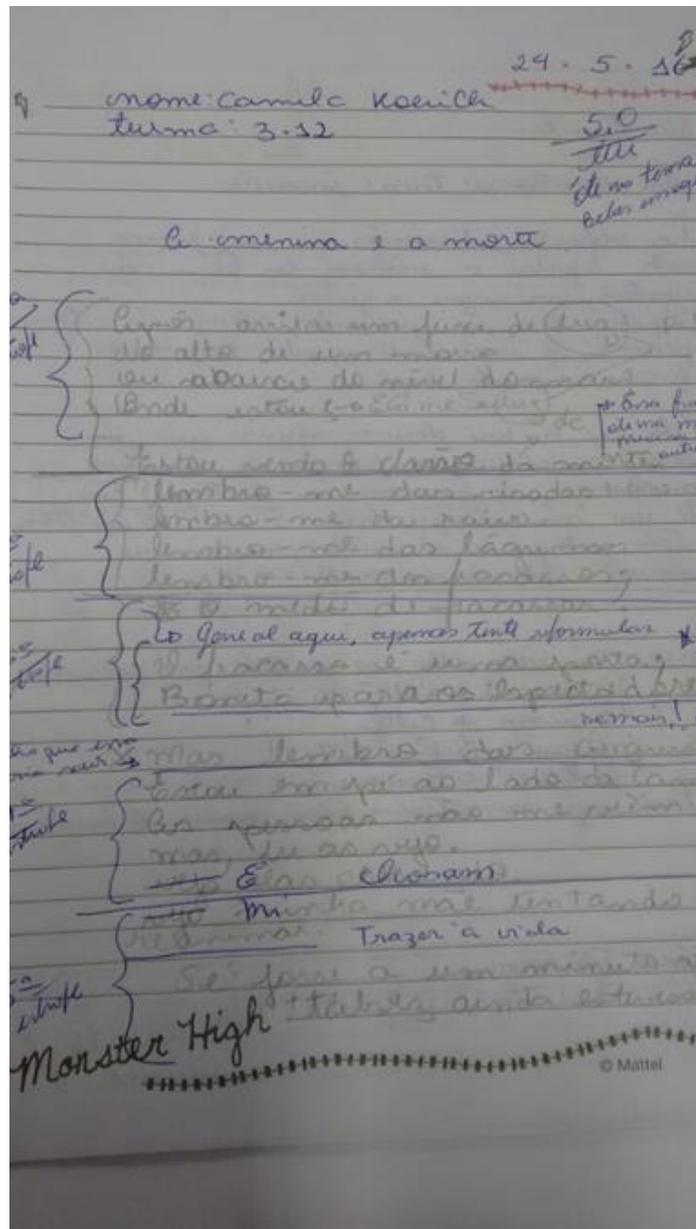


Figura 14: Amostra do poema do aluno 1 (cont.)

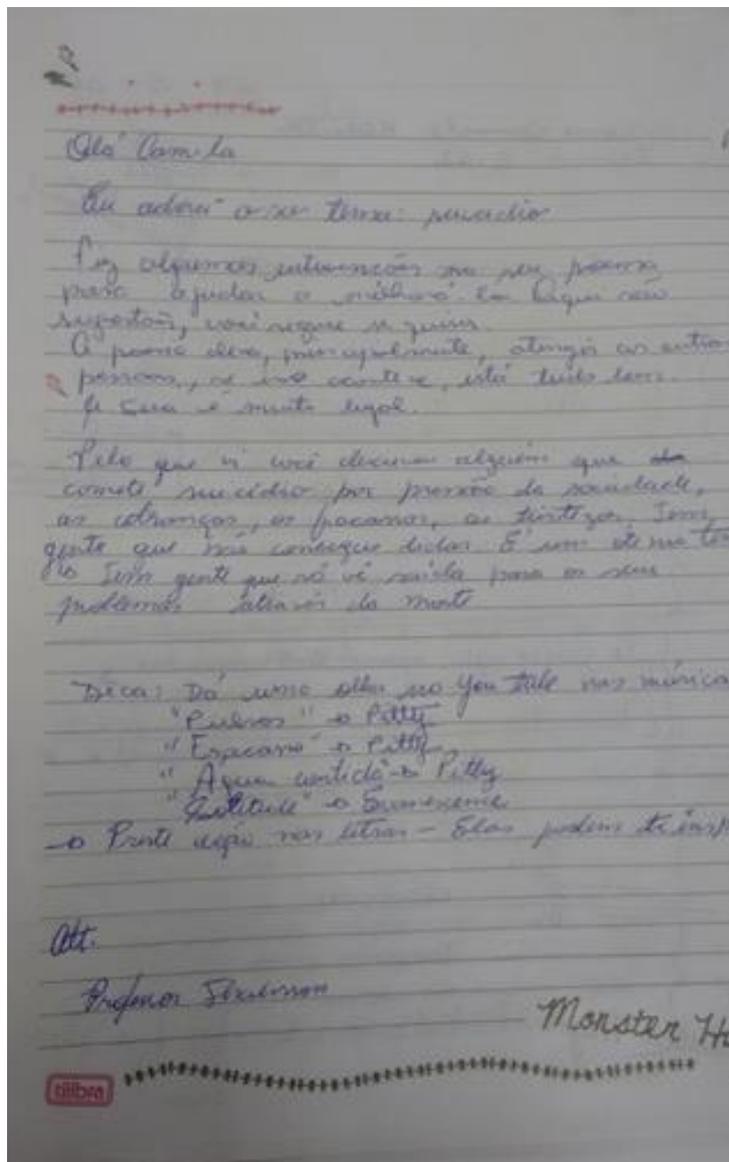


Figura 15: Amostra do poema do aluno 2

(24/02)

Aluno: João Dupla 3.12 5,0

Cachorro

Cachorros são ~~comidos~~ leguis!
 muito mais que omeias!
 Estão sempre ligados
 Com um anfole apurado
 levemente melhorado
 Sua audição é eficiente
 Mil vezes mais do que da gente
 Já se é muito tenebroso
 Saber que ele é o amoroso
 Quekando sempre mais carinho
 As vezes só mais um pouquinho
 Por mim, ficaria a dia todo com o meu
 Dando muito atenção e carinho de montão }
 Até nos picar nos cansados }
 E Dormir e descansar bem abraçados }
 Pra se outro dia brincar também.

Ola ~~meu~~, Acurua
 aqui vai vai por as minhas considerações
 é importante que você releia, mas tudo
 se colocar aqui é sugestão. Você escreve
 Uma poesia boa quando você consegue de
 que quer e atinge alguém. Poesia é para inovar,
 atingir as pessoas, para fazer pensar, para
 rir, amar, odiar...

Figura 15: Amostra do poema do aluno 2 (cont.)

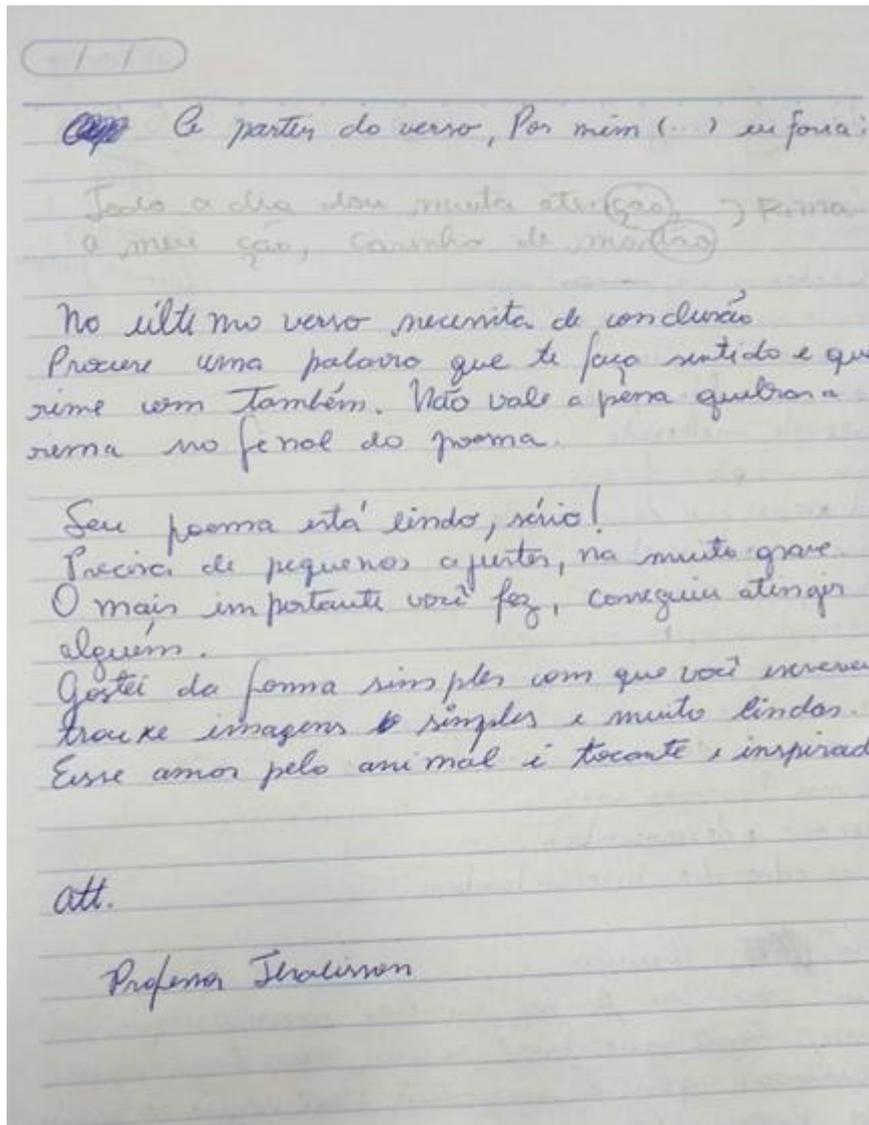
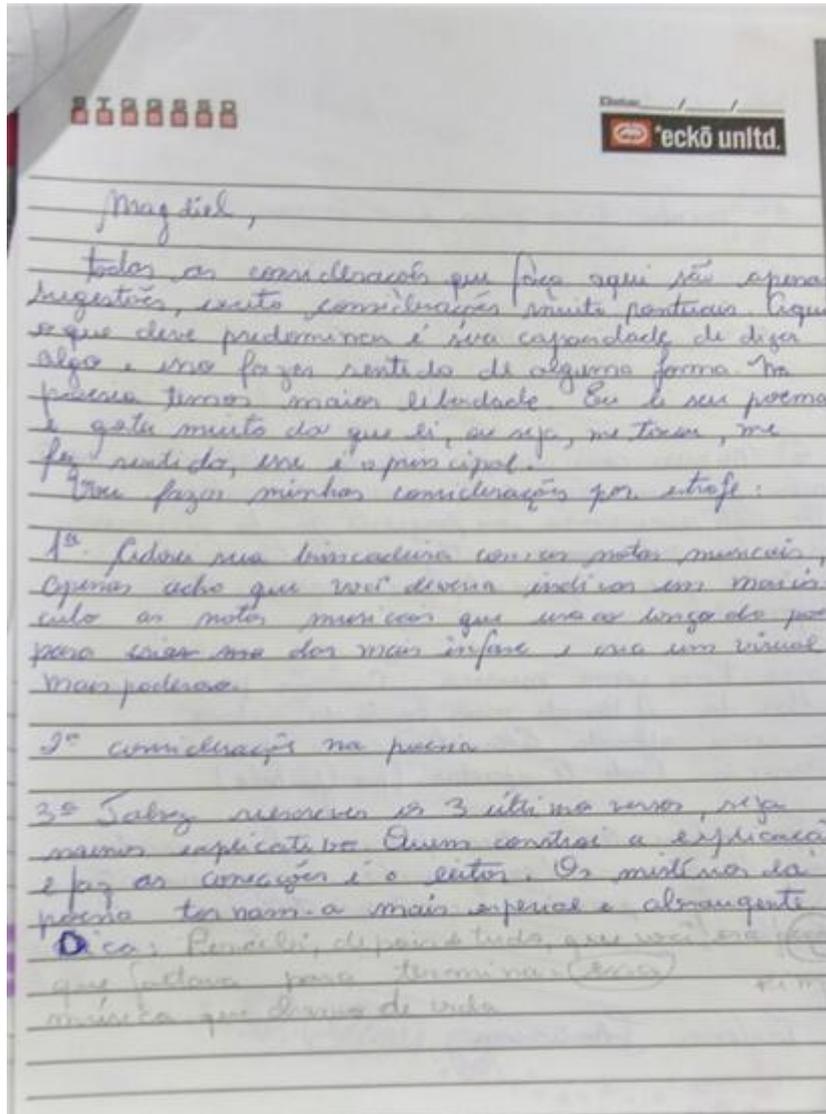


Figura 16: Amostra do poema do aluno 3 (cont.)



ANEXO XI – Amostras da atividade sobre figuras de linguagem

Figura 17: Amostra da atividade sobre figura de linguagem (aluno 1)

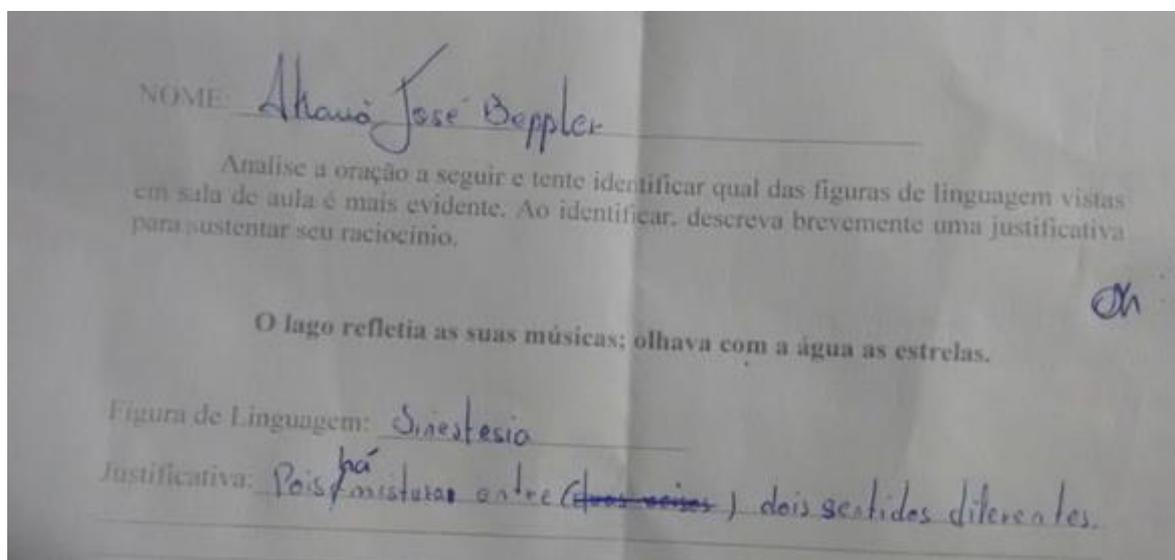


Figura 18: Amostra da atividade sobre figura de linguagem (aluno 2)

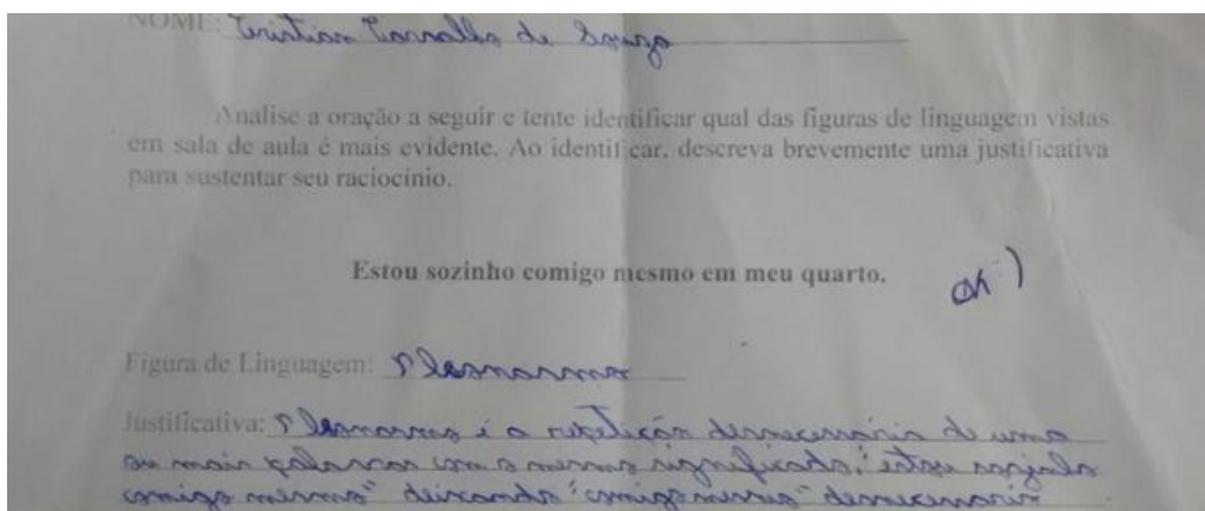


Figura 19: Amostra da atividade sobre figura de linguagem (aluno 3)

NOME: Pamela Knecht

Análise a oração a seguir e tente identificar qual das figuras de linguagem vistas em sala de aula é mais evidente. Ao identificar, descreva brevemente uma justificativa para sustentar seu raciocínio.

O tempo fala ao corpo, toca-o e o machuca.

Figura de Linguagem: metáfora — Sua justificativa está certa, mas a figura de linguagem mais evidente é a personificação, pois

Justificativa: O tempo ele não fala pois ele é uma coisa de medida, muito menos pode tocar — este atribui características humanas ao "tempo".

ANEXO XII – Varal literário exposto no dia 14 de jun. de 2016

Figura 20: Varal literário exposto no dia 14 de jun. de 2016



ANEXO XIII – Amostra de reescrita dos poemas dos alunos

Figura 21: Amostra do poema do aluno 1

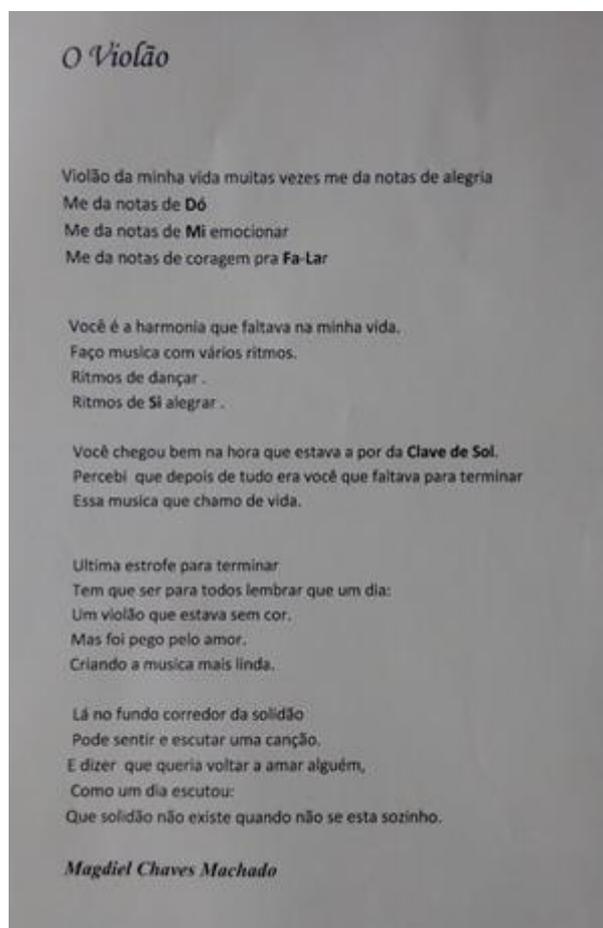


Figura 22: Amostra do poema do aluno 2

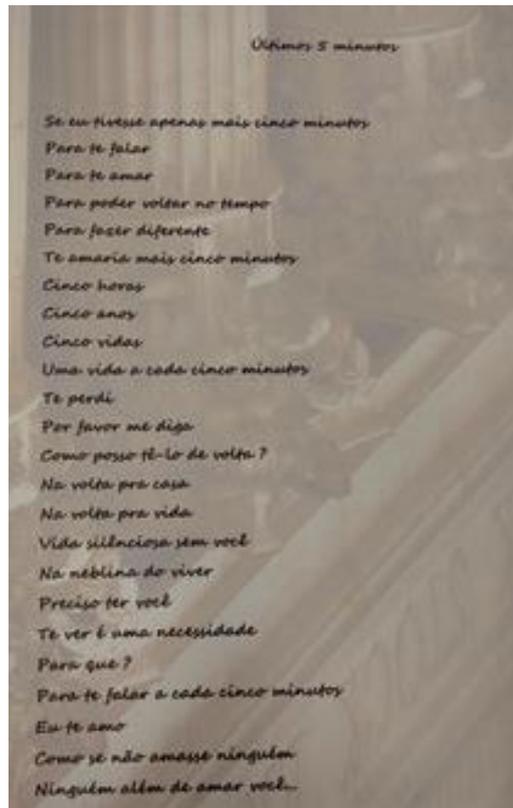
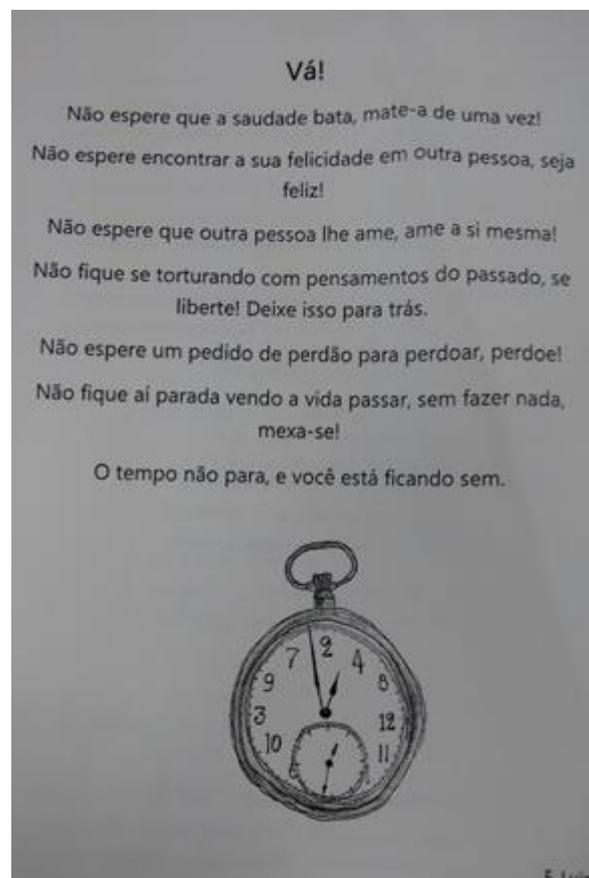


Figura 23: Amostra do poema do aluno 3



ANEXO XIV – Avaliação de recuperação aplicada no dia 21/06

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PROFESSORA MARIA JOSÉ BARBOSA VIEIRA

Professores estagiários: Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani

Aluno(a): _____

AVALIAÇÃO DE RECUPERAÇÃO

Leia com muita atenção as questões a seguir, e responda.

- 1) No período reservado ao tema “Linguagem Literal e Linguagem Figurada”, foram vistas, apresentadas e explicadas algumas figuras de linguagem com características diferentes.

Com base nestas aulas, formule cinco frases com cinco figuras de linguagem diferentes dentre as que foram explicadas. Em seguida, nomeie a figura utilizada e justifique seu raciocínio, explicitando por que na sua frase aparece a figura de linguagem selecionada.

Frase 1: _____.

Figura de Linguagem: _____.

Justificativa: _____
_____.

Frase 2: _____.

Figura de Linguagem: _____.

Justificativa: _____
_____.

Frase 3 : _____.

Figura de Linguagem: _____.

Justificativa: _____
_____.

Frase 4: _____.

Figura de Linguagem: _____.

Justificativa: _____.

Frase 5: _____.

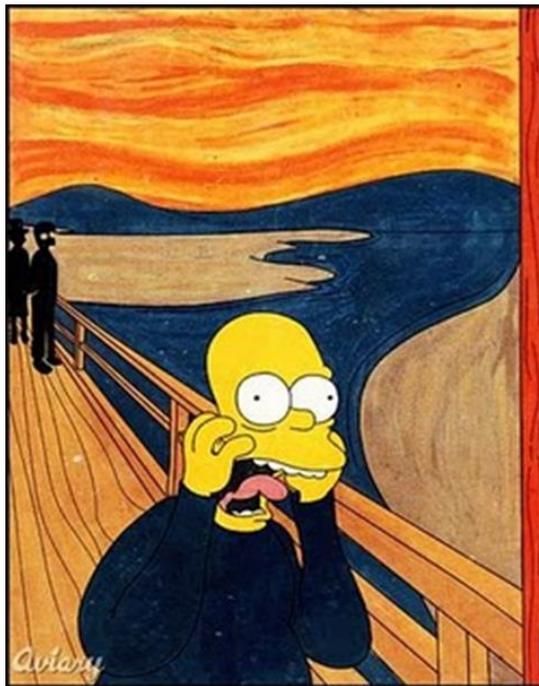
Figura de Linguagem: _____.

Justificativa: _____.

- 2) As imagens a seguir foram analisadas e interpretadas durante as aulas. Observe-as com muita atenção e responda:



O Grito, Edvard Munch (1893)



O Grito, Homer Simpson

- a) Pontue as semelhanças e diferenças existentes entre a obra *O Grito* de Edvard Munch e a obra *O Grito*, Homer Simpson.
- b) É possível afirmar que uma imagem foi inspirada na outra? Por quê?

- c) Sem conhecer a imagem original, é possível compreender o sentido de sua releitura? Justifique sua resposta.
- d) A partir das respostas elaboradas nos itens anteriores e considerando as discussões e debates realizados durante as aulas, escreva sobre o conceito de **intertextualidade** considerando os seguintes aspectos: o que é; em que situações se faz presente em nosso cotidiano; qual a sua importância nos processos de leitura e criação.

3) Leia os poemas a seguir:

<p>José - Carlos Drummond de Andrade (1942)</p> <p>E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? e agora, Você? Você que é sem nome, que zomba dos outros, Você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José?</p> <p>Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho, já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode, a noite esfriou, o dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora, José?</p> <p>E agora, José? sua doce palavra, seu instante de febre,</p>	<p>sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio, - e agora?</p> <p>Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais. José, e agora?</p> <p>Se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse, a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse... Mas você não morre, você é duro, José!</p> <p>Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja do galope, você marcha, José! José, para onde?</p>
---	---

<p>E agora, mané?</p> <p>A água acabou, O gelo derreteu o povo morreu, a noite congelou, e agora, mané ? e agora, você ? você que é sem honra, que zomba da vida você que desmata, que caça e trafica, e agora, mané?</p> <p>Está sem sua presa, está sem comprador, está sem dinheiro, já não pode matar, já não pode cortar, vender já não pode, a noite congelou, o dia não veio, a noite não veio, a vida não veio, não veio a tua grana e tudo acabou e tudo fugiu e tudo morreu, e agora, mané ?</p> <p>E agora, mané ? Sua podre palavra, seu instante de viagem, sua caça e carniça, sua estátua de marfim, seu diamante de sangue,</p>	<p>seu casaco de pele, sua incoerência, seu ódio - e agora ?</p> <p>Com a arma na mão quer matar a caça, não existe caça; quer pescar predatoriamente, mas o mar secou; quer ir pra Suíça, Suíça não há mais. mané, e agora ?</p> <p>Se você gritasse, se você gemesse, se você fumasse a erva amazonense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse... Mas você não morre, é o seu castigo, mané !</p> <p>Sozinho no escuro Num mundo acabado, sem civilização, sem sofá felpudo para se deitar, sem Jaguar preto que possa dirigir, você vaga, mané! mané, pra onde ?</p> <p style="text-align: right;">Lucas Koehler (2009)</p>
--	---

Durante as aulas, nós lemos, interpretamos e debatemos a respeito de muitos exemplos de paródias existentes no campo da poesia e da música. Com base em tudo o que apontamos e discutimos em sala de aula e na leitura e interpretação das poesias que você acabou de ler, explique:

- O que é paródia?
- Em que momento da história da literatura surgiu esse recurso intertextual?
- Qual é a sua finalidade? Em que meios pode circular?

- Interprete as poesias *José* e *E agora, Mané?* apontando os elementos que comprovam que a segunda é uma paródia construída a partir da primeira.

4) Leia o poema “A Cavalgada” de Raimundo Correia e responda as seguintes questões:

A Cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...

Raimundo Correia

- Raimundo Correia fez parte da Tríade Parnasiana formada por ele, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. De acordo com o exemplo ao lado, qual forma de poesia pode ser encontrada em suas obras?
- Cite pelo menos três características presentes no poema “A Cavalgada” que dialogam diretamente com a estética buscada por Raimundo Correia.
- O poema narra, brevemente, a passagem de uma cavalgada por determinado lugar, algo corriqueiro e, a princípio, pouco poético. Que recursos o autor utiliza para tornar esta cena poética?
- Críticos de poesia apontam que a Tríade Parnasiana foi conhecida por buscar a perfeição absoluta. De qual perfeição eles se referem?

ANEXO XV – Amostra da resolução da avaliação de recuperação

Figura 24: Amostra da prova de recuperação do aluno 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PROFESSORA MARLA JOSÉ BARBOSA VIEIRA
Professores estagiários: Samara Hinkel Corrêa, Thalisson Machado e Tiago Carturani
Aluno(a): Alano José Beppke 21/08/2016 2.12

4.75
5.00

AVALIAÇÃO DE RECUPERAÇÃO

Leia com muita atenção as questões a seguir, e responda.

07 1) No período reservado ao tema "Linguagem Literal e Linguagem Figurada", foram vistas, apresentadas e explicadas algumas figuras de linguagem com características diferentes. Com base nestas aulas, formule cinco frases com cinco figuras de linguagem diferentes dentre as que foram explicadas. Em seguida, nomeie a figura utilizada e justifique seu raciocínio, explicando por que na sua frase aparece a figura de linguagem selecionada.

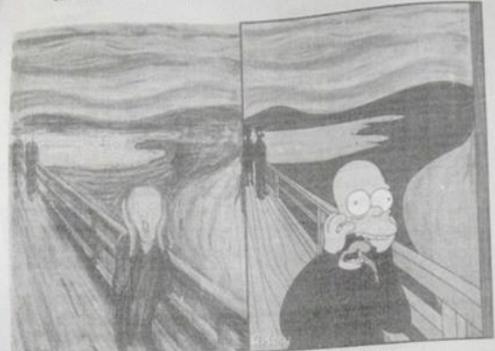
Frase 1: Sinestesia
Figura de Linguagem: Deus nasceu com uma grande felicidade
Justificativa: Sinestesia muda o sentido da frase X

Frase 2: Deus saiu a noite do céu de Reno
Figura de Linguagem: troca de lugar
Justificativa: porque trocou a língua de onde a igreja tem muita república C

Frase 3: Subirei para cima porque me sinto melhor
Figura de Linguagem: Personificação
Justificativa: usa de duas palavras que se referem a alguma coisa como subir e cima C

Frase 4: Não lembro
Figura de Linguagem: X
Justificativa: X

Frase 5: Não me recordo
Figura de Linguagem: X
Justificativa: X



O Grito, Edvard Munch (1893) O Grito, Homer Simpson

a) Pontue as semelhanças e diferenças existentes entre a obra O Grito de Edvard Munch e a obra O Grito, Homer Simpson. Se melhanças o cena no aspectos ambientais, diferentes a pessoa pintado.

b) É possível afirmar que uma imagem foi inspirada na outra? Por que?
Sim. Porque é a mesma imagem só que em períodos diferentes. C

c) Sem conhecer a imagem original, é possível compreender o sentido de sua releitura? Justifique sua resposta.
Não. Porque um a verdadeira imagem pensaria nos na imagem de Munch que pintado do sonho.

d) A partir das respostas elaboradas nos itens anteriores e considerando as discussões e debates realizados durante as aulas, escreva sobre o conceito de intertextualidade considerando os seguintes aspectos: o que é; em que situações se faz presente em nosso cotidiano; qual a sua importância nos processos de leitura e criação.
É um modo diferente de apresentar uma sociedade. Sim. Não cria mais si.

3) Leia os poemas a seguir:

3.0

Durante as aulas, nós lemos, interpretamos e debatemos a respeito de muitos exemplos de paródias existentes no campo da poesia e da música. Com base em tudo o que apontamos e discutimos em sala de aula e na leitura e interpretação das poesias que você acabou de ler, explique:

O que é paródia? É uma forma de expressão literária, geralmente satírica.
Em que momento da história da literatura surgiu esse recurso intertextual?
Qual é a sua finalidade? Em que meios pode circular? Em livros, jornais, revistas, etc.
Interprete as poesias lidas e agora, não apontando os elementos que comprovam que a segunda é uma paródia construída a partir da primeira.
Assim, apontando palavras e locuções que se referem ao mesmo sentido de que os palavras ditas.

0,25 4) Leia a poesia "A Cavalgada" de Raimundo Correia e responda as seguintes questões:

a) Raimundo Correia fez parte da Triade Parnasiana formada por ele, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. De acordo com o exemplo ao lado, qual forma de poesia pode ser encontrada em suas obras? Intertextualidade C

b) Cite pelo menos três características presentes no poema "A Cavalgada" que dialogam diretamente com a estética buscada por Raimundo Correia. Outra é o perfume, o vital
trazido ao C

c) A poesia narra, brevemente, a passagem de uma cavalgada por determinado lugar, algo corriqueiro e, a princípio, pouco poético. Que recursos o autor utiliza para tornar esta cena poética? Seu modo de falar com eleitos C

d) Críticos de poesia apontam que a Triade Parnasiana foi conhecida por buscar a perfeição absoluta. De qual perfeição eles se referem?
Soldado perfeito. C

Figura 25: Amostra da prova de recuperação do aluno 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PROFESSORA MARIA ROSE BARBOSA VIEIRA
 Professores orientadores: Samara Hinkel Corrêa, Thailson Machado e Tiago Cattarini
 Aluno(a): Carla Kolieli 3.º

AVALIAÇÃO DE RECUPERAÇÃO **8,8**
 5,000

Leia com muita atenção as questões a seguir, e responda.

25) No período reservado ao tema "Linguagem Literal e Linguagem Figurada", foram vistas, apresentadas e explicadas algumas figuras de linguagem com características diferentes. Com base nestas aulas, formule cinco frases com cinco figuras de linguagem diferentes dentre as que foram explicadas. Em seguida, nomeie a figura utilizada e justifique seu raciocínio, explicando por que na sua frase aparece a figura de linguagem selecionada.

Frases:

Frases 1: Eu amo as aulas de quem me fez mais bem do que meus pais.
 Figura de Linguagem: metáfora
 Justificativa: é uma comparação que se faz entre as coisas (pais) e o professor.

Frases 2: A escola deplora de vir de pessoas de ideias diferentes.
 Figura de Linguagem: metáfora
 Justificativa: o verbo "deplora" de vir, a ideia de "explosão" de vir, a ideia de "explosão" chamando a atenção da pessoa.

Frases 3: Eu sou muito, sou o que foi de uma palavra.
 Figura de Linguagem: metáfora
 Justificativa: o verbo "sou" de um verbo que um termo usado como um exemplo de metáfora.

Frases 4: Eu sou para cima.
 Figura de Linguagem: metáfora
 Justificativa: é uma repetição que acaba se tornando de metáfora e repetitiva.

Frases 5: Eu sou a internet, carregar e desligar de uma vez.
 Figura de Linguagem: metáfora
 Justificativa: é um exemplo de metáfora.

10. Edvard Munch (1893) O Grito, Homer Simpson

Pontue as semelhanças e diferenças existentes entre a obra O Grito de Edvard Munch e a obra O Grito, Homer Simpson. Semelhanças: o cenário, os gestos, o ambiente, as cores, a pessoa, o modo.

É possível afirmar que uma imagem foi inspirada na outra? Por quê?
 Sim. Porque é a mesma imagem só que em períodos diferentes.

Sem conhecer a imagem original, é possível compreender o sentido de sua releitura?
 Justifique sua resposta.
 Não. Porque com a verdadeira imagem pensamos na imagem do Homer Simpson, o modo de desenhar.

A partir das respostas elaboradas nos itens anteriores e considerando as discussões e debates realizados durante as aulas, escreva sobre o conceito de intertextualidade considerando os seguintes aspectos: o que é; em que situações se faz presente em nosso cotidiano, qual a sua importância nos processos de leitura e criação.

É um modo diferente de apresentar uma sociedade. Sim. Não copiar mas sim criar os poemas a seguir:

3) a) Paródia é uma recriação de uma obra no caso este poema "po" no qual se refere o segundo se chama "o caso, mane?"

O autor pega uma obra (música, poema...) e os modifica a sua maneira não fugindo do contexto, por exemplo a letra de uma música o verso continua a letra e modificados.

7) D) mas eu menos em 1893 (po volta) modernismo

c) A finalidade é bastante ampla pode-se fazer uma crítica ou até "desenhar" algo. pode-se criar um vídeo, música, como internet... pode-se circular através de revistas, poemas...

d) tanto no primeiro quanto no segundo há as seguintes frases: "Se não quiseres se não quiseres".
 fora o ano. O primeiro poema é de 19 e o segundo de 2009.

4) c) Ele descreve o local, usa palavras pouco comuns, descreve também os pequenos detalhes como quando diz "O bosque estava, movi-me, estremei... ele fala até da lua onde leva a céu que a cavalgada é a noite."

d) A descrição dos detalhes e o autor os descreve muito bem, das rimas.

a) A poesia enriquecida de detalhes e rimas.

b) Rimas, Detalhes e a sintaxe dos acontecimentos (inicio, meio e fim).

ANEXO XVI – Amostra dos poemas concretos dos alunos

Figura 26: Amostra do poema concreto do aluno 1



Figura 27: Amostra do poema concreto do aluno 2

The image consists of two side-by-side screenshots of an Instagram post. The left screenshot shows the post's visual content: a hand-drawn heart in blue ink on a light blue background. Surrounding the heart are various words and phrases in different colors and orientations, including 'angústia', 'PARAÍSO PERDIDO', 'Economia', 'ABANDONO', 'MEDO', 'crime', 'receio', 'CRISE', 'PROPINA', 'DESASTRE', 'PODER', 'DESESPERO', 'TORMENTA', 'tragédia', 'Política', 'DINHEIRO', 'superfaturamento', 'FRA', 'CASSO', and 'CÂNCER'. The right screenshot shows the text of the poem, which is written in a conversational style. The text discusses the connection between love and the heart, and how modern societal issues like economic, cultural, and environmental destruction have led to people loving themselves more than others. It also mentions the 21st century, the influence of money, and the impact of deforestation on the environment.

fredericob_ Ligamos o coração ao amor. Porém, ultimamente, as pessoas só têm amado a si mesmas. A destruição econômica, cultural, ambiental e humana é fruto disso. Os tempos estão mais quentes, as pessoas mais frias. No século XXI, o dinheiro é o dono do mundo, e com isso vem gerando pessoas mais gananciosas e ambiciosas, que podem nascer em berço de ouro mas se questionam o motivo de não nascerem em berço de diamante. Com a ganância, uma parte da população fica favorecida, enquanto a outra passa por necessidades, gerando uma grande escravização em massa. A árvore dá vida ao mundo, porém muitos acham que a vida tá estampada em uma nota de cem. Com o desmatamento, a fauna e a flora brasileira entram em extinção, como vem acontecendo ultimamente. Os tempos estão mais quentes pois as pessoas estão mais frias.

HÁ 5 SEGUNDOS

ANEXO XVIII – Extraclasse

Figura 30: Fotos do primeiro encontro

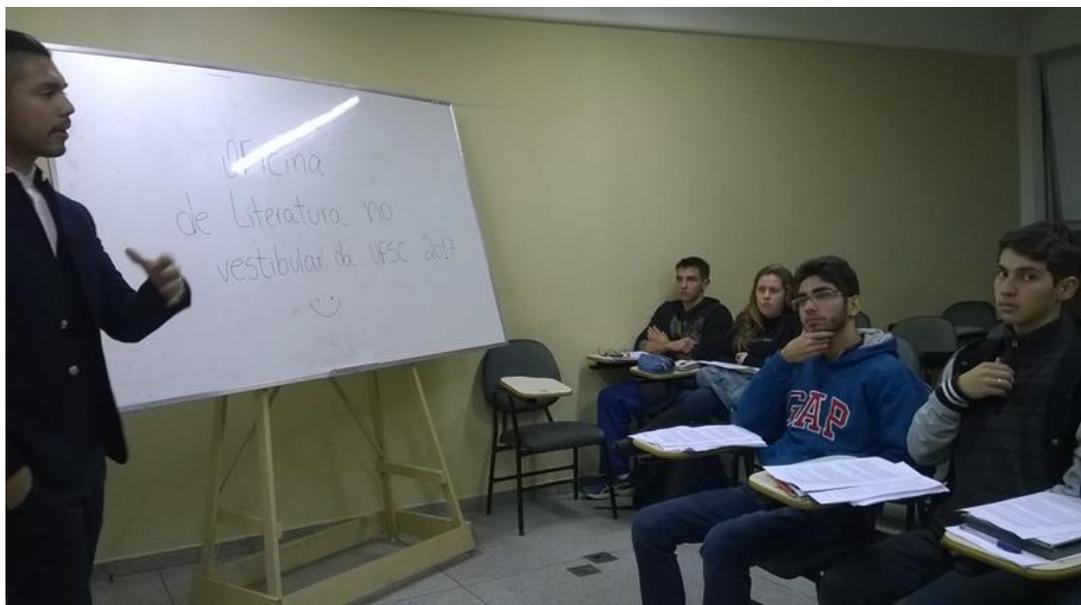


Figura 31: Lista de frequência dos alunos participantes

Projeto Extraclasses: Oficina de Literatura
no vestibular da UFSC 2017

Lista de ~~Pres~~ Frequência - Aula 1

- 1) Brenda Macedo, 3.2
- 2) Beama Dias, 3.2
- 3) Thairá Vitoria, 3.1
- 4) ~~M~~ Eduarda Paduan, 3.1
- 5) Evelyn Mello, 3.3
- 6) Jery Anderson e Rodrigues 3.03
- 7) Maria Eduarda Zraatz 3.01
- 8) Kátia Gabrielle Espinola da Silva 3.10
- 9) João Vitor da Silva 3.10
- 10) Christian F. de Lima 3.09
- 11) Sebastião A. José 3.04
- 12) Thiago S. Gabatti 3.2
- 13) Kelvin Mota 3.2
- 14) Carolina Tuset 3.01
- 15) Jonathan M. de Jesus 3.01
- 16) Letícia Steglich Milot 3.01
- 17) Bruno Henrique Paim, 3.1
- 18) Gabriel Luis Baggio, 3.1
- 19) Lucas Dutra 3.2
- 20) Maria Eduarda de Oliveira, 3.2
- 21) Daniela Imara Silva - 3.2
- 22) Gabrielle Ney Almeida
- 23) Joana Rodrigues
- 24) Cláudia Maria Silveira - 3.8
- 25) Shades Karich Hoffmann - 3.2
- 26) Lorranda Neres 3.8
- 27) Bruno Lucas Werlich 3.8
- 28) Letícia Nunes Machado 3.8

Lista de Frequência - Aula 2

- 1) Vinícius de Aguiar Piva - Turma 3.03
- 2) Marcos Antônio Romão Dias - Turma 3.08
- 3) Eduarda Zimmer - Turma 3.08
- 4) Natália Borba - Turma 3.03
- 5) Leonardo Vinícius de Silva - Turma 3.01
- 6) Gabriela Momm Kuech - Turma 3.08
- 7) Natália de Aquino Piva - Turma 3.03
- 8) Amanda G. Pivell - Turma 3.3
- 9) Victor Hugo dos Santos - Turma 3.08
- 10) Velder Araújo Siqueira - Turma 3.08
- 11) Letícia de Almeida - Turma 3.08
- 12) Leonardo Aguiar Gomes da Silva - Turma 3.8
- 13) Guilherme Luis da Silva - Turma 3.8
- 14) Amanda Luiz Alves - Turma 3.03
- 15) Daviny Corbelli da Cruz - Turma 3.03
- 16) Amanda Mariana Lazzarin - 3.03
- 17) Melissa Camila Leal de Castro de Mota - Turma 3.03
- 18) Sarah dos Santos Simioni - 3.08
- 19) Juan Roberto Carrasco - 3.3

Figura 32: Fotos do segundo encontro



Figura 33: Fotos do terceiro encontro

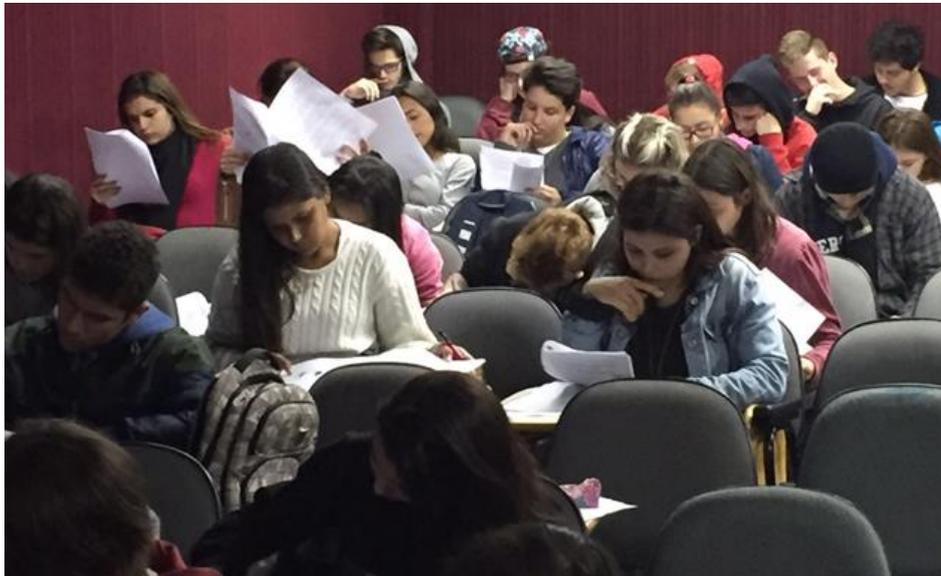


Figura 34: Lista de frequência dos alunos participantes

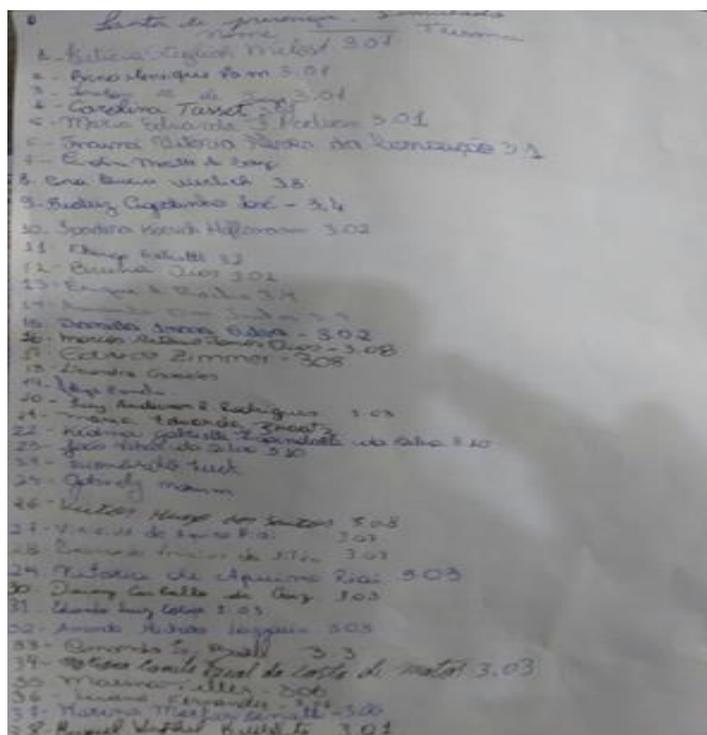


Tabela 1: Resultado do simulado

NOME	TURMA	ACERTOS	PONTOS*
Lisandra Guedes Cardoso Pereira	??	7	4,375
Sem nome	???	8	5
Bruno Henrique Paim	3.1	8	5
Carolina Tusset A.	3.1	8	5
João Vitor da Silva	3.1	4	2,5
Jonathan M. de Sousa	3.1	10	6,25
Kédma Gabrielli E. da Silva	3.1	7	4,375
Letícia Milost	3.1	11	6,875
Maria Eduarda Braats	3.1	3	1,875
Maria Eduarda Felix Paduam	3.1	10	6,25
Marina Telles	3.1	5	3,125
Miguel Westphw K.	3.1	3	1,875
Thainá Vitória Alves da Conceição	3.1	10	6,25
Bruna Dias	3.2	9	5,625
Daniela Inara Silva	3.2	2	1,25
Isadora Koerich Hoffmann	3.2	7	4,375
Thiago S. Gabiatte	3.2	7	4,375
Amanda Machado Lazzarin	3.3	8	5
Caroline Moretto de Souza	3.3	7	4,375
Daiany Carballo da Cruz	3.3	12	7,5
Eduardo Luiz Colaço	3.3	8	5
Felipe Zando	3.3	3	1,875

NOME	TURMA	ACERTOS	PONTOS*
Leonardo Vinicius da Silva	3.3	6	3,75
Mariana Camila Matos	3.3	7	4,375
Natália Borba	3.3	8	5
Vinicius de Aquino Piai	3.3	6	3,75
Vitoria de Aquino Piai	3.3	10	6,25
Amanda Santos	3.4	3	1,875
Beatriz A. José	3.4	3	1,875
Érique A. Rocha	3.4	3	1,875
Karina Mortari Zenatti	3.6	8	5
Luana Fernandes dos Santos	3.6	9	5,625
Iury Anderson R. Rodrigues	3.7	6	3,75
Ana Lucia Werlich	3.8	8	5
Eduarda Aunilha de Anihaia Zimmer	3.8	10	6,25
Gabriely Momm Koerich	3.8	11	6,875
Leonardo Fuck	3.8	5	3,125
Marcos Antônio Ramos Dias	3.8	6	3,75

*Valor de cada questão: 0,625 pontos.